

**DARINKA FORTUNATO SUCKOW RIBEIRO**

**ALÇAMENTO DE VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS NO  
PORTUGUÊS DE BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS: uma  
abordagem difusionista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.

Belo Horizonte  
2007

FICHA CATALOGRÁFICA  
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais

R482a Ribeiro, Darinka Fortunato Suckow  
Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo  
Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista / Darinka  
Fortunato Suckow Ribeiro. - Belo Horizonte, 2007.  
274 f.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira  
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia.

1. Língua portuguesa – Belo Horizonte. 2. Vogais. I. Oliveira,  
Marco Antônio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Faculdade de Letras. III. Título.

CDU: 806.90-44

Bibliotecária – Valéria Inês Mancini – CRB - 1682



**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras**

Dissertação intitulada “Alçamento de Vogais Postônicas Não Finais no Português de Belo Horizonte – Minas Gerais: Uma Abordagem Difusionista” de autoria da mestranda Darinka Fortunato Suckow Ribeiro, aprovada pela comissão examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Seung Hwa Lee – UFMG

---

Prof. Dr. Mário Alberto Perini – PUC Minas

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Hugo Mari  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras  
PUC-MG

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

*A Deus,*

*Ao Rafael, meu amado esposo, pelo amor e eterna paciência e compreensão.*

*Ao professor Marco Antônio de Oliveira, pela seriedade profissional e compromisso com que conduziu esta dissertação, e, sobretudo, por ter sido aquele que me ensinou o que era fazer ciência.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe amada, Tânia, pela oportunidade de poder concretizar não só esta, como todas as obras.

Às minhas irmãs Sthefânia e Silvia, grandes amigas, pela eterna “presença”, mesmo que à distância.

À minha mais que tia Antônia e sua família, pela compreensão durante minhas longas ausências.

À minha tia Waléria, sempre presente nos momentos mais importantes da minha vida.

Às minhas tias e tios, primas e primos, ao meu querido avô Wanney Fortunato, pelo carinho e presença em toda a minha vida.

À Lucia Fulgêncio, pelos preciosos comentários e constante incentivo.

À Fernanda, pela ajuda com o programa GOLDVARB, tão temido à primeira vista, mas que se revela um cordeiro na pele de um lobo.

Ao professor Hugo Mari, pelo carinho e paciência a mim dispensados, além das produtivas e, por vezes, engraçadas conversas.

Aos meus amigos Bruno, Kariny, Renata, Silvia, Vanessa, Ana Teresa, Denise, Berenice, Maria do Carmo, Rosilene, Letícia, Rosemeire, e tantos outros, companheiros desta jornada, pelas lutas e sonhos compartilhados.

À amiga Zélia Savala Rezende Brandão e seu adorado irmão, por tudo o que representam para mim.

A todos os amigos do GCR, Claudete, Rosângela, Adriana, Lucy, Cândida, Lúcia, Marta, Maria da Conceição, Ester, Dirce, Maria José, Geraldo, Dr. Gustavo, Bernardo e Idalice, Neila, Nilsa e Nilsinha, Ana Hilda, Dr. Paulo, Rosa, Diva, Geralda, Ana Dagmar, Flávia, Justina, Josefina e todos os que estiveram ao meu lado, dando-me forças para que eu pudesse passar por essa etapa da minha vida.

Aos meus informantes, pela paciência durante a realização dos testes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo apoio financeiro durante a realização desta pesquisa.

*"Você tem o seu caminho. Eu tenho o meu caminho.  
Quanto ao caminho exato, o caminho correto, e o  
único caminho, isso não existe."*

Friedrich Nietzsche

## RESUMO

Investigou-se, nesta dissertação, o alçamento das vogais médias postônicas não finais de itens lexicais nominais no dialeto do município de Belo Horizonte – Minas Gerais. Como um reflexo da posição silábica aqui focalizada, os itens tratados neste trabalho foram somente os proparoxítonos. O fenômeno que se enfocou foi, então, aquele em que se eleva o traço de altura da vogal média-alta anterior /e/ para a vogal alta anterior /i/ (de pêss[e]go para pêss[i]go), e da vogal média-alta posterior /o/ para a vogal alta posterior /u/ (de árv[o]re para árv[u]re). Esse fenômeno, medido de acordo com técnicas sociolingüísticas, foi investigado pela ótica de duas grandes proposições: a concepção de mudança lingüística do modelo da Difusão Lexical e a hipótese de que o comportamento lingüístico do indivíduo tende a ser mais homogêneo que o da comunidade de fala e deve ser medido separadamente. Os resultados indicam a viabilidade de ambas as proposições.

Palavras-chave: Difusão Lexical, Vogais Postônicas Não-Finais, Proparoxítonas.

## ABSTRACT

This dissertation thesis investigates the raising phenomenon of postonic medial vowels in non-final positions of nominal lexical items found in the dialect of the city of Belo Horizonte - Minas Gerais. Due to the choice of syllable position under examination, this dissertation focuses solely on the antepenultimate syllable (i.e. proparoxytone syllable) of such lexical items. This thesis thus examines the phenomenon by which the mid front vowel /e/ is raised to the position of the high front vowel /i/ (such as in “pêssego”, where pêss[e]go becomes pêss[i]go); and the mid back vowel /o/ is raised to the high back vowel /u/ (thus changing from árv[o]re to árv[u]re). The raising phenomenon analyzed in this dissertation was measured according to sociolinguistic techniques, and it was investigated at the light of two major linguistic propositions: a) the concept of linguistic change as proposed by the Lexical Diffusion model; and b) the hypothesis by which an individual’s linguistic behavior tends to be more homogeneous than that of the community s/he belongs to, a situation which requires a separate analysis of the individual’s behavior. The results indicate that both propositions are possible.

Keywords: Lexical Diffusion, Non-final postonic vowels, Antepenultimate/ Proparoxytone syllables.

**LISTA DE MAPAS**

<b>MAPA 1:</b> Ocupação Populacional do Território Belo-Horizontino (1918-1995).....	116
<b>MAPA 2:</b> O Município de Belo Horizonte e Região Metropolitana.....	118

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: População de Belo Horizonte (1900-1950).....	114
TABELA 2: <b>Estatística total</b> do alçamento de /e/.....	148
TABELA 3: <b>Estatística total</b> do alçamento de /o/.....	148
TABELA 4: <b>Formalidade versus Informalidade e Estilo</b> no processo de alçamento de /e/.....	150
TABELA 5: Implicações do parâmetro <b>Velocidade de Fala</b> no alçamento de /e/.....	150
TABELA 6: <b>Formalidade versus Informalidade e Estilo</b> no processo de alçamento de /o/.....	150
TABELA 7: Implicações do parâmetro <b>Velocidade de Fala</b> no alçamento de /o/.....	151
TABELA 8: O <b>indivíduo</b> no processo de alçamento de /e/ (870 dados completos).....	152
TABELA 9: O <b>indivíduo</b> no processo de alçamento de /o/ (953 dados completos).....	153
TABELA 10: O <b>item lexical</b> no processo de alçamento de ambas as séries.....	154
TABELA 11: O <b>item lexical</b> no processo de alçamento de ambas as séries - probabilidades.....	155
TABELA 12: Implicações do parâmetro <b>Classe Social e Renda</b> no processo de alçamento de /e/....	157
TABELA 13: Implicações do parâmetro <b>Classe Social e Renda</b> no processo de alçamento de /o/....	157
TABELA 14: Implicações do parâmetro <b>Escolaridade</b> no processo de alçamento de /e/.....	157
TABELA 15: Implicações do parâmetro <b>Escolaridade</b> no processo de alçamento de /o/.....	157
TABELA 16: Implicações do parâmetro <b>Sexo</b> no processo de alçamento de /e/.....	158
TABELA 17: Implicações do parâmetro <b>Sexo</b> no processo de alçamento de /o/.....	158
TABELA 18: Implicações do parâmetro <b>Faixa Etária</b> no alçamento de /e/.....	158
TABELA 19: Implicações do parâmetro <b>Faixa Etária</b> no alçamento de /o/.....	158
TABELA 20: Implicações do <b>seguimento precedente</b> no alçamento de /e/.....	159
TABELA 21: Implicações do <b>seguimento seguinte</b> no alçamento de /e/.....	159
TABELA 22: Implicações do <b>seguimento precedente</b> no alçamento de /o/.....	159
TABELA 23: Implicações do <b>seguimento seguinte</b> no alçamento de /o/.....	160
TABELA 24: Implicações do parâmetro <b>Grau de Altura da Vogal Tônica</b> no alçamento de /e/....	160
TABELA 25: Implicações do parâmetro <b>Grau de Altura da Vogal Tônica</b> no alçamento de /o/....	160

<b>TABELA 26:</b> Implicações <b>morfológicas</b> no alçamento de /e/.....	160
<b>TABELA 27:</b> Implicações <b>morfológicas</b> no alçamento de /o/.....	161

**LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 1:</b> Distribuição dos informantes da primeira faixa etária.....	133
<b>QUADRO 2:</b> Distribuição dos informantes da segunda faixa etária.....	133
<b>QUADRO 3:</b> Palavras Variáveis Analisadas pelo GOLDVARB.....	144
<b>QUADRO 4:</b> Escalas de Frequência dos Itens Proferidos em Fala Espontânea.....	156
<b>QUADRO 5:</b> Manutenção da Pronúncia Individual (Teste 2).....	164

**LISTA DE ABREVIATURAS**

**AG** – Alinhamento Generalizado

**CPM** – Controlador do Plano Métrico

**DL** – Difusão Lexical

**EX** – Exemplo

**HV** – Harmonia Vocálica

**NG** – Neogramático

**PB** – Português do Brasil

**TO** – Teoria da Otimalidade

**TRA** – Teoria Restritiva do Acento

**LISTA DE SIGLAS**

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PNAD** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>A POSTÔNICA NÃO FINAL.....</b>	<b>22</b>
2.1	<b>Introdução.....</b>	<b>22</b>
2.2	<b>Definindo Posições e Realizações.....</b>	<b>22</b>
2.3	<b>Processos Fonológicos.....</b>	<b>28</b>
2.3.1	<i>O Alçamento e a Harmonia Vocálica.....</i>	<b>28</b>
2.3.2	<i>A Síncopa: Reflexo de uma Antipatia Histórica.....</i>	<b>32</b>
2.4	<b>Revisão de Literatura.....</b>	<b>35</b>
2.4.1	<i>Análises Sincrônicas.....</i>	<b>35</b>
2.4.2	<i>Abordagens Variacionistas.....</i>	<b>38</b>
2.5	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>41</b>
<b>3</b>	<b>MODELOS DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....</b>	<b>43</b>
3.1	<b>Introdução.....</b>	<b>43</b>
3.2	<b>Modelo Neogramático.....</b>	<b>43</b>
3.3	<b>Difusão Lexical.....</b>	<b>48</b>
3.3.1	<i>Evidências de Difusão Lexical.....</i>	<b>54</b>
3.4	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>58</b>
<b>4</b>	<b>MODELO FONOLÓGICO.....</b>	<b>60</b>
4.1	<b>Introdução.....</b>	<b>60</b>
4.2	<b>Justificativa de Escolha.....</b>	<b>60</b>
4.3	<b>A Teoria da Otimalidade <i>Standard</i>: Estrutura e Funcionamento.....</b>	<b>61</b>
4.4	<b>As Restrições na TO.....</b>	<b>64</b>
4.4.1	<i>Restrições: Natureza e Relações Intrínsecas.....</i>	<b>65</b>
4.5	<b>O Tratamento do Acento em TO: Alinhamento Generalizado e Teoria Restritiva do Acento.....</b>	<b>67</b>

4.5.1	<i>Alinhamento Generalizado (MCCARTHY &amp; PRINCE, 1993)</i> .....	67
4.5.2	<i>Teoria Restritiva do Acento (HYDE, 2001)</i> .....	67
4.5.2.1	<b><u>A Restrição (Assimétrica) NONFINALITY</u></b> .....	74
4.6	<b>Propostas de Análises Geridas pela TO</b> .....	75
4.6.1	<i>A Proposta de Magalhães (2004)</i> .....	75
4.6.1.1	<b><u>Padrão Regular</u></b> .....	83
4.6.1.1.1	Ranqueamento das Restrições (Padrão Regular).....	84
4.6.1.2	<b><u>Padrão Irregular</u></b> .....	92
4.6.1.2.1	Ranqueamento das Restrições (Padrão Irregular).....	93
4.6.2	<i>A Proposta de Oliveira &amp; Lee (2006)</i> .....	100
4.6.3	<i>A Proposta de Oliveira (2006)</i> .....	107
4.7	<b>Considerações Finais</b> .....	111
5	<b>O MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE</b> .....	112
5.1	<b>Introdução</b> .....	112
5.2	<b>Caracterização Histórica</b> .....	112
5.3	<b>Aspectos Geográficos e Sócio-Econômicos</b> .....	117
5.3.1	<i>Escolaridade</i> .....	119
5.3.2	<i>Trabalho e Renda</i> .....	120
5.5	<b>Considerações Finais</b> .....	121
6	<b>HIPÓTESES, OBJETIVOS E METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	122
6.1	<b>Hipóteses e Objetivos</b> .....	122
6.2	<b>Metodologia e Amostras</b> .....	125
6.2.1	<i>Crítérios para a Seleção das Amostras e dos Informantes</i> .....	125
6.2.2	<i>Crítérios para a Coleta das Amostras e o Contato com os Informantes</i> .....	137
6.2.3	<i>Crítérios para o Tratamento das Amostras</i> .....	141
7	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	146
7.1	<b>Realizações Fonético-Fonológicas</b> .....	146
7.2	<b>Descrição e Discussão dos Resultados</b> .....	148

7.2.1	<i>Grupos de Fatores Relevantes</i> .....	149
7.2.2	<i>Grupos de Fatores Irrelevantes</i> .....	156
7.3	<b>As Grandes Hipóteses e as Realizações Atestadas</b> .....	161
8	<b>CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	166
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	168
	<b>APÊNDICES</b> .....	176

## 1 INTRODUÇÃO

A “lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”; essa é a frase que encerra a obra atribuída a Ferdinand de Saussure, *Curso de Lingüística Geral*. A partir de Saussure, instituíram-se, na lingüística, várias dicotomias, como a noção de sincrônico e diacrônico, por exemplo. Porém, uma das dicotomias mais importantes é expressa pela frase acima e opõe o que é lingüístico (a língua) ao que não é lingüístico (a fala), o caráter social da mesma. Antoine Meillet, que, segundo Calvet (2002), se guia pelas proposições de Émile Durkheim, foi o primeiro a se opor duramente a essa visão sectária de análise, definindo a língua como um fato social.

A divergência sobre a delimitação do objeto é uma discussão que acompanha não só a Ciência da Linguagem, cujo caráter científico é ainda incipiente, mas todas as ciências naturais. Na lingüística, há, no que concerne à investigação do objeto (que deve pautar-se preferencialmente pela relação dados x teoria), uma tendência a se adequar dados a teorias, quando, na verdade, a relação entre ambos tinha de ser cíclica. Ou seja, observando-se os dados, teorias são criadas e para se coletar os dados algumas concepções *a priori* fazem-se necessárias, mesmo que partam de observações genéricas.

As hipóteses que guiam esta dissertação procuraram pautar-se por essa relação cíclica, estabelecendo uma íntima correspondência com as proposições teóricas das propostas que orientam a condução deste trabalho, proposições que, por sua vez, estão calcadas em observações empíricas. Uma dessas observações é a que considera que a língua muda de acordo com o que propõe o modelo de Difusão Lexical. E abordar o modelo difusionista implica em discutir sobre o papel do léxico, e, em oposição, do som, como prevê seu maior opositor, o modelo Neogramático, na implementação das mudanças sonoras. A outra observação indica que indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade de fala possuem comportamentos lingüísticos por demais heterogêneos para serem amalgamados em um só construto de análise – a comunidade de fala, como se todos os falantes que pertencessem a esse construto pronunciassem a mesma variante para a mesma variável.

Essas hipóteses serão discutidas e apresentadas durante o desenrolar deste trabalho e guiadas pelo objeto aqui investigado. Esse objeto é, enfim, o alçamento das vogais médias altas anterior (/e/ → /i/) e posterior (/o/ → /u/) em posição postônica não final, como em

*córrego* → *córrigo* e *bi.ó.lo.go* → *bi.ó.lu.go*, um processo variável no dialeto de Belo Horizonte – Minas Gerais, onde esta pesquisa se realizou. Como um reflexo do objeto desta dissertação, somente as palavras proparoxítonas serão analisadas, e, conseqüentemente, todas as peculiaridades que as envolvem. Essas peculiaridades abarcam os mais variados aspectos e vão desde a dificuldade em se coletar, no vernáculo, palavras proparoxítonas que possuem vogal média alta em posição postônica não final (e, em virtude disso, as estratégias adotadas para a sua apreensão), até o tratamento dado às mesmas.

Alguns objetivos específicos também necessitam ser demonstrados. Essa especificidade passa pelo caminho natural de toda pesquisa de cunho fonológico e que adota uma metodologia investigativa variacionista, como é o caso desta pesquisa. Objetivou-se, assim:

- a) Mostrar quais são os fonemas que, no dialeto de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, onde esta pesquisa se realizou, ocorrem em posição postônica não final (e a hipótese, não a explicação, é semelhante à de Vieira (1994), tem-se um subsistema onde se realizam as vogais /a, e, i, o, u/);
- b) Identificar quais são os contextos fonológicos (estruturais) – neutros, favorecedores e desfavorecedores – envolvidos no alçamento das postônicas não finais;
- c) Verificar se há a maior ocorrência de alçamento das vogais aqui em foco entre a série posterior do que entre a série anterior (segundo as pesquisas sociolingüísticas de Vieira (1994, 2001), Amaral (1999, 2001) e Schmitt (1987), espera-se encontrar um maior número do alçamento entre a série posterior - /o/ → /u/);
- d) Verificar se tratamos aqui de uma mudança em progresso ou de uma variação estável. Isto porque embora a variação assinala a instabilidade do sistema, nem toda variação indica necessariamente uma mudança em progresso, como apontam Weinreich, Labov e Herzog, em seu terceiro postulado, “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (2006, p.126).

Para testar as hipóteses e cumprir os objetivos, esta dissertação se guiou por cinco vertentes que trataram especificamente da alternância das vogais médias em posição postônica não final, objeto desta dissertação: Teoria Estruturalista (CÂMARA JÚNIOR, 1970, 1987); Teoria Gerativa (LÓPEZ, 1979); Teoria Autossegmental e Métrica (BISOL, 2003;

WETZELS, 1992); Teoria Sociolingüística (AMARAL, 1999, 2001; VIEIRA, 1994, 2001; SCHMITT, 1987) e Teoria da Otimidade (OLIVEIRA & LEE, 2006), todas, cada uma a seu modo, tratando da variação dessas vogais.

Apesar de as duas últimas vertentes e suas respectivas propostas receberem um maior destaque nos próximos capítulos, todas essas vertentes serão apresentadas nesta dissertação. Assim, adota-se, nesta pesquisa, uma perspectiva abrangente, porém guiada por uma linha de pensamento bem constituída.

Em busca da análise das premissas que guiam este trabalho, esta dissertação organiza-se da seguinte forma: o segundo capítulo busca depreender não só a natureza das vogais em posição postônica não final como também a natureza dessa posição silábica. Assim, tece considerações sobre os itens lexicais proparoxítonos, seu caráter e uso restrito, sobre os processos fonológicos envolvidos, tanto o alçamento, acima delineado, como a síncope (ex.: *árvre*). Neste capítulo, é feita, também, a revisão bibliográfica das principais propostas que tratam do tema.

O terceiro capítulo se dedica aos modelos dos Neogramáticos e o da Difusão Lexical, abordando os principais pressupostos de ambos, as diferenças entre eles e as contribuições que trouxeram para a teoria da linguagem. As evidências constatadas nos principais trabalhos de cunho difusionista já realizados serão também apontadas, bem como os motivos pelo qual acredito ser o modelo difusionista o indicado para se analisar o fenômeno em questão. Assim como o capítulo anterior, e também o subsequente, este capítulo fornece pressupostos teóricos que servirão para a fundamentação da análise e interpretação dos resultados.

O quarto capítulo, por sua vez, é o responsável por inserir o problema no ponto de vista de uma teoria fonológica, a Teoria da Otimidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). Este capítulo, além de traçar os principais pressupostos da mesma, busca traçar os motivos pelo qual esta teoria foi escolhida entre as demais teorias existentes. A extrametricidade e a Janela Trissilábica do Acento, intimamente ligadas às palavras proparoxítonas, são também discutidas, bem como o direcionamento de algumas propostas recentes (OLIVEIRA, 2006; OLIVEIRA & LEE, 2006; MAGALHÃES, 2004) à questão da postônica não final.

No quinto capítulo, aponta-se o quadro social do município de Belo Horizonte, onde esta pesquisa se realizou, e, também, os aspectos relativos à história e à geografia belo-horizontina. Esse capítulo apresenta os dados estatísticos do município relativos à classe social e renda, à escolaridade, à faixa etária e ao sexo, enfim, aos parâmetros não-estruturais envolvidos na análise desta pesquisa, ocupam um papel de destaque neste capítulo.

O sexto capítulo destina-se à metodologia empregada na execução da pesquisa de campo, bem como às justificativas para que os parâmetros estruturais e não-estruturais fossem selecionados. Neste capítulo descreve-se, também, a maneira como os itens lexicais passíveis de sofrer alçamento foram eleitos e a posterior seleção daqueles prováveis de aparecer no vernáculo. A seleção dos informantes, a coleta de dados, a execução e condução das entrevistas e a transcrição dos dados são etapas descritas na metodologia, assim como a necessidade latente de se quantificar os dados coletados. Portanto, neste capítulo definimos os procedimentos metodológicos adotados na coleta e no tratamento dos dados.

O sétimo capítulo abarca a fase quantitativa da pesquisa. Neste capítulo, pode-se evidenciar um panorama geral sobre os dados coletados e todas as realizações apresentadas pelas vogais médias altas, anterior e posterior, em posição postônica não final. Esquematisam-se aqui as amostras constituídas e utilizadas na pesquisa e, também, a análise estatística dos dados coletados, que foram submetidos ao programa computacional GOLDFARB 2001. Apresentados os resultados de tal análise, passou-se à interpretação daquilo que esses resultados demonstraram.

O oitavo capítulo retoma as hipóteses levantadas, corroborando-as (ou refutando-as), além de tecer outras considerações sobre o tema e acrescentar conclusões alcançadas ao longo da análise dos dados. Enfim, como um capítulo conclusivo, fez-se aqui uma retomada dos pontos mais salientes discutidos anteriormente, correlacionando-os com os pressupostos teóricos pertinentes.

## 2 A POSTÔNICA NÃO FINAL

### 2.1 Introdução

Este capítulo apresenta a natureza e os fenômenos que circundam as vogais médias em posição postônica não final, específica aos proparoxítonos. Entre esses fenômenos focaliza-se a síncope e, principalmente, o alçamento, nosso objeto de análise. É neste capítulo que serão discutidas as principais propostas de estudos que tratam do tema. Para tal, resenham-se, entre outras propostas (CRISTÓFARO-SILVA, 1999, WETZELS, 1992), as de Câmara Jr. (1970, 1977) e López (1979) e as considerações e os confrontos de Bisol (2003) com a análise mattosiana. As pesquisas sociolingüísticas de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2001) e Amaral (1999, 2001), e suas relações com o objeto deste trabalho, serão também abordadas. Assim, além de efetuar uma revisão da literatura existente, revisitando os principais estudos e propostas precedentes que trataram do tema, busca-se, neste capítulo, delimitar a estrutura das palavras que estarão sujeitas ao alçamento das vogais médias em posição postônica não final, enfatizando, entre outros processos relevantes, o mecanismo de ação do alçamento.

### 2.2 Definindo Posições e Realizações

Tradicionalmente, o Português Brasileiro (PB) é uma língua cuja acentuação silábica recai, no máximo, na terceira sílaba a contar da direita. Teríamos, assim, um sistema lingüístico onde só há espaço para itens lexicais oxítonos (com o acento principal na última sílaba – a primeira da direita – como em *o.bo.é*); paroxítonos (penúltima sílaba e segunda da direita – *car.ta*) e proparoxítonos (acentos na antepenúltima sílaba e terceira da direita – *cô.mo.do*), não havendo, aceita essa hipótese<sup>1</sup>, uma “quarta posição” silábica, digamos assim.

Contudo, quando se observam vocábulos do tipo *ték[i]nica*, *helicóp[i]tero* ou *rít[i]mico*, por exemplo, pode-se atestar a existência dessa quarta posição silábica. Para Lee

---

<sup>1</sup> E essa é uma hipótese amplamente difundida entre importantes fonólogos do PB. Para Wetzels (1992), por exemplo, o acento primário do PB é limitado às últimas três sílabas da palavra. É a Restrição de Janela de Três Sílabas a que Bisol (1992) se refere.

(1997), o acento que recai sobre essa posição pode ser descrito como “ante-proparoxítono na forma fonética” (1997, p.28). Na forma fonética ou não, o fato é que realizações como essas colocam a Língua Portuguesa falada no Brasil como uma língua em que se pode postular, embora de forma limitada (são poucas as palavras que apresentam esse padrão), acentos ante-proparoxítonos<sup>2</sup>, que emergem em função de um processo fonológico denominado epêntese.

Epêntese, que é o acréscimo de um fonema na produção silábica, apresenta-se como uma estratégia de reparação da sílaba, onde o fonema inserido tem a função de simplificar a produção oral dessa sílaba. Apontando que as “pautas prosódicas” de palavras como *rapto* e *rápido* são idênticas, esse mesmo argumento é utilizado por Mattoso Câmara Jr., que em 1969 já havia atentado para o fato de vocábulos como os relacionados em (1) serem proparoxítonos. Essa classificação deve-se ao fato de esses vocábulos possuírem, entre o suposto encontro consonantal, a realização obrigatória de um /i/ postônico não final, que “existe apesar de tudo”, inclusive na “pronúncia culta”, apesar de “tentar-se reduzir o mais possível em sua emissão” (CÂMARA JR, [1969] 2002, p.27):

- (1)    néc[i]tar    ác[i]ne    áf[i]ta    móg[i]no  
        invíc[i]to    pác[i]to    impác[i]to    rít[i]mo  
        intác[i]to    ráp[i]to    áp[i]to    dóg[i]ma

Aceitas as hipóteses de Lee (1997) e Câmara Jr. (1969), teríamos, no PB, um sistema de acentuação silábica muito mais complexo que o tradicionalmente postulado. Essa complexidade pode ser mais bem evidenciada em (2), que busca exemplificar, entre outras possibilidades, as colocações expostas acima:

- (2) (a)                            (b)                            (c)                            (d)                            (e)                            (f)  
        té.k[i].ni.ca                mó.g[i].no                ó.pe.ra                re.vól.ver                o.bo.é                é  
        he.li.có.p[i].te.ro        né.c[i].tar                pró.po.lis                âm.bar                a.mór                ví  
        rí.t[i].mi.co                rá.p[i].to                bú.sso.la                vér.me                ja.cú                sím

Os vocábulos em (a), onde há o acento “ante-proparoxítono”, como Lee (1997) denomina, refletem uma realidade da língua, e, de certa forma, constituem uma prova viva da existência do acento recuado à quarta posição. Os exemplos em (b), pelo mesmo argumento, apresentam realizações genuinamente proparoxítonas, mas que não são relevantes para este

<sup>2</sup> Câmara Jr., em 1969, já advertia para o fato de que vocábulos como *técnica* e outros da espécie possuem “na realidade 3 sílabas depois da sílaba tônica” (CÂMARA JR., 2002, p.28).

trabalho. Essa irrelevância deve-se ao fato, prontamente observável, de revelarem palavras com postônicas não finais já alçadas, por constituírem realizações que se tornam proparoxítonas devido a um [i] (vogal alta) epentético.

Os exemplos em **(c)** são os que apresentam os casos clássicos de realização proparoxítona, os que aqui nos interessam. É nos vocábulos de **(c)** que o alçamento [e]→[i] e [o]→[u] (que comento na seção seguinte) encontra o ambiente ideal de ocorrência. Com o acento tônico situado na terceira posição à direita, palavras como *ó.pe.ra*, *pró.po.lis* e *bú.sso.la*, se alçadas, passariam à *ó.pi.ra*, *pró.pu.lis* e *bú.ssu.la*. Os exemplos em **(d)**, palavras paroxítonas, em **(e)**, palavras com acento oxítono, e **(f)**, monossílabos, não fazem parte deste trabalho, que se dedica à postônica não final.

Os itens lexicais que se enquadrem na mesma configuração apresentada nos exemplos em **(e)** e **(f)** são excluídos da análise devido à própria estrutura que exibem, já que a tônica ocupa a última posição silábica. Contudo, o porquê de vocábulos paroxítonos terminados em consoante, o item lexical *re.vól.ver*, por exemplo, exposto em **(d)**, e de algumas palavras oxítonas como *a.mór* serem excluídas do escopo da análise merecem que algumas colocações, aparentemente óbvias, sejam feitas. Uma primeira colocação passa pela definição do termo postônica, uma segunda pelo estabelecimento dos limites da estrutura dos vocábulos que aqui serão enfocados.

Postônica, por definição, é tudo o que se encontra após a tônica. Assim, quando o que se focaliza são as vogais, é postônica a última vogal da paroxítona *vér.me* e, também, a última vogal da paroxítona *in.fa.lí.vel*, por exemplo. E, de fato, a configuração postônica incorpora uma série de realizações, distintas tanto em sua natureza quanto na caracterização dos processos fonológicos que as envolvem. A postônica que nos ocupa, porém, é a postônica não final, e, para defini-la é preciso, antes, delimitar em que nível se dá a congruência de segmentos e sílabas nessa definição.

Antes de entrarmos nessa discussão, algumas noções sobre sílaba fazem-se importantes, essas já descritas no século XVI, pelos gramáticos de Port-Royal, a saber, a “vogal pode fazer uma sílaba individual” (*au.ré.o.la*, por exemplo), mas “consoantes não podem sozinhas compor uma sílaba” (*\*au.ré.o.l.a*), e, ainda, “uma sílaba nunca tem mais de uma vogal” (*\*au.ré.ola*) (ARNAULD & LANCELOT, 2001, p.16;17). Essas noções nos permitem chegar a duas conclusões imediatas: (1) paroxítonas terminadas em ditongo crescente [*glide* + vogal], como *aquá.ri.o*, *berçá.ri.o*, mais conhecidas como “proparoxítonas eventuais” (cf. SCHMITT, 1987, entre outros autores), possuem vogal postônica não final e, em contrapartida, (2) paroxítonas terminadas em consoante (*revól.ver*, *cará.ter*) não possuem

vogal postônica não final. E isso ocorre apesar de ambas terminadas em sílaba pesada (no PB, sílaba com configuração CVV ou CVC), o que, de certa forma, as confere um caráter de não finitude, se considerarmos o segmento como um “entrave estrutural”.

As considerações de Arnauld & Lancelot (2001) ajudam a esclarecer o porquê dessa diferença. Para eles, vogais, ao contrário das consoantes, constituem em si uma sílaba, e essa é uma das noções que até hoje não foi refutada, e, com certeza, é uma das poucas afirmações que se pode fazer sobre a sílaba<sup>3</sup>. Entre outros aspectos, essa propriedade vocálica é capaz de explicar a divisão silábica de uma palavra que contenha a configuração traçada em (1) *ber.çá.r̃i.o* e de uma que se enquadre nos termos de (2) *ca.rá.ter*. Faz-se importante, contudo, delimitar melhor a configuração estrutural das paroxítonas formadoras de proparoxítonas eventuais, e, também, apontar algumas discussões que as envolvem.

Algumas dessas discussões passam pela polêmica levantada por Câmara Jr. (1994, p.55), que questiona “se realmente temos ditongos em nossa língua”. Na verdade, o que Câmara Jr. (1994, p.55) se pergunta é “se fonemicamente a seqüência, considerada em regra ditongo, não pode ser interpretada sempre como hiato, ou seja, duas vogais silábicas contíguas”, e esse questionamento está intimamente relacionado com a estrutura silábica das proparoxítonas eventuais. Essas, por sua vez, terminam apenas em ditongo crescente e, por isso, podem ser segmentadas como proparoxítonas, já que as palavras que terminam em ditongo decrescente [vogal + glide] caso fossem assim segmentados deixariam um glide sozinho na sílaba, e glides não são formadores de sílabas independentes.

Ao lado das proparoxítonas eventuais há, ainda, algumas palavras, como *a.mên.do.a* e *a.é.re.o*, por exemplo, que apresentam configurações semelhantes e que, ao contrário das eventuais, são passíveis ao alçamento. Essas palavras também apresentam as duas vogais silábicas contíguas a que Câmara Jr. (1994) se refere. Cabe apontar, portanto, alguns dos fatores que determinam se uma vogal pode ou não formar sílaba, um deles, como se pode inferir das considerações acima, é o fato de a vogal ser formadora de ditongo quando alta (/i/ e /u/) e formadoras de hiato quando média (/e/ e /o/). Proparoxítonas como *me.dí.o.cre*, *pe.rí.o.do*, *va.rí.o.la*, por exemplo, são tradicionalmente segmentadas como tal pelo fato de “um dos elementos vocálicos [ser] tônico” (CÂMARA JR., 1994, p.55), apresentando uma vogal silábica. Note-se, porém, que o mesmo não acontece com a palavra *boléia*, que não

---

<sup>3</sup> E tenho de concordar com Trask (2004, p.267), quando destaca as várias “tentativas de definir sílaba em termos de praticamente tudo, desde as contrações musculares até àquilo que se percebe como picos de volume, mas até o momento nenhuma definição se mostrou satisfatória”.

pode ser segmentada como *\*bo.lé.i.a*, já que uma semivogal sozinha não é formadora de sílaba.

Enfim, o que deve ficar claro é o nível em que devemos tratar o problema, o silábico. Sendo assim, a posição silábica que aqui se focaliza é a intermediária entre a sílaba tônica e a última sílaba átona. Excluindo-se da análise o acento ante-proparoxítono, pois, nesses casos, teríamos duas posições postônicas não finais, as que possuem vogal alta, como *rí.t[i].mí.co* e *té.k[i].ní.ca*, e, muito raramente, as que possuem vogal média alta, como a forma *he.li.có.p[i].te.ro*<sup>4</sup>, a posição postônica não final a qual nos referimos é evidenciada em palavras proparoxítonas como *már.mo.re*, *mí.se.ro*, e, ainda, palavras como *áu.re.o*, *a.mên.do.a* (configurações semelhantes às das proparoxítonas eventuais) por exemplo. Com exceção das palavras monossilábicas, resta à análise das pretônicas e das postônicas finais todas as outras configurações, incluindo-se, na análise desta última, as proparoxítonas e excluindo-se, obviamente, as oxítonas. Isso posto, focaliza-se, neste trabalho, as palavras proparoxítonas e excluem-se as paroxítonas, e, conseqüentemente, todas as discussões que as envolvem.

Faz-se importante ressaltar, então, algumas características dessas palavras, como as que Schmitt (1987) destaca. Para ela, a penúltima sílaba das palavras proparoxítonas (a sílaba alvo deste trabalho) não é pesada, ou seja, não é travada por uma consoante ou glide, pós ou pré-vocálico. A autora aponta algumas palavras que contradizem sua afirmação, a saber, *séqüiano* e *séqüito*, as únicas encontradas por ela e que, específicas à língua erudita, não são suficientes para invalidar essa generalização. Na mesma linha de pensamento, Couto (1997) aponta que palavras proparoxítonas não terminam em sílaba pesada, o que inclui os ditongos (*vide*, contudo, as “proparoxítonas eventuais”). Mais especificamente, o autor se refere à impossibilidade de ocorrer, em posição de coda silábica, consoantes soantes (nasais e as líquidas /r/ e /l/)<sup>5</sup>. Isso porque, como vários autores demonstram, sílabas pesadas atraem o acento para si. Dessa forma, uma estrutura como (C)C<sup>✓</sup>.CV.CV seria considerada como uma proparoxítona ótima, já que deixa o caminho livre para que o acento possa recuar até a terceira sílaba da direita. A hipótese é que sílabas pesadas, imbuídas desse mecanismo de atração do acento, barrariam esse recuo.

<sup>4</sup> Note-se que esta forma e as que a ela se assemelhem, apesar de não serem o foco desta análise, preenchem os requisitos para se enquadrar na configuração postônica não final.

<sup>5</sup> Junto à sibilante /s/, as soantes líquidas lateral (/l/) e vibrante (/r/) são as únicas licenciadas pela fonotática da língua para ocupar a posição de coda silábica. Maiores detalhes sobre a fonotática do PB serão abordados adiante.

Couto (1997) cita os exemplos *ca.rá.ter* e *ca.té.ter*, mas não *cá.ra.ter* e *cá.te.ter*, e, ainda, há *ú.til*, mas não *í.nu.til*. Destaca, contudo, que a “língua é um fenômeno de uma complexidade tal que para cada uma de suas regras se podem opor contra-exemplos” (COUTO, 1997, p.134), não sendo diferente com as proparoxítonas, como apontam os contra-exemplos apresentados por ele, *ín.te.rim*, com coda nasal, e *ál.co.ol*, próprio da língua erudita, com a líquida lateral fechando a sílaba, há ainda os exemplos de Schmitt (1987), *ômicron*, e o clássico *Lúcifer*, além de outros exemplos não apontados pelo autor e que podem reunir em si as duas excepcionalidades, como *É.mer.son*. E, cabe lembrar que, mesmo assim, uma realização como *álc[oo]l* pode ser, no mínimo, considerada uma ‘proparoxítona virtual’, já que passa a *álcol*, na fala. Palavras terminadas em /s/, estruturas realizáveis no PB, não são mencionadas por Couto (1997), como podemos visualizar nos exemplos *pró.po.lis* e *bró.co.lis*, e até mesmo nas palavras gregas terminadas em /s/, “tratadas como formas morfológicamente plurais” (SCHMITT, 1987, p.94), como *sífilis*, *álcalis* e *Aristóteles*, esta com vogal média em posição postônica não final<sup>6</sup>.

Para Amaral (1999), a sílaba postônica não final, cuja estrutura pode subdividir-se em CV (*ár.vo.re*, *más.ca.ra*) e CCV (*fá.bri.ca*, *elé.tri.ca*), obedece a duas condições de formação: (1) o *onset* da sílaba pode ser simples (CV) ou complexo (CCV); (2) quando simples é ocupado por qualquer consoante, quando complexo deve, obrigatoriamente, atender às condições de boa formação do *onset*: a primeira consoante possui os traços [- cont.] ou [+ cont., + lab.] e a segunda é uma soante líquida (/r/ ou /l/). Dessa forma, a primeira consoante é sempre uma das oclusivas (/t,d,p,b,k,g/) ou uma das fricativas labiais (/v/ ou /f/) unidas, no caso de estrutura complexa, às soantes líquidas.

Enfim, um trabalho que se dedique às palavras proparoxítonas deve lidar, grosso modo, com pelo menos cinco possibilidades de realização fonético-fonológica, de causas e naturezas diferenciadas. A primeira, que espelha o fenômeno aqui abordado, diz respeito ao **alçamento** da vogal postônica não final. Nessa possibilidade, como visto, o que está em foco são as sílabas em posição postônica não final que apresentem vogal média alta, como nos vocábulos *pe.rí.o.do*, *ter.mô.me.tro*, *sín.dro.me*, que, caso sofram o alçamento, passam a *pe.rí.u.do*, *ter.mô.mi.tro*, *sín.dru.me*.

<sup>6</sup> Como alguns estudos comprovam (entre eles, Mallmann, 2001, e Magalhães, 2004, e muitos outros precedentes), o fato de a coda terminar em /s/ parece não influenciar no processo de alçamento, deixando que esse ocorra livremente. Contudo, não foram encontradas palavras proparoxítonas cuja sílaba em posição postônica não final tenha uma coda sibilante. Acredito que na hipótese de um neologismo como “*ár.pes.les*” ser criado ou mesmo a hipotética e improvável ocorrência da forma *pró.pos.lis* na fala não encontrariam barreiras para uma realização *ár.pis.lis* e *pró.pus.lis*.

A segunda possibilidade, ainda que remota, compõe o que aqui será chamado de **abaixamento**, por razões diferentes das de Wetzels (1992), cuja análise será apresentada adiante. Integram essa segunda classificação casos que percorrem o caminho inverso do que acontece no alçamento, ou seja, palavras que possuem a vogal alta na posição postônica não final são pronunciadas com a vogal média alta na referida posição. Dessa forma, um vocábulo como *nó.du.lo* é pronunciado como *nó.do.lo*, *ver.mí.fu.go* como *ver.mí.fo.go*, e ainda realizações do tipo *fri.go.rí.fe.co* para *fri.go.rí.fi.co*, todos casos de **hipercorreção**.

A terceira possibilidade expressa um fenômeno relatado por Amaral (2001) que ela denomina de “outras alterações” (AMARAL, 2001, p.103). Percorrendo uma rota um pouco mais extensa do que a aqui focalizada, esse fenômeno também se configura como um caso de alçamento, e se concretiza nas realizações [‘pɛtula] para *pétala*, [‘vɛspura] para *véspera* e, ainda, [‘la<sup>m</sup>peda] ~ [‘la<sup>m</sup>pida] para *lâmpada*. Aqui, percorre-se a rota [a] → [u], no primeiro caso, [e] → [i] e uma posteriorização → [u] (o que, de certa forma, nos daria uma quarta possibilidade de alçamento), e, no último caso, [a] → [e] → [i]. A diferença básica desses percursos para a que aqui enfocaremos é o fato de ele ser um pouco mais extenso, saindo dos liames das vogais médias e atingindo a vogal baixa /a/.

A quinta, de extrema recorrência na Língua Portuguesa, é a queda efetiva da vogal postônica não final, queda essa que corporifica o processo denominado na literatura como **síncope**. Nos itens lexicais proparoxítonos, tal processo se traduz em realizações do tipo *ár.vre* para *ár.vo.re*, *abó.bra* para *a.bó.bo.ra*, *re.lâm.po* para *re.lâm.pa.go*, entre muitas outras. A primeira e a quinta possibilidade, que incorporam os processos fonológicos mais recorrentes na língua, além de outros que fazem parte do fenômeno aqui focalizado, são aprofundadas adiante.

## 2.3 Processos Fonológicos

### 2.3.1 O Alçamento e a Harmonia Vocálica

Como preconizado na seção anterior, o fenômeno do alçamento que aqui se focaliza é aquele em que se eleva, na série anterior, o traço de altura da vogal média-alta /e/ para a vogal

alta /i/ (de *hipót[e]se* para *hipót[i]se*), e, na série posterior, da vogal média-alta /o/ para a vogal alta /u/ (de *pér[o]la* para *pér[u]la*). Se variável, tem-se de admitir a realização de alternâncias vocálicas do tipo *hipót[e]se* ~ *hipót[i]se* e *pér[o]la* ~ *pér[u]la*. Para melhor compreendermos esse fenômeno, é importante ter em mente algumas noções relevantes que o transcendem, e, de certa forma, o incorporam.

Uma dessas noções se refere ao quadro vocálico do português brasileiro. E, para isso, deve-se, obrigatoriamente, recorrer à análise inaugural de Câmara Jr. ([1970], 1994), cuja abordagem, de cunho estrutural, é a mais abrangente já realizada sobre as vogais da Língua Portuguesa falada no Brasil. Baseado na constatação de que é a partir da posição tônica que classificamos os fonemas vocálicos, pois “daí se deduzem as vogais distintivas” (CÂMARA JR., 1994, p.41), apresentou o seguinte esquema:

(3)	altas	/u/		/i/	
	médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
	médias	/ò/		/è/	(1ª grau)
	baixas		/a/		
		posteriores	central	anteriores	

Partindo desse quadro (cuja classificação é também defendida por Pottier *et al* (1973), entre muitos outros autores), que apresenta os sete fonemas vocálicos orais, os que, de fato, integram o quadro vocálico do PB, pode-se apontar alguns processos passíveis de envolver as vogais quando em posição postônica não final, como a Harmonia Vocálica (HV) e o alçamento.

Tanto a HV quanto o alçamento ocorrem devido a um processo fonológico denominado **neutralização**<sup>7</sup>. Callou e Leite (2000, p.77) apontam que “quanto maior o grau de atonicidade, maior a possibilidade de ocorrer neutralização” entre as vogais. É por essa razão que a posição tônica é considerada uma posição forte, e, pela mesma razão, seríamos tentados a dizer que vogais átonas finais são as mais suscetíveis à neutralização, estando as pretônicas e postônicas não finais relativamente preservadas. Essa, contudo, não é a idéia de

<sup>7</sup> E, aqui, faz-se importante diferenciar os processos de Harmonia Vocálica e Alçamento. Possuindo naturezas muito diferentes, o primeiro determina “a passagem de uma vogal média para alta ou de uma vogal alta para média, de acordo com o timbre da vogal tônica” (CÂMARA JR., 2004, p.134), ocorrendo nas vogais de sílabas contíguas à sílaba que contenha a vogal tônica, já o segundo ocorre em todas as vogais (exceto a tônica), independente da relação de contigüidade. Em uma pronúncia hipotética como *paralilipípidu*, por exemplo, há harmonia (que também é, de certa forma, um alçamento) nas vogais sublinhadas e alçamento apenas nas vogais em negrito.

Câmara Jr. (1977), que iguala ambas as postônicas, a final e a não final, em nível de debilidade. Já Leite (1974) diz ser a penúltima sílaba das proparoxítonas (a sílaba alvo deste trabalho) a que apresenta um maior caráter de debilidade, mais até que as vogais finais. Dissensos à parte, o fato é que posições átonas oferecem condições favoráveis para que a neutralização ocorra.

O processo de neutralização<sup>8</sup> é um “processo pelo qual dois ou mais fonemas que se opõem em determinado contexto deixam de fazê-lo em outro” (CALLOU & LEITE, 2000, p.76). Dessa forma, é pela neutralização que as vogais médias baixas (ou médias abertas) /ɛ/ e /ɔ/ e as médias altas (ou médias fechadas) /e/ e /o/, que geram oposição de sentido em algumas palavras, como *s[ɛ]co*, *s[ɔ]co*, *s[e]co* e *s[o]co*, deixam de gerá-la em outras, como em *prót[e]se* e *prót[ɛ]se* e *agríc[o]la* e *agríc[ɔ]la*, palavras que também se neutralizam com as vogais altas /i/ e /u/, produzindo *prót[i]se* e *agríc[u]la*.

E, nesse ponto da análise, é importante ressaltar que, no dialeto belo-horizontino, aqui investigado, as vogais médias-baixas não se realizam em posição postônica não final. Não se tem, por exemplo, as formas *agríc[ɔ]la* e *prót[ɛ]se*, típicas de alguns dialetos da região nordeste. Essa não ocorrência desobriga esta pesquisa a considerar vogais médias baixas, na análise do alçamento das vogais médias em posição postônica não final e, conseqüentemente, os processos de harmonia vocálica que elas desencadeiam (*pólv[o]ra* → *pólv[ɔ]ra*, por exemplo).

Quanto à HV, é interessante perceber que o dialeto de Belo Horizonte diferencia o comportamento das posições pretônica e postônica não final, ao menos no que diz respeito à rota [vogal média alta] → [vogal média baixa] ([e]→[ɛ], [o]→[ɔ]). As vogais belo-horizontinas em posição postônica não final não se harmonizam à tônica, ou seja, não são, na rota referida acima, suscetíveis à HV (*\*pólv[ɔ]ra*, *\*prót[ɛ]se*), diferente do que acontece com as vogais pretônicas. Os exemplos de Oliveira (2006) *m[ɔ]dérno* e *c[ɔ]légio*, ambos retirados de dados de fala espontânea coletados no dialeto de Belo Horizonte, confirmam a hipótese de que há casos de harmonia que percorrem tal rota, o que legitima esse processo para tratar do alçamento das pretônicas.

---

<sup>8</sup> Bisol (2003, p.273) destaca o ineditismo de Câmara Jr. (1970) ao incorporar aos estudos fonológicos o conceito de neutralização (“perda do traço que distingue entre si dois fonemas”) – oriundo da Escola de Praga – para tratar o problema do alçamento das vogais médias no Português do Brasil.

Contudo, há um outro lado da questão que aqui necessita ser mais bem explicitado e que passa por considerações como as de Houaiss (1959). Analisando a elevação das vogais pretônicas, Houaiss (1959), que, investigando o dialeto carioca, realizou uma das primeiras análises contemporâneas envolvendo a variação das vogais médias do PB, descreve dois processos diferentes: (a) a regularização morfológica do alçamento, o que causaria o impedimento do mesmo e (b) a harmonia vocálica, corporificada no alçamento das vogais médias devido à presença, em sílaba seguinte, de uma vogal alta em relação de contigüidade (*v[e]ludo* → *v[i]ludo*, por exemplo).

Se considerarmos, com Crystal (1980), que, aproximando o processo de harmonia ao de assimilação, define harmonia como o modo que a articulação de uma determinada unidade fonológica é influenciada por (ou está “em harmonia com”) outra unidade, pode-se apontar palavras proparoxítonas que sofreriam tal processo, como as palavras *aníd[u]to*, *íd[u]lo*, *fún[i]bre* e, ainda, *milím[i]tru*. E, como aponta Cristófaros-Silva (1999), a qualidade da vogal tônica implica na qualidade da vogal postônica não final. Todas essas formas estabelecem a mesma relação de harmonia descrita por Houaiss (1959) para as pretônicas; há, lado a lado, sílabas que, após harmonizarem-se, acabam por apresentar, em posição postônica não final, o alçamento /o/→/u/ e /e/→/i/, condicionado pela vogal alta da sílaba tônica. Amaral (2001), baseando-se em opiniões como a de Cristófaros-Silva (1999), não considera esse processo como harmonia vocálica e sim como assimilação progressiva. A assimilação é progressiva quando o “assimilado”, ou “fonema fraco”, segue o “assimilador”, ou “fonema forte”, nos termos de Câmara Jr. (2002, p.62), como na elevação do /o/ postônico não final em *an.í.du.to*, e regressiva quando o assimilado precede o assimilador, em *có.lé.gio*, por exemplo.

Mais importante que as divergências de enquadramento, como a descrita acima, está o desafio em lidar, em um nível explicativo, com realizações em que o alçamento não ocorre ao lado de outras com ambiente semelhante e que alçam. Essa aparente discrepância desaparece quando se assume uma abordagem em que determinar exceções à regra perde todo o sentido, como é o caso da Difusão Lexical, modelo apresentado no próximo capítulo, e que aqui assumiremos.

### 2.3.2 A Síncope: Reflexo de uma Antipatia Histórica

Itens lexicais proparoxítonos não ocupam, no PB, uma posição de destaque no que se refere à frequência, já que são as paroxítonas os de “ampla maioria”, como destaca Massini-Cagliari (1999, p.125), seguidas das oxítonas e, só então, as proparoxítonas. Contudo, das três classes, elas “constituem a menor e a mais especial” (AMARAL, 2001, p.99). Fatores históricos são capazes de denunciar essa pouca frequência, reflexo do que Nunes (1989) descreve como uma antipatia que a língua possui frente às palavras proparoxítonas.

A mesma antipatia narrada por Nunes (1989), Bisol (2003), em análise mais recente, e guiada por outra perspectiva teórica, também delinea. Para ela, o conservadorismo dos itens lexicais proparoxítonos reside no fato de serem termos técnicos que “tendem a preservar a integridade de seus segmentos”, de uso homogêneo, são termos específicos a uma determinada comunidade. Por esse motivo, teriam uma maior predisposição a se salvaguardarem.

Para Nunes (1989), tal predisposição deve-se, além da tecnicidade a que Bisol (2003) se refere, à influência literária, e destaca alguns exemplos: *víbora*, *dízima*, *hóspede*, *pêssego*. Aos itens lexicais mais difundidos, aqueles de fala corrente e pouco protegidos pela tradição literária, de proparoxítonos passaram a paroxítonos quando da evolução<sup>9</sup> da língua. Fatores estruturais que condicionavam essa passagem são também apontados por Nunes (1989, p.68-9): (1) o cancelamento da última vogal “*pego*, *bago*, *parvo*, dantes, *pego*, *bagoo*, *parvoo*, etc.”, (2) a queda da vogal postônica não final entre duas consoantes “*viride-*, verde; *tenõru-*, tenro; *lepõre-*, lebre”.

Assim, baseado no argumento de que há uma forte tendência a se evitar itens lexicais proparoxítonos, Nunes (1989) atenta para o fato de a manutenção ou não da vogal postônica poder ser encarada como um ‘termômetro’ que mede o maior ou menor grau de arcaísmo. Na verdade, apesar de a referida antipatia ser uma constante inclusive na contemporaneidade, como se evidencia nos processos de síncope da postônica não final, (abóbora ~ abóbra (abobrinha), por exemplo), o PB conserva ainda muitas palavras proparoxítonas, inclusive na transmissão popular.

<sup>9</sup> Aqui a palavra “evolução” deve ser interpretada como progressão do tempo real. Não assume, assim, nenhum juízo de valor do tipo *tornar-se melhor*.

Como a maioria dos fenômenos não incipientes, a síncope possui raízes profundas na história da língua. De origem no latim vulgar, acomete, principalmente, a fala popular. Como lembra Amaral (1999), a preocupação do gramático do *Appendix Probi* em conter esse fenômeno, por meio de observações retificadoras como *speculum non speclum*, comprova a longa vivacidade desse processo, que perdura até a atualidade. Como destaca Nunes (1989, p.66), “o povo, sempre que o vocábulo permite, passa-o de proparoxítono a paroxítono”, transformando-as, assim, em palavras canônicas quanto à acentuação silábica.

Essa passagem, segundo Amaral (1976), em *O Dialeto Caipira*, dá-se não só pela supressão da vogal postônica não final como, às vezes, de toda a sílaba. Williams (1961) apresenta alguns exemplos onde apenas a vogal em posição postônica é suprimida, são eles: *árvore*, *diálogo* e *pêssego* → *árvre*, *diágl*o e *pêsgo*. Como se pode observar, a queda da vogal postônica não final desencadeia outros processos fonológicos, como os demonstrados nos trajetos *música* > *músca* > *músga* e, ainda, *diálogo* > *diálg*o > *diágl*o.

Amaral (2001, p.102) salienta que a “síncope em proparoxítonas é previsível, ou seja, o falante tem consciência das regras fonotáticas da língua ao reduzir sílabas, apagar segmentos ou inserir outros”. Trask (2004, p.118), ao definir o conceito de fonotática (*phonotactics*), destaca que “nenhuma língua permite que seus fonemas ocorram em qualquer seqüência. Ao contrário, cada língua impõe restrições às seqüências de fonemas que podem ocorrer numa palavra, e essas restrições constituem sua *fonotática*” (grifo do autor). Dessa forma, a fonotática do PB licencia, em posição de coda silábica, apenas consoantes soantes (líquidas e nasais) e a obstruinte /s/ ou /z/. Já o *onset*, limitado a dois elementos no máximo, obedece à seqüência fricativas labiais/obstruinte + líquida (vibrante simples ou lateral), permitindo, assim, apenas estruturas do tipo *br*, *gr*, *cl*, *tl*, *vr*, *fl*, entre outras. É essa previsibilidade que Amaral (1999)<sup>10</sup> considera quando atesta o caminho natural de possíveis supressões e as configurações silábicas resultantes dessas supressões. Destaca, assim, algumas situações:

(5) – (a) o ambiente que mais favorece o processo de síncope é aquele em que a consoante oclusiva ou fricativa labial, após perder a vogal que a acompanha, fica à deriva, aliando-se à sílaba seguinte, que deve possuir uma estrutura que favoreça essa união e sem que nenhum segmento se interponha entre ambas, essa situação é expressa pelo exemplo

<sup>10</sup> É ao português contemporâneo que Amaral (1999) se dedica, mais especificamente ao dialeto de São José do Norte, que, apesar do nome, localiza-se entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, uma cidade tipicamente rural do extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul. Guiada pela perspectiva variacionista laboviana, observou não só fatores lingüísticos como também sociais, dos quais apontou ser a escolaridade, ou falta dela, um fator desencadeante da síncope.

*chá.ca.ra* > *chá.cØ.ra* > *chá.cra*, sendo /kr/ uma seqüência permitida; (b) para a boa formação do *onset*, consoantes oclusivas ou nasais são suprimidas junto às vogais postônicas não finais, como na trajetória *re.lâm.pa.go* > *re.lâm.pØ.Øo* > *re.lâm.po*, aqui, caso a oclusiva /g/ permanecesse, a última sílaba da palavra seria *.pgo*, com a seqüência \*/pg/; (c) a consoante precedente é uma fricativa, como a da trajetória *prín.[s]i.pe* > *prín. [s]Ø.pe* > *prín[s].pe*, e, para não formar um *onset* \*/sp/, não licenciado pela fonotática da língua, a consoante flutuante é forçada a migrar para a sílaba que a precede, formando uma sílaba lícita, com coda terminada por sibilante; (d) há a vocalização da lateral quando é esta que precede a vogal suprimida, como exposto na trajetória *pí.lu.la* > *pí.lØ.la* > *píw.la*; (e) com a queda da vogal, forma-se a seqüência nasal + lateral, *câ.mra* < *câmara*; Amaral (2001) justifica esse agrupamento silábico dizendo que se “a nasal ficasse na coda (*cam.ra*), o tepe passaria a vibrante forte (= *genro*), o que não acontece na fala”, daí a nasal formar um *onset* complexo e não migrar para a coda, que seria sua posição natural e (f) há um processo de “perda compensatória”; aqui, a perda da vogal é compensada, como o próprio termo indica, por uma consoante homorgânica à consoante nasal labial que precedia a vogal suprimida, *número* > *numbro*, *tumulo* > *tumblu*, entre outras.

Enfim, é possível indicar trabalhos atuais que, embasados em perspectivas fonológicas variadas, se dedicaram às palavras proparoxítonas e suas mais variadas facetas, e a síncope é uma delas. Alguns desses trabalhos concentram-se, inclusive, na temática central proposta: a neutralização das vogais médias na posição aqui enfocada. Contudo, os teóricos que se propuseram a discutir tal temática, o fizeram apenas de forma superficial, satisfazendo, provavelmente, os gêneros aos quais seus trabalhos se destinavam (trechos em capítulos de livro e tese; artigos, com mais ou menos enfoque à questão, teses em que o alçamento é apenas um dos temas abordados). Entre eles estão os de Wetzels (1992), Bisol (2003), Câmara Jr. (1970), Cristófaros-Silva (1999); López (1979), propostas apresentadas abaixo, e as abordagens sociolinguísticas de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2001) e Amaral (1999, 2001), apresentadas na seqüência.

## 2.5 Revisão de Literatura

### 2.5.1 Análises Sincrônicas

Sem se deixar reduzir a um caráter de mera ilustração de análise teórica, pela demasiada variação que exhibe quando observado em seu uso, o alçamento de vogais médias desencadeou, certamente pelo fato de ser o PB “uma língua que permite variabilidade/alternância de vogais médias” (LEE, 2004, p.1315), inúmeras discussões teóricas que envolveram e envolvem diversos e importantes teóricos.

Na literatura lingüística, contudo, a discussão centra-se na ocorrência do alçamento das vogais em posição pretônica, conforme evidenciado em trabalhos de variadas naturezas como os de Bisol (1981); Bortoni et al. (1992); Oliveira e Lee (2003); Lee (2004); Viegas (1987, 2001), entre outros. Há, contudo, algumas análises, como as expostas a seguir, que se dedicaram ao tema aqui em relevo. Entre essas análises estão a de López (1979) e Câmara Jr. (1970).

Ambos os autores, ao analisarem o mesmo dialeto, o português carioca, convergem para a mesma conclusão, apesar de fundamentados em metodologias e quadros teóricos distintos, a primeira de orientação gerativa e o segundo estruturalista. Para eles, em se tratando de vogais postônicas não finais, o que temos é a realização do processo fonológico de neutralização entre as vogais posteriores (de /o/ para /u/), mas não entre as anteriores (de /e/ para /i/). O que nos daria um subsistema em posição postônica não final composto pelos fonemas /a, e, i, u/. Esse subsistema contraria a tendência à **simetria**, pois carece da vogal média posterior<sup>11</sup>.

López (1979), para fundamentar sua hipótese, argumenta ser possível relacionar vogais preservadas (por derivação) a vogais neutralizadas. Apresenta como exemplo o vocábulo *pérola*: *perolar* < *pérula*. Já Câmara Jr. (1994)<sup>12</sup>, recorre aos “melhores poetas brasileiros” e salienta que é possível, em suas obras, encontrar o uso de rimas do tipo *pérolas*

<sup>11</sup> Uma importante noção para se entender a falta de simetria aqui referida é a de representação triangular das vogais, como a apresentada na seção 2.3.1. Em um triângulo de cabeça para baixo, o fonema /a/ está na ponta extrema, enquanto os fonemas /i/ e /u/ estão no topo, à esquerda e direita, respectivamente. A assimetria está nas vogais médias, pois há a anterior /e/ (à esquerda), mas não a posterior /o/ (à direita), o que deixa o triângulo incompleto.

<sup>12</sup> Para Câmara Jr. (1994, p. 43-44), a oposição entre os fonemas /o/ e /u/ é um reflexo da representação gráfica, “mera convenção da língua escrita”.

e *cérula* e, ainda, *estrídulo* e *ídolo*, assim por diante (CÂMARA JR., 1994, *apud* CÂMARA, 1953, p.135-6). Essas rimas, quando relacionadas aos fonemas /e/ e /i/, seriam, do ponto de vista da percepção auditiva, pouco aceitáveis. Como exemplo, Câmara Jr. (1994) destaca que embora uma pronúncia do tipo \*/nu'miru/, para *número*, ou \*/té'pedu/, para *tépido*, possa ser manifesta, é logo “rechaçada”.

Bisol (2003), apesar de contrária a concepções como as de Câmara Jr. (1970-77), e por extensão, à proposta de López (1979), considera que uma análise centrada em um subsistema vocálico assimétrico não é de todo ingênua, pois encontra fundamento na fisiologia do aparelho fonador humano:

Basta lembrar o diagrama das vogais cardinais de Daniel Jones, que atribui menos espaço bucal às posteriores. As vogais /o, u/ estão mais próximas uma da outra do que as vogais /e, i/. Segundo Martinet (1964, p.139), dado um sistema com o mesmo número de fonemas na série posterior e anterior, as margens de segurança são mais estreitas na série posterior do que na série anterior, o que pode explicar em parte a diferença de comportamento entre as duas séries (BISOL, 2003, p.278-279).

Segundo Bisol (2003), além da restrição articulatória exposta acima, a regra de neutralização envolvendo somente a série posterior pode ser também explicada pelo efeito de **freqüência**. Pode-se dizer, então, que o alçamento da vogal postônica, quando relacionado a itens lexicais que contenham fonemas de séries posteriores (/o/ → /u/), é *mais freqüente* que o alçamento entre aqueles itens que contenham fonemas de séries não posteriores (/e/ → /i/). Desse modo, os primeiros, de largo uso, *fósforo* e *pérula*, são mais susceptíveis a alçarem do que os segundos, *prótise* e *córrigo*, menos freqüentes, mas que também alçam.

Contudo, é justamente na assimetria relacionada ao subsistema de vogais postônicas não finais que Bisol (2003) situa o problema da análise mattosiana. Essa análise gera um sistema assimétrico na série posterior e causa a *não naturalidade* da sentença, composta pelos fonemas /a, u, e, i/. Para ela, utilizando perspectivas fonológicas atuais, as não lineares, as vogais em posição postônica não final “flutuam”, como se estivessem atreladas a um pêndulo em movimento, entre os subsistemas da átona final, composto por três vogais (/a, i, u/), e da pretônica, composto por cinco vogais (/a, e, i, o, u/)<sup>13</sup>. Esse pressuposto a leva a concluir que, no PB, têm-se duas regras de neutralização, uma responsável pelo alçamento das vogais

<sup>13</sup>Câmara Jr. (1994, p.45), ao referir-se às vogais pretônicas, aponta que o “/i/ tende a substituir o /e/, e o /u/ o /o/ ... Em outros termos, as vogais altas debordam num e noutro caso as vogais médias correspondentes”. E aqui Viggo Bröndal (1943, 20-1), citado por Câmara Jr., diz ser esse “debordamento”, uma “cumulação”, “uma variação, ou melhor, flutuação dentro do sistema, que atrofia ou hipertrofia elementos dele”. Bisol (2003) estende essa noção às vogais postônicas não finais.

médias do subsistema da pretônica e outra que age no subsistema da postônica final e na postônica não final, por extensão.

Cristófaros-Silva (1999), por sua vez, de um ponto de vista **fonético**<sup>14</sup>, trata a questão em uma perspectiva que pretende alcançar o sistema de todo o PB. Sua análise, porém, é superficial, e, na verdade, não se pretende profunda. Aponta a interferência de critérios não estruturais como as **situações de formalidade**, nas quais não há o alçamento, *versus informalidade*, nas quais o alçamento ocorre (e essa é uma hipótese que merece ser apreciada, já que a fala cuidada tende a apresentar menos variação). Dessa forma, para Cristófaros-Silva (1999), realizações do tipo *pér[o]la* e *êx[o]do*, exemplos utilizados pela autora, fariam parte de um estilo formal de fala de um dialeto cujo subsistema da postônica não final fosse composto por cinco vogais, como parece ser o caso do dialeto belo-horizontino. Já realizações alçadas, do tipo *pér[u]la* e *êx[u]do*, fariam parte de um estilo informal de fala.

Usando pressupostos da Fonologia Autossegmental (na regra por ele proposta), Fonologia Lexical (para explicar as exceções) e Fonologia Métrica (nos padrões prosódicos envolvidos), Wetzels (1992), em um enfoque largamente diferente dos expostos acima, propôs, em uma análise pioneira, uma regra por ele denominada **Abaixamento Datílico** (AD). Essa regra proíbe que as vogais médias altas [e] e [o] ocorram em sílabas tônicas de palavras proparoxítonas, posição silábica até então “*virtually unexploited*”, como a define. Assim, palavras que possuem vogais médias (baixas ou altas) em posição tônica, como *esqueleto* e *dialéto*, por exemplo, passam, pela ação do AD, à *esquelético* e *dialético*. Para ele, sufixos como *-ico* e *-logo*, entre outros, impõem um padrão datílico e, dessa maneira, o AD se aplica apenas às palavras derivadas, ou melhor, “apenas sobre as palavras formadas por sufixos indutores de ritmo datílico” (MASSINI-CAGLIARI, 1994, p.133). Portanto, a regra de AD *sempre* encontra ambiente em palavras derivadas, como *esquelético* (proparoxítona), que, originando-se da palavra não derivada *esqueleto* (paroxítona), possui, por causa do AD, a vogal média baixa [ɛ]. E, segundo Wetzels (1992), a excepcionalidade da posição proparoxítona deve ser marcada pelo diacrítico lexical.

Contudo, apesar de as proparoxítonas derivadas serem de fato “a grande maioria” (MASSINI-CAGLIARI, 1994, p.133), pode-se apontar exceções, como as consideradas por

<sup>14</sup> Acredito que uma abordagem fonética é a base, mas não o sustentáculo de um problema como o que aqui pretendo analisar. Assumo, nessa ótica, a postura de Câmara Jr. (1970), influenciado, sobretudo, pela escola que ficou conhecida como Círculo de Praga. Assim, em uma proposta que se pretenda fonológica, o que importa são as “propriedades” ou “traços distintivos”. Esse é o pressuposto teórico que guia esta pesquisa: o fonológico.

Wetzels (1992), que as subdivide em três classes. A primeira alia-se às poucas palavras não-derivadas proparoxítonas (em torno de 13) que não sofrem a ação do AD, entre elas estão: *f[ɔ]lego*, *es[o]fago* e *[e]xodo*. A segunda classe se refere aos nomes próprios como *Hércules* e *Penélope*, nesses não há ambiente para que o AD ocorra, já que, entre outras razões expostas por Wetzels (1992), nomes próprios não derivam. A terceira é composta pela categoria dos verbos regulares, como nas formas: *perd[e]ramos*, *perd[e]reis* (1ª e 2ª pessoas do plural do mais-que-perfeito do indicativo) e *perd[e]ssemos*, *perd[e]sseis* (1ª e 2ª pessoas do plural do imperfeito do subjuntivo).

### 2.5.2 Abordagens Variacionistas

Igualando o quadro das postônicas, tanto as finais quanto as não finais, aos das pretônicas, composto pelas vogais [a, e, i, o, u], Schmitt (1987) aponta que o português gaúcho, com exceção da cidade de Porto Alegre e região metropolitana, onde a redução é “uma regra quase categórica” (SCHMITT, 1987, p.11), varia o quadro vocálico de ambas as posições postônicas em função da forte influência que esses dialetos sofrem da língua alemã, da língua espanhola, a falada nos dialetos de fronteira, e da língua italiana, respectivamente, ou seja, da forte influência do fator etnia.

O trabalho de Vieira (1994) se dirige à análise de toda a pauta postônica. Dessa forma, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada, as postônicas não finais e finais (sendo esta, comparativamente, o foco das atenções) são as posições estudadas pela autora. Em sua análise do processo de neutralização das vogais médias nessas posições, Vieira (1994) alia a Teoria Variacionista laboviana, no intuito de descrever o quadro das vogais nessa posição, e o modelo da Fonologia Autossegmental (sobretudo CLEMENTS & GOLDSMITH, 1976) e Lexical (KYPARSKY 1982, 1985). Baseando-se no banco de dados Varsul, apresenta evidências de vogais não alçadas em posição postônica (cf. MALLMANN, 2001; ROVEDO, 1998, entre outros), o que a leva a postular, para toda a pauta postônica, um subsistema composto pelas vogais /a, e, i, o, u/. Essa posição contrária, primordialmente, a proposta de

Câmara Jr. (1970), que postula, para todo o PB, um subsistema ternário para a posição final (/a, i, u/)<sup>15</sup> e quaternário para a não final (/a, i, e, u/).

Contudo, a ocorrência da neutralização de vogais médias em posição postônica não pode ser desconsiderada, mesmo nos dialetos analisados por Vieira (1994), os da região sul<sup>16</sup>. É a alternância entre o subsistema /a, i, u/ e o subsistema por ela postulado /a, e, i, o, u/ que a leva a atestar a conseqüente variabilidade da regra de neutralização. Assim, das sete vogais em posição tônica, há uma regra de neutralização reduzindo o contraste entre as vogais médias baixas e as médias altas (/ɛ/ = /e/, /ɔ/ = /o/), e outra regra, não categórica, reduzindo o contraste entre as médias altas e baixas (/e/ = /i/, /o/ = /u/).

Vieira (2001), dando um enfoque maior às postônicas não finais, analisa o que considera um “comportamento variável”<sup>17</sup> (VIEIRA, 2001, p.128). Há, assim, formas como *cóc[o]ras* e *ânc[o]ra*, onde a neutralização de /o/ pode não acontecer, co-ocorrendo com *abób[u]ra* e *fóss[u]ro*, onde a neutralização sempre ocorre. Da mesma maneira, tem-se *núm[i]ro*, *prót[i]se* e *cóc[i]ga*, neutralizadas, e *vésp[e]ra*, *cát[e]dra* e *vért[e]bra*, não neutralizadas. Concordando com Vieira (1994), para Amaral (1999), regulando o processo de alçamento da postônica não final, existe, no dialeto investigado por ela, “uma redução variável ao invés da neutralização” (AMARAL, 1999, p.90). Relata a variação dos termos *fóss[o]ro* ~ *fóss[u]ro*; *abób[o]ra* ~ *abób[u]ra*; *árv[o]re* ~ *árv[u]re*; e, entre as vogais /e/ e /i/, nos termos *pêss[e]go* ~ *pêss[i]go*; *alfând[e]ga* ~ *alfând[i]ga*; *fenôm[e]no* ~ *fenôm[i]no*; aponta, contudo, a preservação das palavras *vésp[e]ra*, *úlc[e]ra* e *úb[e]re*.

Não se pode negar que o contexto exerça aí uma forte influência, e a ele se dedicam os próximos parágrafos. Por exemplo, consoantes labiais, de acordo com os resultados de Vieira (1994, 2001), corroborados por Amaral (1999, 2001), tendem a aumentar significativamente o alçamento de /o/, devido ao traço de labialidade que compartilham, e, em ambos os estudos, “a elevação de [o] ocorre mais freqüentemente” (AMARAL, 1999, p.90). Porém, essa variabilidade corre o risco de ser apenas aparente, isso se olharmos para o indivíduo e não

<sup>15</sup> Cabe lembrar, contudo, a observação feita por Câmara Jr. (2002) quanto às postônicas finais: “Nesta última posição, a pronúncia mais generalizada, e **praticamente** «padrão», é, como no Rio de Janeiro, a redução drástica do quadro de vogais.” (CÂMARA JR., 2002, p.23). E “praticamente” não é uma expressão generalizadora.

<sup>16</sup> As cidades que compuseram a mostra de Vieira foram “Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati no Paraná; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó em Santa Catarina; Porto Alegre, Flores da Cunha, São Borja e Panambi no Rio Grande do Sul.” (VIEIRA, 2001, p.128).

<sup>17</sup> Porto Alegre, segundo Vieira (2001, p.158) é a “cidade que mais pratica a regra de elevação de /e/ e /o/”. Conclui, assim, que, ao contrário das outras cidades, em Porto Alegre “já se poderia falar na existência da regra de neutralização, uma vez que pouca variação ocorre em posição postônica não-final”.

para a comunidade (cf. OLIVEIRA, 1992) e, também, se considerarmos o item lexical e não o contexto sonoro, como propõe o modelo de Difusão Lexical, aqui defendido.

O caráter difusionista vem de realizações sempre alçadas como *abób[u]ra* ao lado das não alçadas, como *vésp[e]ra*, ambas cercadas por consoantes oclusivas bilabiais e a líquida vibrante. Já a hipótese de Oliveira (1992) pode ser exemplificada por conclusões como a de Vieira (1994). Em Vieira (1994), e não em Vieira (2001), o fator etnia foi o que mais contribuiu para os casos em que as variantes /e/ e /o/ foram preservadas<sup>18</sup>. A etnia, selecionada por serem os dialetos analisados pela autora amplamente influenciados pelos idiomas italiano e alemão e, também, espanhol, foi considerada, na análise dos resultados, o fator não estrutural de maior “importância para a aplicação da regra de elevação das vogais médias” (VIEIRA, 1994, p.53). Vieira (1994, p.54) destaca que “os informantes da zona de colonização italiana são os que mais preservam as vogais médias em posição postônica, enquanto os metropolitanos, opositivamente, são os que mais praticam a regra de elevação”.

Fatos como esse nos levam a crer que indagações como a de Oliveira (2006) possam, realmente, ter uma resposta afirmativa. Analisando a variação intra-individual na pronúncia das vogais pretônicas, Oliveira (2006) deparou-se com dados empíricos que indicam que indivíduos diferentes escolhem processos fonológicos específicos para itens lexicais específicos (ou seja, o falante A harmoniza em *módérno* e alça em *múdesto*). Diante desse fato, e de alguns outros, o autor se pergunta se “não seríamos levados a pensar que o comportamento do indivíduo é mais homogêneo do que o comportamento da comunidade de fala?” (OLIVEIRA, 2006, p.16). Vieira (1994), em sua conclusão, que pode ter sido prejudicada por suas escolhas metodológicas, nos mostra que indivíduos apresentam um comportamento mais homogêneo que a comunidade, e essa é uma hipótese aqui apreciada, mais bem discutida adiante.

---

<sup>18</sup> Vale lembrar que Vieira (2001) não pretende reanalisar os dados de Vieira (1994), não se estabelecendo, assim, uma conexão direta entre ambas as propostas. Porém, uma mudança de perspectiva como essa merece que algumas colocações sejam feitas e, na verdade, essa nova perspectiva pode estar relacionada a vários fatores. Um desses fatores pode se referir a uma possível alteração nos dados analisados, o que, certamente, não provocaria tal mudança, não em um espaço tão curto de tempo. Outro fator, o mais provável, pode se referir a uma alteração na interpretação dos dados por parte da autora. O fato é que, em 1994, Vieira trata apenas superficialmente do tema, e parece separar apenas superficialmente os diferentes dialetos das cidades investigadas, já em 2001 realiza uma análise mais “cuidadosa”, separando os dados de estados e cidades, o que fez com que o fator variável geográfica perdesse sua primazia.

## 2.6 Considerações Finais

Destacando as vogais médias em posição postônica não final, este capítulo foi, basicamente, dividido em três partes principais: a primeira, que explicita a natureza e a configuração das palavras-alvo desta pesquisa, as proparoxítonas; a segunda, que apresenta os processos fonológicos concernentes a tais palavras e a terceira que traz, em variadas perspectivas, as principais propostas que tratam da neutralização a que elas estão sujeitas. Buscou-se, primordialmente, identificar a natureza e os processos envolvendo o fenômeno que aqui se pretende investigar, e, como aponta Martinet (1971, p.52), “a identificação é, evidentemente, a condição *sine qua non* do conhecimento.”

Viu-se que algumas das propostas aqui apresentadas divergem em vários pontos de suas análises, seja em relação a quais fonemas compõem o subsistema da postônica não final ou quanto às interpretações dadas ao fato de formas variáveis co-existirem com realizações em que vogal é sempre preservada ou sempre alçada. A divergência está, também, na interpretação da frequência com que se realizam os processos fonológicos atuantes, mais especificamente, a neutralização, como em *prótise* e *antíduto*, sendo esta última considerada por alguns um caso de assimilação progressiva.

Apesar de ser possível apresentar medições de cunho sociolingüístico e propostas que se propuseram a explicar o tema a que esta dissertação se dirige, pode-se dizer que, ao menos comparativamente, a maioria das propostas voltadas para a variação das vogais médias centralizam-se em outras posições silábicas que não a postônica não final. Entre elas, destaca-se a posição pretônica, um dos problemas mais “espinhosos” da fonologia do PB, e, na Região Sul, principalmente, os estudos que, inseridos em uma abordagem variacionista, investigam a realização variável da postônica final. Em Belo Horizonte, contudo, não há medições e trabalhos precedentes que tenham se dedicado diretamente ao tema aqui proposto.

Objetiva-se, assim, mostrar quais são os fonemas que, no município de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde esta pesquisa se realizou, ocorrem em posição postônica não final (e a hipótese, não a explicação, é semelhante a de Vieira (1994), tem-se um subsistema onde se realizam as vogais /a, e, i, o, u/); identificar quais são os contextos fonológicos (estruturais) – neutros, favorecedores e desfavorecedores – envolvidos no alçamento das postônicas não finais; verificar se há a maior ocorrência de alçamento das vogais aqui em foco entre a série posterior do que entre a série não posterior; investigar, caso se comprove, o porquê dessa primazia; identificar a natureza dos fatores não-estruturais que possam

condicionar o processo de alçamento aqui em foco e, assim, verificar até que ponto esses fatores interferem nesse processo e até mesmo na alternância (/e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/), caso ela ocorra.

Pelo exposto até aqui e, inevitavelmente, alguns aspectos escapam aos limites desta dissertação, pode-se concluir que ainda não se fez um estudo aprofundado sobre o processo de alçamento das vogais médias em posição postônica não final do PB. Não se tem, por exemplo, uma explicação plausível para o fato de haver, no mesmo dialeto, realizações variáveis ao lado de realizações sempre alçadas e outras sempre preservadas. A postulação de um comportamento variável para as regras de neutralização, como o proposto por Amaral (1999, 2001) e Vieira (1994, 2001), esta analisando os mais variados dialetos da região sul e aquela se focando na síncope, não é, mesmo que se aproxime da “verdade” (ainda utópica), uma opção de análise satisfatória. O nível explicativo parece ser alcançado quando observamos o fenômeno por meio de uma abordagem que leve em consideração os preceitos da Difusão Lexical (modelo exposto no próximo capítulo), como é o objetivo desta dissertação.

Apesar de ser possível apontar alguns autores que se dedicaram ao alçamento das postônicas não finais, este trabalho, de certa forma, inova, já que não encontra outros precedentes, ao menos não da forma sistemática e na ótica pretendidas, que, em busca de um potencial explicativo para o fenômeno, alia Difusão Lexical, Teoria da Variação e Teoria da Otimalidade. Pode-se dizer, portanto, que pouco ainda se conhece sobre o fenômeno que aqui nos propomos a investigar, sobretudo na ótica com que o abordaremos. Assim, altera-se não só o foco da discussão, já que, em relação à maioria dos trabalhos envolvendo as vogais médias, se desloca a temática no que se refere ao posicionamento da vogal átona no item lexical, como também a maneira como o problema é discutido.

## 3 MODELOS DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA

### 3.1 Introdução

Este capítulo aborda os pressupostos da Difusão Lexical e os do Modelo Neogramático, seu principal opositor, a fim de destacar as contribuições dessas propostas no que concerne à compreensão do comportamento dos sistemas sonoros das línguas e, sobretudo, à compreensão da mudança lingüística. Com as colocações feitas aqui, espera-se, ao final, mostrar que a variação das vogais médias em posição postônica não final, objeto deste trabalho, pode e deve ser prevista e explicada pelo modelo difusionista.

### 3.2 Modelo Neogramático

O dinamismo das línguas naturais e os processos de mudança a que se submetem sempre instigaram aqueles que se dedicam aos fenômenos da linguagem. Já nos primórdios da ciência lingüística, as evidências de mudança concluída ocuparam um espaço central nos modelos teóricos que procuravam definir as leis que governariam tais processos. É com essa preocupação em mente que surge, nas últimas décadas do século XIX, o Modelo Neogramático (NG), inspirado pelo método experimental de Claude Bernard e o positivismo filosófico de Auguste Comte.

Em busca de um caráter de cientificidade, os protagonistas dessa nova corrente teórica teceram críticas severas aos antecessores diretos, os comparativistas, que, em tom derrisório, os denominaram *junggrammatiker* (os jovens gramáticos ou novos gramáticos), codinome que acabou dando nome ao modelo que então surgia. Entre outras personalidades, o modelo NG reuniu e ainda reúne grandes nomes da lingüística, como Paul, Ascoli, Osthoff, Brugmann, Leskien, Scherer e, também, contemporâneos como Labov e Kiparsky.

Hostis às concepções românticas do século que findava e contagiados pelo positivismo comtiniano, a proposta neogramática ascende com pesadas críticas aos pressupostos ‘filosóficos’ e ‘metafísicos’ presentes nos trabalhos de seus predecessores imediatos<sup>19</sup>.

A mudança de concepção surgida com os neogramáticos se orientou por duas diretrizes distintas. A primeira se refere ao objeto de investigação lingüística que antes, no modelo comparativo, era a regularidade das correspondências e passa, neste modelo, para as transformações fonéticas. A segunda à escolha do procedimento de análise, e, nessa diretriz, podem-se apontar duas propriedades: (a) a análise lingüística não deve se limitar a descrever ou constatar as mudanças ocorridas entre dois (ou vários) estados aparentados de língua; ela deve igualmente produzir uma explicação positiva das causas que conduziram às mudanças observadas; (b) por isso, o organicismo e o naturalismo cedem lugar aos métodos da observação indutiva e dedutiva que caracterizam a perspectiva explicativa das ciências da natureza. Para Coutinho (1969, p.37), foi a partir da teoria neogramática que a lingüística pôde “pretender ao título de ciência, enfileirando-se, pela segurança dos seus processos, ao lado da Física, da Biologia, etc.”.

Marcada pelo positivismo nascente, a perspectiva neogramática tem seu principal pilar no primado das chamadas leis fonéticas, isto é, em sua universalidade (elas apresentam-se em todos os idiomas) e em sua generalidade (elas são eficazes segundo certas regularidades em cada idioma em particular). Assim, inseridos nesse clima de intensos debates teóricos, que envolviam o próprio estatuto e o futuro da ciência lingüística, os *jungrammatiker* se pautavam pelo princípio de que a língua é regulada por uma série de leis. Como aponta Bynon (1977), a idéia básica era a de que a língua, como atividade humana, é regulada por princípios que deveriam, então, ser investigados “dentro das regras gerais que governam o comportamento humano”<sup>20</sup> (BYNON, 1977, p.29, tradução nossa). Mudanças sonoras são, nessa ótica, atribuídas somente às ações mecânicas (articulatórias), inteiramente necessárias, o que faz com que a mudança explique-se, única e exclusivamente, por causas fisiológicas, sempre guiadas pelas ‘implacáveis’ leis fonéticas. Osthoff e Brugmann (1878) definem o caráter inicial dessas leis:

---

<sup>19</sup> E é importante salientar que, apesar das muitas críticas, a pesquisa fonética neogramática soube manter a exigência comparatista, incorporando, pouco a pouco, as formas do raciocínio mais abstrato, como coloca Paul (1978, p.62): para “estabelecer as leis fonéticas, parte-se sempre de uma comparação. Relacionam-se os estados de um dialeto com aqueles de um outro [...]. Isolam-se também, por abstração, comparando os diferentes estados no interior do mesmo dialeto e da mesma época”

<sup>20</sup> “within the general rules that govern human behavior”.

Todas as mudanças fonéticas, como processos mecânicos, têm lugar segundo leis que não admitem exceções (*ausnahmlöse Lautgesetze*), no interior do mesmo dialeto, e o mesmo som realizar-se-á da mesma maneira num ambiente idêntico; (OSTHOFF E BRUGMANN, 1878, citado por ROBINS, 1976, p.194).

No mesmo diapasão, aponta Coutinho (1969):

*Exceções* pròpriamente não as há. Os exemplos discordantes, que se notam neste ponto, não passam de casos insulados, subtraídos à ação de uma lei, mas perfeitamente explicáveis pela intercorrência de outra causa (COUTINHO, 1969, p.134).

Segundo Coutinho (1969, p.134-37), os neogramáticos são os responsáveis pelo “caráter de constância” conferido às leis fonéticas. Entendidas por muitos como “princípios absolutos”, tem como propriedade a regularidade das transformações que provocam, propriedade denominada por Hockett de hipótese (ou princípio) da regularidade, e a conseqüente possibilidade de generalização das mesmas, ou seja, dada a regra  $A \rightarrow B / C\_D$ , em que A corresponde ao segmento que sofrerá a mudança; B ao segmento no qual A mudou-se; C e D remetem-se ao ambiente fonológico onde a mudança ocorreu (lê-se: A torna-se B no ambiente CD), todo A vai virar B no contexto C\\_D. Pertencente ao nível fonológico apenas, a mudança sonora é guiada por esse princípio que, segundo Bynon (1977), aplica-se a mudanças específicas em línguas particulares e segue duas direções. A primeira traça a regularidade da mudança sonora no nível do indivíduo, ou seja, todos os membros de uma comunidade determinada modificam seu comportamento de forma regular. A segunda traça a regularidade da mudança no nível do som e, assim, determina que “os fonemas se alteram do mesmo modo, sempre que se acham em idêntico meio e circunstância” (COUTINHO, 1969, p.135), isto é, sempre que se acham no mesmo ambiente fonético<sup>21</sup>. Dessa maneira, a mudança é “transparente”, assim denomina Oliveira (1992), ou seja, é condicionada por claros contextos fonéticos.

O princípio de regularidade é bem colocado por Faraco (1998). Para o autor, a “regularidade” e “generalidade” são princípios inerentes à evolução da mudança. Guiada pela inflexibilidade das transformações que acarreta, a mudança como os neogramáticos a

<sup>21</sup> A idéia era a de que se não houvesse regularidade no processo de mudança sonora as pessoas não se entenderiam, como aponta Faraco (1998, p.29), “mudanças abruptas e repentinas são impossíveis, pois, se ocorressem, destruiriam as próprias bases da interação socioverbal.” Essa, contudo, é uma concepção inverossímil, no sentido em que a interação é mantida mesmo frente a alterações fonéticas não graduais, como as que Oliveira (1991), entre outros teóricos, aponta, como cancelamentos, inserções e metáteses, processos que “não podem ser graduais e devem ser concebidos como fenômenos discretos”.

concebem atinge sistematicamente o mesmo elemento, em idênticas ocorrências e condições (mesmo ambiente fonético, mesmo período de tempo, mesma língua). Assim, mudanças sonoras vão ocorrendo:

gradativamente, isto é, vão atingindo partes da língua e não seu conjunto; e mais, a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma x por outra (y) passa sempre por fases intermediárias. Há o momento (quase sempre longo) em que x e y coexistem como variantes; depois há o momento (também normalmente longo) da luta entre x e y seguida do desaparecimento de x e da implementação hegemônica de y. (FARACO, 1998, p.28)

Implementada a mudança, as infrações aparentes ao caráter necessário das leis fonéticas eram explicadas ou por empréstimo ou por analogia, vistas como indícios de uma lei a pesquisar (sob o modelo da exceção que confirma a regra). O empréstimo “viola” leis fonéticas quando a língua ou dialeto incorpora um item lexical qualquer “depois da aplicação da “lei”” (LYONS, 1979, p.30). O que implica dizer que o vocábulo emprestado não se submete a uma lei que já perdeu produtividade. E essa é uma perspectiva que preserva a inviolabilidade da mesma. Com o mesmo intuito de preservação, age a analogia. Para os neogramáticos, quando uma mudança sonora (que atua na regularidade e não excepcionalidade de uma regra como  $A \rightarrow B / C\_D$ , considerando apenas o ambiente fonético) afeta um elemento qualquer da língua e o resultado é a ruptura de padrões gramaticais, há uma tendência a retificá-los via analogia. Dessa forma, ocorre um nivelamento com base no padrão mais recorrente na língua, restaurando o equilíbrio entre forma e função, perdido com a mudança lingüística.

Processos analógicos, quando concluídos, dariam a falsa impressão de que a lei fonética não atuou; no entanto, o resultado dessa lei teria sido “retificado por interferência de paradigmas gramaticais hegemônicos”. “Haveria, assim, uma espécie de paradoxo: a mudança fônica, que é regular, pode gerar irregularidades gramaticais; e a analogia, que é irregular (isto é, não se aplica em todos os casos em que poderia), gera regularidade.” (citações de FARACO, 1998, p.30-2). Bloomfield ([1933] 1970, p.406, tradução nossa) dá, entre outros, o seguinte exemplo: “o enunciado independente de uma forma como *dreamed* ao invés de *dreamt* [*dremt*], poderia ser descrito pelo diagrama:

scream : screams : screaming : screamer : screamed  
 = dream : dreams : dreaming : dreamer : x<sup>22</sup>

Aqui, a realização da forma *dreamed* – representada pela variável *x* – só se fez possível por analogia a padrões como o do verbo *scream* (um protótipo de uma classe). Cabe lembrar que em casos como esses nem todas as formas irregulares do verbo passam, por analogia, à regulares. E aí reside a *irregularidade* da analogia mencionada por Faraco (1998).

Enfim, mesmo cercando-se de fortes dispositivos teóricos que mantém o que Phillips (1998) denomina de “tripartite division of change” – mudança sonora, analogia e empréstimo – , o modelo NG não escapou das críticas, essas tecidas já em seus primórdios pelos dialetologistas e especialistas em geografia lingüística. Essas críticas foram dirigidas especialmente à regularidade das leis fonéticas, que, da forma como os autores acima colocam, não admitem exceções em seu âmago. Paul (1978) reexamina o conceito de lei fonética, a fim de estabelecer uma definição mais adequada, questionando seu caráter de necessidade absoluta:

A noção «lei fonética» não deve compreender-se no sentido que damos à lei na física ou na química [...]. A lei fonética não afirma o que deve repetir-se sempre sob determinadas condições gerais, mas verifica apenas a regularidade dentro dum grupo de determinados fenómenos históricos. (PAUL, 1978, p.74).

A conceituação de Paul (1978) isenta as leis fonéticas de seu caráter implacável e irrestrito, dando, assim, maior ‘flexibilidade’ as mesmas. Aplicada ao português do Brasil, essa flexibilidade poderia ser exemplificada pela interpretação dada à regra  $t \rightarrow tʃ/ \_ i$  (*tʃia*, *patʃins*, etc), isto é, /t/ palataliza-se quando a vogal que o precede é /i/, uma regra categórica em muitos dialetos (e o dialeto belo-horizontino é um deles). Em uma interpretação como a de Paul (1978), /t/ possuiu, com o passar do tempo, uma **forte inclinação** a palatalizar-se quando diante de /i/, e, nesse caso, não há dúvidas que o fator articulatório facilitou o processo. Dessa forma, ele retira as leis fonéticas do determinismo absoluto, o que dita que /t/ teria de **obrigatoriamente** palatalizar-se naquele contexto (o que não ocorreu em todos os dialetos do PB), e as confere o *status* de reprodutora de fortes tendências entre um estágio de língua e

<sup>22</sup> “The independent utterance of a form like *dreamed* instead of *dreamt* [dremt], could be depicted by the diagram:

scream : screams : screaming : screamer : screamed  
 = dream : dreams : dreaming : dreamer : x

outro. Note-se que a alternância entre variantes distintas não é negada pelo modelo NG, o que o difere do modelo de Difusão Lexical (DL) é, entre outras concepções, a explicação para essa alternância.

Aderir ao modelo difusionista não implica negar o quanto um ambiente natural propício é um agente facilitador da mudança lingüística, e, como coloca Oliveira (1991), esse ambiente pode, ao longo do tempo, fazer ruir os empecilhos lexicais que a mudança enfrenta. Enfim, apesar da remota interseção entre ambos os modelos, eles possuem visões antagônicas tanto para a motivação da mudança lingüística quanto para a implementação dessa mudança. A próxima seção mostra os principais pressupostos do modelo difusionista e sua visão do problema.

### 3.3 Difusão Lexical

Ao se defender a proposta da DL, modelo originalmente proposto por Cheng & Wang (1967), como aqui se pretende, tem-se de admitir a conseqüente participação do léxico nas estratégias de implementação de mudanças lingüísticas<sup>23</sup>. Para os difusionistas, tais mudanças são encaradas como “lexicalmente graduais e foneticamente abruptas”<sup>24</sup> (Oliveira, 1991, p.93), e para tanto, há de se levar em consideração o “princípio”, como postulam Mollica & Roncarati (2001, p.50), de que as regras são “paulatinamente encaixadas e/ou fixadas na história e em processos de aquisição, espalhando-se pelo léxico, à medida que o repertório lingüístico vai sendo ampliado ontogênica e historicamente”.

Essa concepção de mudança lingüística, como visto anteriormente, diverge da defendida pelo modelo NG, de larga tradição nos estudos lingüísticos. Para esses, as mudanças lingüísticas são “lexicalmente abruptas e foneticamente graduais”<sup>25</sup> (Oliveira, 1991, p.93). Hockett (1958, p.444), citado por Labov (1981, p.273, tradução nossa), conclui que “mudanças sonoras são muito lentas para serem observadas”<sup>26</sup>, e esse pensamento, acredito, traduz a concepção neogramática de que as mudanças sonoras se difundam gradualmente

<sup>23</sup> Como destaca Oliveira (1992, p.40): “ainda precisamos de muito trabalho no que se refere ao papel do léxico na mudança sonora. As razões que levam um item lexical a ser mais, ou menos, vulnerável a uma inovação ainda são obscuras”.

<sup>24</sup> Grifos do autor.

<sup>25</sup> Grifos do autor.

<sup>26</sup> “sound change was too slow to be observed”.

pelos fones, isto é, sejam “imperceptíveis”, como colocam Bortoni, Gomes & Malvar (1992). Propostas com diferentes pontos de vista e baseadas em dados diversos trataram dessa divergência. Entre as aqui abordadas, uma atenção especial será dada as de Labov (1981) e Oliveira (1991), por este estabelecer um diálogo direto com aquele.

Para Cristóforo Silva (2001, p.211), a proposta difusionista “constitui uma oposição teórica direta a proposta neogramática”. O trabalho de Labov (1981), *Resolving the Neogrammarian Controversy*<sup>27</sup>, pode ser considerado como um dos mais importantes (e consistentes) trabalhos que se dedicaram a essa oposição. Essa importância não se deve somente ao indiscutível prestígio de Labov, o que, com certeza, deu maior visibilidade ao modelo difusionista, mas, sobretudo, aos argumentos em que se baseia. Expõe o que chama de paradoxo envolvendo o modelo NG e o modelo da DL. Tal paradoxo é resumido na máxima: “ambos estão certos, mas ambos não podem estar certos”<sup>28</sup> (LABOV, 1981, p.269, tradução nossa). Ou seja, se ambos são mesmo modelos mutuamente excludentes, então, não poderiam co-ocorrer. O fato é que esses modelos possuem respostas totalmente antagônicas para a pergunta: “na evolução dos sistemas sonoros, a unidade básica da mudança é a palavra ou o som?”<sup>29</sup> (LABOV, 1981, p.268, tradução nossa).

Os neogramáticos, segundo Labov (1981), não apresentam questões desatualizadas, em função da própria posição que ocupam. E apesar de assumir, ao contrário de Oliveira (1991), uma postura intermediária, ou cautelosa, entre ambos os modelos, ambos apontam, acertadamente, que se deve respeitar a inteligência dos antecessores (entre eles Curtius, Delbrück, Osthoff, Paul, Saussure, Bloomfield, Hockett), os neogramáticos. Para Hoenigswald 1978 (citado por LABOV, 1981, p.272, tradução nossa), “a hipótese neogramática não era uma declaração substantiva sobre a mudança sonora, mas um princípio de trabalho que DEFINE mudança sonora”<sup>30</sup>. Princípio de trabalho ou não, para o modelo NG a unidade básica de mudança é somente o som.

Já o modelo difusionista propõe que a mudança se difunde gradualmente pela palavra e não pelo som, sendo então lexicalmente gradual (por isso, Difusão *Lexical* em não Difusão *Sonora*). Dentre os expoentes desse modelo estão os linguistas sinoamericanos Cheng, Wang,

---

<sup>27</sup> Texto originalmente apresentado no Encontro Anual da Sociedade Lingüística da América, em Los Angeles. Labov (1981) baseia-se em evidências extraídas de pesquisas anteriores, acrescidas aos trabalhos dos expoentes dos modelos de DL e o NG.

<sup>28</sup> “both are right, but both cannot be right”.

<sup>29</sup> “In the evolution of sound systems, is the basic unit of change the word or the sound?”.

<sup>30</sup> “the neogrammarian hypothesis was not a substantive statement about sound change, but a working principle that DEFINED sound change”.

Chen, além dos linguistas Hsieh, Phillips, Krishnamurti, entre outros, sendo a análise de Krishnamurti a que, para Labov (1981), apresentou os resultados mais convincentes: “os resultados dele não deixam dúvidas de que essas mudanças sonoras se processam com a palavra, não com o fonema, como a unidade básica”<sup>31</sup> (LABOV, 1981, p.271, tradução nossa). Vale salientar o argumento, quase lúdico, de Wang e Cheng (1977) para justificar o porquê de uma mudança não poder ser foneticamente gradual: eles apontam para os casos de flip-flops, metáteses, epênteses, cancelamentos e mudanças no ponto de articulação, todas mudanças fonéticas discretas. Na verdade, não importa muito se foneticamente a mudança assume um caráter abrupto ou gradual; o que de fato diferencia ambos os modelos é a concepção difusionista de que é a palavra a unidade básica de mudança.

Pode-se dizer que, no paradoxo da mudança sonora exposto por Labov (1981), os termos abrupto e gradual são os centralizadores do próprio paradoxo, e se referem aos diferentes modos de se encarar a mudança, ou melhor, como as diferentes teorias lingüísticas as encaram. Ou seja, o que é abrupto e o que é gradual é algo quase inerente à mudança lingüística, mas difusionistas e neogramáticos enxergam a mesma dinâmica de dois pontos diferentes.

A mudança abrupta, na teoria Neogramática, indica mudança fonética, e ocorre no nível fonético de forma simultânea, regular. Assim, todos os sons no mesmo ambiente são simultaneamente afetados independentemente de qualquer outro fator (como o semântico, por exemplo). Labov (1981), em um trabalho desenvolvido em 1968 – (LYS – LABOV, YAEGER e STEINER) –, analisando o dialeto de Filadélfia (Estados Unidos), destaca que muitas características trazidas pelos dados o levaram para longe de uma abordagem difusionista, aproximando-o de uma neogramática. Para ele, três mudanças sonoras neogramáticas “são proeminentes e óbvias para nossa investigação”<sup>32</sup> (LABOV, 1981, p.275-6, tradução nossa):

1. Toda palavra em uma dada classe histórica é afetada. Ex.: o alçamento de /ohr/ (para a forma [u:ə]) não só envolve palavras como *door*, *four*, *more*, mas todo item lexical nesta classe que encontramos na fala espontânea, não importa se comum ou incomum, erudito ou vulgar. Labov diz ter encontrado evidências desse

---

<sup>31</sup> “his results leave no doubt that these sound changes proceeded with the word, not the phoneme, as the basic unit”.

<sup>32</sup> “are prominent and obvious to our inspection”.

processo em palavras como *born, forth, fort, horns, source*. O que ele quer indicar é a forte atuação do fator fonético na mudança, como aponta o modelo NG.

2. Essas mudanças parecem ser (foneticamente) graduais.
3. As mudanças em progresso mostram tipos detalhados de condicionamento fonético, com a não indicação de restrições gramaticais.

Ou seja, todas as características acima apontadas convergem para o argumento primordial do modelo NG (o único a assumir em trabalhos posteriores): a unidade básica de mudança é o som. Por outro lado, “se a palavra é a unidade fundamental da mudança, é porque algumas palavras sofrem a mudança por razões que não são fonéticas”<sup>33</sup> (LABOV, 1981, p.279, tradução nossa). E essa é uma concepção do modelo difusionista, no qual a mudança é transmitida de palavra para palavra, disseminada gradualmente pelo léxico (CHEN & WANG, 1975).

Bem, o paradoxo está, então, no fato de que Labov (1981) considera que alguns tipos de mudanças se dêem de acordo com o modelo NG (como exposto acima) e outras ocorram por DL, sem condicionamento fonológico. O exemplo difusionista que Labov (1981) apresenta é a passagem do /a/ de [frouxo] para [tenso] (a cisão de *short-a* em (æh) e (æ) (/a/ [tenso] e [frouxo])), um problema espinhoso da fonologia americana. Aí, o que temos é uma clara divisão no léxico. Há algumas palavras mudando e outras não. Labov (1981) apresenta três tipos de evidências que demonstram tal padrão:

1. As distribuições são imprevisíveis, ou seja, é impossível prever se palavras como “jazz” ou “wagon”, por exemplo, serão pronunciadas com /a/ [tenso] ou [frouxo].
2. A dificuldade de aquisição do “short *a* pattern”: não basta ser nascido na Filadélfia, é preciso ter, também, pais nascidos na cidade.<sup>34</sup>
3. Distinções categoriais das classes de “short *a*”, isto é, nem todos os itens lexicais que contêm o “short *a*” apresentam variação.

No trabalho de Labov (1981), há uma longa discussão sobre a mudança vocálica que acaba por situar o paradoxo (o que aqui nos interessa) em dois tipos de mudanças que

---

<sup>33</sup> “If the word is a fundamental unit of change, it is because some words undergo the change for reasons that are not phonetic”.

<sup>34</sup> “The only linguistic data which we must acquire from our parents, and cannot get elsewhere are the first dictionary entries. It seems reasonable to conclude that the short *a* pattern is such a set of dictionary entries. It seems reasonable to conclude that Philadelphia children acquire *mad* with an underlying tense vowel, *sad* with an underlying lax vowel.” (LABOV, 1981, p.289).

explicitam o âmago da diferença entre ambos os modelos. A primeira diz que a cisão de *short-a* é claramente um caso clássico de DL<sup>35</sup>, a segunda que a mudança das vogais de Filadélfia é um caso clássico de mudança sonora neogramática, acontecendo, assim, dentro dos parâmetros determinados por este modelo.

O paradoxo deixa, porém, dois problemas principais para o entendimento dos processos que envolvem a mudança sonora: (1) por que a mudança sonora se comporta de diferentes maneiras? (2) que efeitos esses diferentes modos causam na estrutura que emerge? Ambas as perguntas se relacionam intimamente com uma terceira pergunta, a que vem sendo discutida aqui: (3) como ambas as teorias concebem a mudança?

Se tentarmos responder essas questões partindo do mesmo ponto de vista de Labov (1981), o paradoxo ainda paira e nunca irá se dissipar, já que neogramáticos postulam a não susceptibilidade dos dados às exceções com relação às leis fonéticas (que, na verdade, representam tendências muito ‘fortes’ de um estágio ABC para um estágio ADC), e, quando essas ocorrem, são explicadas por analogia ou empréstimos. Já difusionistas, como Wang (1969), por exemplo, que analisando dados do chinês (de difícil controle) atestam que o caráter de regularidade não se sustenta, lidam com um modelo em que não faz muito sentido falar de exceções. E, de fato, no âmbito da teoria difusionista, boa parte dos problemas encontrados por Labov (1981) desaparece.

Enfim, a pergunta que Labov (1981) se faz é: se Wang e seus associados estão certos sobre a DL, e os neogramáticos estavam certos sobre o que conheciam acerca da mudança sonora, como podem ambos estar certos? Ele se propõe a resolver este paradoxo da seguinte forma: “nós localizamos a regularidade neogramática nas regras de reajuste fonético [*low-level output rules*], e a difusão lexical na redistribuição de classes de palavras abstratas em outras classes abstratas”<sup>36</sup> (LABOV, 1981, p.304, tradução nossa).

Labov (1981) pretende, portanto, demonstrar que certos processos de mudança se dão por DL, outros, ocorrem de acordo com as postulações neogramáticas. Assim, do ponto de vista NG, há, para Labov (1981), uma lei fonética que atua no componente fonológico de uma gramática gerativa, tal como a estabelecida por Chomsky (1965), ocasionando *regras de*

---

<sup>35</sup> “All vowels followed by voiced stops are lax, except for *mad*, *bad* and *glad* which are always tense. The three words involved are all common affective adjectives and so we might want to construct some kind of general rule to account for them. But *sad*, another common affective adjective, is lax along with all other short *a* words ending in /d/. This is massively regular for the entire Philadelphia speech community – a clear case of lexical diffusion arrested in mid-career at some point in the past.” (LABOV, 1981, p.286).

<sup>36</sup> “we have located Neogrammarian regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of an abstract word class into other abstract classes”.

*reajuste fonético*. As mudanças difusionistas se dão em um outro nível da gramática, o do léxico – são as mudanças fonológicas abstratas a que Labov (1981) se refere.

Já Oliveira (1991) admitindo ser a sua postura “mais radical” do que a de expoentes do modelo difusionista, como Chen & Wang, acredita que “não existem mudanças sonoras neogramáticas”, apesar de, em longo prazo, existirem “resultados neogramáticos”. Assim, em seu artigo *The Neogrammarian Controversy Revisited*, contrariou, além da hipótese neogramática, importantes teóricos, como Labov (1981), a quem faz uma referência direta. A proposta laboviana, como visto acima, assume uma postura “cautelosa” frente à questão, intermediária entre o modelo de DL e o NG.

Oliveira (1991) vale-se do trabalho de Viegas (1987)<sup>37</sup>, que discute o alçamento de vogais pretônicas no dialeto de Belo Horizonte, partindo de constatações empíricas para assumir tal postura. Baseia-se em dados que apresentam tanto [o] quanto [u] categóricos, como *comício* e *cumida*, *tomada* e *tumate*, *pomar* e *pumada*, e, ainda, [e] e [i] categóricos, como *mendigo* e *mintira*, *meninge* e *minino*, *semente* e *simestre*, *medita* e *midida*, entre outros exemplos. Todas essas são palavras diferentes, com comportamentos diferentes, em idênticos ambientes fonéticos. De sua análise dos fatos, parte das máximas “a palavra, e não o som, é que é a unidade básica de mudança” e “todas as mudanças sonoras são lexicalmente implementadas” para concluir que a mudança lingüística só pode ser explicada pelo modelo de DL.

Apresenta quatro argumentos para embasar essa postura: (1) há casos de mudanças sonoras que não se explicam pelo modelo NG; (2) propostas guiadas por preceitos neogramáticos, quando reanalisadas, mostraram-se, na verdade, difusionistas, mas não o contrário; (3) os casos que atualmente possuem um *status* de regularidade, apresentavam, no passado, condicionamento lexical; (4) como os neogramáticos analisavam o resultado final da mudança, sem controle das variantes A e B na mudança  $A \rightarrow B/C\_D$ , não se pode garantir que essa transição não tenha se dado de palavra em palavra. E é este o fator que mais distancia o autor de conclusões e proposições como a de Labov (1981).

Considerando que a implementação de uma mudança deve estar atrelada ao uso, Oliveira (1991, p.7), em “um caráter apenas especulativo”, porém guiado por trabalhos baseados em dados empíricos, destaca três fatores facilitadores e três inibidores de mudança sonora. Facilitando a mudança estão, em uma mudança do tipo  $A \rightarrow B/C\_D$ , por exemplo, que para os difusionistas ocorre de palavra em palavra, os fatores que consideram (1) o

---

<sup>37</sup> Segundo Oliveira (1991), Viegas (1987) chega a conclusões neogramáticas.

fonema A como pertencente a um nome comum, (2) A como parte de uma palavra própria de situações informais de fala, e (3) C e D como ambiente natural para B. Em contrapartida, dois dos fatores inibidores de mudança sonora são exatamente o inverso dos favorecedores, e, portanto, um diz que A pertence a nomes próprios<sup>38</sup> e o outro que A é parte de uma palavra própria de situações formais de fala. Já o terceiro fator, que não possui uma relação direta com os fatores facilitadores, se refere a não aceitabilidade de uma mudança sonora por uma classe social específica. O terceiro fator funciona, de fato, como um forte fator inibidor de mudança e é embasado por pesquisas sociolinguísticas como as de Kroch (1978), entre muitos outros, que constataram, entre muitas situações, o repúdio das classes mais altas às variantes originárias nas classes mais baixas. De qualquer forma, se a variante é bem aceita na comunidade, ou seja, se ela não recebe estigmas, esse trânsito se dá de forma muito mais “tranqüila”, o que acaba por fazer da aceitabilidade da mudança por uma parcela da comunidade um fator facilitador de mudança. Teríamos, assim, um quarto fator facilitador.

Enfim, demonstraram-se nesta seção os principais preceitos do modelo difusionista, aqui defendido, e os do modelo NG, seu opositor. A seção abaixo mostra alguns trabalhos que constataram DL em algumas línguas do mundo e, assim, tem como objetivo dar uma amostra do quanto o modelo difusionista se sustenta, e se comprova quando confrontado com dados empíricos.

### 3.3.1 *Evidências de Difusão Lexical*

O trabalho de Krishnamurt (1978) que, segundo Labov (1981), apresenta argumentos difusionistas incontestáveis, se dedica à investigação do deslocamento de apicais, uma inovação das línguas dravídicas faladas no Centro-Sul da Ásia (Telugu, Gondi, Konda, Kui, Kuvi, Pengo e Manda). Krishnamurt (1978) observou que a mudança não era implementada da mesma maneira e, mesmo que o item lexical preenchesse as condições estruturais para que essa mudança se efetivasse de fato, uns a sofriam e outros não. As palavras que mudaram primeiro foram as relacionadas aos conceitos fundamentais para a comunicação e a cultura

---

<sup>38</sup> Note-se que este é apenas um fator inibidor, o que não significa que o alçamento não ocorra. Tanto ocorre que Bortoni, Gomes e Malvar (1992), investigando o dialeto de Brasília, apontam casos de alçamento em nomes próprios, como *Subrado*, *Suariz*, *Gunçalves*, *Lianor*, *Biatrix*.

dos grupos tribais, como, por exemplo, *lua, sacrifício, fogo, mês, dois, entrar* (KRISHNAMURT, 1978, p.16).

Aponta o fator temporal influenciando na mudança lingüística, seguindo a mesma inclinação de Wang (1969, p.10, tradução nossa), “muitos tipos de mudança [...] requerem longos períodos de tempo para se difundirem através do tempo”<sup>39</sup>. Dessa forma, a mudança foi se espalhando pelo léxico e áreas geográficas ao longo do tempo, indo, de pouco em pouco (e não abruptamente, como prevêem os neogramáticos), abarcando mais itens lexicais e mais espaço físico.

Leslau (1969), pesquisando línguas etíopes, pauta-se pela freqüência, e analisa o porquê de determinadas mudanças fonéticas afetarem, primeiramente, as palavras mais freqüentes e só depois as menos freqüentes. Guiando-se pela intuição, o que, de certa forma, fragiliza esse tipo de análise, baseia-se nos aspectos culturais para determinar a freqüência da palavra. As palavras mais freqüentes dos dialetos etíopes, algumas de fundo religioso como *igreja* e *Deus* além de verbos como *dizer, saber, fazer, comer, vestir* e *poder*, foram, segundo Leslau (1969), as primeiras vítimas de mudanças fonéticas como aspiração, elisão, assimilação, encurtamento de segmentos, entre outras.

Em Shen (1990) também se encontra a idéia de que a freqüência é uma das determinantes da mudança sonora. Medindo a freqüência em um livro de freqüência de palavras publicado pelo Instituto de Línguas de Beijing, ele mostra a atuação da DL na fusão de vogais de Shanghai. A fragilidade do estudo de Shen (1990), apontada por ele mesmo, se deve a dois fatores: (1) os dados são de língua escrita, ignorando, por completo, a materialidade fonética e (2) o livro considera somente o Chinês Mandarim Padrão, as demais variantes lingüísticas foram deixadas de lado.

Para Shen (1990), contudo, não se pode dizer que as palavras mais freqüentes tenham sofrido a mudança primeiro, o que contradiz algumas análises (cf.: PHILLIPS, 1984 e HOOPER, 1976). O autor acredita que a freqüência da palavra é diretamente proporcional à porcentagem de falantes que utilizam formas que ainda não sofreram o processo de mudança. Yaeger-Dror (1995), que analisou as vogais de Montreal, segue a mesma linha de pensamento. Seus resultados revelam que a freqüência não é um fator determinante, pois as

---

<sup>39</sup> “many types of change [...] require long spans of time to diffuse across the lexicon”.

palavras mais freqüentes, como *coeurs* (corações), por exemplo, tiveram uma mudança tardia<sup>40</sup>.

Dirigindo-se ao português falado na cidade do Rio de Janeiro, a análise de Auler (1992) descreve os casos de aspiração do s pós-vocálico, uma variação tipicamente carioca. Específica a alguns itens lexicais, como *mermo* para *mesmo* e *mar* para *mais*, a variante aspirada é estigmatizada pelos falantes, sendo, dessa forma, mais presente entre os falantes de baixa escolaridade. Com entrevistas separadas por dois momentos distintos, a primeira em 1982 e a segunda em 1988, Auler (1992) atesta também a interferência do fator freqüência nesse processo fonológico. Ao contrário dos menos freqüentes, até 20 ocorrências, os itens lexicais mais freqüentes, ou seja, com mais de 40 ocorrências, segundo o padrão fixado por ela, são os que mais apresentaram a variante aspirada, tanto em 1982 quanto em 1988.

Oliveira (1992) propõe que uma palavra que possua os traços [+Comum], [-Elaborado] e [+Contexto Fonético Natural para Inovação] é afetada primeiro pela mudança (note-se que as proparoxítonas não possuem esses traços, sendo, aceita essa hipótese, mais protegidas). Para Oliveira (1992, p.40), não é o contexto fonético um condicionador de inovações, ele é, antes, um “respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais”. Assim, mesmo mudanças que não possuam condicionamento fonético são influenciadas pelo traço [+Comum]. Os exemplos dos quais Oliveira (1992) se utiliza dizem respeito à monotongação ([ou] → [o]). Em tese, independente do contexto em que o ditongo ocorra, ele é passível de sofrer monotongação, ou seja, qualquer ditongo [ou] pode virar [o], como *rouco* → *roco* e *ouvido* → *ovido*, entre muitos outros exemplos. Contudo, a mudança é inibida por palavras [+Eruditas] e [+Especializadas], como *grou*, e também as que recebem o traço [-Comum], como “Ourinhos, Rebouças, Moscou, Gouveia, Couto” (OLIVEIRA, 1992, p.37).

Gonçalves (1992), analisando os fenômenos de prótese e aférese (*acelofane* por *celofone*, *dianta* por *adianta*) no português falado no Rio de Janeiro, argumenta que fatores como classe gramatical, formalidade e freqüência do item podem atuar no desencadeamento da mudança. Quanto ao fator classe gramatical, o autor observa que “os verbos e adjetivos abrem as portas para a mudança, seguidos pelos substantivos, preposições e advérbios, nesta ordem” (GONÇALVES, 1992, p.71). Para analisar os dados, adotou alguns critérios de

---

<sup>40</sup> Por discordâncias como essas pode-se visualizar o quanto ainda há para ser estudado sobre os mecanismos que regem as mudanças lingüísticas, e a ordem em que as palavras são afetadas pela mudança é uma dessas questões ainda obscuras.

organização do corpus, sobre o quesito formalidade; por exemplo, correlacionou intuitivamente pares que se equivalem semanticamente, opostos pelos traços de formalidade, [+formal] e [-formal], como, entre outros exemplos, as oposições *suceder/acontecer*, *findar/acabar*, *surgir/aparecer*, itens respectivamente mais e menos formais.

A análise de Gonçalves (1992) demonstrou que os itens mais afetados por aférese são os [+formais], enquanto que os menos afetados são os [-formais]. Essa oposição, contudo, apresenta reais fragilidades. Calcada em critérios demasiados subjetivos, não se pode afirmar que um determinado item receberá um traço ou outro, isso porque o limite que separa a formalidade de uma oposição como *surgir/aparecer*, por exemplo, é muito tênue. A língua como um organismo vivo, portanto indissociável do contexto (essa dissociação, que é por vezes necessária, se dá apenas em caráter metodológico), nos oferece uma gama de situações a todo o tempo, e essas situações é que são de difícil controle<sup>41</sup>.

Ampliando a teoria difusionista para o nível da sintaxe, Mollica (1992) investiga os processos de queísmo e dequeísmo, ou seja, investiga as formas ‘∅ que’ e ‘de que’, que, conforme demonstrado em seu outro estudo (MOLLICA, 1989), se alternam em fronteiras de sintagmas, interligando sentenças. Expostos a uma análise “multivariacional quantitativa”, o queísmo foi mais propenso a ser utilizado por indivíduos de baixa escolarização e em situações informais, enquanto o dequeísmo é mais afeito a indivíduos com mais escolarização e “em situações de alto grau de tensão e formalidade discursiva” (MOLLICA, 1992, p.81). O interessante a se observar é que o processo de dequeísmo, recente na língua, é motivado pela hipercorreção, e, curiosamente, contraria a norma gramatical. A autora aponta para “uma “lógica” lexical” (MOLLICA, 1992, p.82) regulando ambos os processos, já que só alguns itens lexicais são afetados. Os fatores formalidade e frequência, que possuem uma íntima relação mútua, interferem na distribuição desses processos. O processo de queísmo ocorreu em palavras que receberam os traços [-formal] e [+frequentes] e o dequeísmo junto a palavras com traços [+formal] e, portanto, [-frequentes].

Já Bortoni, Gomes & Malvar (1992), investigando o alçamento das vogais pretônicas no dialeto “emergente” de Brasília, Distrito Federal, assumem uma postura intermediária entre ambos os modelos. Partindo de uma análise sincrônica nos moldes da sociolinguística

---

<sup>41</sup> O contexto situacional é, contudo, uma preocupação apenas de alguns níveis de gramática ou de algumas áreas da linguística, que seja, como a pragmática, a semântica, o discurso. Em uma pesquisa fonológica, por exemplo, esse contexto é relevante quando se pretende medir o grau de formalidade ou informalidade em que a variante foi produzida pelo falante. Caso contrário, ele é totalmente irrelevante. Enfim, o que estamos tentando dizer é que esse ignorar não inviabiliza as pesquisas científicas como um todo. Em qualquer área da ciência deve-se fazer um recorte metodológico do que se pretende analisar e, por vezes, o contexto não precisa ser levado em consideração.

laboviana, e diacrônica, concluem que alguns dos casos analisados são possíveis evidências de DL, tendo portanto condicionamento lexical, enquanto outros se enquadram nas explicações neogramáticas.

Entre as evidências neogramáticas estão a regra que conduz os processos de harmonização, o alçamento de /e/ e, também, a atuação analógica da morfologia derivacional nos processos variacionistas envolvendo ambos os fenômenos. As evidências difusionistas surgem de constatações apresentadas pelos dados, como a colocação feita pela autora, que diz que embora haja “motivação fonética para a alternância **e ~ i** e **o ~ u** na posição pretônica, o resultado final da mudança não é regular” (BORTONI, GOMES & MALVAR, 1992, p.26). Assim, “ambientes semelhantes” apresentaram “resultados diferentes no processo”, como prevê o modelo difusionista.

Em busca de um condicionamento lexical, as autoras comparam três momentos da Língua Portuguesa, o latim, o português arcaico e contemporâneo falado no Brasil, e identificam os diferentes caminhos percorridos pelas vogais médias pretônicas. Enquanto umas mantiveram a variação vogal média ~ vogal alta, outras fixaram-se em [e] e [o] ou [i] e [u] categóricos. Atestam ainda que “os dados parecem sugerir que a variação de vogais pretônicas no português arcaico era motivada foneticamente, mas implementava-se lexicalmente” (BORTONI, GOMES & MALVAR, 1992, p.26). Para elas, “aqueles itens que impediram que a mudança atingisse a regularidade, situando todos os itens léxicos com os mesmos ambientes na mesma classe, continuam obscuros” (BORTONI, GOMES & MALVAR, 1992, p.26).

### **3.4. Considerações Finais**

Este capítulo foi, basicamente, dividido em três partes básicas. As duas primeiras descreveram o dissenso entre os modelos DL (CHEN & WANG, 1975; WANG, 1969; OLIVEIRA, 1991, 1992; PHILLIPS, 1984, 1998; KHRISHNAMURTI, 1978) e NG (PAUL, 1886; OSTHOFF & BRUGMANN, 1969, entre outros). Tal dissenso encontra, neste estudo, a comprovação de uma das principais hipóteses que guiam este trabalho: a língua muda por DL. Na segunda parte, descreveu-se a maneira como o modelo difusionista concebe a mudança lingüística e, na primeira parte, a maneira como o modelo NG a concebe, por este se opor ao modelo da DL, que, na verdade, pretende revê-lo.

A descrição da segunda parte centrou-se na oposição de duas opiniões diferentes, a de Labov (1981) e a de Oliveira (1991). Apesar de ambas possuírem um caráter difusionista, a proposta de Labov assume que ambos os modelos possam estar corretos, porém operando em níveis diferentes, e, dessa forma, admite os preceitos difusionistas apenas em parte. Já para Oliveira todas as mudanças se difundem pelo léxico de forma gradual, ou seja, se dão de palavra em palavra, como prevê o modelo difusionista. Nessa perspectiva, a regularidade de hoje é o resultado de uma mudança que já se difundiu pelo léxico, e que apenas cria uma falsa aparência de que essa mudança se deu abruptamente. Calcados em fortes argumentos teóricos e possuindo renomados adeptos até os dias de hoje, os fundadores do modelo NG, uma das escolas que mais deu certo na lingüística, analisavam a mudança justamente quando já havia se difundido integralmente pelo léxico. Talvez em vista da inclinação teórica da época ou talvez pela precariedade dos recursos tecnológicos então disponíveis, que os possibilitassem uma alternativa melhor de análise. Na terceira parte deste capítulo, foram apresentados alguns trabalhos (alguns utilizando modernos recursos) que, forneceram evidências de mudanças implementadas no léxico de forma gradual, motivadas pela formalidade ou pela frequência, em sua maioria.

Enfim, abordou-se aqui uma parte da problemática envolvendo as concepções desses modelos quanto à mudança lingüística, talvez a parte principal. A questão é saber se ambos os modelos, que são de fato antagônicos, podem realmente ser conciliados, como propôs Labov (1981), ou se apenas um está correto, e “não existem mudanças sonoras neogramáticas” (OLIVEIRA, 1991, p.7), como propôs Oliveira (1991). Comentando a hipótese deste autor, Bortoni, Gomes & Malvar (1992) apontam que “uma hipótese dessa amplitude merece ser testada com outros fenômenos” (BORTONI, GOMES & MALVAR, 1992, p.27), estando “à espera de outros trabalhos que certamente virão”. (BORTONI, GOMES & MALVAR, 1992, p.28). E testar essa hipótese é o que se pretende neste trabalho.

E mesmo que os resultados aqui encontrados confirmem a hipótese de Oliveira (1991), nossas conclusões se darão apenas no nível da propagação da mudança; as causas que a originam permanecem como um grande problema da ciência fonética (LABOV, 1980). Na verdade, apesar dos grandes avanços da lingüística atual, em especial após os anos 60, com as contribuições (complementares, apesar das divergências) de gerativistas e sociolingüistas, a afirmação de Bloomfield ([1933] 1970, p.386, tradução nossa) ainda continua atual, “as

causas da mudança sonora são desconhecidas”<sup>42</sup>. O fato é que não restaria um lingüista sequer se a língua nos propusesse o mesmo dilema da esfinge de Gisé, *decifra-me ou devoro-te*.

---

<sup>42</sup> “the causes of sound change are unknown”.

## 4 MODELO FONOLÓGICO

### 4.1 Introdução

Neste capítulo, serão apresentadas, em um primeiro momento, as principais premissas e os principais pilares nos quais se sustenta a teoria aqui eleita, a Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993/2002; MCCARTHY & PRINCE, 1993, 1995; MCCARTHY, 2002). Essa apresentação é importante para que, num segundo momento, se resenhe, mais detalhadamente, as propostas de Magalhães (2004), Oliveira & Lee (2006) e Oliveira (2006), todas propostas nacionais e que, não só por esse motivo, já suficientemente forte, aqui merecerão destaque. As análises de Hyde (2001), Teoria Restritiva do Acento, e de McCarthy & Prince (1993), Alinhamento Generalizado, serão também apresentadas. Ambas constituem as bases da proposta de Magalhães (2004).

### 4.2 Justificativa de Escolha

Com o intuito de referir-se à *gramática* das línguas naturais e adotada, de imediato, pelos fonólogos, a teoria utilizada nesta pesquisa será a Teoria da Otimalidade (TO), também conhecida por Teoria da Otimidade ou, em menor escala, Optimalidade e Otimização. Esta não é uma teoria puramente fonológica, mas antes aplicada aos diferentes níveis da gramática (como o morfológico e o sintático) e áreas do estudo lingüístico (aquisição e processamento de linguagem, por exemplo). No entanto, a escolha de uma teoria específica não implica a completa renúncia de outras precedentes, também não lineares, já que os preceitos de teorias como a Fonologia Métrica e Autossegmental, por exemplo, imbricam-se por vezes à TO.

Cabe salientar que a Otimalidade é uma teoria nova, inicialmente proposta em 1993 por Prince & Smolensky e McCarthy & Prince, e, apesar de já encontrar um grande volume de trabalhos em várias línguas naturais e de adeptos que dela fazem uso, vem passando por constantes reelaborações e reformulações. A TO fornece, contudo, uma aplicabilidade teórica interessante, e por isso foi aqui eleita. Lapidada, ela é capaz de dar conta, até certo ponto, da maioria dos fenômenos que envolvem variação lingüística, coisa que as teorias antecedentes

encontram grandes dificuldades em fazer. As variações intra-dialetais e intra-individuais ainda constituem um desafio para qualquer teoria.

Para Cagliari (2002, p.133), a TO é um modelo extremamente “simples”, com poucas restrições envolvidas, mas com enorme potencial aplicativo, “o que a torna, no final das contas, um modelo extremamente complexo”. Tem como idéia central o que Kager (1999) bem coloca: “surface forms of language reflect resolutions of conflicts between competing demands or *constraints*”. Para melhor embasar a afirmação de Kager (1999), e apresentar, de fato, a teoria, encontram-se a seguir os principais preceitos e mecanismos da TO *Standard*, bem como considerações sobre a natureza das restrições e os impactos que essas restrições, quando relacionadas, podem produzir na gramática das línguas. Essa apresentação é crucial para que se possam compreender as análises subseqüentes, todas produzidas no Brasil e dirigidas não só ao PB, todas fundamentadas na Otimalidade.

#### **4.3 A Teoria da Otimalidade *Standard*: Estrutura e Funcionamento**

Para a Fonologia Gerativa ou Teoria Derivacional (CHOMSKY & HALLE, 1968), é a partir da representação subjacente (compartilhada por todos os dialetos de uma mesma língua), fonêmica por essência, que se chega, por meio de regras fonológicas ordenadas, à forma de superfície de uma língua. Isso significa que para que uma palavra com uma representação subjacente como *manu*, por exemplo, possa emergir como *mão*, é necessário que se apliquem, em uma seqüência invariável, regras específicas que possam conduzir, passo a passo, o item lexical do *input* ao *output*. E cabe lembrar que uma regra enquadrada em uma abordagem gerativista assume um caráter taxativo quanto ao que postula, ou seja, não admite variações em seu âmago; ela é o que dita ser.

Contrariando esse processo seqüenciado, o adotado pelas teorias derivacionais, a Otimalidade, uma teoria centrada nas formas de superfície, se configura por ser uma teoria baseada em restrições avaliadas em paralelo, não havendo, assim, regras fonológicas que determinem a forma de superfície correta de uma representação subjacente qualquer. A estrutura de superfície passa a ser, então, instituída por meio de restrições universais, porém violáveis, que se organizam em uma hierarquia determinada. Dessa forma, o *input* deixa de

ser o protagonista, como previam as teorias derivacionais, passando o estandarte ao *output* e é nele que as restrições se centram<sup>43</sup>.

A Otimidade é, então, uma teoria voltada para o *output*, e é essa característica, somada ao fato de que a TO não trabalha com a formulação de regras propriamente ditas, e sim com restrições (já preconizadas por modelos fonológicos anteriores), que essencialmente a diferencia de outras teorias fonológicas. Contudo, o fato de centrar-se no *output* não implica o completo abandono dos *inputs* que, inerentes ao léxico, contido por “todas as propriedades contrastivas de morfemas (raízes, desinências e afixos) da língua, incluindo as propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas”<sup>44</sup> (KAGER, 1999, p.19, tradução nossa), constituem, ao menos no nível representacional da teoria, o ponto de partida dos dois mecanismos que, tendo em vista o mecanismo **CON** (*constraint*, conjunto de restrições que compõe a gramática universal), nos levarão aos candidatos ótimos de uma língua específica.

O primeiro deles é o **GEN** (*generator*, gerador), que expõe um *input* determinado a um mecanismo gerador de *outputs* em potencial. O **GEN**, que corporifica a intuição do investigador, conhecedor de sua língua<sup>45</sup>, é responsável por gerar formas de *outputs* logicamente possíveis de itens lexicais ou sentenças que concorrerão à posição de candidato ótimo, que, na TO *standard*, é preenchida por um só candidato. Para esse mecanismo, a “Freedom of Analysis” é uma propriedade crucial e é a que lhe confere uma certa liberdade para gerar candidatos a *input*<sup>46</sup>. Essa propriedade garante à teoria que restrições não ajam sobre o *input* (o que a igualaria, de certa forma, às teorias derivacionais). Os candidatos possíveis são, assim, eleitos, assim como os relativamente idiossincráticos; já os totalmente impossíveis são eliminados, pois a única exigência da “Freedom of Analysis” é que os candidatos gerados sejam “elementos lícitos dos vocabulários universais das representações

---

<sup>43</sup> Um dos avanços da TO em relação às abordagens que a antecedem é o fato de que, para essa teoria, ao contrário dos modelos seriais, o *output* é atingido pela ação direta da hierarquia de restrições. Torna-se, assim, dispensável a adoção de regras fonológicas que, muitas vezes, assumem um caráter tendencioso, conduzindo, de forma nem sempre lícita, uma forma subjacente à forma de superfície não-marcada, provocando, em certas ocasiões, uma super-geração de regras, o que sobrecarregou tais modelos.

<sup>44</sup> “all contrastive properties of morphemes (roots, stems, and affixes) of a language, including phonological, morphological, syntactic, and semantic properties”.

<sup>45</sup> Uma das idéias que dão corpo ao mecanismo **GEN** é a que Perini (2006, p.14) bem coloca: “o falante de uma língua conhece, ainda que implicitamente, os fatos dessa língua, e portanto tem autoridade para fazer julgamentos de aceitabilidade.”

<sup>46</sup> Neste modelo, não existe nenhuma restrição agindo sobre o *input*, o que expressa o princípio da “*Richness of the Base*”.

lingüísticas”<sup>47</sup> (KAGER, 1999, p. 20, tradução nossa). A seguir, o mecanismo **GEN** submete os candidatos a um mecanismo de avaliação chamado **EVAL** (*evaluator*, avaliador).

Com a função de avaliar os candidatos selecionados pelo mecanismo **GEN**, tem-se o mecanismo **EVAL**, que, de acordo com a ordem de exposição aqui adotada, se apresenta como um segundo mecanismo da gramática ótima, essa considerada como “um mecanismo *input-output* que emparelha uma forma de output com um a forma de input”<sup>48</sup> (KAGER, 1999, p.18, tradução nossa). Ao confrontar-se com o conjunto de candidatos selecionados por **GEN**, o mecanismo **EVAL** seleciona a forma de *output* ótima. Kager (1999, p.20, tradução nossa) define **EVAL** como sendo “o componente central da gramática”<sup>49</sup>, pois cabe a ele explicar “todas as regularidades observáveis das formas de superfície”<sup>50</sup>. Observada a liberdade de geração exercida por **GEN** e tendo em vista o ranqueamento das restrições de uma dada língua ou dialeto, cabe a **EVAL** produzir o *output* ótimo. Esse será o vencedor da concorrência, o candidato *mais harmônico*, ou seja, é o que menos viola restrições, observando-se o conjunto das restrições e, principalmente, a hierarquia dessas restrições.

Formulados por Prince & Smolensky (1993), entre os princípios que regulam os mecanismos acima expostos (**CON**, **GEN** e **EVAL**) estão o da *universalidade* (*universality*) – restrições são universais, e este princípio se baseia no fato de o trato vocal dos seres humanos, assim como o sistema cognitivo, ser o mesmo em essência; o da *violabilidade* (*violability*) – “todas as restrições gramaticais são violáveis”<sup>51</sup> (PRINCE & SMOLENSKY, 1993, p.191, tradução nossa), o que implica dizer que alguns candidatos podem satisfazer uma restrição X, mas certamente violarão uma restrição Y em algum ponto; o do *ranqueamento* (*ranking*) – levando-se em conta que restrições são hierarquicamente organizadas (a língua ou dialeto fornece a hierarquia), viola-se uma restrição mais baixa (*lower-ranked*) para não violar uma mais alta (*higher-ranked*); o da *inclusividade* (*inclusiveness*) – não se pode incluir estratégias de reparo – a análise dos candidatos, compostos apenas de expressões lingüísticas, é feita pelas condições de boa formação estrutural; e, enfim, o princípio do *paralelismo* (*parallelism*) – os candidatos são avaliados em paralelo<sup>52</sup>.

<sup>47</sup> “licit elements from the universal vocabularies of linguistics representation”.

<sup>48</sup> “an *input-output mechanism* that pairs an output form to an input form”.

<sup>49</sup> “the central component of the grammar”.

<sup>50</sup> “all observable regularities of surface forms”.

<sup>51</sup> “all grammatical constraints are violable”.

<sup>52</sup> Este princípio é um dos que diferencia a TO da Fonologia Gerativa Clássica ou Transformacional, e exclui a possibilidade, ou a necessidade, melhor dizendo, de se estabelecer representações derivadas para se chegar a uma representação de superfície.

Assim, partindo de alguns desses princípios, o mecanismo **EVAL** seleciona o candidato ótimo. Como dito anteriormente, o candidato ótimo será, então, o mais harmônico, aquele que menos violar restrições, obedecendo ao princípio do ranqueamento, que diz que “a gramática (cujo único objetivo é selecionar um output ótimo) deve se decidir por um candidato que possui a violação da restrição ranqueada mais baixo [*lower-ranked*]”<sup>53</sup> (KAGER, 1999, p.16, tradução nossa). Ou seja, considerando que todas as restrições são violáveis, viola-se uma restrição *lower-ranked* para não se violar uma *higher-ranked*. O que tem de ficar claro é que “output candidatos perfeitos nunca ocorrerão em nenhum tableau”<sup>54</sup> (KAGER, 1999, p.16, tradução nossa).

Enfim, de acordo com o funcionamento proposto pela TO, considerando-se a existência de um conjunto universal e inato de restrições violáveis (**CON**), temos para um dado *input* lexical a função **GEN**, que, obedecendo a Riqueza da Base, é responsável por gerar um número potencialmente infinito de possíveis candidatos a *output*, que serão posteriormente analisados por **EVAL**, que produz a forma de *output*. Assim, o ordenamento das restrições na gramática determinará o candidato a *output* vencedor em função do número de violações menos sérias feitas por cada candidato.

#### 4.4 As Restrições na TO

Um dos pontos-chave da TO, se não o ponto-chave, é como essa teoria concebe a Gramática Universal (GU). Diferente da Teoria Derivacional, a GU representa, para a Otimalidade, um conjunto universal de restrições que tem como meta expressar a exigência de boa formação do *output*. A função **CON** corporifica o conjunto dessas restrições, hipoteticamente inerente às gramáticas de todas as línguas.

Quando em conflito, essas restrições traduzem a gramática de uma língua específica, cada qual com seu ordenamento. Então, se a gramática de uma língua X é determinada pelo ranqueamento  $R1 \gg R2 \gg R3 \gg R4$ , na língua Y a gramática pode ser determinada por uma diferente ordem dessas mesmas restrições, por exemplo,  $R3 \gg R1 \gg R2 \gg R4$ ,  $R2 \gg R4 \gg R1 \gg R3$ , ou qualquer outra ordenação possível de se estabelecer.

<sup>53</sup> “the grammar (whose only goal is selecting an optimal output) must settle for a candidate that has a violation of a lower-ranked constraint”.

<sup>54</sup> “perfect output candidates will never occur in any tableau”.

Assim, as várias restrições que integram um sistema lingüístico apresentam-se ordenadas entre si. Esse ordenamento refletirá o que é mais fácil e mais natural de ser produzido pelo falante em um determinado momento do seu desenvolvimento, refletirá o **padrão não marcado** da língua. A gramática interna fará a escolha do melhor *output*, considerando os inúmeros candidatos à forma de superfície, e a seleção ocorrerá em função das posições que as restrições envolvidas na possibilidade de emergência de uma determinada estrutura (forma fonológica) ocupam no ranqueamento do sistema em análise. Entre os *outputs* concorrentes, será vencedora a forma que acarretar a violação menos custosa ou mínima das restrições; isso se deve, como visto na seção anterior, à necessidade de manutenção de um máximo de harmonia. Cada elemento do conjunto de candidatos a *output* é avaliado (em paralelo) por todas as restrições que compõe a gramática, de forma que o candidato que violar menos será escolhido como ótimo.

Restrições são, então, mais do que um importante instrumento, são os pilares da TO. Elas são solicitações estruturais que podem ser satisfeitas ou violadas por uma dada forma de *output*, mas que estão intrínseca e constantemente em conflito. Dessa forma, as várias gramáticas particulares existentes, tanto entre os falantes de uma mesma língua (caso a ordenação se refira a dialetos) quanto das diferentes línguas do mundo, seriam, como visto, diferentes hierarquizações de um conjunto universal de restrições e o arranjo específico dessas restrições caracteriza uma determinada gramática, representada pelo tableau.

O tableau é o nível representacional da teoria. Em uma tabela, os candidatos a *output* encontram-se na vertical, e, na horizontal, estão as restrições, expostas em uma ordem hierárquica determinada. O candidato ótimo, selecionado nos termos expostos acima, é representado por um símbolo manual indicativo ( $\mathcal{E}$ ), as restrições fatais são simbolizadas por um ponto de exclamação seguido de um asterisco (!\*), as não fatais apenas por um asterisco (\*).

#### 4.4.1 Restrições: Natureza e Relações Intrínsecas

Entre os instrumentos propostos pela Otimalidade cabe destacar, enfim, aqueles que dizem respeito à natureza das restrições (protagonistas deste modelo) e as relações entre elas. Quanto à natureza das restrições, destacam-se, segundo Levelt (1996), três grandes blocos:<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> A quantidade, o nome, o tipo e a função das restrições utilizadas diferem entre os autores, sendo consistente, no entanto, o uso das restrições de **marcação** e de **fidelidade**.

(1) – (a) As **Restrições de Alinhamento**: são restrições que exigem simultaneidade dos limites das categorias prosódicas, morfológicas ou fonológicas, como **ALING** (Labial, Esq, PalPros, Esq), que significa a ocorrência do segmento labial mais à esquerda no limite esquerdo da palavra prosódica.

(b) As **Restrições de Fidelidade**: exigem fidelidade entre *input-output*<sup>56</sup>. Restrições deste tipo buscam, primordialmente, a identidade entre *input* e *output*. Esse grupo de restrições serve a duas funções comunicativas básicas: a) preservação de contrastes lexicais e b) diminuição das possibilidades de variação de forma, aproximando ao máximo o *output* do *input*. São exemplos dessas restrições a que exige que cada segmento no *input* deva ter uma correspondência no *output*, ou seja, proíbe apagamento (MAX-IO), e a que exige que segmentos extras não devam ser inseridos, proibindo epêntese (DEP-IO).

(c) As **Restrições de Marcação**: cegas ao *input*, são restrições voltadas para o *output* e exigem que o candidato seja o mais perfeito possível do ponto de vista estrutural e solicitam estruturas fonologicamente não-marcadas no *output*. Restrições que evitam a presença de certas estruturas, por exemplo, **NoCODA**, ou as complexidades dessas, como **NOTCOMPLEX** (Onset), **NOTCOMPLEX** (Nucleus), **NOTCOMPLEX** (Coda), são exemplos de restrições de marcação.

Quanto às relações possíveis entre as restrições estão:

(2) – (a) A **Relação de Estringência**: quando uma restrição mais geral engloba outra específica, sendo que violações à restrição mais geral sempre implicam violações à restrição mais específica, mas não o contrário.

(b) A **Limitação Harmônica** (*harmonic bounding*): há um “vencedor sem concorrência” que limita todos os outros candidatos por sua perfeita harmonia. Aí, deve-se levar em conta o que aponta McCarthy (2002): violações nunca podem ser gratuitas.

(c) A **Relação de Transitividade** (*transitivity*): a transitividade existe quando há a ausência de um argumento da língua para o ranqueamento direto entre restrições do tipo R1 e R3, não ranqueadas entre si. Ou seja, pode-se deduzir que  $R1 \gg R2 \gg R3$  a partir de R2, já que  $R1 \gg R2$  e  $R2 \gg R3$  (o que não se sabe é se  $R1 \gg R3$ ).

---

<sup>56</sup> Há casos, como os de opacidade, casos esses problemáticos para a TO, em que a fidelidade é requerida no nível do *output*, ou seja, exige-se correspondência *output-output*. Mas esses não serão aqui abordados.

## 4.5 O Tratamento do Acento em TO: Alinhamento Generalizado e Teoria Restritiva do Acento

### 4.5.1 Alinhamento Generalizado (MCCARTHY & PRINCE, 1993)

Entre as restrições utilizadas para explicar o sistema de acento das línguas, há um grupo de substancial importância introduzido pela teoria do Alinhamento Generalizado (AG) de McCarthy & Prince (1993). O AG requer a coincidência entre bordas e constituintes (especialmente o pé, a sílaba ( $\sigma$ ), a mora ( $\mu$ ) e a palavra fonológica ( $\omega$ ))<sup>57</sup>. É como se o sistema acentual das línguas tendesse ao equilíbrio dos constituintes entre o lado direito e o esquerdo. Assim, as restrições de alinhamento exigem que toda parte deva possuir sua contraparte (imagem espelho). Algumas restrições relativas ao pé e a palavra prosódica são propostas pelo AG como em (3):

(3) **ALIGN-R: Align (Ft, R, PrWd, R):** Alinhe a borda **direita** de cada pé com a borda **direita** de alguma palavra prosódica.

**ALIGN-L: Align (Ft, L, PrWd, L):** Alinhe a borda **esquerda** de cada pé com a borda **esquerda** de alguma palavra prosódica.

**ALL-FOOT-LEFT (ou ALIGN-L):** todo pé deve estar à **esquerda** da palavra prosódica.

**ALL-FOOT-RIGHT (ou ALIGN-R):** todo pé deve estar à **direita** da palavra prosódica.<sup>58</sup>

### 4.5.2 Teoria Restritiva do Acento (HYDE, 2001)

A Teoria Restritiva do Acento (TRA) de Hyde (2001) critica justamente essa simetria requerida pelo AG. Para Hyde (2001), o modelo de McCarthy & Prince (1993) gera sistemas não atestados na língua, pois há evidências empíricas de sistemas trocaicos alinhados à direita e à esquerda (línguas *Cavinena*, *Nengone*, *Warao* e *Yakan* à direita e *Pintupi* à esquerda), de sistemas iâmbicos alinhados à esquerda (*Araucaniano* e *Wangkumara*), mas não à direita.

<sup>57</sup> De acordo com Nespor & Vogel (1986), temos a seguinte hierarquia (os constituintes prosódicos em negrito, acrescidos da categoria mora, são os que importam, neste trabalho): Enunciado >> Frase Entonacional >> Frase Fonológica >> Grupo Clítico >> **Palavra Fonológica** >> **Pé** >> **Sílaba**.

<sup>58</sup> Meus Grifos.

Propondo uma teoria que dê conta apenas dos padrões acentuais lícitos da língua, a TRA se propõe a utilizar condições e restrições que possam gerar tais padrões.

Para cumprir esse objetivo, Hyde (2001) estabelece condições, que assumem um papel importante no funcionamento do modelo e, conseqüentemente, na restrição dos padrões acentuais gerados pelo AG. As condições têm o objetivo de barrar o elemento lingüístico que não se enquadre em suas exigências. Sendo invioláveis sobre **GEN**, nem todas as formas possíveis da língua chegam a ser um candidato legítimo a *output*. Os candidatos de fato são, portanto, os que satisfazem ao crivo dessas condições.

Implacáveis e irrestritas, as condições (e restrições) da TRA exigem que cinco medidas básicas sejam tomadas: **(a)** afrouxar da relação um-a-um entre pés e acento; **(b)** obediência total à hierarquia prosódica; **(c)** estabelecer uma direcionalidade de alinhamento diferente da traçada pelo AG; **(d)** configurar tipos de pés independentes e **(e)** dar condições de o modelo gerar apenas candidatos com configurações métricas prováveis.

A primeira das medidas que separa o modelo de Hyde (2001) do de McCarthy & Prince (1993) é a negação da relação da *correspondência um-a-um* entre pés e o acento (cada pé com seu acento). E negar essa correspondência implica o afrouxamento dessa relação, ou seja, implica a interseção de pés, o que significa que pés podem compartilhar sílabas. Para atender **(a)**, Hyde (2001) abandona a representação por parênteses, específica à relação um-para-um entre pé e acento. Com isso, a marcação dos limites dos pés passa a ser feita pelos símbolos | (indicando o cabeça) e as barras inclinadas indicando a proeminência à esquerda (troqueu) ou à direita (iâmbico).

Para satisfazer **(b)**, substitui-se **PARSE- $\sigma$** <sup>59</sup>, restrição violável no AG, por uma *Condição de Sucessão Estrita*. Essa condição implica uma espécie de ‘aglutinação’ hierárquica obrigatória entre os constituintes prosódicos. E é exposta por Hyde (2001) como em **(5)**:

- (5) STRICTSUCCESSIONCONDITION:** Cada categoria prosódica de nível  $n$  ( $\neq$  do nível máximo) é imediatamente dominada por uma categoria prosódica de nível  $n + 1$ .<sup>60</sup>

<sup>59</sup> **PARSE- $\sigma$** : toda sílaba deve ser escandida. Assim, essa restrição exige que toda sílaba deva fazer parte de um pé, não sendo, então, ligada diretamente à palavra prosódica. Traduzido para o plano da representação, ao menos nas propostas que utilizam símbolos para determinar o limite dos pés, isso significa que toda sílaba venha delimitada por parênteses.

<sup>60</sup> Essa condição determina que a escansão da sílaba seja realizada de forma exaustiva, sempre iterativa.

Considerando os constituintes que integram o item lexical, tem-se, em ordem crescente, a hierarquia *moras – sílabas – pés – palavras prosódicas*. O que (5) determina é que moras sejam constituintes de sílabas, sílabas constituintes de pés e pés constituintes de palavra prosódica, e que o maior constituinte prosódico não é, obviamente, dominado por ninguém. A *Sucessão Estrita* exclui, então, qualquer possibilidade de um item lexical ser considerado candidato a *output* com uma de suas sílabas não escandidas (o que é permitido pelo AG). O fato de sílabas sempre terem de pertencer a um pé deixa a teoria limitada a apenas dois padrões de alinhamento, ao passo que para o AG há quatro padrões (diferença que satisfaz (c)). Vejamos como essa diferença se configura:

(6) (a) Sistema trocaico alinhado à direita (*Warao*):

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ \sigma(\sigma) & (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma) \end{array}$$

(b) Sistema trocaico alinhado à esquerda (*Pintupi*):

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma)\sigma \end{array}$$

(c) Sistema iâmbico alinhado à esquerda (*Araucaniano*):

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma)\sigma \end{array}$$

(d) Sistema iâmbico alinhado à direita (não atestado):

$$\begin{array}{ccc} x & x & x \\ \sigma(\sigma) & (\sigma\sigma) & (\sigma\sigma) \end{array}$$

Essas seriam as possíveis direcionalidades de alinhamento para o AG. Para a TRA, contudo, as formas acima não seriam nem consideradas candidatas a *output*, pois ferem a condição exposta em (5) por deixarem uma sílaba sem ser escandida. Os padrões de alinhamento são, para Hyde (2001), os de extrema direita e os de extrema esquerda<sup>61</sup>, e, assim, a TRA exclui a existência de um sistema trocaico alinhado à direita e um sistema iâmbico alinhado à esquerda, como no exemplo abaixo:

<sup>61</sup> Aqui, a posição dos cabeças dentro dos pés determina a direção do alinhamento, o que implica na substituição de restrições tradicionais do AG, como **ALIGN-FT-R/L**, por restrições do tipo:

a - **HDS-RIGHT** ou **ALIGN (FT-HD, R, PRWD, R)**: a borda direita de cada cabeça de pé é alinhada com a borda direita de alguma palavra prosódica. (HYDE, 2001, p.20).

b - **HDS-LEFT** ou **ALIGN (FT-HD, L, PRWD, L)**: a borda esquerda de cada cabeça de pé é alinhada com a borda esquerda de alguma palavra prosódica. (HYDE, 2001, p.20).

- (7) (a) À esquerda (troqueu) (b) À direita (iâmbico)
- |  |  |
|--|--|
| $\begin{array}{c} x \quad x \quad x \\ (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) \end{array}$                  | $\begin{array}{c} x \quad x \quad x \\ (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) \end{array}$                  |
| $\begin{array}{c} x \quad x \quad x \quad x \\ (\sigma) (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) \end{array}$ | $\begin{array}{c} x \quad x \quad x \quad x \\ (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) (\sigma \sigma) (\sigma) \end{array}$ |

Para satisfazer a medida (**d**), e configurar tipos de pés independentes dos gerados pelo AG, Hyde (2001) se vale da condição **FOOTCAP**. Agindo sobre os tipos de pés possíveis, a condição **FOOTCAP** exclui a possibilidade de emergirem, como candidatas, formas que contenham pés com mais de duas sílabas (como os ternários e ilimitados). Para o AG pés podem ser ilimitados, já para a teoria de Hyde (2001) pés devem ser maximamente binários, como exige (**8**):

- (8) **FOOTCAPACITY CONDITION:** pés são maximamente dissilábicos.<sup>62</sup>

O fato de essa condição não fazer alusão a um tamanho mínimo possibilita, em tese, que pés monomoraicos, trocaicos ou iâmbicos, sejam livremente gerados. Restrições assimétricas como **TROCHEE** e **ILENGTH**<sup>63</sup> inibem, de certo modo, essa liberdade de geração. Tais restrições são consideradas assimétricas por não terem uma contraparte, como as de alinhamento. **TROCHEE** é a restrição que cria um elemento descendente (ou seja, dependente à direita) e se dirige à categoria sílaba dentro do pé. Já a restrição **ILENGTH**, mais específica, exige que, dentro do domínio do pé, as moras se alternem e uma seja associada a uma marca de grade e a outra não. **TROCHEE** é definida por Hyde (2001) da seguinte forma:

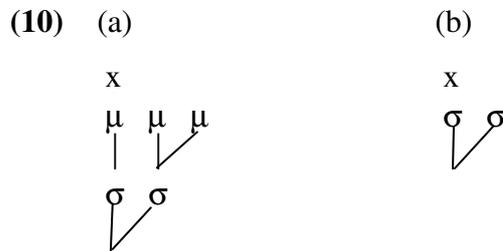
- (9) **TROCHEE** ou **NONFIN (Ft-GM, Syll, Ft)**: cada marca de grade no nível do pé tem uma *categoria silábica descendente* (sílabas desprovida de marca de grade à direita de cada sílaba associada a uma marca de grade) dentro do domínio do pé (HYDE, 2001, p.234).

Assimétrica por natureza, a restrição **TROCHEE** fornece meios de se um produzir um padrão trocaico sem a sua contraparte, ou seja, sem que haja uma restrição que produza pés

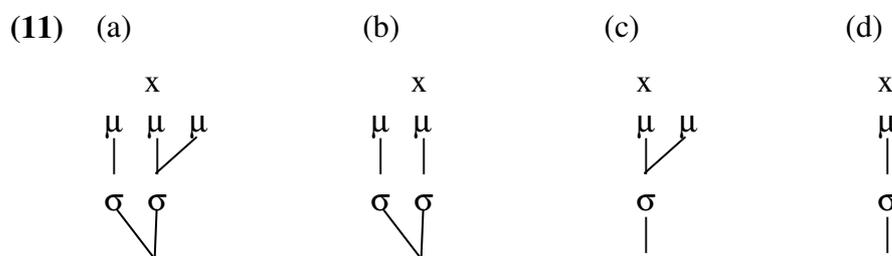
<sup>62</sup> Essa condição exclui a necessidade de uma restrição como **FTBIN**.

<sup>63</sup> Essas restrições são consideradas restrições assimétricas e **NONFINALITY**.

iâmbicos. Configurações como as apresentadas em (10), por exemplo, por constituírem pés troqueus, satisfazem essa restrição:



Ao passo que as configurações em (11) a violam:



**TROCHEE**, como definido pela TRA, exigirá que dentro do pé haja sempre uma sílaba sem qualquer marca de grade à direita de outra sílaba associada a uma marca. Essa restrição exige, então, que se tenha no pé uma categoria descendente (à direita), o que elimina pés iâmbicos, tanto os canônicos, como o do exemplo (a), quanto os não-canônicos, como o do exemplo (b). Por exigir a presença de duas sílabas na configuração métrica, essa restrição garante, também, a minimalidade da palavra com respeito ao número de sílabas, haja vista a eliminação de todos os pés monossilábicos (como se observa nos exemplos (c) – pé monossilábico composto por sílaba pesada e (d) pé monomoraico). Assim, os monossílabos que chegarem a emergir como candidatos ótimos estarão ferindo **TROCHEE**<sup>64</sup>.

A restrição **ILENGTH**, por sua vez, também cria condições para que pés monomoraicos não venham a emergir como ótimos. A ação dessa restrição inibe que marcas de grade sejam atribuídas às sílabas finais leves, que, assim, não poderão receber acento. Essa restrição é delineada como em (12):

<sup>64</sup> Para Bisol, o Português do Brasil é uma língua que sofre da *Síndrome da Palavra Mínima*, o que implica dizer que, nessa língua, a configuração mínima das palavras é CVC e não CV. Por exemplo, para o PB um vocábulo monossílabo como *pé* viria seguido de uma consoante abstrata (*péC*), e é o que permitiria que esse item, quando derivado, fizesse emergir uma consoante entre a raiz e o sufixo, como em *pedal*.

- (12) **ILENGTH ou NONFIN (Ft-GM, Mora, Ft)**: toda marca de grade no nível do pé tem uma categoria moraica descendente dentro do domínio do pé. (HYDE, 2001, p.335).

Já a medida (e) – que tem o intuito de dar condições de o modelo gerar apenas candidatos com configurações métricas prováveis – traz restrições e condições, não independentes, obviamente, das condições expostas acima. Contudo, para gerar uma configuração métrica que seja atestada na língua, a TRA, que propõe a escansão exaustiva dos pés (ao invés da parcial do AG), deve criar condições para que tanto os pés dotados de acento quanto os desprovidos venham à tona. Para permitir que pés sem acento possam emergir é necessário tornar a relação entre pés e marcas de grade violável (um pé sem marca de grade é um pé não acentuado). É o que faz a violação à restrição exposta em (13):

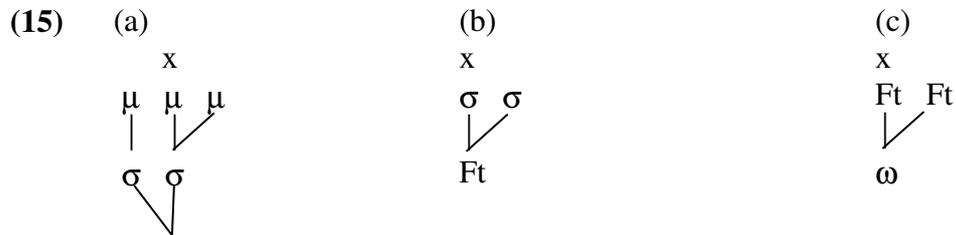
- (13) **MAPGRIDMARK(F)**: uma marca de grade no nível do pé é realizada dentro do domínio de cada pé (HYDE, 2001, p.24).

Contudo, essa restrição diz apenas que a marca de grade tem de estar dentro dos limites da categoria prosódica pé. Ela não determina, portanto, o local exato em que a marca de grade deve ocorrer. Para delimitar esse local, a condição **GRIDMARK-TO-HEAD** será necessária:

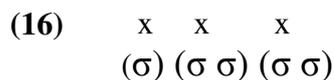
- (14) **GRIDMARK-TO-HEAD CONDITION**: toda entrada na grade métrica ocorre dentro do domínio de uma cabeça prosódica do nível apropriado. (HYDE, 2001, p.82).

O papel dessa condição é governar a relação entre as marcas de grade e as posições prosódicas e, basicamente, diz que a marca de grade deve ser feita na cabeça do pé e não no elemento descendente. A condição **HEADEDNESS** complementa, de certa forma, **GRIDMARK-TO-HEAD**, e exige que toda categoria prosódica, que não a mora (esta categoria ocupa a posição mais baixa da hierarquia e, portanto, não domina nenhuma outra), tem uma categoria prosódica imediatamente inferior, portanto, diretamente subordinada, que ocupa a posição cabeça. No nível da categoria dominada, essa condição assegura que o constituinte cabeça receba uma marca de grade mais alta que o não-cabeça. Dessa forma, a condição **HEADEDNESS**, respeitando a *Sucessão Estrita*, determina que: (a) o cabeça de uma sílaba é a mora proeminente desta sílaba; (b) o cabeça de um pé é a sílaba proeminente deste pé e (c) o

cabeça de uma palavra prosódica é o pé proeminente dentro da palavra prosódica, como representado no esquema em (15):



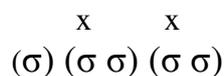
Além de assegurar que o item lexical tenha um cabeça obrigatório (papel desempenhado pelas restrições expostas acima), a TRA deve dar condições que impeçam que, em uma língua trocaica, por exemplo, uma estrutura tenha uma configuração como (16):



Tal estrutura, por gerar um choque acentual, não é uma configuração métrica desejável. Assim, para impedir que (16) possa emergir no *output* como um candidato ótimo, a restrição \*CLASH se faz necessária. Ordenada em uma posição mais alta no ranking, essa restrição (apresentada em (17) e exposta por Hyde (2001) com uma roupagem que não difere em essência daquela confeccionada por McCarthy & Prince (1993)) geraria uma estrutura como (18) – plenamente aceita:

(17) \*CLASH: para quaisquer duas marcas de grade do nível  $n$  ( $n \neq 0$ ), há uma entrada interveniente no nível  $n - 1$ . (HYDE, 2001, p.72).

(18) \*CLASH >> MAPGRIDMARK(F)



Assim, a restrição \*CLASH evita o choque acentual (possível de ocorrer, e justamente por isso representado por uma restrição e não por uma condição) e a condição LAPSE<sup>65</sup>, que funciona de forma inversa, proíbe terminantemente que duas sílabas não-cabeças sejam adjacentes. O que traz à teoria de Hyde (2001) mecanismos que possibilitam excluir padrões não atestados nas línguas.

<sup>65</sup> LAPSE CONDITION (ou HEADGAP): para cada duas sílabas adjacentes, uma deve ser cabeça de pé (Hyde 2001; 2002).

#### 4.5.2.1 A Restrição (Assimétrica) NONFINALITY

A restrição **NONFINALITY** é um instrumento utilizado pela TRA para tratar a extrametricidade. Atuando em uma extremidade específica, se configura, por esse motivo, como uma restrição assimétrica, já que, por princípio, não está em busca do equilíbrio entre as bordas da palavra, como estão as restrições tradicionais de alinhamento, por exemplo.

À extrametricidade cabe o mesmo papel tanto na Fonologia Métrica quanto na *TO standard*. Para a *TO standard*, a restrição **NONFINALITY** incide sobre a sílaba final não acentuada da palavra prosódica; ou, para Kager (1999) (dentro da ótica *standard*), sobre o pé, demandando que o pé cabeça não esteja localizado no final da palavra prosódica. Na proposta de Hyde (2001), **NONFINALITY** se aplica livremente aos constituintes finais (pés, sílabas e moras) e aos domínios prosódicos (palavras prosódicas, pés e sílabas). Desse modo, o uso dessa restrição é, para a TRA, muito mais amplo do que para a *TO standard*.

A amplitude de ação de **NONFINALITY** se justifica, para Hyde (2001), no fato de **NONFINALITY standard** gerar resultados incorretos, sendo incapaz de dar conta dos fatos. Da possibilidade plural que **NONFINALITY** assume na TRA, algumas restrições fazem-se necessárias:

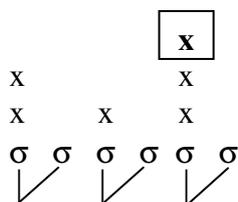
(19) (a)  $\omega\text{NONFINAL}(\mathbf{F},\omega)$ : nenhuma marca de grade no nível da palavra prosódica ocorre sobre o pé final de uma palavra prosódica;

(b)  $\mathbf{F}\text{NONFINAL}(\sigma,\omega)$ : nenhuma marca de grade no nível do pé ocorre sobre a sílaba final de uma palavra prosódica;

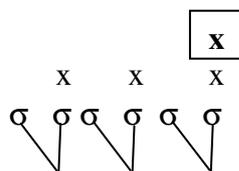
(c)  $\mu\text{NONFINAL}(\mathbf{C},\omega)$ : nenhuma marca de grade no nível da mora ocorre sobre a consoante final da palavra prosódica.

As configurações em (20) serão eliminadas pelas restrições em (19):

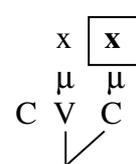
(20) (a)



(b)



(c)



Dessa forma, essas restrições delimitam o campo de atuação de **NONFINALITY**, preparando o terreno para que a extrametricidade possa ocorrer sobre o pé final de uma palavra prosódica ( $\omega$ **NONFINAL(F,  $\omega$ )**), sobre a sílaba final da palavra (**FNONFINAL( $\sigma$ ,  $\omega$ )**) e, ainda, sobre a mora final ( $\mu$ **NONFINAL(C,  $\omega$ )**).

## 4.6 Propostas de Análises Geridas pela TO

### 4.6.1 A Proposta de Magalhães (2004)<sup>66</sup>

A análise de Magalhães (2004) pode ser considerada uma alternativa para se tratar do acento em línguas que, assim como o Português Brasileiro (PB), recorrem a mecanismos como a **extrametricidade** (eleger categorias que *não são evidenciadas* pelas regras de atribuição de acento) e, também, à **janela trissilábica do acento** (limitação do acento à terceira sílaba a contar da direita<sup>67</sup>). Centrada no padrão acentual dos não-verbos (ou nomes), essa análise se configura, contudo, na exclusão da necessidade de se utilizar esses recursos e preceitos. Busca-se, ao final, mostrar que ambos os fenômenos “não são, na verdade, nada mais que “epifenômenos” gerados pela hierarquia de restrições” (MAGALHÃES, 2004, p.79).

Não cabe aqui, contudo, apresentar uma análise exaustiva do trabalho de Magalhães (2004). Portanto, apenas os **principais pontos** pelos quais guia sua tese em busca do objetivo maior serão apresentados. O que está em foco, então, é o modo como o autor costura os assuntos para sustentar sua proposta e como esses assuntos vão trilhando os caminhos que proporcionaram alcançar esses objetivos.

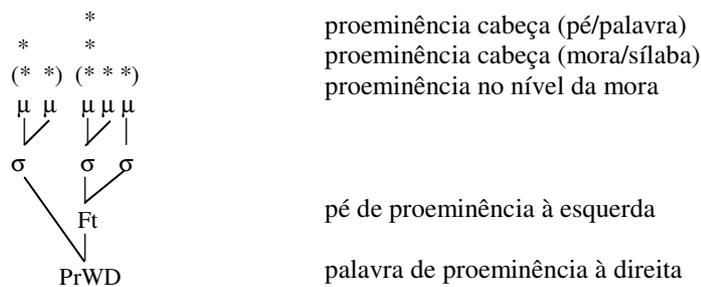
<sup>66</sup> Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no final de 2004, o trabalho de José Sueli de Magalhães, orientado por Leda Bisol, traz importantes contribuições para os estudos fonológicos. Cumprindo seu compromisso com o ineditismo, tais contribuições se dirigem não só ao Português Brasileiro, aqui focalizado, como também a “todos os estágios” que o antecederam, “desde o Latim Clássico, passando pelo Latim Vulgar e Português Arcaico” (MAGALHÃES, 2004, p.206), além de se dirigirem, também, a outras línguas com padrões prosódicos semelhantes.

<sup>67</sup> Teríamos, assim, um sistema lingüístico onde só há espaço para itens lexicais oxítonos (com o acento principal na última sílaba – a primeira da direita – como em oboé); paroxítonos (penúltima sílaba e segunda da direita – **carta**) e proparoxítonos (acento na antepenúltima sílaba e terceira da direita – **cômodo**). Para a janela trissilábica do acento, não haveria uma “quarta posição”, digamos assim.

O exposto nas seções anteriores imbrica-se, por vezes, às trajetórias traçadas por Magalhães (2004). Assim, fazendo uso dos “novos aparatos teóricos” (MAGALHÃES, 2004, p.206) fornecidos pela TO, o trabalho de Magalhães (2004), apesar de assumir um tom retificador, não deixou de utilizar conceitos, pressupostos e mecanismos previstos e aplicados pelas propostas apresentadas anteriormente. Essa reutilização (ou reafirmação) é recomendável ou mesmo crucial no fazer científico, para que se evite, entre outras coisas, uma pluralidade desnecessária de terminologias.

A proposta de Magalhães (2004) lida com “um inventário de restrições que enxergam configurações moldadas em um plano multidimensional” (MAGALHÃES, 2004, p.36). Esse plano é inicialmente proposto como em (21):

(21) **Duas sílabas pesadas e uma leve**



(MAGALHÃES, 2004, p.81 – esquema adaptado)

Aqui, cada mora é projetada sobre a grade por meio da restrição  $\mu$ -PROJECTION, que tem atribuições semelhantes à restrição **MAPGRIDMARK( $\mu$ )**<sup>68</sup> da TRA. Com uma representação como a de (21), Magalhães (2004, p.81) conclui, com razão, que “nenhuma marca adicional necessita ser inserida para atingir o objetivo de fotografar no plano métrico a estrutura do acento”. O plano multidimensional exposto acima nos dá uma ampla visão tanto dos constituintes prosódicos envolvidos – a palavra, o pé<sup>69</sup> (sempre troqueu), sílabas e moras (representações do peso silábico) – quanto da proeminência desses constituintes, refletidas,

<sup>68</sup> **MAPGRIDMARK( $\mu$ )**: uma marca de grade no nível da mora ocorre sobre cada mora.

<sup>69</sup> Note-se que a primeira sílaba em (21) não é escandida. A restrição **PARSE- $\sigma$** , responsável pela escansão dos pés, ocupa uma posição baixa no *ranking*. E esse é um ponto em que Magalhães (2004) se diferencia de Hyde (2001), que, por meio da condição de *Sucessão Estrita*, determina que a escansão das sílabas seja exaustiva.

em última instância, pelas marcas de grade, que determinam o que é ou não cabeça do constituinte fonológico.<sup>70</sup>

A multidimensionalidade é, então, antes uma facilitadora da leitura do acento que uma complicadora. Posicionados na linha básica do plano estão os parênteses, abandonados por Hyde (2001), e que, aqui, servem apenas para marcar as bordas dos pés, facilitando a leitura. De Hyde (2001), Magalhães (2004) assume a marcação dos constituintes cabeça e dependentes por meio de barras retas (cabeça) e inclinadas para a direita, indicando o pé troqueu, ou para a esquerda, indicando o pé iâmbico, de proeminência à direita como a **palavra** em (21).

Em busca da simplificação do modelo, estabelece alguns princípios reguladores que, unidos à hierarquia das restrições (que para a TO traduzem a língua específica), regulam as configurações métricas do acento e, conseqüentemente, o que pode ou não emergir como candidato a *output*. Juntos, tais princípios formam o instrumento denominado *Controlador do Plano Métrico (CPM)*.

O **CPM**, além de extinguir a extrametricidade (**σ-PROJECTION**), regula o tamanho dos pés na configuração métrica (**TROCHEE**) e o número de marcas de grade que podem ser atribuídas ao constituinte terminal (**DTE**). Por meio desses princípios, o **CPM** inibe a verticalidade excessiva dos elementos projetados na grade, dando condições para que as marcas de grade ocorram na linha básica do plano, sempre tomando o cuidado para não desrespeitar **HEADEDNESS** (encabeçado), que garante a cada constituinte um elemento cabeça<sup>71</sup>. A projeção de marcas de grade até a segunda linha torna-se, assim, suficiente para se ler o acento primário no plano métrico. Vejamos, então, como os princípios são descritos e como eles atuam de modo a gerar a configuração métrica requerida por Magalhães (2004):

(22) Instrumento Controlador do Plano Métrico:

- (a) **σ-PROJECTION**: toda sílaba (isto é, todo núcleo silábico) deve projetar alguma posição na grade.
- (b) **TROCHEE**: dentro de um pé, os elementos devem obedecer à noção *Headedness* (toda marca de grade deve ter um dependente à sua direita).

<sup>70</sup> Diferente do que ocorria na TRA, marcas de grade e cabeça são, para Magalhães (2004), elementos que se não se separam. O cabeça é a proeminência em si que ocorre em toda e qualquer emissão e a marca de grade é a representação dessa proeminência no plano métrico.

<sup>71</sup> **HEADEDNESS**, que no modelo de Hyde (2001) se apresenta como uma condição, possui, para Magalhães (2004), a mesma força de lei, integrando o princípio **TROCHEE**.

(c) **DTE**: somente o elemento designado terminal pode acumular marcas na grade.

(MAGALHÃES, 2004, p.85)

O princípio em (a), **σ-PROJECTION**, influenciado por *stress-bearing element*<sup>72</sup> de Halle & Vergnaud (1987), exclui a extrametricidade da Fonologia Métrica, a restrição **NONFINALITY** da TO. A exclusão de **NONFINALITY** pelo princípio **σ-PROJECTION** deve-se ao fato de não se poder tornar a sílaba final não visualizada pelas regras de atribuição de acento, como a extrametricidade requer. Reinterpretado na ótica deste modelo, essa impossibilidade traduz as exigências de **σ-PROJECTION**. Esse princípio determina que não se deixe um núcleo silábico (ou uma sílaba, já que para ser considerado sílaba a estrutura deve conter ao menos um núcleo) sem projetar uma posição no plano métrico, mesmo que essa posição não seja preenchida por uma marca (um precedente aberto pelo modelo)<sup>73</sup>. Uma estrutura como a de (23), por exemplo, seria automaticamente excluída por este princípio, pois o núcleo da segunda sílaba não projeta uma posição na grade:

(23) ( x □ )  

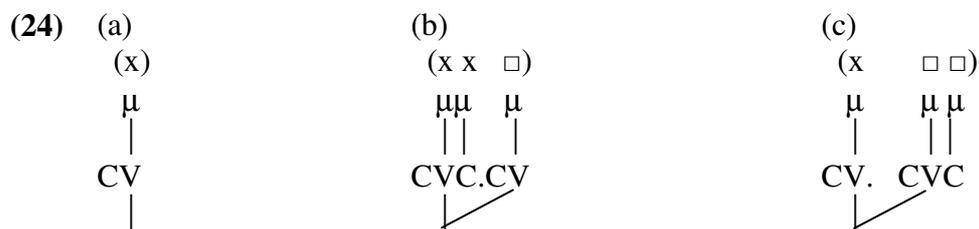
$$\begin{array}{ccc} \mu & \mu & \mu \\ | & | & | \\ \text{CVC} & \text{CV} & \end{array}$$

O princípio em (b), **TROCHEE**, inspirado na teoria paramétrica de Hayes (1995), forma pés troqueus apenas. Respeitando **HEADEDNESS**, exige configuração (x □), um pé descendente atrelado a um cabeça, e, com isso, não deixa espaço para que pés monomoraicos possam emergir. De certa forma, esse princípio é também influenciado por Hyde (2001), e, segundo Magalhães (2004), sua proposta difere da desse autor no que diz respeito às atribuições de **TROCHEE**. Nesta proposta, **TROCHEE** é “um método simples para desencadear o requerido por

<sup>72</sup> O princípio *stress-bearing element*, de Halle & Vergnaud (1987), determina que todo elemento seja passível de portar acento. Para Magalhães (2004), assim como em Hayes (1995), esse elemento é sempre a sílaba.

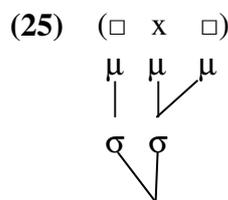
<sup>73</sup> Magalhães (2004), utilizando a proposta de Bisol (1992, 1994) como parâmetro, considera o peso silábico como um fator que interfere na atribuição do acento primário no PB. Em consequência disso, moras – que representam, no plano métrico, o peso das sílabas – estarão diretamente envolvidas em sua proposta. Há três possibilidades quanto às moras e sua atuação nesse modelo: (1) o segmento projeta uma mora e esta projeta uma posição na grade preenchida por uma marca; (2) o segmento projeta uma mora e a mora projeta uma posição no plano métrico não preenchida por uma marca e (3) o segmento projeta uma mora, mas a mora não projeta nenhuma posição na grade (em função de **σ-PROJECTION**, essa possibilidade se dirige somente a posição de coda). E essas possibilidades são fundamentais no funcionamento do modelo de análise proposto por Magalhães (2004), que busca, acima de tudo, a simplificação.

**HEADEDNESS**”, naquela representa uma restrição responsável por “fazer a combinação de restrições **NONFINALITY** no nível da sílaba e da mora dentro do domínio do pé” (citações de MAGALHÃES, 2004, p.87). Assim, como um método simples, esse princípio evita que “haja dentro de um mesmo pé colunas idênticas adjacentes ou marcas de grade sem elemento dependente” (MAGALHÃES, 2004, p.88). Seriam excluídas por **TROCHEE** configurações como as de (24), por exemplo, a primeira por não ter um pé descendente é monomoraica, a segunda e terceira por deixarem lado a lado, no mesmo pé, duas colunas com a mesma proeminência:



(MAGALHÃES, 2004, p.88)

Antes de passarmos adiante, faz-se necessário apontar a justificativa de Magalhães (2004) para adotar **TROCHEE** como um princípio. Para ele, “todo pé, qualquer que seja sua estrutura canônica, possui universalmente um elemento dependente à direita, isto é, uma subestrutura nos moldes de um troqueu” (MAGALHÃES, 2004, p.87). Lembra que a própria estrutura canônica do pé iâmbico postulada por Hayes (1995) possui uma subestrutura trocaica no nível da mora da segunda sílaba, que é pesada. Essa subestrutura é, assim como o pé troqueu, composta de uma cabeça – o núcleo silábico – e um pé descendente – a consoante na coda, como visualizada no exemplo (25):



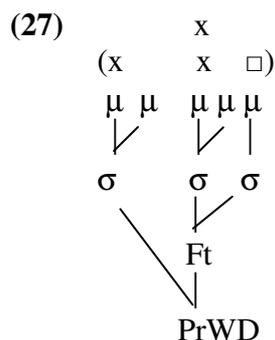
Por fim, o princípio em (c), **DTE** (*Designated Terminal Element*), de influência em Liberman & Prince (1997), determina que o elemento designado terminal, que é “maximamente proeminente, tem de estar posicionado sobre outro elemento também mais proeminente; este, porém, um nível abaixo” (MAGALHÃES, 2004, p.84). Na prática, **DTE**

faz com que o acento principal receba, no modelo de Magalhães (2004), duas marcas de grade no máximo (a marca de proeminência no nível da mora pela ação de *Mora Projection* e uma acima). Assim, “apenas a mora cabeça de uma sílaba, que é a cabeça de um pé o qual é cabeça da palavra pode projetar mais de uma marca na mesma coluna” (MAGALHÃES, 2004, p.88), o que impediria uma representação como (a) em (26), e geraria uma como (b), que satisfaz todos os princípios, inclusive **DTE**, por manter, na linha básica da grade, as posições que não são terminais:

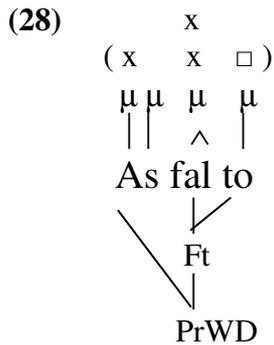


(MAGALHÃES, 2004, p.89)

Em resumo, o **CPM** tem a função de controlar o tamanho dos pés por meio de **TROCHEE**; inibir projeções excessivas na grade métrica por meio de **DTE** e extinguir a extrametricidade pela ação de **σ-PROJECTION**. Vistas as principais atribuições dos princípios que integram o **CPM**, uma representação como a de (21) é transposta em (27), conforme as exigências desse modelo:



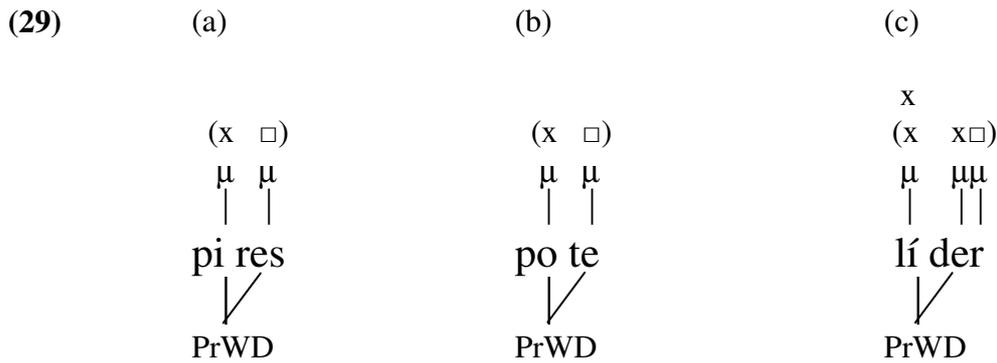
Adaptada aos dados dos não-verbos do PB, a configuração em (28) se encaixa (com exceção da mora compartilhada na segunda sílaba – o argumento para se compartilhar moras será apresentado adiante) na descrição do vocábulo *asfalto*, por exemplo:



E aqui entra um fator interessante da proposta de Magalhães (2004) – a fácil leitura, no plano métrico, da redução vocálica (interpretada pelo autor como perda do traço [ATR] – altura). No exemplo acima, as projeções na grade métrica revelam a redução vocálica, ou neutralização, sofrida pela átona final, que resultaria na leitura /as'fal t[**u**]/.

Por neutralização, teríamos, para Magalhães (2004), influenciado por Bisol, um sistema que, de sete vogais em posição tônica (posição forte) – /a, e, ε, i, o, o, u/, reduz-se a cinco vogais em posição pretônica – /a, e, i, o, u/, alterna-se entre três e cinco vogais em posição postônica não final dos itens proparoxítonos – /a, i, u/ ~ /a, e, i, u/, e se restringe a três vogais em posição final de palavra – /a, i, u/.

Integrando o quadro exposto acima há, também, a redução sofrida pelas vogais em posição postônica não final dos itens paroxítonos terminados em sílaba travada por uma consoante (os que integram o padrão irregular da língua): o alçamento da vogal [e], em palavras como *potes* (→*pó<sup>t</sup>is*) e *píres* (→*pí<sup>r</sup>is*), por exemplo. A redução vocálica nas palavras com essa configuração atende a fatores estruturais como os que Magalhães (2004) descreve. Para ele, o impedimento ou o licenciamento da redução vocálica corresponde, diretamente, às características da coda consonantal. Assim, a redução da vogal média alta anterior [e] é impedida quando o segmento é uma consoante soante, como o [r] de *li.der*, (ou seja, *lí.der* não vir a *lí.dír*), e licenciada quando esse segmento é a obstruinte [s] (*pí.res* → *pí.rís*). As configurações em (29) captam essa variação no plano métrico:



Os exemplos (a) e (b) possuem representações semelhantes, já que a obstruinte /s/ licencia a redução vocálica. E, aqui, licenciar a redução significa que /s/ não projeta nenhuma posição na grade, fazendo com que as palavras terminadas em sílaba final pesada, como *pí.res* e *pó.tes*, *fó.tos*, as pluralizadas, estejam sujeitas à redução assim como as terminadas por sílaba leve, *pó.te*, *pá.to*, etc. Já as consoantes soantes, como a líquida do exemplo (c), quando em posição de coda, impedem a redução vocálica e isso é traduzido, no plano métrico, pela projeção dessa consoante na grade. Mesmo ocupando uma posição não preenchida, o fato de a consoante soante projetar uma posição na grade faz com que a sílaba tenha um elemento descendente e, para Magalhães (2004, p.121), “toda posição na grade que possua algum tipo de dependente espelha o bloqueio da redução vocálica”.

Em relação à todas as posições vocálicas do vocábulo, três são os contextos que Magalhães (2004) considera como determinantes para que a redução vocálica seja bloqueada, exigida ou licenciada: (1) bloqueia-se a redução na presença de um elemento descendente, dessa forma, o núcleo da segunda sílaba de uma palavra como *lí.der*, por exemplo, não sofre redução (\*e→i); (2) exige-se redução quando a vogal projeta uma posição vazia<sup>74</sup> e bloqueia-se quando é preenchida e (3) licencia-se a redução na marca de grade que não tenha um elemento descendente, e sílabas finais leves são as mais vulneráveis ou prosodicamente mais fracas.

A configuração no plano métrico é, enfim, um reflexo de todas essas relações (qualidade da coda silábica, presença ou ausência de elementos dependentes) e, segundo Magalhães (2004, p.121), “a motivação para esta ou aquela [configuração] deverá sempre refletir a redução vocálica”. Para dar conta do padrão acentual que de fato ocorre na língua, o autor propõe, aliadas aos princípios do **CPM**, restrições que, quando organizadas em uma

<sup>74</sup> Para Magalhães (2004, p.118), “toda posição projetada, mas não preenchida na grade métrica reflete um contexto que requer a redução vocálica sempre”.

determinada hierarquia, têm, então, a função maior de traduzir, no plano métrico, a redução vocálica.

No intuito de controlar as projeções sobre o plano métrico (evitando marcas desnecessárias) e possibilitar a redução vocálica, Magalhães (2004) elege restrições relativas ao alinhamento (**RIGHTMOST** e **PROSODIC WORD-RIGHT**), à identidade *input-output* (**MAX**, **STRESSFAITHFULNESS** e **DEP- $\mu$** ), ao modo de articulação do fonema (**PROJECT-SONORANT** e **PROJECT-OBSTRUENT** além de **GRIDSONORANT** e **GRIDOBSTRUENT**, por extensão), à obrigatoriedade da escansão da sílaba (**PARSE- $\sigma$** ) e da projeção de (x) sobre a mora ( **$\mu$ -PROJECTION**) e, ainda, ao controle de onde essa projeção deve ocorrer (**GRID- $\mu$ HEAD**) e à quantidade de moras envolvidas (**\*SHARED- $\mu$**  e **\*SHARED- $\mu$ WEAK**).

Com essas restrições em mãos, Magalhães (2004) apresenta os argumentos (sustentados nos dados do PB) que o levam ao ranqueamento das mesmas. Sua proposta se dirige às mais variadas configurações silábicas que, por tratarem do acento de forma distinta, são divididas pelo autor entre as que integram o que chama de padrão regular e irregular do acento. As seções seguintes demonstram a estrutura plena do acento de ambos os padrões e o caminho traçado pelas restrições para se chegar ao ranqueamento dos não-verbos que compõem a gramática do PB.

#### **4.6.1.1 Padrão Regular**

Na ótica do plano multidimensional do acento, que encara o PB como uma língua sensível ao peso silábico, dois subgrupos se inserem no paradigma regular. O primeiro é o das palavras cuja sílaba pesada final atrai o acento para si. Com estrutura silábica **CVC.CVC**, **CV.CVC** e **CVC**, integram esse subgrupo palavras como *mar* (consoante soante na coda), *fre.gués* (coda obstruente), *cor.téz* (coda soante + coda obstruente), *cus.cúz* (coda obstruente + coda obstruente), *cas.tór* (coda obstruente + coda soante), *por.tál* (coda soante + coda soante), entre muitas outras. Juntas, essas combinações entre codas soantes e codas obstruintes representam, para esse subgrupo, as possibilidades de ocorrência dos casos de acento regular. O segundo subgrupo, que também diz respeito ao peso silábico, reflete o fato de que, se a última sílaba for leve, o acento ocorrerá na segunda sílaba a contar da direita (a paroxítona), e se dirige aos casos como os das palavras *ca.sá.co* e *chá.ve*, com estrutura silábica

(CV)C<sup>∇</sup>.CV, tratadas em pé de igualdade, e, também, às palavras com a estrutura C<sup>∇</sup>.CV e (CV)C<sup>∇</sup>C.CV, como *pós.to* e *pa.lés.tra* (coda obstruinte) e *pór.co* e *as.fál.to* (coda soante).

Integrando o padrão regular, há, ainda, as estruturas silábicas CV.C<sup>∇</sup>C e C<sup>∇</sup>C, como as palavras *caféC* e *péC*, com uma consoante abstrata em posição de coda. Para Magalhães (2004), que assume a hipótese de Bisol, o Português é uma língua que, em atenção à manutenção da regularidade, atende à *Síndrome da Palavra Mínima* e, assim, não há pés monomoraicos (com estrutura C<sup>∇</sup>). A proposta de Magalhães (2004) também se dirige a esse fenômeno. Vejamos como essas estruturas silábicas são descritas.

#### 4.6.1.1.1 Ranqueamento das Restrições (Padrão Regular)

Esta seção se ocupa em apresentar alguns argumentos que Magalhães (2004) utiliza para ranquear as restrições, acrescidos de outros não aventados por ele. Destaca-se, entre outras questões, a natureza dessas restrições e, quando possível e necessário, as conseqüências que um ranqueamento contrário ao proposto geraria no plano métrico e, também, no *output* ótimo.

#### (I) PROSODIC WORD-RIGHT >> PARSE-σ

Tanto **PARSE-σ** quanto **PrWd-RIGHT** exercem um papel principal na gramática do PB, pois “é a partir do conflito entre elas que o padrão regular da língua emergirá” (Magalhães, 2004, p.124). A primeira exige que todas as sílabas sejam escandidas, a segunda (uma interpretação da *Regra Final* de LIBERMAN & PRINCE, 1977) determina que a borda direita da palavra coincida com o *cabeça de algum pé*. Essa restrição é oriunda do fato de que o acento primário, no PB, limita-se as três sílabas finais da palavra prosódica, posicionando-se “tanto mais à direita quanto possível” (MAGALHÃES, 2004, p.106). Ambas as restrições são expostas da seguinte maneira:

(30) **PARSE-σ**: sílabas devem ser escandidas em algum pé.

(31) **PROSODIC WORD-RIGHT** ou **ALIGN** (PrWd, R, Ft-Hd, R): a borda direita de cada palavra prosódica está alinhada com a borda direita do *cabeça de algum pé* (HYDE, 2001, p.105).

Dessa forma, satisfazem as exigências de **PRWD-RIGHT** os candidatos que possuem o acento principal na sílaba em posição final de palavra (como as oxítonas). A ação dessa restrição sobre o padrão regular do PB é garantir que sílabas pesadas em final de palavra puxem o acento para si. Assim, no tableau (A), o fato da restrição **PRWD-RIGHT** vir ranqueada acima de **PARSE-σ** faz com que a sílaba *fre* possa vir diretamente anexada à palavra prosódica e, com isso, a realização *fre.guês* possa emergir como candidato ótimo no *output*. Caso contrário, ou seja, se o ranqueamento fosse **PARSE-σ >> PRWD-RIGHT**, teríamos, pela exigência de se escandir sílabas, uma realização como *fré.gues*, não lícita na língua.

(A) /fre'ges/ 'freguês'

X /fre.ges/	PRWD-RIGHT	PARSE-σ
$\begin{array}{c} \square (x\square) \\ \mu \quad \mu\mu \\   \quad   \\ a- \text{fre.ges} \end{array}$		*
$\begin{array}{c} (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu\mu \\   \quad   \\ b- \text{fre} . \text{ges} \end{array}$	*!	

(MAGALHÃES, 2004, p.125)

Em (A), as restrições **GRID-μHEAD** e **μ-PROJECTION** (discutidas adiante) são violadas, e, na representação do acento traduzida pelo tableau, apenas são apresentadas as restrições relevantes para a análise. O candidato (b) é eliminado por violar **PRWD-RIGHT**, ranqueada mais alto, pelas razões expostas acima, já o candidato (a), que viola **PARSE-σ**, emerge no *output* por respeitá-la.

## (II) GRID-μHEAD >> PARSE-σ

O argumento de Magalhães (2004) para a ordem estabelecida em (II) advém do princípio do *ranqueamento*, estabelecido pela TO. Esse princípio determina que se deva violar uma restrição mais baixa para não violar uma mais alta. Dessa forma, obedecer **PARSE-σ**, a restrição mais baixa no *ranking*, e escandir todas as sílabas “pode resultar em uma marca de grade sobre uma mora não cabeça” (MAGALHÃES, 2004, p.125-6), o que feriria a restrição mais alta – **GRID-μHEAD**, definida como em (32):

(32) **GRID- $\mu$ HEAD**: uma marca de grade (x) deve ocupar a mora cabeça de algum pé.

Respeitando **GRID- $\mu$ HEAD**, a restrição dominante de (II), tem-se, então, marcas de grade atribuídas somente à mora cabeça do pé. Um ranqueamento como **PARSE- $\sigma$**  >> **GRID- $\mu$ HEAD** acarretaria ao plano métrico, entre outras questões, uma verticalidade excessiva da representação. Além do mais, esse ranqueamento geraria um resultado que não corresponde aos dados da língua, na medida em que uma palavra como *freguês* teria como *output* ótimo a forma *frégues*, que não se realiza na língua. O tableau (B) apresenta o ranqueamento adequado:

(B) /'freguês'/

x /fre.ges/	<b>GRID-<math>\mu</math>HEAD</b>	<b>PARSE-<math>\sigma</math></b>
$\square$ (x $\square$ ) $\mu$ $\mu\mu$ $\downarrow$ $\downarrow\downarrow$ a- $\varnothing$ fre.ges $\downarrow$		*
x ( x x $\square$ ) $\mu$ $\mu\mu$ $\downarrow$ $\downarrow\downarrow$ b- fre.ges $\downarrow$	*!	

(MAGALHÃES, 2004, p.126)

Aqui, o candidato (b) é eliminado por violar **GRID- $\mu$ HEAD** apresentando uma marca de grade sobre uma mora do pé descendente. Pelas razões expostas acima, o candidato (a), o *output* ótimo, viola **PARSE- $\sigma$**  para respeitar **GRID- $\mu$ HEAD**, ranqueada mais alto. Interessante, também, é perceber que, devido à presença de um elemento descendente, a redução vocálica é bloqueada, o que impede a realização de *freguês*, que, de fato, não corresponde aos dados da língua. Por outro lado, a mesma representação, devido ao fato de se exigir a redução quando uma vogal projeta posição vazia, gera o alçamento da pretônica, levando a palavra à realização *friguês*, que ocorre de maneira variável. E da variação lingüística o modelo de Magalhães (2004), que só admite a saída de um *output*, parece não dar conta. E esse é um ponto não resolvido em sua análise.

### (III) GRID- $\mu$ HEAD, PRWD-RIGHT: Limitação Harmônica

Magalhães (2004) destaca que é através da relação ente as restrições **PRWD-RIGHT** e **GRID- $\mu$ HEAD** que o *output* ótimo das palavras terminadas em duas sílabas leves emerge, ou seja, aquelas que possuem a configuração  $-CV.CV$ , como a palavra *ca.sá.co*, demonstrada no tableau abaixo:

(C) /ka'zako/ 'casaco'

X /ca.sa.co/	GRID- $\mu$ HEAD	PRWD-RIGHT
$\square$ (x $\square$ ) $\mu$ $\mu$ $\mu$       a- ca.sa.co		*
x (x $\square$ ) $\mu$ $\mu$ $\mu$       b- ca.sa.co	*!	*

(MAGALHÃES, 2004, p.126)

Em (C), o candidato (a), o vencedor, limita harmonicamente o candidato (b), ou seja, (a) emerge no *output* sem que (b) tenha qualquer possibilidade de concorrência para com ele. Ambos violam **PRWD-RIGHT**, por deslocarem o acento uma posição à esquerda a partir da borda direita da palavra prosódica ( $\sigma.\acute{\sigma}\leftarrow\sigma\#\#$ ). O candidato (b), contudo, viola **GRID- $\mu$ HEAD**, por atribuir marca de grade à mora da sílaba não cabeça do pé.

Por tratarmos da configuração  $CV.CV.CV$ , a limitação harmônica ocorre em obediência às próprias exigências das restrições envolvidas. A obediência à **PRWD-RIGHT** exigiria que uma palavra como *petéca*, por exemplo, com o acento paroxítono, fosse representada como *pe.te.cá*, com acento oxítono, e *casáco*, do tableau (C), como *ca.sa.có*, um candidato não selecionado por **GEN**. Assim, tanto o candidato (a) quanto o (b) violam a restrição de alinhamento, cabendo a **EVAl**, por meio da restrição **GRID- $\mu$ HEAD**, a eliminação de (b).

E cabe lembrar, aqui, que uma configuração como a do candidato (b) não é barrada nem pelo princípio **TROCHEE**, que gera (x  $\square$ ), nem pela restrição **PARSE- $\sigma$** , ranqueada baixo. Ambos não conseguem impedir que uma marca de grade seja atribuída a uma sílaba não escandida. Assim, a restrição **GRID- $\mu$ HEAD** tem, também, o papel de impedir, por exemplo,

que uma configuração como a do candidato (b), possa emergir no *output* como candidato ótimo, o que geraria um **CLASH**: *cá.sá.co*.

**(IV) GRID- $\mu$ HEAD >> \*SHARED- $\mu$  e PARSE- $\sigma$  >> \*SHARED- $\mu$**

Neste ponto da análise, o que está em jogo é a relação da restrição **\*SHARED- $\mu$**  com as demais. Essa restrição exige que moras sejam compartilhadas por segmentos de uma mesma rima, uma configuração que, segundo Magalhães (2004, p.128), não é “estipulada ou aleatória”<sup>75</sup>. As ordenações **GRID- $\mu$ HEAD >> \*SHARED- $\mu$**  e **PARSE- $\sigma$  >> \*SHARED- $\mu$**  se baseiam no argumento do *ranqueamento*. Portanto, atendendo à emergência no *output* do padrão fonologicamente não-marcado (o que implica a ordenação *Restrições de Fidelidade >> Restrições de Marcação*), **\*SHARED- $\mu$**  é violada a fim de que possam emergir os candidatos que satisfazem, além dos princípios do **CPM**, as restrições **GRID- $\mu$ HEAD**, **PARSE- $\sigma$**  e  **$\mu$ -PROJECTION**, ranqueadas mais alto.

Assim, o exigido por **\*SHARED- $\mu$**  “surge como resultado da pressão de restrições dominantes e apenas em contextos que permitem configurações mais marcadas” (MAGALHÃES, 2004, p.128). Sílabas acentuadas são as únicas configurações que licenciam o compartilhamento de moras, e, portanto, são elas que violam **\*SHARED- $\mu$** , como exposta abaixo, uma restrição mais geral. As sílabas átonas, por sua vez, não compartilham moras. Na hipótese de que isso ocorra, a violação representada no tableau se dá pela restrição **\*SHARED- $\mu$ WEAK**, restrição mais específica. Assim, da relação geral-específica exposta em (33), pode-se concluir que uma violação a **\*SHARED- $\mu$ WEAK** implica em uma violação a **\*SHARED- $\mu$** , mas não o contrário; daí a relação de *estringência* entre ambas as restrições, que se apresentam como:

- (33) (a) **\*SHARED- $\mu$ WEAK**: proibido dois segmentos compartilhando uma mesma mora em sílaba não acentuada.
- (b) **\*SHARED- $\mu$** : cada segmento na rima deve projetar sua própria mora (proibido mora compartilhada em qualquer sílaba).

<sup>75</sup> Acredito que Magalhães (2004) deveria ter justificado melhor o porquê de se utilizar **\*SHARED- $\mu$** . A impressão que fica é que essa restrição é, sim, estipulativa, e entra em cena para garantir que as outras possam ser satisfeitas, pois parece não haver argumentos claros na língua que demonstrem sua real validade.

Para Magalhães (2004), baseado nos trabalhos de Beckman (1998), Padgett (1995) e Zoll (1997, 1998), entre outros, posições fortes, como a sílaba acentuada, possuem uma “habilidade especial” para “licenciar fenômenos que não são permitidos em posições fracas” (MAGALHÃES, 2004, p.111). Dessa forma, permite-se, nessa proposta, o compartilhamento de moras na rima em uma sílaba acentuada (\***SHARED-μ** é ranqueada baixo) e sua proibição em sílabas átonas (\***SHARED-μWEAK** é ranqueada alto)<sup>76</sup>. O tableau (D) demonstra a atuação de \***SHARED-μ** no que se refere ao padrão silábico requerido pelo acento regular.

(D) /'poste/ 'poste'

X /pos..te/	<b>GRID-μHEAD</b>	<b>PARSE-σ</b>	* <b>SHARED-μ</b>
(x □) μ μ ^   a- pos . te 			*
(x□) □ μμ μ      b- pos . te 		*!	
x (xx □) μμ μ      c- pos . te 	*!		

(MAGALHÃES, 2004, p.128)

Em (D), todos os candidatos, por serem paroxítonos, violam **PRWD-RIGHT**. O candidato (c) viola fatalmente a restrição **GRID-μHEAD**, ranqueada alto, e por isso é eliminado. O candidato (b) deixa a última sílaba sem escansão, ligando-a direto à palavra prosódica, e, por isso, dada a ordenação em (D), é descartado pela ação de **PARSE-σ**. O candidato (a) é o *output* ótimo devido a sua satisfação à **GRID-μHEAD** e **PARSE-σ**, violando \***SHARED-μ**, ranqueada baixo. Na hipótese de a ordenação exposta em (4) se inverter, teríamos, em \***SHARED-μ** >> **PARSE-σ**, o candidato (b) como *output* ótimo, e para \***SHARED-μ** >> **PARSE-σ** >> **GRID-μHEAD** o candidato (c) seria o ótimo. Todos os candidatos possuem a mesma realização – *pós.ti*, porém, esse ranqueamento é necessário para sustentar a simplicidade do plano métrico multidimensional.

<sup>76</sup> O tratamento da restrição se aplica ao acento irregular, e será discutida adiante.

(V) **PROJ-OBSTRUENT** >> \***SHARED-μ** e **PROJ-SONORANT** >> \***SHARED-μ** (transitividade)

As restrições **PROJECT-SON** e **PROJECT-OBST**<sup>77</sup> obedecem à escala de sonoridade universal, assim, o ranqueamento **PROJECT-SON** >> **PROJECT-OBST** (apesar de não haver argumentos na língua que determinem tal ordenação) é considerado fixo, já que traduz uma inclinação calcada em uma propriedade articulatória do aparelho fonador humano, portanto, universal. Segundo Magalhães (2004), o argumento da *transitividade* já bastaria para se postular a ordenação **PROJ-SONORANT** >>\***SHARED-μ** e **PROJECT-OBSTRUENT** >>\***SHARED-μ**, já que **PROJECT-SON** >> **PROJECT-OBST**. Contudo, o argumento relativo ao *ranqueamento* também é testado. As restrições de projeção exigem que:

(34) **PROJECT-SONORANT**: toda soante pertencente a algum pé deve projetar uma posição na grade (por extensão uma mora)

**PROJECT-OBSTRUENT**: toda obstruente pertencente a algum pé deve projetar uma posição na grade (por extensão uma mora)

Assim, tanto a restrição **PROJECT-SON** (relativa às soantes) quanto a restrição **PROJECT-OBS** (relativa às obstruentes) exigem que segmentos consonantais em posição de coda devam ocupar uma posição na grade métrica. E, para ocupar uma posição na grade métrica, a projeção de uma mora pelo fonema torna-se obrigatória, pois moras são os constituintes intermediários entre as sílabas e o plano métrico. Assim, obedecer **PROJECT-SON** ou **PROJECT-OBS** implica obedecer **μ-PROJECTION** sempre. Contudo, implica violar restrições ranqueadas em posições mais baixas, como \***SHARED-μ**. Os tableaux (E) e (F)<sup>78</sup> expõem a relação entre essas restrições:

<sup>77</sup> Por extensão, tem-se as restrições **GRIDSONORANT** (marcas na grade devem ocorrer sobre soantes) e **GRIDOBSTRUENT** (marcas na grade devem ocorrer sobre obstruentes), onde **GRIDSONORANT** >> **GRIDOBSTRUENT**.

<sup>78</sup> Nos tableaux (E) e (F), as restrições **GRID-μHEAD** e **PARSE-σ** são satisfeitas, enquanto a **PRWD-RIGHT** é violada, e, por isso, essas restrições não entram na análise.

(E) /'pɔste/ 'poste'

X /pos..te/	PROJ-OBST	*SHARED- $\mu$
$\begin{array}{c} (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu \\ \wedge \quad   \\ a- \text{pos} . te \\   \quad / \end{array}$		*
$\begin{array}{c} (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu \\   \quad   \\ b- \text{pos} . te \\   \quad / \end{array}$	*!	

(MAGALHÃES, 2004, p.129)

(F) /'pɔrta/ 'porta'

X /pos..te/	PROJ-SON	*SHARED- $\mu$
$\begin{array}{c} (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu \\ \wedge \quad   \\ a- \text{por} . ta \\   \quad / \end{array}$		*
$\begin{array}{c} (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu \\   \quad   \\ b- \text{por} . ta \\   \quad / \end{array}$	*!	

(MAGALHÃES, 2004 p.130)

Em (E), o candidato (b) é eliminado por **EVAL** por violar **PROJ-OBST**, ranqueada alto. Para atender **PROJ-OBST**, **\*SHARED- $\mu$**  é violada, o que faz com que o candidato (a) possa emergir como ótimo no *output*. Já o tableau (F) segue a mesma ótica, porém a restrição envolvida é **PROJ-SON**, que exige a projeção de elementos soantes na grade métrica. Note-se que tanto no tableau (E) quanto no tableau (F), a realização é a mesma para os candidatos (a) e (b) – *pós.ti* e *pór.ta*, já que a redução vocálica é bloqueada pelo fato de a vogal projetar uma posição preenchida na grade métrica. Então, o que faz de **\*SHARED- $\mu$**  uma restrição necessária, ao menos no que diz respeito à sua interferência nos fatos da língua? Na verdade, a resposta a essa pergunta parece não apontar para os fatos da língua e sim para a representação requerida pelo modelo de Magalhães (2004). Caso **\*SHARED- $\mu$**  não compusesse o inventário de restrições, representações como as de (35) que atenderiam as exigências de **PROJ-SON** e **PROJ-OBST**:



#### 4.6.1.2.1 Ranqueamento das Restrições (Paradigma Irregular)

As palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílaba pesada, as focalizadas por Magalhães (2004)<sup>80</sup>, possuem o acento marcado lexicalmente, conforme as exigências de **STRESSFAITHFULNESS**, restrição que requer que “o acento no *input* permaneça na mesma posição na estrutura de superfície” (MAGALHÃES, 2004, p.113).

(36) **STRESSFAITHFULNESS**: acento no *input* é mantido na mesma posição no *output*.

Essa restrição possui um papel crucial na determinação do padrão acentual irregular, pois, no caso do acento proparoxítono, por exemplo, “se o acento subjacente se alojar sobre a antepenúltima sílaba, ele virá à superfície nesta mesma posição” (MAGALHÃES, 2004, p.149). O papel dessa e das outras restrições envolvidas na determinação do acento irregular pode ser conferido nas ordenações abaixo, que vão de (VI) a (IX).

#### (VI) **GRID- $\mu$ HEAD** >> **$\mu$ -PROJECTION, PROJ-OBST**

As restrições envolvidas em (VI), de certa maneira, se interpenetram, no sentido em que, para que as exigências de **PROJ-OBST** sejam cumpridas, uma obstruinte deve ser projetada e ocupar uma posição no plano métrico, o que, conseqüentemente, requer que as moras projetadas sejam preenchidas, como exige  **$\mu$ -PROJECTION**. A restrição **GRID- $\mu$ HEAD**, por sua vez, determina o lugar que essa mora ocupa, a saber, sobre o pé cabeça da sílaba. O argumento para que a restrição **GRID- $\mu$ HEAD** venha ranqueada sobre as demais pode ser explicitado por meio dos dados que o tableau (G) apresenta:

---

<sup>80</sup> O terceiro subgrupo inclui os dados “raros e excepcionais” e, por isso, estão “fora do escopo” da análise (Magalhães, 2004, p.134).

(G) /'pires/ 'píres'

x /pi..res/	GRID- $\mu$ HEAD	PROJ-OBST	$\mu$ -PROJ
(x □) $\mu$ $\mu$     a- pi . res ↙		*	
(x □ ) $\mu$ $\mu\mu$      b- pi . res ↙		*	*!
x (x x□) $\mu$ $\mu\mu$      c- pi . res ↙	*!		

(MAGALHÃES, 2004, p.136)

Todos os candidatos de (G) satisfazem as restrições **PARSE- $\sigma$**  e **STRESSFAITHFULNESS** e violam **PRWD-RIGHT** em uma posição. O candidato (c) é eliminado por **GRID- $\mu$ HEAD** pelo fato de atribuir marca de grade a uma mora do pé descendente, já o candidato (b) perde a concorrência devido a sua violação fatal à restrição  **$\mu$ -PROJ**, não preenchendo a posição da mora projetada, enquanto o candidato (a) limita harmonicamente (ver p.8) (b) e vence por respeitar  **$\mu$ -PROJ** (cujo ranqueamento em relação a **PROJ-OBST**, violada por (a), não é necessário<sup>81</sup>).

A ordenação do tableau (G) resulta, assim, em uma realização ótima como *pirís*, ao passo que se a ordenação aí estabelecida fosse a inversa e, portanto, **GRID- $\mu$ HEAD** fosse ranqueada abaixo de **PROJ-OBST** e  **$\mu$ -PROJ**, o candidato ótimo que emergiria no *output* seria o candidato (c), o que daria uma realização como *píres*, já que a presença de um elemento dependente bloqueia a redução vocálica. Contudo, essa realização não corresponde aos fatos da língua, e esse é um argumento consistente para a ordenação estabelecida em (VI).

<sup>81</sup>  **$\mu$ -PROJECTION** postula que toda mora deve projetar uma posição na grade. Sendo assim, Magalhães (2004, p.135-6) destaca que “segmentos cuja mora não tenha sido projetada não violam  **$\mu$ -PROJECTION**, mas moras projetadas e que não ocupem nenhum espaço na grade violam essa restrição”.

(VII) \*SHARED- $\mu$ W, PROJ-SON >> GRID- $\mu$ HEAD

(H) /re'vɔlver/ 'revólver'

X /re..vol..ver/	*SHARED- $\mu$ W	PROJ-SON	GRID- $\mu$ HEAD
$\begin{array}{c} x \\ \square (x \quad x\square) \\ \mu \quad \mu \quad \mu\mu \\   \quad \wedge \quad    \\ a- \text{re} \cdot \text{vol} \cdot \text{ver} \end{array}$			*
$\begin{array}{c} x \\ \square (xx \quad \square) \\ \mu \quad \mu\mu \quad \mu \\   \quad    \quad \wedge \\ b- \text{re} \cdot \text{vol} \cdot \text{ver} \end{array}$	*!		*
$\begin{array}{c} \square (x \quad \square) \\ \mu \quad \mu \quad \mu\mu \\   \quad \wedge \quad    \\ c- \text{re} \cdot \text{vol} \cdot \text{ver} \end{array}$		*!	

(MAGALHÃES, 2004, p.138)

É neste ponto da análise que **PROJ-SON** é ranqueada acima de **GRID- $\mu$ HEAD**, o que, como já dito, impede a redução de vogais pertencentes à sílabas com codas soante. O candidato (c) é eliminado por violar **PROJ-SON**, ranqueada mais alto, deixando a vogal final com uma posição vazia na grade, o que causaria a sua redução e, conseqüentemente, a realização *revólvr[i]* que, segundo Magalhães (2004, p.138), “não ocorre na realidade da língua”<sup>82</sup>. O candidato (b) é eliminado por violar **\*SHARED- $\mu$ W**, ranqueada alto na hierarquia do PB. Essa restrição proíbe que dois segmentos compartilhem a mesma mora em sílaba átona. O candidato (a), enfim, emerge como *output* ótimo devido ao fato de violar apenas a restrição **GRID- $\mu$ HEAD**, a mais baixa da ordenação em (VII), atribuindo ao núcleo da sílaba final uma marca de grade (que, acompanhada da projeção de /r/, bloqueia a redução da sílaba final). Essa ordenação proporciona que a realização *ri'vólver* (pois o núcleo da primeira sílaba não é preenchido) possa emergir no *output*<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> Essa é uma afirmação muito “forte”, digamos assim, que necessita de maior comprovação empírica. Acredito que uma realização como *revólvr* ou *revólvi* é plenamente possível. Mais uma vez, o problema dessa proposta é como lidar com a variação.

<sup>83</sup> E, aqui, deve-se apontar até que ponto essa realização, que é possível, mas não é única, deve ser a ótima, e não uma como *revólver*, por exemplo.

(VIII) STRESSFAITH, \*SHARED- $\mu$ W >> GRID- $\mu$ HEAD

Aqui, as duas ordenações em foco são importantes para este modelo. Por meio da ordenação \*SHARED- $\mu$ W >> GRID- $\mu$ HEAD pode-se “impedir que a estrutura trocaica se configure à custa do compartilhamento da mesma mora por dois segmentos em sílaba acentuada” (MAGALHÃES, 2004, p.139)<sup>84</sup>. Já STRESSFAITH >> GRID- $\mu$ HEAD tem o papel de impedir que, nas palavras com coda soante, o acento migre para a posição *default* (sílabas pesadas em final de palavra atraem o acento; em uma palavra como *líder*, por exemplo, a posição *default* seria *líder* – assim como a apresentada no *input*)<sup>85</sup>. A consequência de a restrição GRID- $\mu$ HEAD, que impede a projeção de marca de grade sobre uma mora não-cabeça do pé, vir ranqueada abaixo de STRESSFAITH pode ser mais bem visualizada pelo tableau (I):

## (I) /'lɪdɐr/ 'líder'

X /li.der/	STRESSFAITH	*SHARED- $\mu$ W	GRID- $\mu$ HEAD
$\begin{array}{c} x \\ (x \quad x\Box) \\ \mu \quad \mu\mu \\   \quad    \\ a- \text{li} . \text{der} \\ \swarrow \end{array}$			*!
$\begin{array}{c} \Box (x\Box) \\ \mu \quad \mu\mu \\   \quad    \\ b- \text{li} . \text{der} \\   \end{array}$	*!		
$\begin{array}{c} (x \quad \Box) \\ \mu \quad \mu \\   \quad ^ \\ c- \text{li} . \text{der} \\ \swarrow \end{array}$		*!	

(MAGALHÃES, 2004, p.139)

Aqui, todos os candidatos respeitam PROJ-SON, o candidato (c) é eliminado por não cumprir as exigências de \*SHARED- $\mu$ W e (b), em atenção ao padrão *default* do PB, é

<sup>84</sup> Dessa forma, essa ordenação atende ao princípio em TO chamado *inclusividade*, que impede que estratégias de reparo sejam incluídas na análise. EVAL analisa as condições de boa formação estrutural.

<sup>85</sup> Para Magalhães (2004), a posição *default* do acento é um dos candidatos eleitos pela língua. Assim, uma palavra como *líder*, *nível*, entre outras, teriam, como um dos candidatos selecionados por GEN, as configurações *líder* e *nível*. Porém, apenas por hipótese, se essa não fosse uma forma eleita, e ele não oferece argumentos consistentes para que seja, a ordenação STRESSFAITH >> GRID- $\mu$ HEAD perderia, então, a razão de ser. Acredito que essa é uma hipótese que merece ser mais bem apreciada.

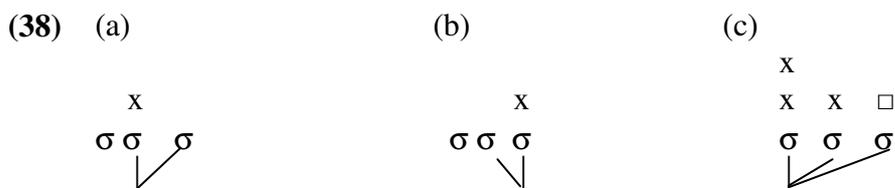
eliminado por não respeitar a restrição **STRESSFAITH**, gerando a não correspondência entre o acento no *input* e no *output*. O candidato (a), então, ganha a concorrência por violar apenas a restrição **GRID-μHEAD**, ranqueada baixo. Na hipótese de o candidato (c) emergir como candidato ótimo teríamos a realização \**lídír*, caso o candidato (b) emergisse teríamos \**lidér*, o candidato (a), que faz emergir no *output* a forma *líder*, é, assim, o que mais se aproxima dos dados da língua.

### (IX) **RIGHTMOST** >> **GRID-μHEAD**

Enfim, esta é a ordenação que de fato exclui a extrametricidade (**NONFINALITY**) no PB, sendo, por isso, a que mais interessa a este trabalho. Os princípios do Instrumento Controlador do Plano Métrico aliados à interação das restrições **GRID-μHEAD** e **RIGHTMOST**, principalmente, possuem um importante papel nessa tarefa. A primeira dispensa apresentações, a segunda é introduzida neste ponto da análise e atua de forma a garantir a direção do acento principal. No PB, língua em que palavras proparoxítonas (acento na terceira sílaba a contar da direita) são consideradas marcadas, essa direção é “tanto mais à direita quanto possível” (MAGALHÃES, 2004, p.106):

(37) **RIGHTMOST** ou **ALIGN** (Hd-Ft, R, PrWd, R): a borda direita do pé cabeça deve estar alinhada com a borda direita da palavra prosódica (KAGER, 1999).

Contudo, satisfazem a essa restrição tanto pés troqueus como iâmbicos. O que de fato importa para **RIGHTMOST** é que o pé a ser alinhado esteja na borda direita da palavra. Dessa forma, como estamos lidando com pés binários, as configurações (a) e (b), em (38), atendem a essa restrição e (c), em tese, a viola:



O tableau (J), apresentado abaixo, com o ranqueamento **STRESSFAITH**, **RIGHTMOST** >> **GRID-μHEAD**, explicita como a restrição **NONFINALITY**, a extrametricidade reinterpretada pela

TO e ampliada pela TRA, não precisa fazer parte de uma análise que se proponha a discutir o padrão acentual das palavras proparoxítonas, tradicionalmente tratadas por meio desse recurso. Vejamos como isso se realiza:

(J) /'folego/ 'fôlego'

x /fo.le.go/	STRESSFAITH	RIGHTMOST	GRID- $\mu$ HEAD
<p>a- fo . le . go</p>			*!
<p>b- fo . le . go</p>		*!	
<p>c- fo . le . go</p>	*!		

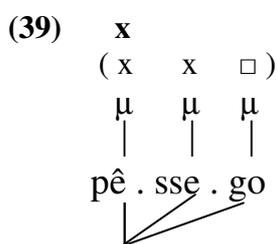
(MAGALHÃES, 2004, 141)

Em (J), o candidato (c) é excluído por violar **STRESSFAITH** fatalmente, gerando uma realização como *folêgo*, que atende à posição *default*.<sup>86</sup> O candidato (b), contrariando o padrão *default*, respeita **STRESSFAITH** mantendo o acento marcado na posição em que ascende do léxico. Contudo, (b) é eliminado por violar **RIGHTMOST**, em face de o pé cabeça estar alinhado à esquerda. Com isso, (a) ganha a concorrência, já que respeita as restrições mais altas, ferindo, apenas, a restrição **GRID- $\mu$ HEAD**, ranqueada mais baixo.

<sup>86</sup> O candidato que atende ao padrão *default* do PB, ou seja, o que se insere no padrão regular do acento, “emerge naturalmente na hierarquia de restrições” (MAGALHÃES, 2004, p.207); assim, sua posição como concorrente no tableau é certa.

Note-se que tanto o candidato (a) quanto o candidato (b) mantêm o acento da mesma forma como marcado no léxico, ou seja, mantêm o acento proparoxítono e “se o acento subjacente se alojar sobre a antepenúltima sílaba, ele virá à superfície nesta mesma posição” (MAGALHÃES, 2004, p.149). Contudo, o candidato (b), violando **RIGHTMOST**, acaba por gerar um *lapso* (duas sílabas átonas adjacentes), ferindo a propriedade *rítmica* do acento (PRINCE, 1983). Já o candidato (a), o que emerge como ótimo no *output*, respeita **RIGHTMOST** e viola **GRID-μHEAD**, eliminando, assim, o *lapso*.<sup>87</sup>

Quanto à redução vocálica neste tipo de configuração, há uma situação prevista por Magalhães (2004), e que aqui merece ser abordada: a redução é *licenciada* quando uma marca de grade que indica o cabeça de algum constituinte, por não possuir um elemento descendente, fica suscetível à redução. Isso acontece nas palavras proparoxítonas com três sílabas leves como *fôlego*, exposta acima, e, também, *pêssego*, entre muitas outras. A palavra *pêssego*, por exemplo, possui como cabeça do pé a sílaba /pɛ/, com a mora que a consolida como cabeça projetada um nível acima das demais. Enfim, o fato de essa mora não possuir elementos dependentes licencia uma realização como *pêssigu* além da obrigatória *pêssegu*:



O interessante, aqui, é perceber que a proposta de Magalhães (2004), e ele não clarifica essa questão, requer uma espécie de *pé ternário*, ao menos para tratar das proparoxítonas com a configuração **CV̇.CV.CV**, já que temos três sílabas ligadas a um só pé.

A primeira vista, esta formação de pés (ternários), fere **TROCHEE** incondicionalmente, já que este princípio exige que, dentro do pé, toda marca de grade tenha **um** dependente à sua direita, formando um pé *Troqueu* (x □), essencialmente binário. Todavia, o mesmo princípio exige obediência à *Headedness*, incorporada da TRA, que demanda que o cabeça de uma sílaba seja a mora proeminente da sílaba (o que é atendido tanto pela sílaba *pê* quanto *sse*, que possuem cada uma sua marca de grade), o cabeça do pé seja a sílaba proeminente do pé e, conseqüentemente, o cabeça da palavra prosódica seja o pé proeminente dessa palavra

<sup>87</sup> O candidato (b), eliminado, exige redução nas duas sílabas finais *fôligu*, e o candidato (a) faz com que a forma *fôlegu* possa emergir no *output*. Contudo, a variação *fôligu* ~ *fôlegu* é plena na língua. A proposta de Magalhães (2004), por propor apenas uma saída, não consegue lidar com esse fato, que é uma realidade da língua.

(condições atendidas somente por *pê*). Nesse sentido, a estrutura em (51), de certa maneira, “atende” TROCHEE. Porém, esse argumento é parcial e insatisfatório, e, com toda certeza, essa é uma questão ‘obscura’ da proposta de Magalhães (2004).

#### 4.6.2 A Proposta de Oliveira & Lee (2006)

A proposta de Oliveira & Lee (2006) está voltada para a variação lingüística. Os autores oferecem “um esboço de modelo fonológico que possa lidar de modo mais atraente com a variação lingüística” (OLIVEIRA & LEE, 2006, p.15). Esta proposta, ou melhor, este modelo teórico, ainda em estagio preliminar, e que tem como base de aplicação os mecanismos oferecidos pela Otimalidade, concilia e, conseqüentemente, se sustenta em dois níveis diferentes: o da produção, nível que, já de longa data, é o foco de atenção dos lingüistas (cf. COURTENAY citado por CÂMARA JR. 1965, JONES, 1932 e 1950, citados por OLIVEIRA & LEE, 2006) e o nível da percepção lingüística, pouco discutido na literatura. Produção e percepção que, aliadas a outros fatores, formam o objeto língua e constituem, na verdade, faces de uma mesma “moeda”, mas que, nem sempre, ao menos metodologicamente, caminham em conjunto.

Além de fornecer os meios para que uma análise via TO possa conceber a variação e reunir, no mesmo mecanismo formal, percepção e produção, o mais interessante deste modelo é, também, o fato de ele incorporar o modelo de DL. Dessa forma, Oliveira & Lee (2006) concebem a mudança lingüística como um processo que se implementa lexicalmente, e buscam, a partir dessa concepção, representar, neste modelo teórico, o fato de que “para alguns falantes de uma mesma língua, algumas palavras já completaram a migração enquanto que, para outros falantes, estas mesmas palavras ainda permanecem em sua posição inicial” (grifos dos autores – OLIVEIRA & LEE, 2006, p.17).

Voltado para a análise da variação das vogais pré-tônicas<sup>88</sup>, o modelo fonológico proposto pelos autores gira em torno de uma pergunta maior – “se os falantes de uma língua X não falam do mesmo modo, como é que eles se entendem?”(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.13). Mascarada por muitas das propostas e modelos lingüísticos anteriores e de uma complexidade maior do que uma primeira impressão possa causar, tal pergunta, além de refletir uma realidade da língua, expressa em seu âmago o cerne deste modelo. No caso do Português do

<sup>88</sup> As análises e princípios aqui postulados voltam-se para as vogais pré-tônicas, já pesquisadas pelos autores e que há algum tempo vêm sendo o foco de suas atenções.

Brasil, pode ser exemplificada, grosso modo, no porquê de um vocábulo como *câmera*, por exemplo, ser entendido como um só elemento, tendo, assim, um só conteúdo para todos os falantes nativos, a do objeto {câmera}. Isso independente da realização fonética que o vocábulo possa vir a assumir, se *câmera*, com total fidelidade ao *input*, ou, em uma possibilidade mais remota, como *câmira*, sem prejuízo para o sentido. E vale lembrar que essa liberdade se limita às vogais médias e altas, já que se o mesmo vocábulo sofresse não um processo de alçamento, mas de abaixamento, teríamos o item *câmara*, o que nos daria outro elemento, e, conseqüentemente, outra representação mental compartilhada<sup>89</sup>.

Regulando essa mobilidade da língua, está, segundo os autores, envolvida uma série de princípios, que são incorporados pelos falantes durante a fase de aquisição da linguagem. Com essa hipótese em mente, Oliveira & Lee (2006) supõem, mesmo que em tons afirmativos, que a aquisição de uma determinada língua, ao menos no que diz respeito ao nível fonológico, está intimamente relacionada à aquisição de princípios gerais que permitem aos falantes legitimar uma determinada expressão desta língua como sendo uma expressão A, B ou C, ou seja, essas expressões veiculam significados diversos de acordo com os princípios que obedecem. Isso posto, temos, no PB, dentre os vários princípios que se possam eleger, o seguinte princípio:

- (40) **P1:** O contraste (e a oposição entre conteúdos) de base vocálica é, preferencialmente, estabelecido através de vogais acentuadas.

(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.15)

Esse princípio garante as diferenças semânticas em vocábulos cujo contraste se dá apenas na tônica, como no tradicional exemplo *saco*, *sêco*, (*eu*) *séco*, *sôco*, (*eu*) *sóco*, *suco* e “*sico*”, a marca de algum produto, por exemplo. Quanto aos vocábulos em posição átona, o que se tem são os princípios 2 e 3, **P2** é apresentado da seguinte forma:

- (41) **P2:** O contraste (e a oposição entre conteúdos) de base vocálica de vogais médias, em posição não-acentuada, é, preferencialmente, estabelecido através da anulação do traço [ATR].

(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.16)

---

<sup>89</sup> Convém lembrar, entretanto, que, no dialeto belo-horizontino, é comum pronunciar-se *câmara* para *câmera*, a diferenciação fica por conta do contexto.

A aquisição do **P2** garante aos falantes diferenciar vocábulos como *quebrar* e *cobrar*, apresentados pelos autores. O mesmo se dá entre os vocábulos que se opõem pela átona final como *cole*, *colo*, e tantos outros, cujo contraste ocorre em sílaba não-acentuada, anulando-se o traço [ATR]. Já o **P3**, responsável por responder a pergunta da página anterior, sustenta-se, exclusivamente, no plano da percepção e a ele se dirige. Esse princípio é exposto do seguinte modo:

- (42) **P3:** Vogais médias, em posição pretônica, podem sofrer ajuste quanto ao traço [Height], sem conseqüências para o conteúdo.

(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.16)

É a aquisição do **P3** que garante aos falantes de uma língua X a compreensão compartilhada de conteúdos, ou seja, esse princípio permite que os falantes do PB reconheçam {colégio} independentemente de sua produção, se *cólégio*, *colégio* ou *culégio*, ou, ainda, aplicado aos itens proparoxítonos, permite, por exemplo, a compreensão de *cócóras*, *cócoras* e *cócuras*, ou *épóca*, *época* e *épuca* como {cócoras} e {época}, vocábulos de X. E devido ao fato de as vogais pretônicas e postônicas terem comportamentos semelhantes nesse aspecto, poderíamos transpor o princípio exposto em (42) como (43), sem prejuízos para a análise dos autores e sem que seja necessário estabelecer outro princípio, ou seja, sem que seja necessário um **P4**. Dessa forma, tem-se:

- (43) **P3:** Vogais médias, em posição **postônica**, podem sofrer ajuste quanto ao traço [Height], sem conseqüências para o conteúdo.

Dentre os princípios gerais que os falantes dominam, os expostos acima representam apenas uma pequena parte dos que podem vir a ser postulados, postulações essas feitas de acordo com os fatos apresentados pela língua, aqui, o Português falado no Brasil. Esses princípios subordinam ou são subordinados a outros princípios, que, definidos como “nós” ou “pontos” pelos autores, “ainda precisam ser determinados” (OLIVEIRA & LEE, 2006, p.16). Nessa teia de dominados e dominantes, **P3**, por exemplo, um princípio menor (sem nenhum juízo de valor embutido nessa denominação), se subordina ao **P2**. Isso significa que, em se tratando de sílaba átona, caso a expressão não sofra oposição de significado (o que se daria pela ação do **P2**), é o **P3** que age, podendo ocasionar alterações na forma da expressão, mas não na do significado.

Dessa forma, excluindo a possibilidade de a oposição se dar pela sílaba tônica, o que ocorreria de acordo com o **P1**, e, também, a ação de **P2**, que, como visto, é responsável por diferenciar a vogal pretônica dos vocábulos *veação*<sup>90</sup> de *viação*, por exemplo, é que se dá **P3**, produzindo ajustes na forma sem, contudo, causar alteração de significado. Assim, pela ação deste princípio, como esperamos já ter deixado claro, os falantes reconhecem {*vértebra*}, independente da forma como pronunciam, se *vértébra*, conforme a harmonia, *vértibra*, reduzindo a vogal média à alta, ou mantendo a fidelidade ao *input*, *vértebra*.

Para melhor lidar com a variação lingüística o modelo de Oliveira & Lee (2006) requer que princípios gerais, como **P1**, sejam adotados por todos os falantes, isso no nível da percepção (o que propicia a compreensão e, conseqüentemente, a comunicação) e que, no nível da produção, por serem funções dos princípios maiores, os chamados princípios menores tenham sua aplicação condicionada ao indivíduo e ao item lexical por ele proferido.

Para operacionalizar esta idéia em termos de Otimalidade, Oliveira & Lee (2006) assumem algumas premissas: (a) há, nos moldes da GU reinterpretada pela TO, uma *Gramática de Dupla Face*, uma relativa à produção e outra à percepção; (b) para haver comunicação, o falante nativo deve ser capaz de mapear as várias possibilidades de alternância entre as vogais, embora a forma fonética seja diferente da por ele produzida; (c) a gramática responsável pela percepção assume um “papel essencial para explicar a variação lingüística”, já que, como veremos abaixo, “a variabilidade fonética é prevista pela gramática” (OLIVEIRA & LEE, 2006, p.19) e, enfim, (d) a gramática de produção, por razões diferentes das de Magalhães (2004), permite apenas que um *output* venha a emergir como ótimo, e representa, como já dito, um indivíduo pronunciando um item léxico por vez. Nos tableaux abaixo, pode-se perceber como essas premissas se comportam:

(L) Gramática de Percepção:

/moderno/	IDENTSTR., IDENT [+HIGH] IDENT [+LOW]	AGREE	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. moderno		*	*		
☞ b. moderno			*		*
☞ c. moderno		*		*	

(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.21)

<sup>90</sup> Definido por Houaiss (2001, p.2.835) como “1 caçada de animais ferozes ou de montaria 2 o conjunto dos animais mortos na caçada 3 prato preparado com a carne dessa caça”.

Na gramática de percepção, todos os candidatos vencem já que após *Cut-Off* o mecanismo **EVAL** não ranqueia as restrições. A linha dupla representa o mecanismo *Cut-Off*, originalmente proposto por Coetzee com o intuito de representar a ordenação entre candidatos variáveis, e que aqui, no modelo de Oliveira & Lee (2006), separa restrições categóricas de restrições alternantes. À esquerda de *Cut-Off*, garantindo o contraste nas sílabas tônicas e a constante realização fonética de [a], [i] e [u] estão, respectivamente, a restrição **IDENT<sub>STR</sub>** e as restrições **IDENT [+HIGH]** e **IDENT [+LOW]**, ao lado direito de *Cut-Off* não há ranqueamento entre as restrições, e é isso que representa, na gramática de percepção, a compreensão compartilhada dos falantes, dando margens para que todas as formas sejam percebidas como variações de um mesmo *input*.

As variações são exploradas em seu caráter máximo de alcance, ou seja, como o exemplo (**L**) bem demonstra, todas as possibilidades de realização da palavra são selecionadas por **GEN**. Já “a gramática de produção é um subconjunto da gramática de percepção” (OLIVEIRA & LEE, 2006, p.22) e, por conseguinte, ao menos quanto ao objeto aqui em foco, a variação está no que se percebe e não na produção, que é categórica para cada item, e essa constatação não é especulativa. Isso nos deixa com dois tipos de representação, a *abstracta*, pertencente à percepção, e a *forma fonética*, relativa à produção. A gramática de produção é representada conforme os tableaux expostos em (**M**):

(**M**) Gramática de Produção:

(**a**)

/modɛrno/	<b>IDENT<sub>STR</sub>, IDENT [+HIGH]</b> <b>IDENT [+LOW]</b>	<b>IDENT(HEIGHT)</b>	<b>IDENT (ATR)</b>	<b>*MID</b>	<b>AGREE</b>
☞ a. modɛrno					*
b. mɔdɛrno			*!	*	
c. mudɛrno		*!			*

(OLIVEIRA & LEE, 2006, p.21)

(b)

/modɛrno/	IDENT <sub>STR.</sub> , IDENT [+HIGH] IDENT [+LOW]	AGREE	* MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. modɛrno		*!	*		
☞ b. mɔdɛrno			*		*
c. mudɛrno		*!		*	

(OLIVEIRA &amp; LEE, 2006, p.21)

(c)

/modɛrno/	IDENT <sub>STR.</sub> , IDENT [+HIGH] IDENT [+LOW]	* MID	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. modɛrno		*!	*		
b. mɔdɛrno		*!			*
☞ c. mudɛrno			*	*	

(OLIVEIRA &amp; LEE, 2006, p.22)

Aqui, cada candidato é eleito de acordo com a produção do falante e do item léxico por ele pronunciado. Por exemplo, João fala *mudérno*, reduzindo a vogal pré-tônica, já Maria fala *modérno*, sendo fiel ao *input*, e Pedro *módérno*, harmonizando a vogal pré-tônica a tônica. Logo a gramática de João para o item léxico /modérno/ é a representada no tableau (c), já a de Maria a do tableau (a) e a de Pedro a do tableau (b). Contudo, nada impede que a produção de uma palavra como *modéstó*, por exemplo, com o mesmo contexto da palavra *modérno*, seja pronunciado por João como *modéstó* e por Maria como *mudéstó*, que pronunciavam *mudérno* e *modérno*, respectivamente. Essa é uma ‘flexibilidade’ real da língua, aceita pelo modelo da DL e também por este modelo, essencialmente difusionista e baseado na Otimalidade.

Aplicando esse modelo às postônicas não-finais, mais especificamente a uma palavra como *víbora*, por exemplo, teríamos, nos moldes apresentados acima, uma representação como a exposta em (N):

(N)

Gramática de Percepção:

/víbora/	<b>IDENT<sub>STR.</sub> IDENT [+HIGH]</b> <b>IDENT [+LOW]</b>	<b>AGREE</b>	<b>*Mid</b>	<b>IDENT(HEIGHT)</b>	<b>IDENT (ATR)</b>
☞ a. víbora		*	*		
☞ b. víbora			*		*
☞ c. víbura		*		*	

Gramática de Produção:

(a)

/víbora/	<b>IDENT<sub>STR.</sub> IDENT [+HIGH]</b> <b>IDENT [+LOW]</b>	<b>IDENT(HEIGHT)</b>	<b>IDENT (ATR)</b>	<b>*Mid</b>	<b>AGREE</b>
☞ a. víbora					*
b. víbora			*!	*	
c. víbura		*!			*

(b)

/víbora/	<b>IDENT<sub>STR.</sub> IDENT [+HIGH]</b> <b>IDENT [+LOW]</b>	<b>AGREE</b>	<b>* Mid</b>	<b>IDENT(HEIGHT)</b>	<b>IDENT (ATR)</b>
a. víbora		*!	*		
☞ b. víbora			*		*
c. víbura		*!		*	

(c)

/víbora/	<b>IDENT<sub>STR.</sub> IDENT [+HIGH]</b> <b>IDENT [+LOW]</b>	<b>* Mid</b>	<b>AGREE</b>	<b>IDENT(HEIGHT)</b>	<b>IDENT (ATR)</b>
a. víbora		*!	*		
b. víbora		*!			*
☞ c. víbura			*	*	

Como os tableaux acima apontam, para que uma forma ótima que priorize a fidelidade ao *input* seja eleita, as restrições de identidade (**IDENT(HEIGHT)** e **IDENT (ATR)**) são ranqueadas acima das outras, como demonstra o tableau (a), dos exemplos (M) e (N). No mesmo diapasão estão os *outputs* que elegem a redução vocálica, nos quais a gramática de produção ranqueia em posição mais alta a restrição que exclui vogais médias na posição átona (\***MID**), tableaux (c), e os *outputs* que priorizam a harmonia vocálica, sendo *higher-ranked* a restrição de concordância (**AGREE**), como expõem os tableaux dos exemplos (b).

Pode-se dizer, portanto, que não há, para este modelo teórico, grandes diferenças, ao menos quanto à representação em si, entre as vogais pré-tônicas e postônicas não finais, objeto desta dissertação. Contudo, uma diferença importante quanto às postônicas não finais, e que aqui merece ser apreciada, se dá quanto aos princípios estabelecidos pelos autores, mais propriamente quanto ao **P2**. Segundo Oliveira & Lee (2006, p.20), “o falante nativo do PB não distingue entre as vogais médias abertas e as vogais médias fechadas nas posições átonas não finais na sua percepção”, o que significa que vogais médias, tanto as fechadas quanto as abertas, têm uma espécie de ‘trânsito livre’ nesta posição silábica. Ou seja, vogais médias de itens lexicais proparoxítonos, quando em posição postônica não final, alternam-se livremente, sem prejuízos para o sentido. Os vocábulos *horóscópo* e *horóscopo* para {horóscopo}, por exemplo.

Evidencia-se, também, a mesma liberdade entre as vogais médias altas e altas na referida posição, como nos exemplos já citados *câmera* e *câmira* para {câmera}. Essa alternância não apresenta qualquer diferença de conteúdo, a não ser quando saímos das vogais médias e passamos à vogal baixa, o que nos daria outro item lexical, *câmara*, e, obviamente, outro conteúdo. Entretanto, o mesmo não ocorre quando tratamos de vogais pré-tônicas e das átonas finais (cf. os exemplos *quebrar-cobrar* e *cole-colo, avô-avó*). É o **P3** o responsável por permitir a redução das vogais médias altas para vogais altas na posição postônica não final, fenômeno que, como apontado anteriormente, ocorre no dialeto belo-horizontino.

#### 4.6.3. A Proposta de Oliveira (2006)

Embora existam algumas semelhanças entre as propostas de Oliveira & Lee (2006) e Oliveira (2006), pode-se, num aparente paradoxo, apontar grandes diferenças entre elas. Entre as importantes semelhanças estão a concepção de variação, a preocupação em aliar produção

à percepção lingüística, e, também, o fato de ambas considerarem que a implementação de uma forma variante na fala é sensível ao par {indivíduo-item léxico}. (OLIVEIRA, 2006, p.20).

Guiado por uma clara influência chomskyana, Oliveira (2006) não deixa de assumir a linha mestra do pensamento desse autor, especialmente no que diz respeito às preocupações que o impulsionaram à formulação do Programa Minimalista (uma reformulação da Teoria Princípios e Parâmetros), quais sejam, simplificar análises, eliminar estipulações descritivas e outras soluções de «engenharia lingüística», e abordar problemas perenes de frente, sem rodeios. (CHOMSKY, 1999, p.24).

Oliveira (2006), que parece ser guiado por esse ideal de simplificação, propõe que a variação seja vista como uma propriedade da Língua-I e, caso se manifeste na Língua-E, é implementada lexicalmente e de acordo com cada indivíduo, como prevê o modelo difusionista. Essa concepção implica em um *input* definido no nível do indivíduo e do item lexical, e não um *input* único para toda a comunidade. É essa concepção que, de certa forma, o leva a abandonar a necessidade de usar *tableaux* para representar a gramática.

Como previsto por Oliveira & Lee (2006), a variação lingüística, para Oliveira (2006), também ocorre no nível abstrato. Contudo, apesar de baseados nos mesmos dados, a justificativa para tal abstração é diferente nesta proposta. Para este autor a abstração deve-se ao fato de a variação, *persona non grata* das teorias lingüísticas, ser licenciada pela arquitetura interna da faculdade de linguagem, através de princípios que regulam o sistema computacional. (OLIVEIRA, 2006, p.20).

Para Hauser, Chomsky & Fitch (2002), autores que dão subsídio à hipótese de Oliveira (2006), há um sistema sensório-motor, um conceitual-intensional e um computacional formando a faculdade da linguagem. Para eles, os seres humanos têm, entre outras habilidades mentais, as que os possibilitam discriminarem sons vocais, categorizarem esses sons em classes prototípicas de fonemas e perceberem cada classe em sua individualidade. É o sistema computacional, aliado aos outros sistemas descritos por Hauser, Chomsky & Fitch (2002), ainda tão pouco explorados pela ciência moderna (não só pela ciência lingüística como por todas as outras), que possibilita, por exemplo, a compreensão das paroxítonas *soco*, *sóco*, *suco* como palavras diferentes e das proparoxítonas *método*, *métódo* e *métudo* como variações de uma mesma palavra. E convém frisar que em ambos os casos o indivíduo processa a informação da mesma maneira: diferenciando os fonemas [o], [ɔ] e [u]. Nesses exemplos, temos palavras que se separam apenas por esses fonemas vocálicos; porém, no primeiro

grupo, esses fonemas formam pares mínimos (*soco*, *sóco*, *suco*) e, no segundo grupo, os mesmos são representantes de uma oposição fonológica neutralizada (*método*, *método* e *métudo*). E essa diferenciação ou categorização é um dos inúmeros e inimagináveis mecanismos que esses sistemas, que agem em conjunto e que são separados apenas metodologicamente, são capazes de operar.

Essas operações, contudo, se dão na Língua-I, sendo, assim, uma preocupação do nível da percepção lingüística. No que concerne à produção lingüística, Oliveira (2006) destaca que o indivíduo compreende as várias formas variantes, mas pronuncia, quase sempre, apenas uma delas. A variação intra-individual, que existe e não pode ser ignorada. (OLIVEIRA, 2006, p.19), é, com base no *corpus* utilizado pelo autor, considerada uma situação marcada na língua, pelo menos no que diz respeito aos processos fonológicos e à posição silábica que analisa.

Essa idéia de variação pertencente ao nível individual deriva das premissas difusionistas que o autor assume e, principalmente, de dados que a própria língua fornece. Assim, voltada para o PB, mais especificamente para o alçamento das vogais pretônicas, a proposta de Oliveira (2006) assume que (1) vogais médias em posição pretônica possuem três variantes em potencial (que respeitam a fidelidade, a redução ou a harmonia); (2) dialetos diferentes possuem maneiras diferentes de propagar os processos sonoros pelo léxico; (3) apesar de utilizarem os mesmos mecanismos, a confecção da representação fonética varia de indivíduo para indivíduo.

Essas hipóteses, que se apóiam, sobretudo, nos dados, apontam para duas realidades da língua, uma relativa aos itens lexicais (enquanto alguns itens apresentam uma realização categórica, outros apresentam variação de fato) e outra aos falantes (dos itens que apresentam variação, alguns indivíduos possuem uma realização categórica de uma variante para um item lexical específico enquanto outros possuem uma realização categórica de outra variante para o mesmo item). A primeira hipótese se refere às realizações categóricas como as das palavras *semana* (fidelidade), que não apresentou nenhuma ocorrência de *simana* (redução), e, contrariamente, *burracha* (redução), com nenhuma ocorrência de *borracha* (fidelidade), por exemplo, e, ainda, palavras variáveis como *serviço* e *sirviço*, que alternam entre fidelidade e redução, e *colégio*, *culégio* e *cólégio*, que, além dos fenômenos anteriores, também apresentam a harmonia vocálica. A segunda hipótese se refere ao fato de itens variáveis, como os apresentados anteriormente, se realizarem categoricamente para falantes diferentes. Isto é, dada a variação de *colégio*, *cólégio* e *culégio*, por exemplo, o falante A pronuncia sempre *colégio*, o B *cólégio* e o C *culégio*.

Ao se considerar as palavras e não as vogais pertencentes ao ambiente em que tais processos fonológicos ocorreram, tem-se de concordar com Oliveira (2006) quando coloca em questão se realmente há variação quando o que está em pauta são os casos de realização individual categórica para palavras variantes. Duas perguntas principais emergem naturalmente dessa constatação: (1<sup>a</sup>) por que, dependendo do item lexical e do falante, elege-se um ou outro processo fonológico? (2<sup>a</sup>) se é isso que realmente ocorre, a variação não seria, então, menor do que a prontamente verificável?

Contrariando a concepção da sociolinguística laboviana, e no intuito de responder a essas questões, o autor problematiza o próprio conceito do que é ou não uma forma variável. Baseado na existência de pronúncias individuais categóricas para palavras variantes no dialeto, ele diz, assim como proposto em Oliveira (1992), ser o comportamento [lingüístico] do indivíduo mais homogêneo que o comportamento da comunidade de fala. (OLIVEIRA, 2006, p.16). Aponta, ainda, que esses casos:

são problemáticos para qualquer abordagem fonológica que se baseie em alguma versão da noção de opcionalidade, uma vez que outputs múltiplos, ou são inexistentes, ou são reduzidos. E são problemáticos também para uma análise sociolinguística tradicional, baseada em regras probabilísticas, e que teria como base o comportamento do grupo (da comunidade de fala) e focalizaria os sons (e não as palavras). (OLIVEIRA, 2006, p.16)

Assim, afirma ser muito difícil, senão impossível, prever por regra, seja ela opcional ou probabilística, a ocorrência de RV [Redução Vocálica] no dialeto de BH (OLIVEIRA, 2006, p.15). Dessa forma, este modelo descarta as regras opcionais propostas pelo modelo gerativo padrão e as regras probabilísticas da sociolinguística laboviana, ao menos para explicar o objeto aqui focalizado – a variação das vogais médias.

Cabe ressaltar, por fim, como se dá a congruência desta proposta com a Otimalidade, que parece ter ficado um pouco de lado. No que se refere à variação das vogais pretônicas, Oliveira (2006) destaca que não há ordenação entre os processos que conduzem o falante a escolher a fidelidade (FAITH), a redução vocálica (RV) ou a harmonia vocálica (HV), e, como os dados por ele analisado demonstram, os três processos são recorrentes no dialeto de Belo Horizonte. Qualquer uma das realizações derivadas de tais processos pode vir a ser escolhida, cabendo à comunidade abortar ou aceitar o candidato ótimo. Dessa forma, a comunidade (ou sociedade) não determina se a mudança irá ou não ocorrer, ela apenas controla a propagação dessa mudança.

#### 4.7 Considerações Finais

Vistos os pressupostos básicos da TO, coube salientar como esta teoria se relaciona à pesquisa, no intuito de discutir e reanalisar o processo aqui em foco sob a perspectiva *ótima*. Considerando que essa é uma teoria que não se centra nas formas subjacentes, buscou-se demonstrar as realizações fonéticas das vogais médias, em posição postônica não final, do dialeto belo-horizontino, tendo a preocupação de: (a) analisar as alternâncias vocálicas entre essas vogais em termos da TO; (b) discutir as restrições necessárias para dar conta do sistema vocálico do dialeto belo-horizontino; (c) discutir a variação lingüística desse processo em termos da TO.

Todas as propostas apresentadas nas seções anteriores têm seu valor, porém nenhuma delas é totalmente imune. O modelo de Magalhães (2004) tem a grande vantagem de excluir a extrametricidade, que, de fato, é um mecanismo *ad hoc*, mas não se enquadra às hipóteses assumidas neste trabalho, essencialmente difusionistas e variacionistas. Isso porque permite, por argumentos não muito convincentes, que somente um candidato possa emergir como *output* ótimo, e, assim, não dá conta da variação lingüística.

Já a proposta de Oliveira & Lee (2006) tem a grande vantagem de assumir os preceitos da DL, além de incorporar a variação em sua análise, sendo, especialmente por esses motivos, plenamente aplicável a este trabalho. Contudo, os exemplos de variações pessoais persistem como um incômodo contra-exemplo para a principal hipótese assumida neste modelo: a de que a variação se dá em nível abstrato e não na produção.

Pelos “corajosos” pressupostos que açambarca, a proposta de Oliveira (2006) é, assim, a mais ousada, sendo, quiçá, a que mais se aproxima do nível explicativo que toda teoria almeja. Apesar de assumir a variação apenas no campo abstrato, assim como em Oliveira & Lee (2006), essa proposta chega a permitir variações pessoais no dialeto, apesar de considerá-las inexistentes ou reduzidas (*vide* OLIVEIRA, 2006, p.16). E, nesse ponto, a proposta de Oliveira & Lee (2006) é menos flexível, pois não abre espaço para que essas variações possam ocorrer. Todavia, todas essas propostas ainda precisam de maior comprovação empírica, principalmente no que se refere à variação lingüística (o maior desafio da Ciência da Linguagem). Nesta pesquisa, pretende-se acrescer as hipóteses de Oliveira (2006) com dados empíricos que as comprovem ou as refutem.

## **5 O MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**

### **5.1 Introdução**

Neste capítulo, faz-se uma breve descrição do contexto histórico, socioeconômico e geográfico do município de Belo Horizonte. A apresentação desse contexto é importante para que se possa caracterizar a comunidade de fala onde esta pesquisa se realizou e, conseqüentemente, apontar os fatores não estruturais (ou sociais) que se mostraram relevantes para essa comunidade, e, também, o quão recente é a formação de um dialeto genuinamente belo-horizontino.

### **5.2 Caracterização Histórica**

Para Paula & Monte-Mór (n.d.), a história desse município pode ser dividida em três momentos característicos. O primeiro momento, de 1897 a 1950, inicia-se na inauguração da capital mineira, poucos anos depois da Proclamação da República (1889), quando, em oposição ao regime monárquico, se consolidavam novos interesses políticos e econômicos no país. Cidade planejada, a capital deveria estar sintonizada com os ideais positivistas de renovação e progresso, substituindo a antiga capital – Ouro Preto, expressão da velha ordem imperial.

O antigo Arraial do Curral Del Rey, formado a partir do povoamento no entorno da próspera Fazenda do Cercado, foi escolhido para abrigar a capital que viria a ser a síntese dos novos tempos. A escolha do local para sediar a capital mineira levou em conta a proteção contra os ventos frios e úmidos, garantida pelas serras do Curral e de Contagem, as qualidades climáticas e topográficas, os mananciais de água de boa qualidade, suficientes para abastecer sua futura população, entre outros aspectos da região. Dentro da mesma noção positivista de progresso, o planejamento da capital estabelecia a separação entre as áreas rural, suburbana e urbana, esta delimitada pela Avenida do Contorno.

Belo Horizonte foi, sob vários aspectos, uma espécie de vitrine do novo regime. Inspirada em grandes capitais mundiais, como a francesa Paris e a americana Washington, e

planejada de acordo com uma nova concepção de estética urbana, as ruas largas e simétricas, as avenidas arborizadas, as numerosas praças, os espaços públicos generosos, o grande parque central da cidade, entre outros pontos marcantes, corporificavam uma nova proposta de vida comunitária, acolhedora para seus futuros moradores.

Contudo, é importante salientar que este ideal republicano nunca foi inteiramente democrático e carregou sempre certos traços de exclusão e autoritarismo, como se pode perceber nas palavras do Padre Francisco Martins Dias sobre a conduta de Aarão Reis (técnico responsável pelo planejamento e execução das obras na nova capital mineira).

Mais de uma vez ouvimo-lo dizer, é verdade, que não queria nenhum dos antigos habitantes de Belo Horizonte dentro da área urbana ou suburbana traçada para a nova cidade, e que tratasse o povo de ir se retirando, mas se, como efeito, eram esses os planos e o desejo do Dr. Aarão, não se realizaram, porque foram modificados e abandonados; e, como se viu e se vê ainda, grande parte dos habitantes permanecem no arraial. (DIAS, 1897, p. 84 citado por PAULA & MONTE-MÓR, n.d.).

Relativamente isolada e com um precário sistema de transportes, a cidade foi construída em tempo recorde. Foi planejada para abrigar uma população de no máximo 200 mil habitantes e ser um centro político e administrativo. Era explícita no plano a determinação que ditava que a capital não reivindicaria o *status* de pólo econômico. As atividades econômicas, as estruturas produtivas, de comércio e serviços que viesse a abrigar seriam aquelas necessárias ao atendimento das demandas por bens e serviços dos moradores, isto é, a industrialização não estava em seu traçado.

Os planejadores entendiam que a simples presença da capital do estado em região central do território induziria uma reconfiguração espacial das atividades econômicas, da infra-estrutura viária, de transportes e comunicações, incentivando os movimentos migratórios que redefiniriam a ocupação do espaço mineiro por meio de efetivo processo de integração e rearticulação regional. Como aponta Wirth (1982), a capital mineira seria, em consequência desta estratégia, o epicentro da tentativa de uma nova rearticulação regional, que buscaria integrar um estado que por mais de um motivo era visto como um mosaico.

O fato é que Belo Horizonte contrariou, em vários aspectos, o plano original, seja pelo crescimento demográfico, que rapidamente transcendeu o planejado, seja pela expansão das atividades econômicas que, efetivamente, transformaram a cidade num pólo econômico com significativos impactos sobre várias regiões do estado, destoando, no essencial, do plano que a queria um pólo político-administrativo. A tabela 1 demonstra o crescimento demográfico do município na primeira metade do século XX.

**TABELA 1**  
**População de Belo Horizonte (1900-1950)**

	Nº. de habitantes	Taxa de crescimento médio anual
1900	13.472	—
1905	18.662	7,70
1910	33.245	15,62
1915	45.741	7,50
1920	56.914	4,88
1925	81.396	8,67
1930	116.981	8,67
1935	167.712	8,67
1940	214.307	5,55
1945	272.910	5,46
1950	352.724	7,11

Fonte: GIANNETTI, 1951; Prefeitura de Belo Horizonte, 1985.

Duas constatações podem ser feitas de imediato a partir dos números apresentados acima: (1) já em 1940 a cidade tinha ultrapassado a população máxima prevista no plano (200 mil habitantes); (2) esse crescimento demográfico deve ser visto como resultado de um significativo processo de expansão econômica. O crescimento da população deve-se tanto à migração (a cidade atraiu moradores de várias partes do estado) quanto à imigração (recebeu levas de imigrantes, principalmente italianos e portugueses).

Dessa forma, a expansão sofrida por Belo Horizonte inicia-se ainda no primeiro momento traçado por Paula e Monte-Mór (n.d.), mais precisamente nas décadas de 20, 30 e 40, que representaram um dos períodos áureos da industrialização da região, especialmente pela propagação dos mercados e serviços e pela expansão do setor mineiro-siderúrgico (que se tornou grande fonte de geração de empregos). Esse setor tinha em Belo Horizonte sua centralidade, seja como espaço de produção, seja, sobretudo, como sede dos serviços de apoio. Ainda como um reflexo do grande impulso na indústria belo-horizontina, surgiu, em 1941, a Cidade Industrial, na localidade de Ferrugem, município de Betim, e a Cidade Industrial de Contagem. As formações de distritos industriais como esses e, também, de cidades-dormitório nos municípios vizinhos iriam constituir posteriormente a Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A expansão do setor industrial, incentivada pelo setor mineiro-siderúrgico, terá seu momento de consolidação, e de quase esgotamento de suas possibilidades de expansão, nas décadas de 50 e 60. Assim, o segundo momento da história de Belo Horizonte (1950-1980) inicia-se em um cenário em que os setores industriais e de serviços já se encontravam consolidados. A partir dos anos 50, a cidade começa a sentir, de fato, os reflexos de um intenso fluxo de migração interna, muitas pessoas vindas do interior do estado se

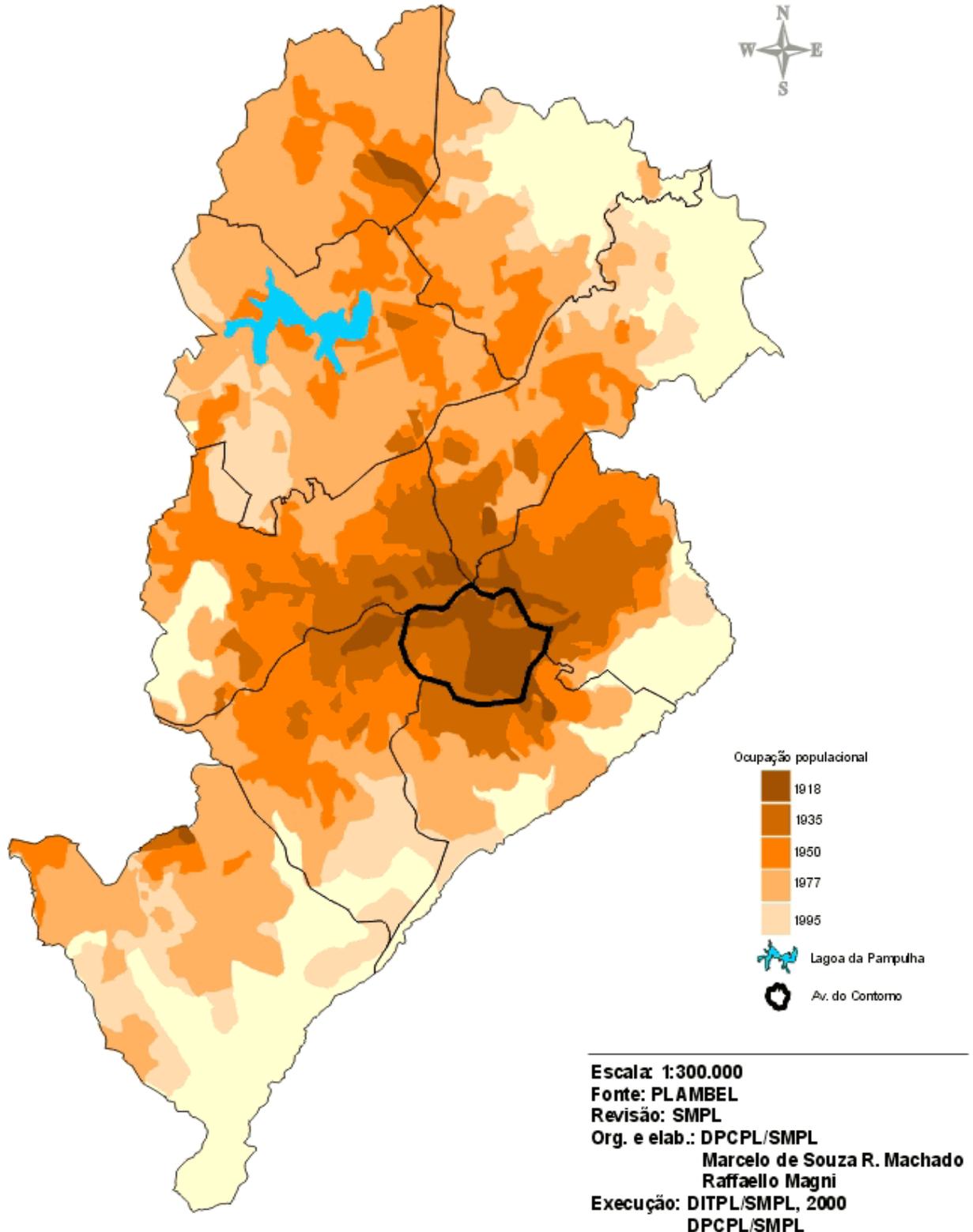
estabeleceram no município nessa época. A população dobra de tamanho, passando de cerca de 350 mil para 700 mil habitantes. Nos anos 60, Belo Horizonte vivencia um processo acelerado de crescimento urbano, o que gerou grandes impactos nas mais variadas áreas. Entre elas está a própria estrutura da cidade, casas e áreas verdes foram demolidas e prédios altos começaram a se erguer, em um processo de descaracterização da “Cidade-Jardim”. Atendendo à lógica do desenvolvimento, a verticalização ocorre de fato na década de 70, comprometendo as características originais da cidade e o seu patrimônio arquitetônico. E é nesse cenário que o segundo momento da história de Belo Horizonte se encerra, com a efetiva consolidação da cidade como pólo econômico, tanto pela implantação de parque industrial significativo quanto pela diversificação e expansão de sua estrutura de serviços, gerando, como visto anteriormente, um grande crescimento populacional e urbano (*vide* MAPA 1, próxima página).

O terceiro momento histórico traçado por Paula e Monte-Mór (n.d.) inicia-se a partir dos anos 80 e perdura até os dias de hoje. Esse momento é caracterizado por um conjunto de crises que paralisam a economia brasileira e acaba impactando, negativamente, a sociedade, que tem experimentado expressivo empobrecimento. O aumento do desemprego e o conseqüente aumento do trabalho informal, a redução da renda do trabalhador são alguns dos fatores apontados pelos autores e que podem ser considerados geradores (ou resultantes) desse empobrecimento.

Alguns avanços significativos já ocorreram, resultando em certa melhoria nos indicadores de desenvolvimento humano. Contudo, não se pode negar a veemência da crise nas mais variadas áreas. A redução da mortalidade infantil, os aumentos da esperança de vida da população e dos níveis de escolarização são, contudo, diretamente proporcionais à diminuição dos postos de trabalho, à redução das oportunidades para se consegui-lo, à onda de insegurança generalizada, entre outros fatores negativos, como a falta de infra-estrutura adequada, reflexo de um crescimento urbano, portanto desordenado.

O MAPA 1, exposto na próxima página, faz uma clara ilustração da ocupação do território belo-horizontino, desde 1918, praticamente os primeiros anos da cidades, até 1995, o que já nos dá uma idéia de algumas das passagens expostas nesta seção. Deve-se considerar, contudo, que nesses doze anos, de 1995 a 2007, a densidade demográfica do município já é, certamente, bem maior.

# 1918/35/50/77/95

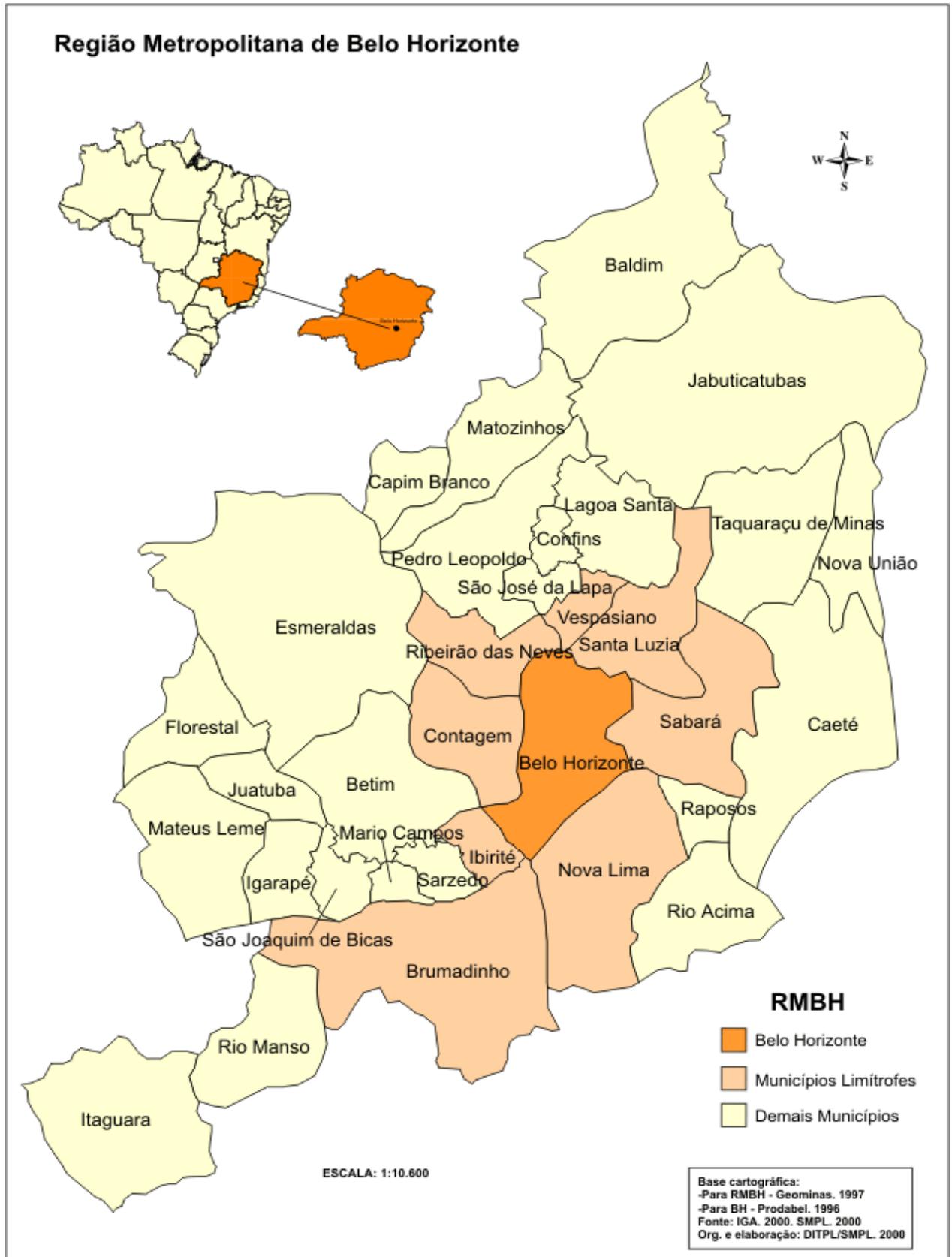


**MAPA 1: Ocupação Populacional do Território Belo-Horizontino (1918-1995)**  
**FONTE: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2000**

### 5.3 Aspectos Geográficos e Socioeconômicos

Segundo o último Censo Demográfico Nacional, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2000, a cidade de Belo Horizonte é a quarta maior capital do Brasil em população, com 2,38 milhões de habitantes. A capital mineira perdeu há alguns anos a posição de terceira maior cidade do Brasil em população, segundo dados do próprio IBGE, para Salvador, na Bahia. Na capital baiana, os pesquisadores do instituto contabilizaram 2,67 milhões de pessoas residentes. A primeira posição do *ranking* nacional continua com São Paulo, que apresentava na época da coleta dos dados, em 2000, cerca de 10,92 milhões de habitantes. Em seguida, aparece a cidade do Rio de Janeiro, capital fluminense, com 6,09 milhões de pessoas.

Antes de avançar no detalhamento do perfil econômico, racial e educacional dos moradores de Belo Horizonte é preciso destacar que o IBGE atualiza o Censo Demográfico a cada dez anos, aproximadamente. Porém, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) é atualizada a cada ano, desde 2002, justamente para fornecer aos agentes econômicos e sociais informações mais novas sobre o país. Essa pesquisa vai além do recolhimento de informações feito pelo Censo (utilizado nesta pesquisa) e reúne informações sobre raça, escolaridade, migração, trabalho e renda do Brasil, de suas unidades federativas e de todas as regiões metropolitanas. Como esta dissertação focaliza o município de Belo Horizonte, as informações colhidas e mais atualizadas da Pnad não serão usadas porque se referem à Região Metropolitana de Belo Horizonte, composta por 36 municípios, além da capital mineira, como demonstrado no MAPA 2, exposto na próxima página.



**MAPA 2: O Município de Belo Horizonte e Região Metropolitana**  
**FONTE: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2000**

Dos dados que o IBGE expõe no último censo, cabe destacar aqui a distribuição da população belo-horizontina quanto ao sexo, faixa etária, etnia, escolaridade e trabalho e renda (os dois últimos apresentados em outras duas subseções). Conjugados, esses dados caracterizam esta comunidade lingüística. Quanto ao sexo, a cidade tem sua população distribuída de maneira semelhante à média nacional. Aproximadamente 52% dos residentes no município são mulheres e 48% homens. Um dado relevante, segundo o instituto de pesquisa, é que 100% dos moradores se encontravam na data da pesquisa vivendo em áreas urbanas, que correspondem aos 331 quilômetros quadrados de área total da cidade.

Quanto à faixa etária, a maior parte da população de Belo Horizonte, 46,3% do total, é composta por pessoas que possuem de 25 anos a 59 anos. Em seguida aparece o grupo de jovens entre 18 anos e 24 anos, que correspondem a 14,7% dos habitantes. O terceiro grupo em participação é o que reúne pessoas de 7 anos a 14 anos, sendo 13,1%. Crianças de zero a seis anos representavam 11,2% no ano 2000. Acima de 60 anos estão 9,1% dos habitantes. A faixa populacional de 15 anos a 17 anos corresponde a 5,6% do total.

Quanto à etnia, o Censo Demográfico mostra que 53,6% da população residente na capital mineira se considerava branca, 8% preta, 37,2% parda, 0,2% amarela e 0,3% indígena, uma distribuição que não foge muito à miscigenação característica do povo brasileiro. É importante ressaltar que 61,6% da população residente em Belo Horizonte em 2000 era natural do município, ou seja, nascido na capital. E uma distribuição como esta é o que torna o fator etnia irrelevante para este trabalho. Ou seja, não temos, neste município, grandes concentrações de uma população imigrante que possa estar, de alguma forma, influenciando o dialeto belo-horizontino, como é o caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, onde a comprovada influência da língua italiana, alemã e espanhola, no caso das regiões fronteiriças, faz a relevância da medição desse fator.

### **5.3.1 Escolaridade**

No início de 2003, o INEP/MEC divulgou as taxas de analfabetismo no Brasil baseadas nos dados do Censo Demográfico do IBGE do ano 2000. No município de Belo Horizonte, a taxa de analfabetismo era de 4,6%, excluindo-se os indivíduos com menos de 15 anos. Belo Horizonte apareceu como a quinta capital com as menores taxas de analfabetismo

na população de 15 anos ou mais, atrás de Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis e Rio de Janeiro, nessa ordem.

A pesquisa também mediu a taxa de escolarização de acordo com o grupo de idade. Essa taxa corresponde à proporção de pessoas de determinado grupo que freqüentam a escola. De zero aos seis anos, 40% estavam nas escolas. Dos sete anos aos 14 anos, a taxa atingia seu mais alto índice, de 97,8%. Em seguida, no grupo de 15 anos a 17 anos, esse índice passava para 86,8%. Entre os jovens de 18 anos e 24 anos, o índice passava para 42,3%. Acima dos 25 anos, a taxa de escolarização caía para o mais baixo patamar, de 5,7%. Assim, o índice de escolarização no município começa a decair a partir dos 15 anos de idade ou mais, época em que, em geral, termina-se o ensino fundamental.

Cruzando as informações de tempo de estudo da população com as faixas etárias, o Censo Demográfico mostra que a medida de anos de estudo da população de 10 anos ou mais de idade em Belo Horizonte era de 7,8 anos em 2000. As crianças com 10 anos de idade tinham, em média, 2,6 anos de estudos. Os moradores com 11 anos de idade tinham 3,4 anos de estudos. O grupo de 12 anos de idade tinha passado por 4,3 anos de estudos. A taxa entre os habitantes com 13 anos de idade era 5,1 anos de escola e entre os de 14 anos de idade, 5,9 anos de estudo. As pessoas com 15 anos tinham, em média, 6,6 anos de estudo.

### **5.3.2 Trabalho e Renda**

O Censo Demográfico também apurou números relativos à condição de renda da população de Belo Horizonte. A conclusão foi de que a renda em 51% dos 628,3 mil domicílios da capital era de, no máximo, dois salários mínimos. O valor do salário mínimo vigente entre abril de 2006 e março de 2007 era de R\$ 350. Os domicílios com renda de dois a três salários mínimos correspondiam a 11,7% do total. A proporção de lares com renda acima de três salários mínimos era de 37,2%.

No que se refere à ocupação dos habitantes, ou seja, o número de pessoas com alguma atividade remuneratória na semana da entrevista do Censo Demográfico, o IBGE constatou que 51,4% da população de 10 anos ou mais de idade tinha algum tipo de ocupação na semana em que foi entrevistada. Entre as pessoas de 18 anos a 24 anos o índice sobe para

56,3% e para 69,1% entre os que tinham entre 25 anos e 59 anos na semana da entrevista. Acima de 60 anos, o nível de ocupação caía para 18,8%.

## **5.5 Considerações Finais**

Enfim, buscou-se, com este capítulo, fornecer uma visão geral da comunidade lingüística em que esta pesquisa se realizou. As informações aqui fornecidas embasaram a escolha dos fatores relevantes, os que se mostrariam representativos no contexto social dessa comunidade, e, também, apontaram os não relevantes, como o fator etnia, por exemplo. Além dessa caracterização, este capítulo pode explicar, por exemplo, o porquê de algumas das dificuldades encontradas durante a realização desta pesquisa. Uma das dificuldades que pode ser apontada, por exemplo, se baseia no intenso fluxo migratório sofrido pelo município, um reflexo da história do mesmo. Essa dificuldade é, enfim, achar informantes com mais de 50 anos que sejam nascidos em Belo Horizonte e, ainda, achar informantes com mais de 50 anos que possuam pais nascidos na cidade.

## 6 HIPÓTESES, OBJETIVOS E METODOLOGIA DE PESQUISA

### 6.1 Hipóteses e Objetivos

Dentre as hipóteses que poderiam vir a ser postuladas, duas são primordiais, e, atreladas às outras hipóteses que a elas se aliam, mereceram aqui um maior destaque. A primeira prevê que a língua muda por Difusão Lexical (DL), e, portanto, assume os principais preceitos que essa teoria assume. E o maior desses preceitos, como visto, é o de que a mudança se propaga pelo léxico de forma gradual. A segunda encontra nas idéias de Oliveira (1992, p.39) a sua expressão: “o comportamento [lingüístico] do indivíduo é mais homogêneo que o comportamento do grupo” e deve ser medido separadamente.

Entrelaçadas à primeira hipótese estão algumas outras, com alto grau de previsibilidade, e que podem ser relacionadas ao alçamento das postônicas não finais. Essas denunciam a insuficiência do modelo Neogramático (NG) para lidar com o objeto deste trabalho, já que da regularidade neogramática, cujas postulações tendem a enxergar o produto da mudança e não o processo, conclui-se que uma regra fonológica do tipo  $A \rightarrow B / C\_D$  aplica-se de forma simultânea a todos os segmentos que possuam tal seqüência. Ou seja, todos os segmentos **CAD** tornam-se, para os neogramáticos, **CBD**.

Contudo, tendo em vista o pressuposto de o alçamento das postônicas não finais estar relacionado a segmentos específicos – as vogais médias altas [e,o] em direção às vogais altas [i,u], em um contexto no qual C e D correspondem a um segmento qualquer – um modelo como o NG, que admite as *exceções* como fruto de empréstimos e leis analógicas, não conseguiria lidar com algumas hipóteses da língua que aqui merecem atenção especial. Tais hipóteses relacionam-se aos itens lexicais sempre alçados, aos nunca alçados, mesmo que possuam ambientes para tal, e aos que ora alçam ora não. Dessa forma, contrariam os postulados neogramáticos, pois cogitam a possibilidade de haver, no léxico, níveis de ocorrência do alçamento.

A primeira hipótese que se pode aventar (e, de antemão, sabe-se que se trata de uma conjectura de comprovação certa) justifica, por si, a escolha do modelo difusionista. Já que, para uma mesma regra  $A \rightarrow B / C\_D$ , postula que há, no mesmo item lexical, estruturas **CBD**, onde houve mudança, que co-ocorrem com estruturas **CAD**, onde não houve mudança. O que nos dá alternâncias do tipo pró[tez]e ~ pró[tiz]e, na série anterior, e, ainda, bió[log]o ~

bió[lug]o, na série posterior. Essas alternâncias constituem a flutuação fonética, que são “os casos legítimos de variação” (Oliveira, 1992, p.37-8).

A segunda hipótese pressupõe a existência de fatos, aparentemente idiossincráticos, envolvendo os itens lexicais que possuem contexto fonológico e, portanto, são passíveis de sofrer o processo de alçamento, mas não o sofrem. Dessa maneira, sempre apresentam estruturas **CAD**, as que corporificam o *resíduo* propriamente dito. Um exemplo dessa hipótese parece ser a aparente não alternância entre as formas cé[reb]ro ~ \*cé[rib]ro, sendo a primeira a *residual*<sup>91</sup>.

A terceira, a mais intrigante, se refere aos itens lexicais que não possuem contexto para que sofram o processo de alçamento, e, no entanto, alçam. Tanto a primeira quanto as segunda e terceira hipóteses entrelaçam-se ao modelo de DL de forma indissociável, ferindo os pilares das sustentações teóricas de orientação neogramática, calcado na estabilidade e regularidade lingüística.

De acordo com as hipóteses descritas acima, pode-se dizer que um importante ponto desta análise se concentra na verificação do real funcionamento dos processos graduais e, talvez, dos de regularidade<sup>92</sup> referentes ao alçamento das postônicas não finais. Esses processos, variacionistas por natureza, se ligam, obrigatoriamente, aos fatores estruturais, e, de forma igualmente importante, aos fatores sociais (ambos descritos e justificados na próxima seção), que, assim como os anteriores, são inerentes a qualquer sistema lingüístico. E, obviamente, qualquer discussão que envolva esses fatores, em qualquer língua natural, não pode deixar de se referir ao indivíduo e, conseqüentemente, à comunidade em que estão organizados. E é a relação indivíduo x comunidade que nos remete à segunda hipótese maior aqui assumida, a que, seguindo Oliveira (1992), prediz que a homogeneidade do comportamento lingüístico do indivíduo se sobrepõe à da comunidade em que ele habita.

Essa hipótese contradiz um grande pressuposto da Sociolingüística Variacionista. Para esta a melhor forma de solucionar questões ligadas à mudança lingüística é identificar e compreender os padrões de variação que caracterizam a comunidade de fala (considerada mais homogênea) em um dado momento e os aspectos sociais correlacionados a ela. E, de fato, a comunidade de fala exerce uma influência determinante sobre o falante. E qualquer análise que encare a língua como um instrumento de prática social não pode e não deve

---

<sup>91</sup> Os Neogramáticos enxergariam este resíduo como um item léxico que nada contra a corrente da mudança, explicando sua realização ou por empréstimo ou por analogia.

<sup>92</sup> Contudo, “não se pode perder de vista que os processos de mudança são extremamente complexos e que, portanto, as regularidades observadas terão sempre um caráter relativo” (FARACO, 1998, p.34).

ignorar essa influência. Ao considerarmos que o comportamento lingüístico do indivíduo é mais homogêneo não estamos negando a força que a comunidade exerce sobre esse comportamento, e é importante que isso fique bem claro. Estamos sim adotando um critério de análise, o de que “o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais” (OLIVEIRA, 1992, p.40), e só então os indivíduos poderão ser agrupados.

Isso porque, segundo Oliveira (1992), a variação lingüística é consideravelmente menor do que tem sido tratada na literatura (cf. também SANGSTER, 2002 e MARSHALL, 2004, entre outros). Essa constatação baseia-se em dados empíricos, como a variação do item comigo – *comigo* ~ *cumigo* –, que, dos 6 informantes medidos, 4 apresentaram [u] categórico, 1 apresentou [o] categórico, e apenas 1 informante realmente variou, [o] ~ [u]. Duas constatações emergem desse fato: (1) itens lexicais, que podem se apresentar variáveis quando olhamos para toda a comunidade de fala, possuem pronúncias categóricas para cada indivíduo (a variação intra-individual existente é mínima)<sup>93</sup>; e, em decorrência disso, (2) não se pode computar como variáveis os itens que possuem pronúncias categóricas dentro da mesma comunidade de fala (sendo “ou categoricamente atingidos ou categoricamente não atingidos” (OLIVEIRA, p.38, 1992) pela inovação). Ainda há um terceiro fator que restringe o escopo de variação com que trabalhamos; são os casos de (3) especialização semântica, que não podem ser tratados como variáveis, eg.: *porção* (de batatas fritas, por exemplo) e *purção* (grande quantidade de algo).

Assim, como um reflexo da segunda hipótese, a análise dos dados foi, na medida do possível, individual. Apesar da grande complexidade de seleção, a variação que aqui se perseguiu é aquela em que, dada a regra **A → B / C \_\_\_ D**, o mesmo item lexical ocorreu tanto na forma **CBD** quanto **CAD**, para o mesmo indivíduo. Cabe salientar que essa hipótese é incompatível com a postulação de regras variáveis como as propostas por Labov, já que regras variáveis se dirigem a toda a comunidade de fala. Assim, assume-se neste trabalho que a gramática, da qual a variação lingüística faz parte, “é regida por princípios gerais, e não por regras às quais estão sujeitas as variáveis” (OLIVEIRA e LEE, 2006, p.22).

Contudo, a não necessidade de se postular regras variáveis não significa que tenhamos de desconsiderar a Teoria Variacionista como um todo. Estandarte de um avanço inegável em toda a história da lingüística, conferindo a essa o apogeu de sua cientificidade, regras

---

<sup>93</sup> Sobre as variações individuais em fase de aquisição de escrita, Lamprecht (2004, p.25) ressalta que a “construção do sistema fonológico dá-se, em linhas gerais, de maneira muito semelhante para todas as crianças, e em etapas que podem ser consideradas iguais. Mas, ao mesmo tempo, verifica-se a existência de variações individuais entre elas, constatando-se, inclusive, que a possibilidade e a abrangência dessas variações é bastante ampla.”

variáveis representam apenas uma parte do todo produzido por Labov e os que se dedicaram aos estudos sociolinguísticos. Como aponta Oliveira (2006), na investigação das variações individuais, faz-se mister uma metodologia essencialmente variacionista.

## **6.2 Metodologia e Amostras**

Nesta seção, explica-se, de forma clara e concisa, toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. Assim, expõem-se, aqui, os critérios de seleção dos itens lexicais possíveis de serem pronunciados e a indicação do modo, local e período em que as amostras foram coletadas, dos fatores internos e externos relevantes, e, também, do instrumental utilizado, ou seja, dos equipamentos e materiais necessários e do programa computacional eleito. A exposição a seguir foi dividida em três subseções, uma relativa aos critérios de seleção das amostras, outra aos critérios para a seleção dos informantes e o contato com os mesmos e, também, à coleta das amostras e outra ao tratamento dado a essas amostras.

### **6.2.1 Critérios para a Seleção das Amostras e dos Informantes**

As proparoxítonas, como visto, se comparadas às paroxítonas e às oxítonas, são palavras pouco frequentes e, muitas vezes, ligadas a termos eruditos, às vezes excessivamente técnicos. A etapa de seleção dos termos possíveis de aparecer na fala espontânea foi, devido a esse fato, a primeira ação desenvolvida nesta pesquisa e obedeceu a três passos distintos. O primeiro foi o levantamento de todas as palavras proparoxítonas (inclusive as proparoxítonas eventuais) do dicionário, até mesmo os totalmente idiossincráticos e os que apresentavam vogal alta na posição postônica não final. O segundo foi a seleção de todos os itens lexicais que apresentavam vogal média alta na posição aqui estudada, para então, em um terceiro passo, selecionar dessa amostra os itens lexicais que tinham alguma possibilidade, mesmo que remota, de aparecerem no vernáculo e, também, de serem representados por meio de figuras. Visando a objetividade do estudo, as palavras que integram as três listas (expostas em anexo) foram retiradas da edição reduzida do Dicionário Houaiss.

Com os itens lexicais em mãos, tendo em vista que esta é uma pesquisa que exige mecanismos variacionistas, a próxima ação foi determinar os fatores estruturais e não estruturais envolvidos na análise. Por pesquisas sociolingüísticas já realizadas, como a de Schmitt (1987) e Vieira (2001), pôde-se extrair alguns desses fatores. Alguns se mostraram relevantes apenas no contexto da pesquisa das autoras, ambas realizadas no estado do Rio Grande do Sul, como o fator etnia, por exemplo. No âmbito da estruturalidade, alguns fatores mostraram-se também irrelevantes, pois, entre outros aspectos, há diferenças na configuração prosódica do item lexical focalizado nas pesquisas das autoras e nesta pesquisa.

O trabalho de Schmitt (1987) (que utiliza basicamente os dados coletados por BISOL em 1977 para BISOL, 1981), por exemplo, analisa tanto as proparoxítonas como as paroxítonas e, também, não só o item lexical como o sintagma frasal (núcleo de sintagma: *menino bonito*; periferia de sintagma: *menino bonito*; final de frase: ... *menino*–, ... *bonito*–). A autora avalia o fator juntura, responsável por categorizar os diferentes contextos por ela analisados, tanto os relativos às palavras como às frases. Esse fator expõe as situações em que a vogal pertencente a cada um desses contextos pode estar sujeita ao processo de redução vocálica.

Dessa forma, o trabalho de Schmitt (1987) focalizou a vogal final de palavra ou de frase (*leite*, *leite quente*); a vogal final das palavras compostas (*couve-flor*) e a que antecede os “sufixos especiais” –inho e –mente, *meninozinho* e *conseqüentemente*; a vogal resultante do processo de *sandhi* interno, como no exemplo *álcool* → *álcol* → *ácul* (a hipótese é que essas vogais são altamente passíveis à redução, já que encontram uma fragilidade inerente demonstrada pelo processo de degeminação); as vogais seguidas de morfema de plural (*quentes*, *meninos*), e, enfim, as vogais que antecedem a última consoante das paroxítonas (*túnel*, *menos*, *torpor*) e as vogais médias das proparoxítonas (*pólvora*, *gênero*), essas últimas enquadradas na categoria sem juntura. E é essa pluralidade de foco que tornou o fator juntura como um todo irrelevante para esta análise, que se centra apenas no item lexical proparoxítono.

A mesma irrelevância, contudo, não se aplica aos fatores consoante precedente e segmento seguinte, assim denominados e investigados pela autora, componentes indispensáveis em qualquer investigação lingüística que focalize um objeto fonológico. Essa indispensabilidade se aplica inclusive em uma investigação como esta, que segue preceitos difusionistas. Isso porque para se verificar se a mudança lingüística (caso ela esteja ocorrendo de fato) se difunde pelo léxico de maneira gradual, como postula o modelo de DL, tem-se de analisar a atuação do ambiente fonético, mesmo que seja para negar seu primado. Caso a

mudança se dê item a item, o contexto fonético pode até atuar na mudança como um “respaldo local”, nos termos de Oliveira (1992), mas não é só ele que determina se as palavras serão ou não afetadas, como o terceiro capítulo dessa dissertação demonstra. Assim, faz-se importante analisar o papel do ambiente fonético no alçamento das postônicas não-finais, determinando a interferência desse ambiente no processo, isto é, determinando a interferência de cada segmento precedente e de cada segmento seguinte.

No que concerne a esses fatores, o estudo de Schmitt (1987) selecionou, para o alçamento da vogal média alta anterior (/e/ → /i/), as consoantes precedentes obstruintes palatais e velares (/k, g, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, x/) como as mais prováveis de estarem condicionando tal processo, seguidas das obstruintes labiais (/p, b, f, v/), da lateral alveolar (/ɬ/), dos fonemas que chamou de outras sonorantes (/n, m, ŋ, ɹ/), das obstruintes alveolares (/t, d, s, z/) e do tepe (/r/). Já para o fator segmento seguinte, foram selecionadas, em primeiro lugar, as consoantes obstruintes alveolares (/t, d, s, z/) e as obstruintes palatais e velares (/k, g, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, x/), seguidas das obstruintes labiais (/p, b, f, v/), do que chamou de outros segmentos (que são, na verdade, todos os outros segmentos que não esses), da lateral alveolar (/ɬ/) e, por último, do tepe (/r/).

Já as consoantes precedentes que mais o favoreceram o alçamento /o/ → /u/ foram as obstruintes alveolares (/t, d, s, z/), em primeiro lugar, seguidas das obstruintes labiais (/p, b, f, v/), do tepe (/r/), das obstruintes palatais e velares (/k, g, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, x/), da lateral alveolar (/ɬ/) e da classe outras sonorantes (/n, m, ŋ, ɹ/). Os segmentos seguintes mais frequentes foram lateral alveolar (/ɬ/) e, em seguida, as obstruintes palatais e velares (/k, g, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, x/) e as obstruintes labiais (/p, b, f, v/), com a mesma porcentagem, as obstruintes alveolares (/t, d, s, z/), os outros segmentos e, em último, novamente o tepe (/r/).

O trabalho de Vieira (2001), por sua vez, tem um outro perfil e, em sua análise, a autora agrupa as consoantes de forma diferente da exposta acima. Entre os fatores não estruturais que Vieira (2001) avaliou estão a escolaridade, a faixa etária e, seguindo a natureza de seu estudo (como o segundo capítulo desta dissertação demonstra), a cidade em que o informante reside. Entre os estruturais estão o contexto precedente, o seguinte, o vocálico e a posição da vogal na palavra.

No que diz respeito ao alçamento da vogal média alta posterior (/o/→/u/), o mais freqüente nas pesquisas de ambas as autoras, os fatores selecionados pelo pacote de programas VARBRUL foram o contexto precedente, com as consoantes labiais favorecendo o alçamento e as coronais e dorsais desfavorecendo; o contexto seguinte, e, novamente, labiais favorecendo e coronais e dorsais desfavorecendo (por falta de dados, a relevância das fricativas s/z não pôde ser atestada); a localização da postônica na palavra, quando a vogal /o/ integra a raiz da palavra esta tende a ser preservada, fora dela tende a ser alçada. Fatores não estruturais, como a localização geográfica e, por último, a faixa etária, vieram em seguida, com o alçamento de /o/ ocorrendo em maior número entre os falantes mais velhos.

No alçamento da vogal média alta anterior (/e/→/i/), apenas fatores estruturais foram selecionados. O primeiro foi o contexto precedente, com as fricativas s/z favorecendo significativamente a elevação de /e/, as labiais permanecendo neutras e as coronais aparentemente desfavorecendo (não se pôde confirmar com exatidão esse desfavorecimento, devido ao pequeno número de amostras empíricas). Dorsais não foram encontradas. O segundo fator selecionado foi a presença de vogal alta na palavra como um contexto favorecedor (*síntise*, *infrutífera*) e sua ausência como desfavorecedora (*cérebro*, *véspera*). Para Vieira (2001), foi “surpreendente” o fato de nenhum fator extralingüístico ter sido selecionado pelo programa para tratar o alçamento de /e/ em posição postônica não final, já que falsas expectativas se depositavam na variável geográfica, uma das mais cotadas *a priori*.

Vistos os fatores que influenciaram pesquisas precedentes, cabe apontar os que serão relevantes nesta pesquisa. Em qualquer pesquisa de cunho sociolingüístico, estão envolvidas variáveis dependentes, as que primeiro precisam ser determinadas, e, em seguida, as variáveis independentes. Entre as variáveis independentes estão as estruturais e as não estruturais, como as descritas pelas autoras. A primeira variável a ser medida aqui, então, foi a variável dependente, que é, justamente, o cerne deste trabalho, isto é, é o que se deseja atestar, o alçamento ou não das postônicas não finais, lembrando que as vogais postônicas média anterior ou posterior entraram aqui apenas como um fator classificatório, como feito pelas autoras. Enfim, a variável dependente se apresenta nos termos de (I):

**(I) Alçamento da Vogal Postônica Não Final**

<b>Com Alçamento</b>	<b>Sem Alçamento</b>
----------------------	----------------------

<i>Fósfuru</i>	<i>fósforo</i>
----------------	----------------

<i>Fôligu</i>	<i>fôlegu</i>
---------------	---------------

Alguns dos fatores estruturais eleitos por Schmitt (1987) e Vieira (2001), e que estão envolvidos no alçamento das vogais médias em posição postônica não final, estão aqui presentes. Entre esses fatores estão o segmento seguinte e o precedente, indispensáveis em qualquer análise que se dedique a um objeto fonológico. Da primeira aderiu-se o estilo mais fragmentado de análise, o que convém a uma primeira medição do fenômeno; da segunda algumas hipóteses que não são consideradas por Schmitt (1987), como a representada pelo fator (IV) descrito adiante e, também, a relevância de se medir em separado as fricativas /s/ e /z/. Levando em conta os traços [dorsal], [labial] e [coronal], Vieira (2001) sustenta-se em algumas análises, como a de Bisol (1981) e Batisti (1994), para separar das coronais as sibilantes /s/ e /z/, isso porque, segundo essas autoras, a vogal /e/ apresentou um alto índice de elevação quando seguida por essas consoantes. Guiada por esses preceitos, esta pesquisa, que visou proporcionar uma clara visão da atuação de cada segmento (não só consonantal), analisou cada um deles em sua especificidade articulatória, agrupando-os apenas quando o que os distinguísse fosse o traço de sonoridade ou quando as diferentes categorias possuíssem real proximidade. O exposto abaixo demonstra, enfim, a classificação aqui adotada e alguns exemplos pertencentes a cada categoria:

## (II) Segmentos Precedentes

	<i>/e/</i>	<i>/o/</i>
Obstruintes velares e palatais (/k/, /g/, /ʒ/, /dʒ/)	<i>tí[k]ete,</i> <i>cancerí[ʒ]eno</i>	<i>agri[k]ola,</i> <i>pentá[g]ono</i>
Obstruintes labiais (/b/, /p/)	<i>lí<u>b</u>ero, hó<u>s</u>p<u>e</u>de</i>	<i>pará<u>b</u>ola,</i> <i>pró<u>p</u>olis</i>
Obstruintes alveolares (/t/, /d/)	<i>ú<u>t</u>ero, almô<u>n</u>de<u>g</u>a</i>	<i>apóst<u>o</u>los,</i> <i>antí<u>d</u>oto</i>
Fricativas alveolares (/s/, /z/)	<i>có[s]egas, mí[z]ero</i>	<i>bú[s]ola,</i> <i>ê[z]odo</i>
Fricativas labiodentais (/f/, /v/)	<i>frutí<u>f</u>era, **chá<u>v</u>ena, ví<u>v</u>eres e</i> <i>á<u>v</u>ena</i>	<i>fós<u>f</u>oro,</i> <i>pó<u>v</u>ora</i>
Nasal bilabial e nasal alveolar (/m/, /n/)	<i>fú<u>n</u>ebre, nú<u>m</u>ero</i>	<i>fascí<u>n</u>ora,</i> <i>cô<u>m</u>oda</i>
Lateral alveolar (/ʎ/)	<i>fô<u>l</u>ego</i>	<i>psicó<u>l</u>ogo</i>

Tepe (/r/)	<i>cé<u>re</u>bro</i>	<i>p<u>é</u>ro<u>la</u></i>
Vibrante alveolar (r)	<i>f<u>érr</u>eo, có<u>rr</u>ego</i>	—
<b>(III) Segmentos Seguintes</b>		
	<i>/e/</i>	<i>/o/</i>
Obstruintes velares e palatais (/k/, /g/, /ʒ/, /dʒ/)	<i>lá<u>t</u>e[kis], fô<u>l</u>ego, hós<u>p</u>e[dʒ]e,</i>	<i>ép<u>o</u>ca, bió<u>l</u>ogo, —</i>
Obstruintes labiais (/b/, /p/)	<i>v<u>é</u>rt<u>eb</u>ra</i>	<i>horó<u>s</u>c<u>o</u>po</i>
Obstruintes alveolares (/t/, /d/)	<i>centí<u>m</u>etro</i>	<i>m<u>é</u>t<u>o</u>do</i>
Fricativas alveolares (/s/, /z/)	<i>par<u>ê</u>nt<u>es</u>e</i>	—
Fricativas lábio-dentais (/f/, /v/)		<i>apó<u>s</u>t<u>r</u>of<u>e</u></i>
Nasal bilabial e nasal alveolar (/m/, /n/)	<i>crisânt<u>em</u>o, fenô<u>m</u>eno</i>	<i>hipó<u>d</u>romo, í<u>co</u>ne</i>
Lateral alveolar (/ʎ/)	<i>*isósce<u>l</u>es</i>	<i>apó<u>s</u>t<u>o</u>los</i>
Tepe (/r/)	<i>frutí<u>f</u>ero</i>	<i>cân<u>f</u>ora</i>
Vogal	<i>ó<u>l</u>eo</i>	<i>n<u>é</u>vo<u>a</u></i>

\* Único exemplo encontrado  
 \*\* Únicos exemplos encontrados  
 — Nenhum exemplo encontrado

Três outros grupos de fatores estruturais também mereceram a nossa atenção. Um deles pode ser denominado de grau de altura da vogal tônica. Esse grupo de fatores avalia a natureza da vogal tônica e sua interferência no processo de harmonia vocálica. Assim, tem por objetivo atestar se o fato de o vocábulo possuir, em posição postônica não final, a vogal média baixa anterior ou posterior ou a vogal alta anterior ou posterior, desfavorece ou favorece respectivamente tal processo, conforme alguns estudos demonstram. O grau de altura da vogal tônica é, então, o grupo de fatores (IV):

**(IV) Grau de Altura da Vogal Tônica**

<b>Com vogal alta</b>	<b>Sem vogal alta</b>
-----------------------	-----------------------

*síntese**célebre**bússola**cócegas*

Outro grupo de fatores se remete às possíveis implicações puramente morfológicas envolvidas na redução vocálica, fator que Vieira (2001) denomina de posição da postônica na palavra e que, em sua análise, mostrou-se relevante no alçamento da série posterior (/o/ → /u/). Segundo os resultados encontrados por Vieira (2001), a vogal /o/ tende a ser preservada quando integra a raiz da palavra e tende a ser alçada quando não. Aqui também mediremos a interferência da posição dessa vogal nas duas séries, anterior e posterior, se integrante da raiz da palavra ou não<sup>94</sup>. Assim, a posição da vogal na palavra é o quarto grupo de fatores estrutural e será medido nos termos de (V):

**(V) Posição da Vogal na Palavra**

<b>Na raiz</b>	<b>Fora da raiz</b>
----------------	---------------------

*Câmera**Termômetro**Própolis**Psicólogo*

O próximo grupo de fatores considerado foi a velocidade de fala, já estudado em muitas pesquisas. A necessidade de se postular esse grupo de fatores é um reflexo direto do padrão de comportamento apresentado por muitos dos informantes desta pesquisa durante a realização do teste de nomeação de figuras (mais bem apresentado na próxima seção). Alguns dos informantes aceleravam a fala durante a realização do teste, mais especificamente no meio deste, e apenas freando essa velocidade quando se deparavam com uma palavra desconhecida ou quando não recordavam que palavra deveria ser dita (o teste foi aplicado três vezes seguidas a cada informante e interpretado como teste de memória). Por vezes, essas palavras desconhecidas ou pouco familiares eram pronunciadas pausadamente, em ritmo silábico.

---

<sup>94</sup> E cabe ressaltar que a vogal anterior /e/ e a posterior /o/ entram aqui não como uma variável, mas como um fator classificatório, assim como nas pesquisas precedentes. Essa medida permite comparar mais claramente a atuação das variáveis para as duas séries.

Convém lembrar, contudo, que esse fator deve ser relativizado, isto é, o que é acelerado para um informante pode não ser para outro e *vive versa*. Da mesma forma, o que é normal para um não é para outro falante, já que, naturalmente algumas pessoas falam mais devagar e outras mais rápido. Diante disso, o padrão para estabelecer a velocidade deve ser a fala espontânea. A hipótese, enfim, é que o item proparoxítono proferido mais rapidamente seria mais alçado que aquele que tendesse a um ritmo mais pausado. Considerando que esse grupo de fatores possa ter alguma interferência no alçamento das postônicas não finais, ele será medido aqui de três formas:

**(VI) Velocidade de Fala**

Pausada                      Normal                      Acelerada

O último fator estrutural considerado (já que estrutural é tudo o que não ultrapassa as barreiras da materialidade lingüística) foi o item léxico. A necessidade de medir esse fator surge da orientação difusionista que guia este trabalho. Cabe ressaltar que, por razões operacionais, só foi possível medi-lo graças a esta ser uma pesquisa que não lida com grande quantidades de dados. O item léxico é, então, o grupo de fatores **(VII)**:

**(VII) Item Léxico**

Eleitos os grupos de fatores estruturais, passou-se à fase da determinação de quais grupos de fatores não estruturais se mostrariam relevantes nesta pesquisa, e, sobretudo, relevantes no contexto de uma cidade como Belo Horizonte. E, diferentemente da análise de Schmitt (1987) e Vieira (2001), a amostra desta pesquisa, que compreendeu 18 informantes, foi estratificada de acordo com os seguintes parâmetros:

- (VIII) Indivíduo**
- (IX) Sexo** (masculino e feminino)
- (X) Faixa Etária** (20 a 49 anos e mais de 50 anos)
- (XI) Escolarização** (até ensino médio, mais que o ensino médio).
- (XII) Classe Social (e Renda)** (baixa e média)
- (XIII) Formalidade *versus* Informalidade**

Para tornar a amostra representativa, separaram-se os informantes de modo mais equânime possível. O cruzamento dos fatores expostos acima e a amostra final dos informantes proporcionaram distribuições como às expostas nos quadros a seguir:

<b>Faixa Etária</b>	<b>20 a 49 anos</b>							
<b>Classe Social (e Renda)</b>	Baixa				Média			
<b>Sexo</b>	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
<b>Escolaridade</b>	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio
	A	B	C D	E	F	G	H I J	L

**QUADRO 1: Distribuição dos informantes da primeira faixa etária**

**FONTE:** Pesquisa do Autor / 2007

<b>Faixa Etária</b>	<b>Mais de 50 anos</b>							
<b>Classe Social (e Renda)</b>	Baixa				Média			
<b>Sexo</b>	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
<b>Escolaridade</b>	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio	Até Ensino Médio	Mais que o Ensino Médio
	M		N O		P	Q	R	S

**QUADRO 2: Distribuição dos informantes da segunda faixa etária**

**FONTE:** Pesquisa do Autor / 2007

Cada qual desses fatores possui a sua especificidade. O grupo de fatores formalidade *versus* informalidade se funde em muitos aspectos com o fator estilo. O fator informalidade, com todas as ressalvas que se deve fazer ao estilo entrevista, se refere à fala espontânea, coletada durante as entrevistas sociolinguísticas, que, por vezes, começavam de uma forma tensa, mas, ao longo da entrevista, o informante ia se descontraindo, ao ponto de algumas delas, as realizadas com as mulheres, terminarem em longas risadas. O fator formalidade se refere ao estilo **teste** que, subdividido em dois testes diferentes, foi uma situação de tensão, pois os informantes sentiam-se impelidos a lembrar toda a seqüência, principalmente na segunda e terceira vez, já que o teste era interpretado como um teste de memória. Com uma mecânica diferente e contendo um maior número de palavras, essas desconhecidas e pouco

familiares para alguns dos informantes, o primeiro teste possuiu um grau a mais de formalidade que o segundo, este composto de palavras mais simples. Por esse motivo, o grau de formalidade foi subdividido em I (segundo teste), II (primeiro teste, sem que o informante escutasse as opções do ícone de voz) e III (quando o informante escutava as opções do ícone de voz e repetia em seguida). Essa é, contudo, uma subdivisão apenas metodológica, já que o informante, mesmo não escutando a opção do ícone de voz, acabava por moldar a sua pronúncia de acordo com as outras opções escutadas.

O indivíduo é um reflexo da segunda hipótese maior aqui assumida, já discutida e apresentada na seção anterior. A classe social é, certamente, o grupo de fatores mais difícil de controlar e deve, muitas vezes, ser conjugada a outros aspectos para que se possa chegar a um consenso sobre a classe a qual o indivíduo pertence. Nesta pesquisa, a determinação da classe do informante levou em conta fatores como a renda e a escolarização, eleitos aqui, e ainda outras informações descritas na ficha social, preenchida por cada informante. Decidiu-se por estratificar a classe social em baixa e média (parcela mais expressiva da população belo-horizontina), pois o acesso à classe alta é bastante limitado, e a aplicação desta pesquisa à classe muito baixa ou miserável tornar-se-ia inviável, devido à própria natureza deste trabalho que, por utilizar um instrumental eletrônico, depende de uma estrutura adequada. A mesma inviabilidade também se verificaria em uma possível divisão da classe média em média-baixa e média-alta, que, caso ocorresse, se guiaria por parâmetros pouco confiáveis.

O fator sexo, por sua vez, tem grandes chances de se mostrar irrelevante para o alçamento das postônicas não finais, assim como o foi para Vieira (2001), que o descarta em sua análise por esse ter sido inexpressivo em seu estudo anterior, Vieira (1994). Contudo, é necessário medi-lo, por ser esta uma pesquisa de base empírica, sendo a primeira vez que se estuda esse fenômeno em Belo Horizonte. Porém, de todos os parâmetros não estruturais eleitos para esta análise, cabe destacar a ação do fator faixa etária, especialmente por ser este um dos meios de se postular se tratamos aqui de uma mudança em progresso ou de uma variação estável.

O fator faixa etária liga-se, obrigatoriamente, a fatores conjugados como tempo aparente (interpretado por LUCCHESI (2004, p.166) como um recurso utilizado por Labov cujo objetivo é o de “procurar entrever a mudança em progresso na variação observada na língua num determinado momento”) e tempo real, e ambos integram tanto a perspectiva quantitativa quanto a qualitativa. A primeira por determinar critérios de seleção dos dados (a idade), a segunda por não ser possível ignorar a variável tempo em um diagnóstico seguro sobre as mudanças lingüísticas.

A conjugação desses fatores parte de um pressuposto da Sociolinguística Variacionista, o de que movimentos de mudança possam ser apreendidos no seu curso de implementação (LABOV, 1963). Mais conhecida como construto analítico do tempo aparente, esse pressuposto se opõe à visão tradicional (instaurada pelo método comparativo) segundo a qual a mudança envolve a comparação de dois pontos fixos no tempo, duas sincronias caracterizadas por sistemas que dão uma falsa aparência de estabilidade.

Como destacam Paiva e Duarte (2003, p.14), o estudo da mudança no tempo aparente se pauta pela idéia de que “diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes”. Ou seja, pelo comportamento lingüístico da geração pode-se prever um determinado estado da língua. A hipótese mais difundida é que os grupos etários mais jovens introduzem novas variantes que vão, ao longo do tempo, substituindo as variantes específicas aos falantes mais idosos. Essa hipótese requer que o processo de aquisição da forma vernacular do indivíduo, que, segundo Labov (m.s.), pode ser a do dialeto de prestígio ou a do não padrão, seja adquirida “nos anos pré-adolescentes”<sup>95</sup> (LABOV, m.s., p.5, tradução nossa). A aposta é que o vernáculo, apesar de conter variação inerente, como destaca Labov (m.s.), estabiliza-se a partir desse momento ou pelo menos não sofre modificações significativas posteriores, ao menos não no nível fonológico (as aquisições lexicais são contínuas e específicas a cada estágio da vida do falante). E, segundo Labov (m.s.), o caráter de alta regularidade do vernáculo a partir dessa faixa etária, por volta dos dezesseis anos (LABOV, 1972), é uma observação empírica<sup>96</sup>. Dessa forma, a fala de um indivíduo com 66 anos, no ano 2006, representaria um estado lingüístico de cinquenta anos atrás, ou seja, 1956.

Contudo, uma das fragilidades da metodologia que leva em conta o construto analítico do tempo aparente é, como destacam Paiva e Duarte (2003), a dificuldade em distinguir, de forma exata, uma distribuição etária que de fato caracterize mudança lingüística de uma distribuição etária geracional, com os falantes mudando seu comportamento lingüístico segundo sua faixa etária, o que, caso ocorresse, não acarretaria uma mudança de fato no sistema lingüístico. Isso seria exemplificado pela seguinte situação, João, com 20 anos de

---

<sup>95</sup> “in pre-adolescent years”.

<sup>96</sup> A hipótese que conspira a favor da manutenção da estabilidade do sistema lingüístico do indivíduo por toda a vida obedece mais ou menos às mesmas orientações da fisiologia humana, quando postula uma idade certa para que o ser humano pare o seu crescimento corporal. E esse crescimento, a não ser nos casos patológicos, é, indubitavelmente, interrompido em um determinado ponto do tempo. O fato é que uns indivíduos atingem uma maior estatura que outros, e, logicamente, há muitos fatores genotípicos e fenotípicos envolvidos, mas todos têm um limite mais ou menos padrão para que esse crescimento cesse, mesmo com esse padrão fixado em nível individual.

idade, pronuncia a variante  $x$  para a variável  $y$ , e Joaquim, com 50 anos de idade, a variante  $z$  para a mesma variável; contudo, com o passar dos anos, o mesmo João, ao atingir a idade de seu conterrâneo, já que, como destacam Gomes e Souza (2004, p.75), a variável lingüística “deve estar circunscrita a uma mesma comunidade de fala”, pronunciará a mesma variante  $z$ . E é essa situação que faz da variação  $x \sim z$  para  $y$  uma distribuição etária geracional e não uma mudança propriamente dita.

Por essa e por outras razões, certamente, os estudos sociolingüísticos já realizados apontam evidências pró e contra a medição do tempo aparente, principalmente quando o que está sendo pesquisado são fenômenos fonológicos variáveis, como o descrito acima. A associação de evidências fornecidas por estudos em tempo real, ou seja, a observação através do tempo, é a solução para se diferenciar uma mudança lingüística de fato de uma gradação etária característica de todas as gerações. Como destaca Labov (1994, p.63), “esta combinação de observações no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso”.

Dessa forma, a observação do tempo real nos permite incluir alguns aspectos que não são evidenciados quando se observa apenas o tempo aparente. É, então, a conjugação tempo aparente – tempo real que dá condições de o pesquisador distinguir mudanças sonoras daquelas que podem caracterizar distribuição geracional, ou uma variação resultante de um momento específico da vida do falante (como as variantes mercadológicas, por exemplo). Contudo, respeitando os limites desta e de qualquer dissertação, torna-se inviável um estudo que leve em conta o tempo real de longa duração, o que, conforme a natureza da hipótese aqui assumida, incluiria a observação longitudinal do comportamento lingüístico do mesmo indivíduo, permitindo essa distinção de maneira realmente confiável. Apesar de ser uma apreciação mais precária, essa distinção pode ser também apreendida através do que Labov (1994) denominou *estudo de painel* (*panel study*), efetuado em tempo real de curta duração.

O *estudo de painel* compara amostras de fala dos mesmos falantes em curtos espaços de tempo, captando, assim, estabilidade ou instabilidade no comportamento lingüístico desses falantes, podendo dar pistas (e não evidências) sobre se se trata de uma distribuição geracional ou uma mudança no sistema lingüístico. A hipótese é que a manutenção do mesmo comportamento lingüístico possa expressar um padrão estável para esse indivíduo, o que refletiria, assim, a sua pronúncia<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> Ao lado do *estudo de painel* há o *estudo de tendência* (*trend study*). Este estudo se direciona à medição, também em curto espaço de tempo, de amostras de fala que, coletadas de modo a obedecer a aleatoriedade, utilizam os mesmos fatores não estruturais, e, assim, representam toda a comunidade de fala. E, como destacam

Respeitada essa hipótese, o teste foi aplicado três vezes (e seguidamente) aos informantes. Exposto mais detalhadamente na seção seguinte, e compondo o que aqui chamo, a título de apresentação, de terceira parte da entrevista, esse teste teve como objetivo coletar itens proparoxítonos que se enquadrassem em cada um dos fatores estruturais aqui eleitos. A repetição desse teste, cujos resultados são apresentados no próximo capítulo, pretendeu confirmar a hipótese da estabilidade do comportamento lingüístico do indivíduo. Contudo, não se pode atestar, com base no *estudo de painel*, que o comportamento lingüístico de João (20 anos), estável nas observações intercaladas por dois minutos, duas semanas, dois meses ou dois anos, que seja, não se altere e venha a ser idêntico ao de Joaquim (50 anos) quando atingir a sua idade.

### **6.2.2 Critérios para a Coleta das Amostras e o Contato com os Informantes**

Eleitos os fatores estruturais e não estruturais relevantes, remeteu-se, em seguida, à fase da coleta das amostras. Os dados foram coletados entre outubro e dezembro de 2006. Por se tratar de uma análise fonológica, portanto calcada em dados fonéticos, essa coleta constitui o cerne de todo este trabalho. A validade de se coletar manifestações lingüísticas reside no fato de que essas corporificam o que Tarallo (1986, p.18) chama de “acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua”.

Esse acervo, proveniente de entrevistas gravadas com qualidade digital, realizadas em diferentes pontos do município de Belo Horizonte, foi, na medida do possível, constituído pelo vernáculo, definido por Tarallo (1986, p.19) como “veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”, considerando, contudo, algumas limitações como as que Milroy (1987, p.26, tradução nossa) destaca: “a entrevista direta, apesar do enfoque informal do trabalhador de campo, é um meio incerto de ganhar acesso ao vernáculo”<sup>98</sup> e, ainda, “a interação entre a língua e a situação é

---

Paiva e Duarte (2003, p.17), “o resultado do estudo comparativo das amostras será, em termos estatísticos, equivalente ao estudo de toda a comunidade”. Uma fragilidade do *estudo de painel*, descrita por Paiva e Duarte (2003), é o fato de esse, ao regravar indivíduos que já foram entrevistados em um momento anterior, não oferecer resultados que possam ser considerados conclusivos no que diz respeito aos mesmos fenômenos na comunidade de fala, já que, perdendo a aleatoriedade, esse estudo não representa a comunidade de fala como um todo. Como um reflexo da segunda hipótese maior aqui assumida, essa representação não é aqui almejada, o que fez do *estudo de painel* suficiente para esta pesquisa.

<sup>98</sup> “direct interviewing, however informal the approach of the field worker, is an uncertain means of gaining access to the vernacular”.

muito complexa e muito pouca entendida pelo entrevistador para ser capaz de ser manipulada confiavelmente”<sup>99</sup>. Desse modo, levou-se em conta a fragilidade do gênero, que por si já impõe formalidade excessiva.

Ao coletar as amostras, foi preciso, contudo, tomar alguns cuidados, que passam, necessariamente, pela idéia de controle. Segundo Cagliari (2002), há técnicas que, ao utilizarem preceitos sociolinguísticos, visam um levantamento controlado dos dados. Salienta que se os dados não forem coletados de forma adequada, não é possível estabelecer uma relação entre sons e seus usos pragmáticos ou sociais.

Visando, assim, tal controle, pretendeu-se aqui: (a) organizar e selecionar informantes; (b) formular um questionário guia para melhor conduzir as entrevistas, uniformizando-as ao máximo; (c) coletar a fala “espontânea” e (d) conduzir o informante à narrativa de experiências pessoais<sup>100</sup>, a “mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura”. Essas são algumas das orientações traçadas por Tarallo (1986) e que pretendi seguir, tanto na organização quanto na condução das entrevistas.

As entrevistas foram, na maioria das vezes, marcadas com antecedência, havendo dessa forma um contato prévio, ou foram realizadas no primeiro contato, quando este se dava de forma amistosa e o informante concordava ou mesmo sugeria a realização da entrevista naquele momento. Para obter material linguístico onde predominasse principalmente a espontaneidade do falante, as interferências da entrevistadora geralmente só ocorreram para estimular a continuação da fala, em gravações que variaram de 35 minutos até 1 hora e 55 minutos (devido à dificuldade em se coletar tais itens), realizadas mais de uma vez com alguns dos informantes (devido a complexidade de se proferir os itens alvo desta pesquisa), nas residências dos informantes, e, quando possível e necessário, no local de trabalho dos mesmos.

As entrevistas foram divididas em duas partes principais. A primeira parte refere-se a uma conversa informal entre o entrevistador e o entrevistado, que, por sua vez, baseou-se em um questionário guia pré-estabelecido, como aponta o item (b) exposto acima. As perguntas, de um modo geral, eram direcionadas aos hábitos e vivências das pessoas e, por isso, relacionavam-se às experiências que mais as marcaram durante a vida e as do momento presente da entrevista, como o casamento e, porventura, o divórcio ou o fato de nunca terem casado e abominarem o assunto;

---

<sup>99</sup> “the interaction between language and situation is too complex and too little understood for an interviewer to be able to manipulate it reliably”.

<sup>100</sup> Por se envolver emocionalmente com o que está narrando, o informante se importa menos com o modo como se expressa e mais com o que narra, com uma fala menos “cuidada”. (TARALLO, 1986, p.23).

ao bairro em que moram ou que já moraram; sobre as experiências que mais marcaram a infância (em geral, os informantes mais idosos se envolveram mais em assuntos nostálgicos); sobre os hábitos diários, se gostam de assistir televisão, em que lugares mais gostam de ir ao sair de casa; sobre a profissão e os assuntos a ela relacionados, entre outros assuntos, que surgiam de perguntas dirigidas.

Essa direção dava-se da seguinte forma, perguntava-se, por exemplo, ao informante: “que órgão você / o(a) senhor(a) acha mais importante no corpo, o pulmão ou o cérebro?” e toda resposta tinha de ser justificada. Assim, se a resposta fosse *cérebro*, era perguntado o porquê, a intenção era que, ao justificar-se, o informante repetisse o item mais vezes, se a resposta fosse *pulmão*, era perguntado “e por que não o cérebro?”, a expectativa, então, era que o informante proferisse o item *cérebro*, o almejado. Tais perguntas, contudo, eram inseridas no fluxo da conversação e, assim, só eram feitas se a entrevista fornecesse um momento oportuno (que às vezes não surgia, mesmo que eu conduzisse a conversa na direção das proparoxítonas), pois, se descontextualizadas, as mesmas gerariam estranhamento. Prevendo que essa parte da entrevista forneceria um número muito escasso de itens lexicais proparoxítonos que contivessem vogal média em posição postônica não final, passou-se à segunda parte da entrevista.

A segunda parte refere-se à nomeação de figuras, que consiste na identificação de desenhos pelos informantes. Subdividida em dois testes diferentes, ambos foram interpretados pelo falante como testes de memória. Para os informantes, o objetivo final tanto do primeiro teste quanto do segundo, repetido 3 vezes a cada um dos informantes, era que conseguissem gravar as palavras contidas no teste.

Para o primeiro deles elegeram-se 76 itens lexicais (35 com a vogal postônica não final /o/ e 41 com /e/), expostos por figuras que indicavam o item tanto de forma direta, como uma abóbora para denominar *abóbora*, quanto indireta, onde a resposta poderia ser , como a foto de homens retirando restos mortais para denominar *catástrofe*. Adotou-se uma estratégia lúdica, que envolveu os informantes em uma espécie de desafio. As figuras, apresentadas aos informantes em um computador portátil (Vaio, Sony) e expostas em uma apresentação confeccionada no programa *PowerPoint* 2003, eram acompanhadas de frases que deixavam em suspenso o item lexical proparoxítono a ser proferido. Um arquivo de voz dava três opções, às vezes não tão lógicas, para se completar as frases. Esse ícone era utilizado apenas quando o informante não conseguisse ou não pudesse captar a palavra focalizada. Para a palavra *abóbora*, por exemplo, a frase era – *A ... é utilizada como enfeite no Dia das Bruxas* – e as opções eram *pepino*, *abacaxi*, *abóbora*. Tomou-se o cuidado de intercalar as opções corretas entre as três posições possíveis, ou seja, ora em primeiro lugar e em seguida em terceiro, depois em segundo e assim por diante.

Com um grau de formalidade exacerbado, alguns informantes, como já era esperado, em geral os que possuíam menos “*segurança lingüística*”, acabaram condicionando a sua fala às opções do ícone de voz, pronunciavam *abóbra* na primeira vez, mas *abóbura* nas vezes subseqüentes. Estabelecendo por vezes um paralelo com as opções que eram dadas com aquele que é o seu *input*, como no exemplo *córguro* para *córrego*, (com a produção *córguro*, *córguro* e *córgo*, na terceira vez, esta sem escutar as opções). Esse paralelo surge, portanto, de uma intuição do falante de que a palavra deveria conter três sílabas. E, ainda, *mármore* e não *mármure*, quando na fala havia aparecido, mais de uma vez, a segunda pronúncia, o que mostra que também o alçamento foi condicionado, aparecendo não somente como um reflexo do estilo de entrevista, mas sim como uma cópia dos informantes das palavras pronunciadas no ícone de voz.

Já o segundo teste, elaborado e pensado depois da aplicação do primeiro, compreendeu 38 itens lexicais. Mais simples e mais rápido que o primeiro (de extrema dificuldade para alguns dos informantes, com itens por vezes desconhecidos, como as produções *catáchitre* para *catástrofe*, *cãocerígeno*, *cancerisma* para *cancerígeno*, *autógromo* para *autódromo*, entre outros exemplos, denunciam), teve o objetivo de promover um ambiente em que os informantes pudessem produzir os itens da forma mais natural possível, sem condicionarem sua fala às opções do ícone de voz.

No primeiro teste, o ícone de voz com as opções era apertado sempre que o informante não soubesse o item a ser proferido ou pronunciasse outro em seu lugar (como *tifo* e não *varíola* ou *gastrite* e não *úlceras*, como foi a primeira opção de alguns dos informantes). Esse procedimento permitiu que o informante não pronunciasse outras palavras que não as almejadas. No segundo teste, essas dicas eram dadas oralmente, através de sinônimos e/ou uma palavra que rimasse com o item almejado, ou ainda informando a utilidade do objeto que ela representasse, e, a maioria das vezes, falando a sílaba inicial da palavra alvo, porém, sem nunca pronunciar a palavra em si, para que a minha fala não influenciasse a do informante. A mecânica de ambos os testes foi previamente explicada aos informantes de forma exaustiva, cada uma a seu tempo, para que o resultado não fosse comprometido. O primeiro teste de figuras foi aplicado logo após as últimas entrevistas orais feitas com cada informante. O segundo teste foi aplicado entre dois a quatro meses depois do primeiro.

Enfim, o objetivo da segunda parte da entrevista foi o direcionamento da produção de itens lexicais que possuem as vogais médias altas em posição postônica. Essa parte teve, assim, uma importante função, já que permitiu o levantamento de dados que dificilmente seriam produzidos espontaneamente, como os itens lexicais *paralelepípedo*, *hipódromo* e *bússola*, por

exemplo. Além disso, é um modo melhor de se controlar e abarcar o fenômeno lingüístico a ser estudado. O procedimento das entrevistas possibilitou, portanto, o levantamento de dados de produção natural (menos numerosos), na primeira parte, e induzidos (mais numerosos), na segunda parte.

Para que a amostra coletada fornecesse resultados fidedignos e confiáveis, foi necessário o estabelecimento de critérios a serem seguidos antes e durante as entrevistas. Os informantes deveriam ser obrigatoriamente nascidos em Belo Horizonte e, de preferência, terem pais belo-horizontinos (cf.: LABOV, 1981). Em caso de afastamento da cidade, o prazo aceitável de ausência foi de um ano. Eles foram controlados através de uma ficha social (exposta em anexo), que continha informações sobre escolaridade, faixa de renda, hábitos culturais e de lazer. Aliados ao ambiente em que as entrevistas foram feitas, do grau de intimidade entre entrevistado e entrevistador, estão a comparação entre os itens proferidos na fala espontânea, onde o informante se aproxima mais do vernáculo, e na nomeação de figuras, uma situação de fala mais controlada. Conjugados, esses aspectos ajudaram a estabelecer o grau de formalidade ou informalidade e, conseqüentemente, dar pistas (mesmo que precárias) se a formalidade *versus* informalidade é um fator que de fato influencia o acento, como prevê Cristóforo-Silva (1999).

### **6.2.3 Critérios para o tratamento das amostras**

A sociolingüística variacionista utiliza técnicas de análises quantitativas que demonstram a importância dos contextos social e lingüístico na variação. Seu modelo teórico-metodológico extrai as regularidades e tendências dos dados e resolvem muitas das dificuldades de análises associadas aos julgamentos intuitivos utilizados em outras linhas da Lingüística.

O método variacionista fornece a probabilidade de um elemento lingüístico específico ocorrer em situações lingüísticas, extralingüísticas e contextuais específicas. Partindo da frequência dos dados, reunidos de um grupo de falantes estatisticamente representante da comunidade que se quer pesquisar, um modelo teórico é criado para observar as probabilidades com que certo fenômeno se manifesta quando esse conjunto de circunstâncias é convergente. A estatística marca, então, a extensão em que as probabilidades calculadas melhor explicam o fenômeno lingüístico em foco, e, segundo Labov (1994, p.25, tradução nossa), que se pauta pela idéia de que a língua é regida por uma *heterogeneidade ordenada*, a

“teoria da probabilidade para os dados permite-nos extrair a mais alta ordem de regularidade que governa a variação em uma comunidade”<sup>101</sup>.

Os programas mais difundidos e utilizados pelos pesquisadores da área, e que efetuam cálculos dessa espécie, são o VARBRUL, para PC e Vax, e o GOLDVARB, para Windows e Macintosh. Nesta pesquisa, o programa estatístico empregado foi o GOLDVARB 2001, de Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001), que é, na verdade, uma versão do VARBRUL. Programas dessa espécie, segundo Lamprecht (2004, p.22), fornecem “frequências e probabilidades sobre os fenômenos estudados” permitindo “o tratamento estatístico de dados variáveis, realizado através de modelos matemáticos”.

Contudo, a utilização do GOLDVARB 2001 acaba por gerar um problema de ordem metodológica, já que esse e os outros programas do gênero estão voltados para a instituição de regras variáveis. Pautando-se por um critério essencial, o de que os dados lançados sejam variáveis, o programa fornece probabilidades para a formulação de regras variáveis, e o problema está na própria natureza de tais regras. Essas (e, como visto anteriormente, este trabalho não tem compromisso com a proposição de uma regra variável) se opõem a uma das grandes hipóteses assumidas neste trabalho, a de que o comportamento do indivíduo é mais homogêneo que o da comunidade em que ele habita. Isso porque as regras variáveis, uma proposição laboviana, consideram, por princípio, o comportamento de fala da comunidade como mais homogêneo que o do indivíduo.

Tais programas, contudo, possuem uma plasticidade inerente e podem ser utilizados de acordo com o que convém ao pesquisador, ou seja, de acordo com o que consideramos relevante para a análise. Dessa forma, para que esse programa pudesse ser realmente utilizado nesta pesquisa, procurou-se adequá-lo às hipóteses aqui assumidas. Essa utilização pautou-se por duas linhas investigativas, uma essencialmente difusionista e outra essencialmente neogramática. A perspectiva neogramática deve-se ao fato de o contexto precedente e o seguinte à vogal média em posição postônica não final serem fatores também considerados (e medir contexto precedente e seguinte é admitir que o som tenha papel significativo no processo de mudança da palavra). A perspectiva difusionista pauta-se pela investigação do comportamento do indivíduo e também do item léxico.

Para melhor esclarecermos como o GOLDVARB será utilizado nesta pesquisa, e sem nos aprofundarmos em demasiado em questões técnicas, vejamos mais de perto como esse

---

<sup>101</sup> “probability theory to the data allow us to extract higher-order regularities that govern variation in the community”.

programa funciona. Primeiramente, atribui-se um código para cada fator eleito. Nesta pesquisa, por exemplo, o grupo de fatores *classe social e renda* recebeu para o fator classe baixa o código = e para o fator classe média o código \*. A escolha do código é arbitrária.

Na codificação dos fatores há, contudo, alguns critérios que devem ser seguidos. Por exemplo, o uso de ponto e vírgula e do parêntese esquerdo, que exercem funções de comando no programa, devem ser evitados, bem como algumas figuras disponíveis no Word, mas que não serão reconhecidas pelo GOLDVARB. Eleitos os códigos, deve-se lançá-lo no programa de forma seqüenciada, mantendo a variável dependente sempre em primeiro. Uma seqüência como (x123456789, por exemplo, forma um *token*. Essa seqüência nos diz que além da variável dependente, expressa por x e y, por exemplo, há mais nove fatores a serem medidos. Depois de quantificada a relação de cada fator com a variável dependente, e formadas as células (o agrupamento dos *tokens*), o programa irá, enfim, efetuar o cálculo das probabilidades.

As células são o agrupamento dos *tokens* com a mesma característica. O programa agrupa na mesma célula palavras como *alfândega*, *almôndega*, *pândego*, e todos que apresentarem contextos comuns, no caso de uma avaliação que considere contextos. Como analisa apenas dados variáveis, um fator que se apresente categórico não deve ser inserido no programa, mesmo porque esse acusaria a presença da categoricidade (indicada por *KnockOut*), barrando o cálculo das probabilidades. Nesta pesquisa, os indivíduos G e L alçaram todas as vogais médias posteriores em todas as palavras proparoxítonas produzidas, e, assim, foram excluídos já na primeira rodada. Excluídas foram também algumas palavras, como *bússola* e *cômudo*, por exemplo, sempre alçadas, e *gênese* e *útero*, nunca alçados, entre outras palavras expostas no próximo capítulo. Nesses casos, a medição da probabilidade não se faz necessária, já que o índice de seu alçamento é 100%.

Como o fator **segmento precedente** e **seguinte** é também uma variável desta pesquisa, palavras que não se mostraram variáveis não foram inseridas no programa, já que, como apontam Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001, p.31), o “GOLDVARB 2001 rodará quando você tiver obtido um conjunto de resultados com um valor de aplicação binário [...] que possui variação em todos os fatores”<sup>102</sup>. Entre essas, estão as palavras em que a vogal postônica não final é precedida ou seguida por uma vogal, como *áu.re.o*, *né.vo.a*, *a.lí.ne.a*, *ins.tan.tâ.ne.a*, *li.to.râ.ne.a*, *ó.le.o* e também *pe.rí.o.do*, *va.rí.o.la*, *ru.bé.o.la*, *au.ré.o.la*. Essas palavras não apresentaram variação, sendo completamente alçadas na língua.

---

<sup>102</sup> “GOLDVARB 2001 will run when you have achieved a set of results with a binary application value [...] which have variation in every factor”.

Dotadas de vogal média em posição postônica não final, sendo, por esse motivo, passíveis ao alçamento, palavras como *instantâneo*, *litorânea*, *óleo*<sup>103</sup>, entre muitas outras (apresentadas em anexo), apresentam comportamentos semelhantes aos das proparoxítonas eventuais, sendo tratadas nesta pesquisa da mesma maneira, ou seja, como palavras proparoxítonas. Proparoxítonas eventuais são aquelas terminadas em ditongo crescente – semivogal + vogal –, *ar.má.ri.o*, *a.nún.ci.o*, *an.fí.bi.o*. Proparoxítonas “legítimas” são as palavras *pe.rí.o.do*, *au.ré.o.la*, *va.rí.o.la*, *ru.bé.o.la*, todas palavras em que a vogal postônica não final é precedida por vogal (tônica), e que também apresentam-se completamente alçadas no dialeto belo-horizontino. Excluindo-se os casos em que não houve variação, sendo as palavras sempre alçadas ou sempre mantidas, e também as que possuíram apenas uma entrada na língua, as que realmente variavam podem ser visualizadas no quadro abaixo:

/e/			/o/		
Almôndega	Próspero	Números	Abóbora	Cócoras	Âncora
Centímetro	Cérebro	Símbolo	Parábola	Brócolis	Carnívoro
Cócegas	Fôlego	Pêssego	Cômoda	Árvore	Autódromo
Frutífera	Helicóptero	Velocímetro	Fósforo	Hipódromo	Mármore
* Milímetro	Parêntese	Cancerígeno	Psicólogo	Catástrofe	Gôndola
Taxímetro	Indígena	Córrego	Horóscopo	Pólvora	Víbora
Vértebras	Adúltero	Úlcera	Apóstolos	Época	Catálogo
Quilômetro	Termômetro	Velocípede		Pentágono	Astrônomo
Mamífero	Hóspede	Cícero	Diálogo	Autônomo	Astrólogo
			Pérola	* Fonoaudióloga	
* palavras que apareceram somente na fala espontânea.					

**QUADRO 3: Palavras Variáveis Analisadas pelo GOLDVARB**

**FONTE: Pesquisa do Autor / 2007**

As entradas no programa variaram de acordo com os fatores selecionados na subseção anterior. Foi atribuído um código específico para cada um dos fatores. Uma só palavra recebeu várias entradas, variando de acordo com a velocidade em que foi pronunciada e com o grau de formalidade do teste, que varia de acordo com cada um deles. Há uma codificação para a palavra proferida em fala espontânea, outra para a mesma palavra proferida no Teste 1, e essa se subdivide em duas outras, se o falante escutou a opção dos ícones de voz é um

<sup>103</sup> Como se observa na listagem exposta em anexo, a grande maioria dessas palavras termina por –eo ou –ea. As únicas exceções foram: amêndoa, névoa, amêijoa, mágoa, nódoa e páscoa.

código se não escutou é outro, e outra codificação para essa palavra quando ela é proferida no Teste 2. A necessidade de se estabelecer outra codificação para este teste surgiu de sua menor complexidade e, principalmente, da reação dos informantes. Por já terem tido contato com o teste anterior, os falantes reagiram de forma menos tensa quando expostos ao Teste 2. Os dados só foram lançados quando o informante demonstrava conhecer o item, o que pode ser facilmente apreendido, já que o teste foi aplicado 3 vezes para cada informante. Mesmo que eles copiassem a opção do ícone de voz na primeira rodada, a hesitação em proferir o item novamente nas rodadas posteriores era grande, não por esquecimento, mas por que não o conheciam, como demonstram os casos de *catáchitre* para *catástrofe*, *cancerisma* para *cancerígeno*, todos itens pronunciados após longa hesitação<sup>104</sup>.

Buscou-se, enfim, utilizar o GOLDVARB 2001 de acordo com a função que Lamprecht (2004) destaca, ou seja, mostrando a relevância de cada fator selecionado no fenômeno aqui pesquisado, apesar de termos encontrado outros fenômenos que, abordados no próximo capítulo, não serão quantificados.

Os dados oriundos de ambas as partes da entrevista (expostos em anexo) foram transcritos com base no sistema ortográfico convencional. Fez-se a análise auditiva dos dados, através do teste de confiabilidade. Três foram os analistas participantes da escuta: a pesquisadora, um jornalista e uma violinista, mestre em Música (UFMG). Convencionou-se que só permaneceriam no *corpus* aquelas palavras com alçamentos confirmados pela oitiva de todos os analistas.

Seguindo os critérios expostos nas subseções acima, o desafio foi, então, alimentar e validar empiricamente esta pesquisa com dados quantitativos que, *a posteriori*, foram analisados qualitativamente. O quesito qualitativo é o ponto em que toda pesquisa atinge seu potencial explicativo e, como aponta Oliveira (1981, p.48), “os números obtidos na análise quantitativa não são o resultado final da análise”, e sim uma primeira apreciação. Tais números representam “situações que devem ser interpretadas”. É tirar da quantidade a qualidade. Desse modo, selecionou-se só o que de fato entrou em cena, para que, passada a fase da seleção, chegássemos a *dados probabilísticos mais seguros*, expostos no próximo capítulo.

---

<sup>104</sup> Esses casos devem ser diferenciados daqueles em que o *input* do falante é diferente do padrão, como nos casos de itens lexicais estigmatizados (*aricópetro* para *helicóptero*, por exemplo), esses foram computados na análise.

## 7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 7.1 Realizações Fonético-Fonológicas

No segundo capítulo, apresentaram-se algumas possibilidades de realizações fonético-fonológicas que, resultantes de diferentes causas e naturezas, a sílaba postônica estaria sujeita. Essas possibilidades foram traduzidas pelo processo de abaixamento, pelas diferentes rotas de alçamento (corporificando duas possibilidades), pela queda da postônica não final, a síncope das proparoxítonas, e pelo processo de alçamento, o que aqui se mediu. Nesta etapa do trabalho, os resultados empíricos encontrados nos permitem descartar o *status* de possibilidade e atribuir o *status* de realizações aos fenômenos que permeiam as vogais médias em posição postônica não final no dialeto belo-horizontino.

Uma dessas realizações foi a aqui chamada de abaixamento, todos casos de hipercorreção. Integraram o abaixamento casos em que as palavras que possuem a vogal alta na posição postônica não final são pronunciadas com a vogal média alta na referida posição. Dessa forma, um vocábulo como *nó.du.lo* é pronunciado como *nó.do.lo*, *ver.mí.fu.go* como *ver.mí.fo.go*, e ainda realizações do tipo *fri.go.rí.fe.co* para *fri.go.rí.ñ.co*. O único caso encontrado que se assemelha a esse padrão, mas que não é hipercorreção foi *aborígine* para *aborígene*, pronunciado três vezes pelo informante S. Apesar de a pronúncia mais comum ser *aborígene*, tanto a alçada quanto a não alçada *aborígine* são aceitas e legitimadas pela língua, sendo, inclusive, dicionarizadas das duas formas. Enquadrando-se nos casos de abaixamento, há, também, os itens *pólvara*, *semáfaro* e *catálogo* ([o] → [a]) e, também, *mamífaro* e *câmara* para *câmera* ([e] → [a]).

Outra realização prevista compõe o que Amaral (2001) denominou “outras alterações” (AMARAL, 2001, p.103). Com uma rota um pouco mais extensa do que a aqui focalizada (parte da vogal baixa para as médias e daí para a alta), esse fenômeno pode ser também considerado um caso de alçamento, e, pelos exemplos da autora, se concretiza nas realizações [‘pÉtula] para *pétala*, [‘vEspura] para *véspera* e, ainda, [‘la<sup>m</sup>peda] ~ [‘la<sup>m</sup>pida] para *lâmpada*. Nesses exemplos, a rota percorrida é [a] → [u], no primeiro caso, [e] → [i] e uma posteriorização → [u], no segundo, e, no último, [a] → [e] → [i]. Nos dados coletados neste trabalho, encontramos algumas realizações que se enquadram nesse padrão, algumas dessas atestadas pela autora, como a variação [‘la<sup>m</sup>peda] ~ [‘la<sup>m</sup>pida] ([a] → [e] e [a] → [e] →

[i]), e a pronúncia de *pétula* e *véspura*, e também outras realizações como *psicólogo* e *diálogo*. Há, ainda, os casos em que a palavra sofre apenas a anteriorização, sem que haja o alçamento, como no caso de *fósforo*, uma ocorrência bem freqüente entre os falantes da classe baixa, e também os casos de *pólvera* ([o] → [e]), *frutífera* e *mamífero* ([e] → [o]).

Outra realização prevista e atestada pelos dados dessa pesquisa é a síncope, fenômeno em que se processa a queda efetiva da vogal postônica não final. Nos itens lexicais proparoxítonos, tal processo se traduz em realizações do tipo *ár.vre* para *ár.vo.re*, entre muitas outras, e segue restrições fonotáticas, como as apontadas no segundo capítulo. Conforme o esperado, encontrou-se a síncope de palavras como *abóbra* para *abóbora*, *córgo* para *córrego*, *véspra* para *véspera*, *brócu* para *brócolis* e *auréla* para *auréola*.

Das realizações descritas anteriormente, a síncope das postônicas é a única que leva a palavra de proparoxítona à paroxítona. Há, contudo, outros fenômenos, atestados no dialeto belo-horizontino, que também conduzem a essa transição. Nesses fenômenos, a vogal postônica não final permanece, mas caem outras estruturas, como a sílaba final em *cóqui* (có.co.ras → có.co.Ø → có.ci), *paralelepípi* (pa.ra.le.le.pí.pe.do → pa.ra.le.le.pí.pe → pa.ra.le.le.pí.pi) e *velocípi* (vê.lo.cí.pe.de → ve.lo.cí.pe → vê.lo.cí.pi) e a vogal final em *parêntis* (pa.rên.te.ses → pa.rên.tes → pa.rên.tis).

Apesar de todas as realizações descritas acima estarem envolvidas nos processos que permeiam as vogais médias em posição postônica não final, focalizamos nesta pesquisa o alçamento das mesmas, um fenômeno também atestado aqui. Portanto, os dados a serem apresentados a seguir se referem aos casos em que há a variação /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/ nas palavras proparoxítonas, como em *psicóloga* ~ *psicóluga*, *córrego* ~ *córrigo*, *pérola* ~ *pérula*, entre outras.

Convém lembrar que palavras proparoxítonas que contenham vogal média em sílaba postônica não final são, como visto, palavras que dificilmente aparecem no vernáculo. Muito técnicas e muitas vezes evitadas pelos falantes, possuem baixa freqüência na fala dos indivíduos. Devido a esse fato, a seção seguinte, além de expor a quantificação das amostras para cada vogal investigada, descreve também a freqüência com que os itens foram pronunciados.

Quase todas as tabelas apresentadas na próxima seção devem ser lidas da seguinte forma: na primeira coluna se expõem as possibilidades de realização para cada fator, estrutural ou não estrutural; na segunda a quantidade de dados em que houve o alçamento da vogal em relação ao total geral da categoria; na terceira a porcentagem do alçamento e da

manutenção da vogal e na quarta a probabilidade do alçamento da vogal de acordo com aquele fator.

Na análise quantitativa, cada fator recebe um “peso” (“valor do fator” ou “probabilidade”) – um número entre zero e um – que caracteriza o efeito deste sobre a regra variável em questão. Guy (1988, p.31) orienta que, em uma rodada binária, o peso .50 é o valor que indica neutralidade do fator observado, ao passo que índices superiores a esse valor demonstram maior probabilidade de aplicação da regra e os inferiores indicam que o fator não é favorável à aplicação da regra.

## 7.2 Descrição e Discussão dos Resultados

Submetidas ao programa de análise estatística GOLDVARB, as amostras, totalizadas nos termos expostos no capítulo anterior, compreenderam 1823 dados (870 para /e/ ~ /i/ e 953 para /o/ ~ /u/). Em virtude de se alcançar o melhor ajuste entre os dados, foram realizadas muitas rodadas de *stepping up* e *stepping down*. Essas rodadas forneceram alguns resultados que permitiram ao programa selecionar os grupos de fatores que favoreceram ou desfavoraram o alçamento. Antes de explicitá-los, porém, cabe aqui apresentar a estatística total do alçamento das vogais médias postônicas não finais, a anterior /e/ e a posterior /o/:

**TABELA 2**  
Estatística total do alçamento de /e/

Alçamento	Dados obtidos	%
Vogal Alçada – /i/	327/870	37
Vogal Não Alçada – /e/	543/870	62

FONTE: Dados da Pesquisa / 2007

**TABELA 3**  
Estatística total do alçamento de /o/

Alçamento	Dados obtidos	%
Vogal Alçada – /u/	756/953	79
Vogal Não Alçada – /o/	197/953	20

FONTE: Dados da Pesquisa / 2007

Para o alçamento de /e/, o programa selecionou como desfavoráveis os grupos de fatores sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, contexto precedente e seguinte, grau de

altura da vogal tônica e posição da vogal na palavra, os grupos de fatores favoráveis selecionados foram indivíduo, formalidade *versus* informalidade, velocidade de fala e item lexical. Para o alçamento de /o/, que, seguindo as propostas anteriores, foi também mais recorrente no dialeto belo-horizontino, o programa selecionou como relevantes os grupos de fatores indivíduo, item lexical, e formalidade *versus* informalidade, e todos os outros foram considerados irrelevantes.

### 7.2.1 Grupos de Fatores Relevantes

No que se refere à relevância dos fatores, indivíduo e item lexical são o ponto de interseção do alçamento de ambas as séries, anterior (/e/ → /i/) e posterior (/o/ → /u/). Esse resultado pode ser visto como um forte indício de que o alçamento das vogais médias postônicas não finais é de fato um caso de DL. Porém, antes de essa questão ser mais bem discutida, apresento os outros fatores favoráveis e alguns breves comentários sobre eles.

Entre os fatores relevantes para o alçamento de /e/ estão a velocidade de fala e formalidade *versus* informalidade, medido aqui como um reflexo do estilo de entrevista a que os falantes estavam expostos. A eleição desses grupos de fatores como relevante já era esperada, já que era perfeitamente perceptível o quanto os informantes controlavam a sua pronúncia de acordo com o estilo de teste aplicado, desacelerando a velocidade com que as palavras eram proferidas para não cometerem “erros” (em especial na primeira rodada) ou acelerando essa velocidade quando julgavam conhecer toda a seqüência (segunda e/ou terceira rodada).

O fator velocidade de fala foi, enfim, um reflexo dos testes aplicados aos falantes. A velocidade de fala normal (e normalidade é um critério específico a cada indivíduo) se aplicou ao estilo de fala espontâneo e à manutenção desse estilo durante a realização dos testes. O fator velocidade de fala acelerada e pausada, com exceção do item *alienígena*, pronunciado de forma pausada na fala espontânea do informante J, se aplicou somente aos testes, o que justifica seu menor número.

A necessidade em se medir ambos os grupos de fatores surgiu, então, da reação dos informantes frente aos testes e também de hipóteses como a de Cristóvão Silva (1999), que predizem que a formalidade é um fator condicionante do não alçamento das vogais médias em

posição postônica não final. As tabelas abaixo demonstram os resultados estatísticos encontrados para ambos os fatores:

**TABELA 4**  
Formalidade *versus* Informalidade e Estilo no processo de alçamento de /e/

Formalidade <i>versus</i> Informalidade e Estilo	Dados obtidos		%		Probabilidade
	/e/	/i/	/e/	/i/	
Informalidade	25/45	20/45	55	44	0,147
Formalidade Grau I	173/299	126/299	57	42	0,323
Formalidade Grau II	241/374	133/374	64	35	0,595
Formalidade Grau III	104/152	48/152	68	31	0,737

FONTE: Dados da Pesquisa /2007

**TABELA 5**  
Implicações do parâmetro Velocidade de Fala no alçamento de /e/

Velocidade de Fala	Dados obtidos		%		Probabilidade
	/e/	/i/	/e/	/i/	
Pausada	51/74	23/74	68	31	0,741
Normal	423/690	267/690	61	38	0,469
Acelerada	69/106	37/106	65	34	0,517

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

O resultado crescente das probabilidades apresentadas na **TABELA 4** confirmam a necessidade de se ter estabelecido graus diferentes para a formalidade. Curioso, contudo, é o comportamento dos falantes frente ao mesmo grupo de fatores no que se refere ao alçamento de /o/. Nesse caso, não se pode observar o mesmo padrão de favorecimento, como demonstrado na tabela abaixo:

**TABELA 6**  
Formalidade *versus* Informalidade e Estilo no processo de alçamento de /o/

Formalidade <i>versus</i> Informalidade e Estilo	Dados obtidos		%		Probabilidade
	/o/	/u/	/o/	/u/	
Informalidade	15/61	46/61	24	75	0,459
Formalidade Grau I	69/337	268/337	20	79	0,437
Formalidade Grau II	64/387	323/387	16	83	0,644
Formalidade Grau III	49/168	119/168	29	70	0,312

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

Ao contrário do padrão apresentado pelo alçamento de /e/, o alçamento de /o/ encontra no Teste 1 sua mais alta probabilidade e percentagem. Esse resultado pode ser interpretado como um argumento contra a hipótese de que um maior grau de formalidade implica o não alçamento da vogal, já que a mais alta percentagem do alçamento deu-se em uma situação de fala que só não foi mais formal que a de Grau III, quando os falantes escutavam as opções do ícone de voz. Porém, essa questão ainda permanece em aberto.

No que concerne às diferenças entre ambas as séries, é interessante perceber o fato de o programa ter selecionado para o alçamento de /e/ os fatores formalidade *versus* informalidade e velocidade de fala e para o alçamento de /o/ apenas o primeiro. Isso pode também sugerir um menor controle do falante ao alçamento de /o/ para /u/, e, em contrapartida, um maior controle ao alçamento de /e/ para /i/, uma diferença bem mais perceptível. Aceita essa hipótese, não só há maior difusão na língua do processo de alçamento de /o/ para /u/ como há menor controle do falante por parte desse processo, ambas são reflexos do estreito espaço fonológico que divide as vogais /o/ e /u/ (MARTINET, 1964). Os resultados do programa para a velocidade de fala no alçamento de /o/ podem ser visualizados abaixo, e apesar de descartados pelo programa seguem a mesma escala de alçamento de /e/, exposta aqui em ordem decrescente: pausada > acelerada > normal.

**TABELA 7**  
**Implicações do parâmetro Velocidade de Fala no alçamento de /o/**

Velocidade de Fala	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Pausada	33/71	38/71	46	53
Normal	129/742	613/742	17	82
Acelerada	35/140	105/140	25	75

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

Cabe apontar que as opções do ícone de voz eram todas pronunciadas com a vogal média alta. É interessante perceber que apesar de isso ter tido grande interferência nos resultados, tendo provavelmente condicionado a eleição do fator formalidade *versus* informalidade como relevante para o alçamento de ambas as séries<sup>105</sup>, essa interferência foi

<sup>105</sup> E esse condicionamento pode ser explicado por duas diretrizes distintas. Ou a formalidade estava de fato interferindo na manutenção da vogal ou os falantes estavam copiando as opções do ícone de voz. Acredito que a segunda hipótese é a mais provável. Contudo, percebe-se que mesmo diante de uma situação tão extrema de formalidade o falante tenha se comportado de maneira tal a manter a sua pronúncia. Prova disso é o fato de dois desses informantes, **F** e **M**, terem alçado de /o/ para /u/ em todas as ocorrências.

bem maior no alçamento de /e/. Os outros dois fatores selecionados foram o indivíduo e o item lexical, tanto para o alçamento de /o/ quanto para o alçamento de /e/.

A seleção do grupo de fatores indivíduo pode ser vista como um forte indício de que tratamos aqui de uma mudança típica de DL. Esse grupo de fatores expressa uma diferença não só no comportamento dos falantes frente aos itens lexicais proferidos, como expresso no quadro abaixo, como uma diferença no comportamento dos informantes no que se refere as duas séries, a posterior e a anterior. Para o alçamento de /e/, o programa não eliminou nenhum informante, e isso significa que todos os informantes variaram ao menos uma vez, já para o alçamento de /o/ dois informantes foram eliminados já na primeira rodada do programa, o que significa que eles alçaram categoricamente.

**TABELA 8**  
**O indivíduo no processo de alçamento de /e/ (870 dados completos)**  
**Alçamento da vogal média alta posterior (/e/)**

Índividuo	Dados obtidos		%		Probabilidade
	/e/	/i/	/e/	/i/	
L	35/52	17/52	67	32	0,648
P	41/56	15/56	73	26	0,618
S	38/53	15/53	71	28	0,600
N	42/60	16/60	70	30	0,580
D	34/51	17/51	66	33	0,571
R	38/55	17/55	69	30	0,570
A	23/31	8/31	74	25	0,547
H	32/48	16/48	66	33	0,546
J	27/41	14/41	65	34	0,516
Q	32/50	18/50	64	36	0,513
G	29/47	18/47	61	38	0,496
B	35/54	19/54	64	35	0,492
I	39/63	24/63	61	38	0,489
E	27/43	16/43	62	37	0,460
M	19/41	22/41	46	53	0,339
O	21/49	28/49	42	57	0,308
C	14/34	20/34	41	58	0,242
F	17/42	25/42	40	59	0,120

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

**TABELA 9**  
**O indivíduo no processo de alçamento de /o/ (953 dados completos).**

<b>Alçamento da vogal média alta posterior (/o/)</b>					
<b>Índivíduo</b>	<b>Dados obtidos</b>		<b>%</b>		<b>Probabilidade</b>
	<b>/o/</b>	<b>/u/</b>	<b>/o/</b>	<b>/u/</b>	
<b>M</b>	0/41	41/41	0	100	1,000
<b>F</b>	0/63	63/63	0	100	1,000
<b>B</b>	4/70	66/70	5	94	0,865
<b>N</b>	2/61	59/61	3	96	0,851
<b>Q</b>	5/74	69/74	6	93	0,818
<b>C</b>	3/38	35/38	7	92	0,657
<b>O</b>	7/43	36/43	16	83	0,585
<b>E</b>	11/61	50/61	18	81	0,553
<b>L</b>	10/63	53/63	15	84	0,542
<b>H</b>	13/63	50/63	20	79	0,507
<b>S</b>	10/68	58/68	14	85	0,503
<b>A</b>	8/38	30/38	21	78	0,474
<b>R</b>	11/54	43/54	20	79	0,471
<b>G</b>	10/57	47/57	17	82	0,461
<b>D</b>	11/57	46/57	19	80	0,458
<b>J</b>	8/49	41/49	16	83	0,438
<b>P</b>	17/63	46/63	26	73	0,366
<b>I</b>	67/94	27/94	71	28	0,027

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

A diferença no comportamento lingüístico dos indivíduos pode ser notada pelas probabilidades e porcentagens expressas nas tabelas acima. Aliadas às probabilidades superiores à .50, essas diferenças justificam por si a escolha desse grupo de fatores como um favorecedor do alçamento de ambas as séries.

O mesmo se pode dizer do próximo grupo de fatores indicado pelo GOLDVARB, o que engloba os itens lexicais. Como esse é um programa de análise multivariacional, só puderam ser medidos os itens que se apresentaram variáveis na amostra. O quadro abaixo explicita os itens considerados pelo programa e também aqueles que, por não se apresentarem variáveis, foram descartados na primeira rodada. Esse quadro expressa mais uma diferença, nada sutil, de comportamento entre as séries. As palavras proparoxítonas com vogal média alta anterior em posição postônica não final foram eliminadas do programa por não apresentarem alçamento, enquanto as que possuíam vogal média alta posterior foram excluídas por sempre se apresentarem alçadas, como demonstrado a seguir:

**TABELA 10**  
**O item lexical no processo de alçamento de ambas as séries – dados obtidos e porcentagens**

Itens Lexicais									
Itens	/e/				Itens	/o/			
	Dados		%			Dados		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/		/o/	/u/	/o/	/u/
Cócegas	21/30	9/30	70	30	Cômoda	11/39	28/39	28	71
Frutífera	18/20	2/20	90	10	Fósforo	2/38	36/38	5	94
*Pálpebra					Psicólogo/a (s)	5/52	47/52	9	90
Taxímetro	2/23	21/23	8	91	Horóscopo	1/26	25/26	3	96
*Vértebra					Apóstolos	2/54	52/54	3	96
Quilômetro	1/53	52/53	1	98	*Ídolo				
Centímetro	14/32	18/32	43	56	Diálogo	5/26	21/26	19	80
Mamífero	41/44	3/44	93	6	Pérola	11/46	35/46	23	76
Velocípede	37/53	16/53	69	30	*Bússola				
Véspera	19/21	2/21	90	9	*Síndromes				
Almôndega	38/47	9/47	80	19	*Cômodo				
Fôlego	13/31	18/31	41	58	Árvore	3/49	46/49	6	93
Helicóptero	49/50	1/50	98	2	Hipódromo	9/25	16/25	36	64
Parêntese	15/19	4/19	78	21	Catástrofe	2/25	23/25	8	92
*Útero					Pólvora	14/36	22/36	38	61
*Adúltero					Época	21/58	37/58	36	63
Termômetro	3/51	48/51	5	94	Pentágono	1/20	19/20	5	95
Hóspede	22/23	1/23	95	4	Autônimo	3/28	25/28	10	89
*Gênese					Carnívoro	8/40	32/40	20	88
Indígena	12/49	37/49	24	75	*Símbolos				
Cérebro	27/29	2/29	93	6	*Justinópolis				
*Paralelepípedo					Autódromo	2/16	14/16	12	87
Números	79/85	6/85	92	7	Mármore	6/52	46/52	11	88
Pêssego	49/59	10/59	83	16	Gôndola	13/20	7/20	65	35
Velocímetro	4/28	24/28	14	85	Víbora	3/32	29/32	9	90
*Crisântemo					*Semáforo				
Fenômeno	2/27	25/27	7	92	Catálogo	2/17	15/17	11	88
Cancerígeno	22/28	6/28	78	21	Astrônomo	3/45	42/45	6	93
Córrego	31/37	6/37	83	16	**Geólogo				
*Câmera					Abóbora	5/47	42/47	10	89
**Alienígena					Cócoras	21/23	2/23	91	8
Próspero	24/31	7/31	77	22	Âncora	15/51	36/51	29	70
*Ópera					Parábolas	1/26	25/26	3	96
**Sonífero					Brócolis	27/56	29/56	48	51
					**Heliópolis				
					Fonoaudióloga	1/2	1/2	50	50
					**Própolis				

\* Itens nunca alçados.

\*\* Itens que se apresentaram categóricos na pronúncia de informante só, ou que apareceram uma vez só para esse informante.

\*Itens sempre alçados.

\*\* Itens que se apresentaram categóricos na pronúncia de informante só, ou que apareceram uma vez só para esse informante.

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

**TABELA 11**  
**O item lexical no processo de alçamento de ambas as séries - probabilidades**

<b>Itens Lexicais</b>			
<b>/e/</b>		<b>/o/</b>	
<b>Itens</b>	<b>Probabilidades</b>	<b>Itens</b>	<b>Probabilidades</b>
Cócegas	0,405	Cômoda	0,223
Frutífera	0,791	Fósforo	0,815
*Pálpebra		Psicólogo/a (s)	0,705
Taxímetro	0,015	Horóscopo	0,934
*Vértabras		Apóstolos	0,898
Quilômetro	0,006	*Ídolo	
Centímetro	0,183	Diálogo	0,485
Mamífero	0,895	Pérola	0,272
Velocípede	0,596	*Bússola	
Véspera	0,893	*Síndromes	
Almôndega	0,789	*Cômado	
Fôlego	0,158	Árvore	0,789
Helicóptero	0,981	Hipódromo	0,204
Parêntese	0,502	Catástrofe	0,799
*Útero		Pólvora	0,155
*Adúltero		Época	0,174
Termômetro	0,020	Pentágono	0,934
Hóspede	0,916	Autônomo	0,644
*Gênese		Carnívoro	0,418
Indígena	0,112	*Símbolos	
Cérebro	0,985	*Justinópolis	
*Paralelepípedo		Autódromo	0,479
Números	0,941	Mármore	0,613
Pêssego	0,817	Gôndola	0,044
Velocímetro	0,033	Víbora	0,719
*Crisântemo		*Semáforo	
Fenômeno	0,052	Catálogo	0,707
Cancerígeno	0,479	Astrônomo	0,810
Córrego	0,840	**Geólogo	
*Câmera		Abóbora	0,633
**Alienígena		Cócoras	0,005
Próspero	0,508	Âncora	0,224
*Ópera		Parábolas	0,890
**Sonífero		Brócolis	0,096
		**Heliópolis	
		Fonoaudióloga	0,090
		**Própolis	
<p>* Itens nunca alçados.  ** Itens que se apresentaram categóricos na pronúncia de informante só, ou que apareceram uma vez só para esse informante.</p>		<p>*Itens sempre alçados.  ** Itens que se apresentaram categóricos na pronúncia de informante só, ou que apareceram uma vez só para esse informante.</p>	

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

Algumas das palavras excluídas pelo programa foram as que apareceram apenas uma vez para um só falante, ou que, apesar de aparecerem mais vezes para esse informante, não se apresentaram variáveis. Essas palavras foram, por razões óbvias, as pertencentes à fala espontânea e antes de passarmos à próxima seção cabe explicitar aqui a frequência relativa das palavras produzidas nesse estilo de fala.

Como um critério metodológico, para medir o número de vezes em que o item apareceu no vernáculo durante as entrevistas, adotou-se a seguinte escala de frequência: 01 vez, de 02 vezes até 05 vezes, de 06 até 10 vezes, de 11 até 20 vezes, de 21 até 35 vezes, de 36 até 50 vezes, mais de 51 vezes. Contudo, convém ressaltar que essa escala deve ser relativizada, já que, a condução das entrevistas e o perfil de cada informante foi o que determinou uma maior frequência de um item e não outro.

<b>Escalas de Frequência</b>	
<b>Primeira Escala</b> (1 ocorrência)	Heliópolis, epístola, bióloga, catálogo, velocípede, horóscopo, áspero, própolis, *instantâneo, *férrea, *névoa, *aérea.
<b>Segunda Escala</b> (de 2 a 5 ocorrências)	Alienígena, geólogo, sonífero, milímetro, parábolas, útero, apóstolo, símbolo, cérebro, cancerígeno, fôlego, bússola, gênese, almôndegas, frutíferas, gôndola, *petróleo, *litorânea, *orquídea, *náusea, *pâncreas.
<b>Terceira Escala</b> (de 6 a 15 ocorrências)	Justinópolis, fonoaudióloga, autônomo, quilômetro, pérola, psicólogo-a(s), hóspede, pêssego, período, abóbora, *área, *vídeo, *óleo, *gêmeas.
<b>Quarta Escala</b> (de 16 a 30 ocorrências)	Número, brócolis, câmera, helicóptero, árvore, córrego.
<b>Quinta Escala</b> (mais de 30 ocorrências)	Época (80)

**QUADRO 4: Escalas de Frequência dos Itens Proferidos em Fala Espontânea.**  
**FONTE: Dados da Pesquisa/2007.**

### **7.2.2 Grupos de Fatores Irrelevantes**

Labov (1981, p.296) prevê que fatores não estruturais não condicionam processos fonológicos sujeitos à DL. O fato de o programa não ter selecionado essas variantes pode ser apontado como outro forte indício de que a variação das vogais médias (redução vocálica ou alçamento ~ manutenção da vogal média) é um processo fonológico difusionista. Nos dados

abaixo, percebe-se o quanto esses parâmetros se apresentaram de forma mais ou menos equânime para cada um dos fatores que os compõe, mostrando pouca diferença entre eles:

**TABELA 12**  
**Implicações do parâmetro Classe Social e Renda no processo de alicamento de /e/**

Classe social e renda	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Baixa	215/363	148/363	59	40
Média	328/507	179/507	64	35

FONTE: Dados da Pesquisa, 2007

**TABELA 13**  
**Implicações do parâmetro Classe Social e Renda no processo de alicamento de /o/**

Classe social e renda	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Baixa	46/372	326/372	12	87
Média	151/581	430/581	25	74

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 14**  
**Implicações do parâmetro Escolaridade no processo de alicamento de /e/**

Escolaridade	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Até o Ensino Médio	347/571	224/571	60	39
Mais que o Ensino Médio	196/299	103/299	65	34

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 15**  
**Implicações do parâmetro Escolaridade no processo de alicamento de /o/**

Escolaridade	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Até o Ensino Médio	147/560	413/560	26	73
Mais que o Ensino Médio	50/393	343/393	12	87

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 16**  
**Implicações do parâmetro Sexo no processo de alçamento de /e/**

Sexo	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Masculino	196/321	125/321	61	38
Feminino	347/529	202/549	63	36

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 17**  
**Implicações do parâmetro Sexo no processo de alçamento de /o/**

Sexo	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Masculino	44/304	260/304	14	85
Feminino	153/649	496/649	23	76

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 18**  
**Implicações do parâmetro Faixa Etária no alçamento de /e/**

Faixa Etária	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
20 a 49	312/506	194/506	61	38
50 em diante	231/364	133/364	63	36

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 19**  
**Implicações do parâmetro Faixa Etária no alçamento de /o/**

Faixa Etária	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
20 a 49	153/625	472/625	24	75
50 em diante	44/328	284/328	13	86

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

A não seleção do ambiente fonético e de outros fatores estruturais como um grupo de fatores favorável pode ser considerada mais um indício de que realmente tratamos aqui de um processo de cunho difusionista.

**TABELA 20**  
**Implicações do seguimento precedente no alicamento de /e/**

Segmento precedente	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Nasal bilabial e alveolar	108/310	202/310	34	65
Obstruintes velares e Obstruinte palatal	34/78	44/78	43	56
Lateral alveolar	25/43	18/43	58	41
Fricativas alveolares	70/89	19/89	78	21
Obstruintes labiais	107/132	25/132	81	18
Vibrante alveolar	31/37	6/37	83	16
Tepe	15/17	2/17	88	11
Fricativas labiodentais	59/64	5/64	92	7
Obstruintes alveolares	94/100	6/100	94	6

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 21**  
**Implicações do seguimento seguinte no alicamento de /e/**

Segmento seguinte	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Obstruintes alveolares	26/190	164/190	13	86
Nasal bilabial e alveolar	36/104	68/104	34	65
Obstruintes velares e palatais	211/280	69/280	75	24
Fricativas alveolares	15/19	4/19	78	21
Tepe	228/248	20/48	91	8
Obstruintes labiais	27/29	2/29	93	6

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 22**  
**Implicações do seguimento precedente no alicamento de /o/**

Segmento precedente	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Lateral alveolar	13/97	84/97	13	86
Nasal bilabial e alveolar	23/165	142/165	13	86
Obstruintes labiais	31/183	152/183	16	83
Fricativas labiodentais	27/163	136/163	16	83
Obstruintes alveolares	17/75	60/75	20	80
Tepe	24/112	88/112	21	78
Obstruintes velares e obstruinte palatal	64/158	94/158	40	59

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 23**  
**Implicações do seguimento seguinte no acentamento de /o/**

Segmento seguinte	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Obstruintes labiais	1/26	25/26	3	96
Fricativas labiodentais	2/25	23/25	8	92
Nasal bilabial e alveolar	18/133	115/133	13	86
Tepe	76/367	291/367	20	79
Obstruintes velares e palatais	34/156	122/156	21	78
Lateral alveolar	55/207	152/207	26	73
Obstruintes alveolares	11/39	28/39	28	71

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 24**  
**Implicações do parâmetro Grau de Altura da Vogal Tônica no acentamento de /e/**

Grau de altura da vogal tônica	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Com vogal alta	229/362	133/362	63	36
Sem vogal alta	314/508	194/508	61	38

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 25**  
**Implicações do parâmetro Grau de Altura da Vogal Tônica no acentamento de /o/**

Grau de altura da vogal tônica	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Com vogal alta	11/73	62/73	15	84
Sem vogal alta	186/880	694/880	21	78

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 26**  
**Implicações morfológicas no acentamento de /e/**

Posição da vogal na palavra	Dados obtidos		%	
	/e/	/i/	/e/	/i/
Na raiz	408/489	81/489	83	16
Fora da Raiz	135/381	246/381	35	64

FONTE: Dados da Pesquisa/2007

**TABELA 27**  
**Implicações morfológicas no açamento de /o/**

Posição da vogal na palavra	Dados obtidos		%	
	/o/	/u/	/o/	/u/
Na raiz	176/765	589/765	23	76
Fora da Raiz	21/188	167/188	11	88

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

### 7.3 As Grandes Hipóteses e as Realizações Atestadas

As realizações variáveis que envolvem as vogais médias altas e altas em posição postônica não final são aqui analisadas conforme as hipóteses maiores assumidas, ambas expostas em detalhes no capítulo precedente. Nos *corpus* coletado neste trabalho, é possível apontar alguns dados que ilustram e demonstram a validade tanto da primeira hipótese quanto da segunda, brevemente recapituladas a seguir.

A primeira refere-se à natureza difusionista do fenômeno em foco. No capítulo precedente levantaram-se três situações que indicam DL na língua. A primeira postula que, dada uma mesma regra  $A \rightarrow B / C\_D$ , há, no mesmo item lexical, estruturas **CBD** co-ocorrendo com estruturas **CAD**. A segunda envolve os itens lexicais que possuem contexto fonológico para que alcem, mas não alçam, e, assim, sempre apresentam estruturas **CAD**, o resíduo. A terceira, a mais intrigante, mas que de fato não ocorre (pois exige um ambiente em que **C** e **D** sejam segmentos específicos), se refere aos itens lexicais que não apresentam contexto para que sofram o processo de açamento, mas alçam mesmo assim.

A segunda hipótese assume que: (1) itens lexicais, que podem se apresentar variáveis quando olhamos para toda a comunidade de fala, possuem pronúncias categóricas para cada indivíduo (a variação intra-individual existente é mínima); e, em decorrência disso, (2) não se pode computar como variáveis os itens que possuem pronúncias categóricas dentro da mesma comunidade de fala.

Para a comprovação da primeira hipótese faz-se necessário que algumas considerações sejam feitas e/ou retomadas aqui, especialmente as que envolvem o papel do contexto estrutural nas mudanças. Para os NGs, a mudança sonora afeta todas as palavras que satisfazem as condições estruturais que regem a implementação dessa mudança. Essas condições estruturais são, na verdade, o ambiente fonético, o que, nessa perspectiva de

análise, condiciona uma mudança sonora específica. Assim, a vogal [e] postônica não final das proparoxítonas muda para [i] em um determinado contexto. Então toda e qualquer palavra que tenha [e] postônico não final nesse contexto sofrerá uma mudança e passará a ter [i]. Longe de ser uma proposta ingênua, os NGs, obviamente, enxergavam as mudanças sonoras dentro de um *continuum*, ocorrendo e sendo implementadas durante um período de tempo, fixando-se uma das formas que estavam em concorrência.

Para os que seguem essa orientação, a mudança é implacável, como de fato uma mudança é, e quando chega a ser percebida na língua já se espalhou por todas as palavras que possuem as condições estruturais específicas, sendo, assim, irrestrita. As exceções são frutos do empréstimo ou da analogia. O principal ponto de discordância entre ambas as teorias dá-se aí, neogramáticos pregam pela irrestritabilidade da mudança, que se propaga por todo o contexto fonético de maneira instantânea, e difusionistas pregam que ela é propagada pelo léxico de maneira gradual, difundindo-se de palavra em palavra. A diferença principal dessa proposta com a dos difusionistas fixa-se, então, no nível da propagação da mudança.

Dessa forma, na perspectiva difusionista, a mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e propaga-se para outras palavras com estrutura sonora semelhante. Em alguns casos, a difusão lexical deixa algumas palavras permanentemente sem alteração sonora. Em outros casos a mudança atinge a todas as palavras da língua que potencialmente poderiam sofrer a mudança sonora. Diante disso, não se pode dizer que o ambiente fonético é desconsiderado pela DL, ele pode ser visto como um “assimilador **a posteriori**, e não como um condicionador **a priori** de uma inovação” (OLIVEIRA, 1992, p.35). Ou seja, não é que o contexto não tenha nenhuma interferência, prova disso é o fato de o caminho natural da mudança de [e] é o alçamento para [i] e não a oclusiva [k], por exemplo, mas, para difusionistas, não é o contexto que vai licenciar a mudança, sendo esse papel exercido pelo léxico. O fato de o programa GOLDVARB ter apontado o contexto precedente e o contexto seguinte como desfavorecedores, e também os outros fatores estruturais, parece corroborar com essa hipótese.

O que deve ficar claro é que o fato de a língua apresentar variação no mesmo contexto não implica necessariamente DL. A explicação para essa variação é que vai diferenciar uma proposta difusionista de uma proposta neogramática. Difusionistas não enxergam as realizações do tipo *cócuras* para *cócoras* ou mesmo variações do tipo *âncura* ~ *cócoras* como exceções a uma regra já implementada na língua, mas sim como uma propagação lexical dessa regra. Já neogramáticos, guiando-se pelo princípio da *exceptionness*, explicariam as “exceções” (não existentes na teoria difusionistas) por empréstimo ou analogia.

Uma maneira de se comprovar que não tratamos aqui de um fenômeno que pode ser visto como neogramático seria através de um estudo etimológico, a data de entrada do “resíduo” e do item que já sofreu a mudança. Porém, se isso fosse feito, extrapolaríamos os limites desta dissertação. Outro argumento é mostrar que se deve à analogia (um mecanismo pouco estudado nas propostas lingüísticas, mas bem defendido por grandes lingüistas como Kiparsky) o fato de haver variações do tipo *cômoda* ~ *cômuda*, *pólvora* ~ *pólvura* e *córrego* ~ *córrigo*, *fôlego* ~ *fôligo*. A explicação de maneira realmente convincente do porquê de a analogia não ser capaz de explicar essas variações renderia discussões suficientes para se formular outra pesquisa. Por ora, fica apenas o questionamento – será que, para as vogais postônicas não finas, há de fato um padrão a ser restabelecido. Na hipótese de haver, baseados em que critérios poderíamos fixar a direção dessa reestruturação, se /o/ → /u/ ou /u/ → /o/. Essas questões indicam algumas das grandes armadilhas que os trabalhos de inclinação neogramática teriam de enfrentar.

Neste trabalho, encontraram-se realizações indicativas de DL. Essas são todas as variações apresentadas na **TABELA 10**, isso se enxergamos a questão de um ponto de vista difusionista. Outras indicações de que as vogais da posição aqui investigadas são passíveis aos processos difusionistas podem ser expressas pelo comportamento peculiar de algumas palavras aqui pesquisadas. A palavra *véspera*, por exemplo, uma palavra pouco freqüente, foi pronunciada como *véspura* por muitos falantes com menor escolaridade e pertencentes à classe social mais baixa; a palavra *próspero*, contudo, que possui o mesmo contexto não vira *próspuro* em nenhuma das ocorrências. A mesma diferença de comportamento acontece com as palavras *cômoda* e *cômodo*, porém, com outros processos fonológicos envolvidos. O mesmo falante que pronuncia *cômbada* para *cômoda*, fala que construiu um [ʊkomudu] na frente de casa, e não um *cômbadu* ou mesmo *cômbudu*. Diferenças dessa espécie apontam para a hipótese da DL e acabam por situar a investigação dos fenômenos fonológicos no par *item léxico – indivíduo*.

E é no indivíduo que se centra a segunda hipótese maior aqui defendida. Apesar de os falantes terem apresentado variação intra-individual, especialmente durante a realização do Teste 1 (e esse é o que mais levou os falantes a alternarem), essa variação pode ser considerada uma situação marcada na língua, conforme postulou Oliveira (2006). Nos dados coletados nesta pesquisa, pode-se apontar alguns exemplos que condizem com essa hipótese, tanto na fala espontânea quanto nos testes, inclusive no Teste 1, uma situação de extrema formalidade.

O item *córrego*, por exemplo, que é variável se o que focalizamos é a comunidade de fala, mostrou-se categórico na pronúncia individual espontânea. Neste estilo de fala, 5 falantes pronunciaram *córr[i]go* categoricamente e 4 pronunciaram *córr[e]go* categoricamente. O mesmo aconteceu com o item *pêss[e]go* e *pêss[i]go*, 4 informantes pronunciaram *pêss[e]go* categoricamente e 5 pronunciaram *pêss[i]go* categoricamente. Os poucos casos de variação intra-individual apresentados na fala espontânea ou foram de fato variação individual ou foi uma atitude clara de controle por parte do informante, como na seqüência *árvure ~ árvre ~ árvore*, pronunciada pelo mesmo informante e na mesma frase.

Já nos dados do Teste 2, que demonstraram grande manutenção da pronúncia individual, as pouquíssimas variações intra-individuais ocorreram, em geral, com as palavras desconhecidas pelos falantes, ou quando eles controlavam sua pronúncia (G e L, por exemplo) e ainda com aquelas cujas figuras envolviam leitura, como *época* e *catálogo*.

Pronúncia Individual	
Informante C	<i>velocípido ~ velocípedo ~ velocípídi (input - velotrol)</i>
Informante D	<i>velocípede ~ velocípide</i>
Informante E	<i>pólvora ~ pólvura, época ~ época e catálogo ~ catálogo</i>
Informante G	<i>cômuda ~ cômada, época ~ época</i>
Informante L	<i>véspura ~ véspera, época ~ época</i>
Informante O	<i>época ~ época, ? fenônamo ~ fenônimo</i>

**QUADRO 5: Manutenção da Pronúncia Individual (Teste 2)**

**FONTE: Dados da Pesquisa/2007**

Considerar essa hipótese como um fato da língua passa, porém, por algumas questões antigas na lingüística e que são amplamente discutidas por importantes teóricos, como Weinreich, Labov & Herzog, no texto clássico de 1968. Ao formularem os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística, esses autores combateram a abordagem do indivíduo como agente da mudança, quando reservaram uma parte considerável de suas argumentações à proposta de substituir o dialeto do indivíduo (idioleto) pelo do grupo social como *locus* para o estudo da linguagem.

A questão do idioleto foi, anteriormente a Weinreich, Labov & Herzog (1968), defendida pelo neogramático Hermann Paul (1880). Segundo Paul, o verdadeiro objeto do lingüista é a amplitude das manifestações da atividade de fala em todos os indivíduos em sua

interação mútua, devendo-se distinguir tantas línguas quantos indivíduos houver. Paul, um expoente da corrente neogramática, isolou o indivíduo e tentou criar uma ponte entre a lingüística e a psicologia. O preço desse isolamento foi, contudo, a criação de uma oposição irreconciliável entre indivíduo e sociedade, pois o autor considera que as línguas variam de acordo com o indivíduo (idioleto) e não em conformidade com um grupo de falantes.

Weinreich, Labov & Herzog (1968), ao contrário de Paul, propõem que a mudança lingüística deva ser tratada além dos limites do indivíduo, pois ela está intimamente ligada à maneira pela qual a estrutura lingüística de uma comunidade complexa se transforma no decorrer do tempo. Os autores postulam ainda que as gramáticas nas quais a mudança lingüística ocorre são gramáticas da comunidade de fala.

Não é que o indivíduo não tenha nenhum papel nessa teoria; o que eles argumentam é que esse papel é secundário em relação ao exercido pela comunidade de fala. Para Labov (2000, p. 34), o indivíduo “pode apenas ser entendido como produto de uma história social singular e como a interseção dos padrões lingüísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem aquele indivíduo”. E, uma vez que os atos de comunicação não se sustentam em realizações individuais, ele considera que “o indivíduo não existe como objeto lingüístico”. Segundo Severo (2004, p. 59),

O indivíduo que a teoria [de W.L.H.] trata é aquele que pode ser caracterizado mediante escolaridade, idade, gênero, profissão... e cuja fala retrata duas realidades interdependentes: a social e a lingüística, essa última no que diz respeito ao processo de mudança. A fala do indivíduo é a fala do grupo, da comunidade a que pertence.

A relação indivíduo x comunidade de fala é, contudo, extremamente polêmica e foi interpretada de várias maneiras pelos mais diversos teóricos. Mais uma vez nos deparamos aqui com a questão do objeto – o que analisar, indivíduos ou a comunidade de fala? O que deve ficar claro é que eles não estão em oposição direta nesta pesquisa e a defesa de que o comportamento do indivíduo deve ser medido em separado é um reflexo da materialidade lingüística refletida pelos dados empíricos coletados, e não a negação da influência do meio social sobre esse comportamento.

No atual estágio das pesquisas lingüísticas, em especial as geridas pela sociolingüística, o afastamento do indivíduo do contexto social beiraria a incoerência. A não ser que esse fosse o propósito, se estivéssemos guiados por proposições biológicas, por exemplo, assim como estão os trabalhos de orientação gerativa. Nestes casos, como um reflexo do objeto que se pretende investigar, esse isolamento seria recomendável.

## 8 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, analisamos o alçamento das vogais médias em posição postônica não final dos itens lexicais nominais proparoxítonos a partir de duas diretrizes, uma que se guiou pelos pressupostos teóricos do modelo de Difusão Lexical e outra pela constatação de que o comportamento do indivíduo tende à categoricidade. Neste capítulo, procedemos a uma revisão dos pontos resenhados mais pertinentes e dos resultados obtidos, destacando as conclusões alcançadas através da correlação entre ambos, como exposto abaixo:

- 1) Diferente de Câmara Jr. (1970) e López (1979), que analisaram o dialeto carioca, o quadro das vogais postônicas não finais é, no dialeto belo-horizontino, composto pelas vogais /a, e, i, o, u/, conforme o que postulou Vieira (1994), entre outros autores e trabalhos. Essa constatação surge da plena realização de todos esses fonemas no subsistema da postônica não final. A vogal baixa, presença incontestável, pode ser evidenciada em muitos vocábulos, como *lâm.pa.da* e *re.lâm.pa.go*. As vogais médias altas e altas anteriores foram evidenciadas em realizações variáveis como *fô.le.go* ~ *fô.li.go*, *có.rre.go* ~ *có.rri.go*. As vogais médias altas e altas posteriores foram evidenciadas em realizações de fala espontânea, inclusive, como *pérola* ~ *péru-la*, *brócolis* ~ *brócu-lis*. Realizações variáveis como essas levaram Bisol (2003) a postular o debordamento do subsistema da postônica não final entre /a, i, u/ e /a, e, i, o, u/. Essa é, contudo, uma opção de análise da autora, que aqui não será aprofundada ou questionada.
- 2) O alçamento das vogais médias altas posteriores (/o/ → /u/) é bem mais freqüente que o alçamento das vogais médias altas anteriores (/e/ → /i/). E, apesar de variável, pode-se dar razão, até certo ponto, a Câmara Jr. (1970) e López (1979), quando postulam a não existência da vogal /o/ entre as postônicas não finais. Mesmo essa não sendo a realidade do dialeto belo-horizontino, caminhamos para lá.
- 3) Observa-se que as palavras que possuem configurações semelhantes às chamadas proparoxítonas eventuais, como *névoa*, *área*, *óleo*, realizam-se sempre com vogais altas, para todos os informantes em todos os itens lexicais pronunciados.
- 4) Apesar de ser possível observarmos realizações como *útero* e *Cícero*, palavras nunca alçadas, o que, em uma abordagem neogramática, pode sugerir que o som está

condicionando ou barrando a mudança, podem-se apontar, pelas razões expostas no capítulo precedente, o caráter difusionista do fenômeno aqui focalizado.

5) Com exceção do Teste 1, onde o grau de formalidade foi extremo, com muitos dos informantes copiando a pronúncia do ícone de voz (o que já era esperado), houve uma forte manutenção da pronúncia individual, com pouquíssimos casos de variação intra-individual legítima, e outros decorrentes de outros fatores, como auto-correção, devido ao estilo entrevista ou teste.

Não considero que os dados coletados nessa dissertação tenham sanado por completo nem a primeira e nem a segunda hipótese maior aqui assumida; eles apenas forneceram fortes indícios empíricos de que elas podem ser realidades expressas na língua. Agora, nos mais variados campos da ciência, as “verdades”, por vezes refutáveis, devem ser testadas e investigadas pelos mais diferentes métodos e matizes teóricos.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- AMARAL, M. P. do. **As proparoxítonas: teoria e variação**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.
- AMARAL, M. P. do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal (ou Gramática Geral e Razoada)**. 2 ed. Trad. Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AULER, M. A difusão lexical num fenômeno de aspiração do português. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.1, p.43-51, jul./dez, 1992.
- BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- BECKMAN, J. **Positional Faithfulness**. Ph.D dissertation. University of Massachusetts, 1998.
- BISOL, L. **Harmonia Vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, L. **O Acento: Duas Alternativas de Análise**. Porto Alegre: PUCRS, 1992. (não-publicado).
- BISOL, L. A Neutralização das Átonas. **Revista Letras**. Curitiba, nº61, especial, Editora UFPR, p. 273-283, 2003.
- BISOL, L. O acento e o pé binário. **Letras de Hoje**. n.29, Porto Alegre: PUCRS. p.25-36, 1994.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. London: Geoge Allen & Unwin, 1970.
- BORTONI, S.M.; GOMES, C.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.1, p.9-29, jul./dez, 1992.
- BYNON, T. **Historical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, p.17-75, 1977.
- CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado Letras, p.55-64, 2002.
- CALLOU, D. M. I. ; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar. vol. 1, 2000.

- CALVET, L-J. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, p. 33-52, 1994.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Problemas de Lingüística Descritiva**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHEN, M. & WANG, W.S.-Y. Sound change: actuation and implementation. **Language**, v.51, n. 2, p.255-81, 1975.
- CHENG, C. & CHEN, C. Theoretical issues in studying Chinese dialects. **JCLTA**, v.25, n. 1, p. 1-34, 1971.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper and How, 1968.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. **O Programa Minimalista**. Lisboa: Caminho, 1999.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed.rev., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, p.106-143, 1965.
- COUTO, H.H. A sílaba como lócus de processos fonológicos: proparoxítonos e estrutura silábica. In: **Fonologia e Fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, p.78-90, 1999.
- CRISTOFARO SILVA, T. DL: Estudo de Casos do Português Brasileiro. In: **O Novo Milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Eliana Amarante de M. Mendes, Paulo Motta Oliveira e Veronika Benn-Ibler (org). Faculdade de Letras. Belo Horizonte. p. 209-218, 2001.
- CRYSTAL, D. **A first dictionary of linguistics and phonetics**. Bouldier, CO: Westview, 1980.
- DIAS, Pe. F. M. **Traços Históricos e Descritivos de Belo Horizonte**. Edição fac-símiles, Belo Horizonte, APM, 1897.
- FARACO, C. A. **Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GOLDSMITH, J.A. **Autosegmental phonology**. Tese de Doutorado. MIT, 1976.

GOMES, C.A.; SOUZA, C.N.R. Variáveis Fonológicas. In: **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 2 ed. Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (orgs.). São Paulo: Contexto. p.73-80, 2004.

GONÇALVES, C.A.V. Aférese e prótese: versos e reverso fonológico. **Revista de Estudos da Língua**, Belo Horizonte, v.1, p.65-77, jul./dez, 1992.

GUY, G. Advanced varbrul analysis. In Ferrara, K., Brown, B., Walters, K., e Baugh, J. (ed.) **Linguistic change and contact**. Universidade do Texas. Austin, Texas, p.124-136, 1988.

HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. **An Essay on Stress**. Cambridge, Mit Press, 1987.

HAUSER, M. D., N. CHOMSKY & W. T. FITCH. **The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?**. Science, vol. 298, p.1569-1579, 2002.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOOVER, J. B. Word frequency in lexical diffusion and the source of morphophonological change. In: CHRISTIE, W. (Ed.), **Current Progress in Historical Linguistics**. Amsterdam: North Holland, p.168-194, 1976.

HOUAISS, A. J. **Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

HOUAISS, A. J., VILLAR, M. S.& MELLO FRANCO, F. M. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYDE, B. **Metrical and Prosodic Structure in Optimality Theory**. PhD dissertation, Rutgers University, New Brunswick, New Jersey, Disponível em: <<http://www.roa.rutgers.edu>>, 2001. Acesso em: 15 mar. 2006.

HYDE, B. **A restrictive theory of metrical structure**. In: Phonology 19, 313-339, 2002.

HYDE, B. **Nonfinality**. Washington University, Disponível em: <<http://www.roa.rutgers.edu>>, 2003. Acesso em: 06 jan. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 30 de ago. 2006.

JONES, D. **The phoneme, its nature and use**. Cambridge: W. Heffer & Sons, Ltd, 1950.

KAGER, R. **Optimality Theory**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1999.

KIPARSKY, P. **Lexical morphology and phonology**. In: YANG, S. (org) Linguistic in the Morning Calm. Seoul, Hanshin Publishing Co. p.3-91, 1982.

KIPARSKY, P. **Some consequences of lexical phonology**. In: Phonology Yearbook, n. 2., p.85-138, Londres, 1985.

KRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. **Language**, v.54, n.1, Março, p.9-25, 1978.

KROCH, A.S. Towards a theory of social dialect variation. **Language in Society**, v.7, p.17-36, 1978.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. **Word**, n.19, p.273-309, 1963.

LABOV, W. **Language in the Inner City**. Philadelphia: Pennsylvania University Press; Oxford: Blackwell, 1972.

LABOV, W. The social origins of sound change. In, LABOV, W. (Ed.). **Locating Language in Time and Space**. New York: Academic Press, p.251-266, 1980.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, v.57, n.2, p.267-308, junho, 1981.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. vol.1. Cambridge, Blackwell, p.9-27, 1994.

LABOV, W. **Field methods used by the research project on linguistic change and variation**, manuscrito.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: external factors**. Cambridge, Blackwell, 2000.

LAMPRECHT, R.R. Antes de mais nada. In: **Aquisição Fonológica do Português: Perfil de Desenvolvimento e Subsídios para Terapia**. LAMPRECHT, R.R. et alli. (org.). Porto Alegre: Artmed, p.17-32, 2004.

LEE, S. H. & OLIVEIRA, M. A.. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: Dermeval da Hora Oliveira; Gisela Collischonn. (Org.). **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 67-91, 2003.

LEE, S. H. O Acento Primário do Português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, p.5-30, 1997.

LEE, S. H. Variação Lingüística e Representação Subjacente. **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 33, p.1311-1316, 2004.

LEE, S. H.; OLIVEIRA, M. A. Teorias Fonológicas e Variação Lingüística. **Revista Estudos da Língua(Gem)**, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006.

LEITE, Y. **Portuguese stress and related rules**. Tese (Doutorado em Lingüística) – University of Texas, Austin, 1974.

LESLAU, W. Frequency and change in the Ethiopian languages. **Word**, New York, v.25, p.180-189, 1969.

LEVELT, C.C. Consonant-Vowel Interactions in Child Language. In: BERNHARDT, B.; GILBERT, J.; INGRAM, D. **Proceedings of the UBC International Conference on Phonological Acquisition**. Somerville: Cascadilla Press, 1996.

LIBERMAN, M & PRINCE, A. **On stress and linguistic rhythm**. LI, Cambridge, Mass. v.8, p. 249-336, 1977.

LÓPEZ, B. **The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)**. Tese (Doutorado em Filosofia da Linguística) – University of California, Los Angeles, 1979.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p.1-54, 1979.

MAGALHÃES, J. S. **O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MALLMANN, D. O. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

MARSHALL, J. **Language change and sociolinguistics: rethinking social networks**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

MARTINET, A. **A Linguística Sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Tradução de Lilian Arantes, 1971.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora. 1999.

MCCARTHY, J. e PRINCE, A. **Generalized Alignment**. In: Geert Booij and Jaap van Marle, (Eds), *Yearbook of Morphology*, Dordrecht: Kluwer, 1993.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. 2 ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MOLLICA, M.C.M. e RONCARATI, C.N. Questões Teórico-Descritivas em Sociolingüística e em Sociolingüística Aplicada e uma Proposta de Agenda de Trabalho. **D.E.L.T.A.** n.17: Especial, p.45-55, 2001.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Lisboa: Clássica, p.55-69, 1989.

OLIVEIRA, M. A. Reanálise de um problema de variação. **Português e Estudos Lingüísticos**, nº7, F.I.S.T.A., Uberaba, p.23-49, 1981.

OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. **International journal of the sociology of language**. Berlin, 89, p.93-105, 1991.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Língua**, Belo Horizonte, Ano I, n.1, Jul./Dez, 1992.

OLIVEIRA, M. A; LEE, S. H. Teorias Fonológicas e Variação Lingüística. **Revista Estudos da Língua(Gem)**, Vitória da Conquista, v.3, p.41-67, 2006.

OLIVEIRA, M.A. **Variação Lingüística e Teoria Fonológica**. Trabalho apresentado ao XXI Encontro Nacional da ANPOLL, São Paulo, 2006.

OSTHOFF, K. & BRUGMANN, L. **Prefácio à investigações morfológicas**. São Paulo: Kappa, 1969.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E.L. A Mudança Lingüística em Curso. In: **Mudança lingüística em tempo real** / Maria da Conceição de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte (orgs.).- Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. p. 13-29, 2003.

PAUL, H. **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

PAULA, J.A.; MONTE-MÓR, R.L.M. **Formação Histórica: Três Momentos da História de Belo Horizonte**. Relatório do [Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Universidade Federal de Minas Gerais](http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/Mod1.pdf), nenhuma data. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/Mod1.pdf> Acesso em: 12 set. 2006.

PERINI, M.A. **Princípios de Lingüística Descritiva: Introdução ao Pensamento Gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PHILLIPS, B.S. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v.60, nº2, p.320-342, 1984.

PHILLIPS, B.S. Lexical diffusion is not lexical analogy. **Word**, v.49, nº3, p.369-381, 1998.

POTTIER, B.; AUDEBERT, A. & PAIS, C.T. **Estruturas Lingüísticas do Português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MINAS GERAIS. **BH 100 Anos: UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA**. Disponível em: <http://portal2.pbh.gov.br/pbh/index.html> Acesso em: 03 mar. 2006.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar**, 1993, 2002. Disponível em <http://www.rutgers.edu> Acesso em: 23 ago. 2005.

ROBINS, R.H. Brève histoire de la linguistique. Paris: Seuil [**Pequena história da lingüística**]. Rio de Janeiro: Ao livro técnico], 1976.

ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H.R.; TAGLIAMONTE, S.A. **GOLDVARB 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows.** (Manual de Instrução do Programa), Julho de 2001. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manual/manualOct2001.html>>. Acesso em: 14 set. de 2006.

ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H.R.; TAGLIAMONTE, S.A. Programa GOLDVARB, 2001. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>> . Acesso em: 14 set. de 2006.

ROVEDO, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües:** português e italiano. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

SANGSTER, C. M. **Inter- and Intra-Speaker Variation in Liverpool English: A Sociophonetic Study.** University of Oxford, Oxford, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1994.

SCHMITT, Cristina. **Redução vocálica postônica e estrutura silábica.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1987.

SEVERO, C.G. O lugar do indivíduo na teoria laboviana. **Língua(gem)**, v.1, n.2, 2004, p.43-61, 2004.

SHEN, Z. Lexical diffusion: a population perspective and a mathematical model. **Journal of Chinese Linguistics**, [s.l.], v.18, p.159-291, 1990.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, p. 5-62, 1986.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística.** Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TRASK, R.L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística.** São Paulo: Contexto. Tradução de Rodolfo Ilari; revisão técnica: Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros-Silva, 2004.

VIEGAS, M.C. **Alçamento de vogais médias pretônicas:** uma abordagem sociolingüística. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M.C. **O alçamento de vogais e itens lexicais.** Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

VIEIRA, M. J. B. **Neutralização das vogais médias postônicas.** Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. J. B.. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação:** recortes do português brasileiro. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001.

WANG, W. S.-Y. Competing changes as a cause of residue. **Language**, v.45, n.1, p.9-25, 1969.

WANG, W. S.-Y. **The Lexicon in Phonological Change**. The Hague: Mouton, 1977.

WANG, W. S.-Y. Lexical Diffusion in a populational perspective. **Language**, v.81 n.1, p.16-35, 1990.

WANG, W. S.-Y.; CHENG, C-C. Implementation of phonological change: the Shaung-feng Chinese case. In: WANG, W. (Ed.) **The lexicon in phonological change**, The Hague: Mouton, p.148-158, 1977.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugénia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.23, Jul/Dez, p.19-55, 1992.

WILLIAMS, E. **Do Latim ao Português**. (Fonologia e Morfologia Histórica da Língua Portuguesa). MEC, INL. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Trad. Antônio Houaiss, 1961.

WIRTH, J. Minas Gerais na Federação Brasileira: 1889-1937. **O Fiel da Balança**. Trad. port., Paz e Terra, 1982.

YAEGER-DROR, M. Phonetic evidence for the evolution of lexical classes: the case of a Montreal French vowel shift. In: GUY, G. R. et alli (Ed.). **Towards a social science of language**. Philadelphia: John Benjamins, v.1, p.263-286, 1995.

ZOLL, C. **Positional Assymmetries and Licensing**. MIT. Disponível em <<http://www.rutgers.edu>>, 1998. Acesso em: 10 jan. 2006.

ZOLL, C. Conflicting directionality. **Phonology**, n.14, p.263-286, 1997.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Resumo das variáveis consideradas na análise  
(com os símbolos utilizados na codificação dos respectivos fatores)**

<i>Variáveis Estruturais</i>	<i>Variáveis Não-Estruturais</i>
<b>(I) Alçamento da Vogal Postônica Não Final</b>	<b>(VII) Indivíduo</b>
x      Vogal Alçada	&      Informante A
y      Vogal Não Alçada	B      Informante B
	C      Informante C
<b>(II) Segmentos Precedentes:</b>	D      Informante D
p      Obstruintes velares e obstruinte palatal	E      Informante E
s      Obstruintes labiais	6      Informante F
u      Obstruintes alveolares	G      Informante G
a      Fricativas alveolares	H      Informante H
f      Fricativas labiodentais	I      Informante I
n      Nasal bilabial e alveolar	J      Informante J
l      Lateral alveolar	\$      Informante L
t      Tepe	M      Informante M
v      Vibrante alveolar	3      Informante N
	4      Informante O
	5      Informante P
	Q      Informante Q
	R      Informante R
	8      Informante S
<b>(III) Segmentos Seguintes:</b>	<b>(VIII) Sexo</b>
P      Obstruintes velares e obstruinte palatal	h      Masculino
S      Obstruintes labiais	m      Feminino
U      Obstruintes alveolares	
A      Fricativas alveolares	<b>(IX) Faixa Etária</b>
F      Fricativas labiodentais	-      20 a 49 anos
N      Nasal bilabial e alveolar	+      50 anos
L      Lateral alveolar	
T      Tepe	<b>(X) Escolarização</b>
V      Vibrante alveolar	1      Até ensino médio
	2      Mais que o ensino médio
<b>(IV) Grau de altura da vogal tônica</b>	<b>(XI) Classe Social (e renda)</b>
c      Com vogal alta	=      Baixa
w      Sem vogal alta	*      Média
<b>(V) Posição da vogal na palavra</b>	<b>(XII) Formalidade versus Informalidade</b>
i      Na raiz	^      Informalidade
o      Fora da raiz	~      Formalidade Grau I (Teste 2)
	%      Formalidade Grau II (Teste 1)
	(informante não escutou o ícone de voz)
<b>(VI) Velocidade de fala</b>	μ      Formalidade Grau III (Teste 1)
>      Pausada	(informante escutou o ícone de voz)
z      Normal	
<      Acelerada	

<i>Itens Lexicais</i>			
<i>/e/</i>		<i>/o/</i>	
X	Cócegas	X	Cômoda
ı	Frutífera	ı	Fósforo
[	Pálpebras	ı	Psicólogo/a (s)
]	Taxímetro	]	Horóscopo
{	Vértebras	{	Apóstolos
}	Quilômetro	}	Ídolo
¢	Centímetro	Y	Diálogo
#	Mamífero	#	Pérola
!	Velocípede	!	Bússola
£	Véspera	£	Síndromes
ı	Almôndega	[	Cômodo
<sup>a</sup>	Fôlego	<sup>a</sup>	Árvore
°	Helicóptero	°	Hipódromo
7	Parêntese	7	Catástrofe
9	Útero	9	Pólvora
0	Adúltero	0	Época
b	Termômetro	b	Pentágono
d	Hóspede	d	Autônomo
e	Gênese	e	Carnívoro
g	Indígena	g	Símbolos
±	Cérebro	´	Justinópolis
j	Paralelepípedo	®	Autódromo
q	Números	q	Mármore
r	Pêssego	r	Gôndola
?	Velocímetro	?	Víbora
_	Crisântemos	_	Semáforo
:	Fenômeno	:	Catálogo
©	Cancerígeno	©	Astrônomo
®	Córrego	j	Geólogo
,	Câmera	H	Abóbora
÷	Alienígena	÷	Cócoras
h	Próspero	,	Âncora
¨	Ópera	¨	Parábolas
		±	Brócolis
		Z	Heliópolis
		W	Fonoaudióloga
		/	Própolis

**OBS.:** O uso dos mesmos códigos para palavras diferentes foi viabilizado pelo fato de os arquivos das palavras que contém /o/ e /e/ em posição postônica não final estarem separados.

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

(As perguntas variavam de acordo com o gênero, grau de proximidade, perfil do informante, fluência do assunto, entre outros aspectos)

### 1. Sobre a vida pessoal (Perguntas que geralmente iniciam a conversa):

- Como conheceu seu marido/namorado?
- Seu filho/marido/namorado nasceu em Belo Horizonte também? Então ele é seu conterrâneo?
- Tem caso de gêmeos na família? Você gostaria de ter tido filhos gêmeos?
- As crianças gostam de andar de velocípede?
- As crianças já vacinaram esse ano? E contra varíola?
- Como era o bairro antigamente? Quando mudou para cá?
- Como era o bairro onde nasceu?

### 2. Sobre os gostos e hábitos pessoais:

- Você acredita em horóscopo?
- Gosta de flores? E a orquídea? O crisântemo? (Este desconhecido para muitos)
- Qual seu feriado preferido? E a páscoa?
- Tem um ídolo?
- Qual seu número da sorte?
- Você é fumante? (fósforo, cancerígeno)
- Qual foi a cidade mais longe que já foi? Fica a quantos quilômetros daqui?
- Já ficou perdido em algum lugar? Essa hora uma bússola salvaria, não acha...
- Já correu algum perigo de vida?

### 3. Sobre culinária:

- Gosta de doce? ... E doce de abóbora? Sabe fazer...
- Gosta de comer macarrão instantâneo, o miojo?
- Gosta de comer verduras? Brócolis, essas coisas?

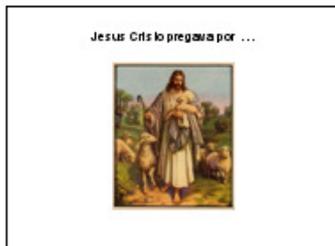
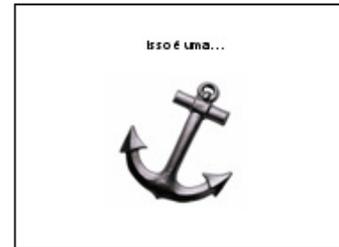
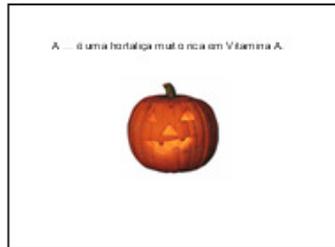
**4. Sobre a saúde:**

- Qual órgão do corpo você acha mais importante, o cérebro ou o pulmão?
- Você já fez alguma cirurgia? Onde?
- Já teve algum problema de estômago? Úlcera, essas coisas?



## APÊNDICE D – Figuras dos Testes 1 e 2

### Teste 1



Isso é uma...



Eles estão sem ...



Isso é uma caixa de ...



Uma árvore que dá frutos é um a árvore...



O ... é o lugar onde se disputam as corridas do cavalo.



Essa pia é de ...



Isso é um ...



Escritos no quadro, são as letras e os ...



A ... é a parte do corpo que cobre os olhos.



O número 2 está entre ...



O profissional formado para escutar os nossos problemas é o ...



Essa fruta é o ...



A placa indica 80 ...



O taxista está com uma das mãos no ...



O neném está dentro do ...



Isso é um ...



O ... é o aparelho que mede a velocidade dos carros.



As ... são os ossos que compõem a coluna vertebral.



Essas flores são ...



Ronaldo é também conhecido como Ronaldo ...



Esse casal está em Veneza, passeando na ...



O ... diz para cada signo, o que vai acontecer no dia.



Os ... estão se hospedando no hotel.



Pavarotti cantava ...



Isso é um barril explosivo, isso é um barril de ...



A ... é um animal venenoso.



O cigarro é ...



O nome dessa revista é ...



Esse quadro mostra Jesus e seus ...



O cachorro é um animal ...



As ruas de Oiro Preto são de ...



O ... ajuda a organizar o trânsito.



O menino está brincando de ...



Esse ... já foi limpo um dia.



O cocar é um acessório ...



A Xuxa é o ... da criançada.



O ... americano foi atingido em 11 de setembro.



Isso é um ... telefônico.



Ele está sendo um ... com a estátua do poeta.



O pedreiro é um profissional ...



O nome dessa revista é ...



O profissional que estuda astronomia é o ...



Isso é um colar de ...



O nome dele é ...



Ela está com uma ... no estômago.



O leão é um animal que come carne, ele é ...



Ela está "naqueles dias", ela está no ... menstrual.



O bebê está vacinado contra ...



Este é o coelhinho da ...



O habitante da Terra é o ...



Isso é uma torta de ...



A ... é a mãe do político.



A Petrobras vem de ...



Eles são irmãos ...



Miojo é um macarrão ...



O Rio de Janeiro é uma cidade ...



Eles estão passando mal, eles estão com ...



Este é um órgão do corpo, este é o ...



## Teste 2

Algumas das figuras do teste anterior e mais as figuras abaixo:

Esse é o ... três

3

O Papai Noel passa um dia antes, ele passa na ... do natal.



Isso é uma ...



Apontado no desenho, temos uma ... de rosa.



Os raios que caem do céu são também conhecidos como relâmp...



## APÊNDICE E – Fala Espontânea

### A

Justinóp[u]lis  
 Núm[e]ro (2 vezes)  
 Abóbra (3 vezes)  
 Bróc[u]lis  
 Câm[e]ra  
 Próp[u]lis  
 Quilôm[i]tro

### B

Petról[i]o (3 vezes)  
 Ár[i]a (4 vezes)  
 Geól[u]go (4 vezes)  
 Helicópt[e]ro  
 Bróc[o]lis  
 Litorân[i]a (2 vezes)  
 Cér[e]bro (2 vezes)

### C

milím[i]tro (2)  
 árv[u]re ~ árvre ~ árv[o]re (se corrigindo)  
 abóbra (4 vezes)  
 bróc[o]lis (2 vezes)  
 pér[u]la (2 vezes)  
 psicól[u]go

### D

Paráb[u]las (2 vezes)  
 Ép[u]ca  
 Pér[o]la (2 vezes)  
 Abóbra (2 vezes)  
 Bróc[o]lis (2 vezes)  
 Orquídi[i]a (2 vezes)  
 Pêss[e]go (3 vezes)  
 Út[e]ro  
 Apóst[u]lo  
 Côm[u]do (5 vezes)  
 Psicól[u]gos (2 vezes)  
 Varí[u]la  
 Instntân[i]o  
 Abób[u]ra  
 Bróc[o]lis

### E

Núm[e]ro (8 vezes)  
 Perí[u]do (7 vezes)  
 Ép[u]ca (2 vezes)  
 Psicól[u]ga (2 vezes)  
 Psicól[u]gas  
 Psicól[u]go  
 Síndr[u]mes (8 vezes)  
 Fonoaudiól[o]ga  
 Fonoaudiól[u]ga (6 vezes)  
 Símb[u]los (3 vezes)  
 Cél[e]bro (2 vezes)  
 Árv[u]res (6 vezes)  
 Abób[u]ra (3 vezes)  
 Vídi[o] (4 vezes)  
 Náus[i]a  
 Helicópt[e]ro  
 Pêss[e]go  
 Bróc[o]lis (2 vezes)  
 Ól[i]o (2 vezes)

### F

Ép[u]ca (44 vezes)  
 Num[e]ro  
 Justinóp[u]lis (5 vezes)  
 Córr[e]go (9 vezes)  
 Autôn[u]mo (5 vezes)  
 Quilôm[i]tro  
 Instatân[i]o  
 Abób[u]ra (2 vezes)  
 Litorân[i]a  
 Gêm[i]las (3 vezes)  
 Gêm[i]os (3 vezes)

### G

Ép[u]ca (5 vezes)  
 Vídi[o]  
 Árv[u]re  
 Córr[i]go (4 vezes)  
 Justinóp[u]lis (3 vezes)  
 Ár[i]a  
 Instantân[i]o  
 Pêss[i]go

**H**

Córr[e]go  
Litorân[i]a  
Bróc[o]lis  
Cér[e]bro (3 vezes)  
Psicól[u]ga  
Hósp[i]de (8 vezes)  
Pér[u]la  
Gêm[i]os  
Autôn[u]mo (2 vezes)

**I**

Gêm[i]os (4 vezes)  
Helióp[o]lis  
Córr[e]go (5 vezes)  
Ép[u]ca  
Cér[e]bro  
Psicól[o]ga  
Bróc[o]lis  
Árv[u]re (4 vezes)  
Árv[u]res (3 vezes)  
Horósc[u]po

**J**

Árv[u]re (2 vezes)  
Ép[u]ca (7 vezes)  
Víd[i]o  
Abób[u]ra  
Ól[i]o  
Bróc[u]lis  
Gêm[i]os (7 vezes)  
Córr[i]go (2 vezes)  
Perí[u]do  
Cér[e]bro  
Autôn[o]ma  
Alieníg[e]na (4 vezes)  
Helicópt[e]ro (4 vezes)  
Câm[e]ra (5 vezes)  
Soníf[e]ro (2 vezes)  
Psicól[o]ga (4 vezes)

**L**

Abób[u]ra (2 vezes)  
Pêss[i]go (4 vezes)  
Perí[u]do  
Núm[i]ro (2 vezes)  
Ép[u]ca (4 vezes)  
Víd[i]o (5 vezes)  
Broc[u]lis (3 vezes)  
Indíg[i]na (4 vezes)  
Canceríg[e]no (2 vezes)

**M**

Córr[i]go (2 vezes)  
Abóbra  
Árv[u]re (7 vezes)  
Férr[i]a  
Quilôm[i]tro (6 vezes)  
Név[u]a  
Fôl[i]gu (2 vezes)  
Ép[u]ca (2 vezes)  
Almônigas (2 vezes)

**N**

Côm[u]do  
Árv[u]res  
Fritíf[e]ras (3 vezes)  
Abób[u]ra ~ Abóbra (se corrigindo)  
Út[e]ro (4 vezes)  
Cér[e]bro (5 vezes)

**O**

Córr[i]go  
Ép[u]ca (5 vezes)  
Pêss[e]go (2 vezes)  
Brócos  
Náus[i]a  
Síndr[u]me  
Pér[u]la

**P**

Córr[i]go  
 Câm[e]ra (22 vezes)  
 Catál[u]go  
 Helicópt[e]ro (21 vezes)  
 Aér[i]a  
 Ép[u]ca  
 Quilôm[i]tros (3 vezes)

Biól[u]ga  
 Psicol[u]ga  
 Indíg[i]na  
 Aboríg[e]ne (3 vezes)  
 Náus[i]a  
 Gônd[o]la (2 vezes)  
 Ép[u]ca  
 Ól[i]o (2 vezes)  
 Velocípi

**Q**

Córr[e]go (2 vezes)  
 Ép[u]ca (7 vezes)  
 Márm[u]re (4 vezes)  
 Perí[u]do (3 vezes)  
 Árv[u]res  
 Ól[i]o  
 Pêss[e]go

**R**

Pér[u]la (5 vezes)  
 Carnív[u]ra (2 vezes)  
 Litorân[i]a  
 Quilôm[i]tro (2 vezes)  
 Vért[e]bra (5 vezes)  
 Bróc[o]lis (2 vezes)  
 Velocíp[i]de  
 Córr[e]go (2 vezes)  
 Gêm[i]os  
 Pâncr[i]as (2 vezes)  
 Indíg[i]na  
 Núm[e]ro (2 vezes)  
 Ásp[e]ro  
 Autôn[o]mo (2 vezes)

**S**

Árv[u]re (3 vezes)  
 Núm[e]ro (2 vezes)  
 Búss[u]la (2 vezes)  
 Paráb[u]las (2 vezes)  
 Apóst[u]los (3 vezes)  
 Gên[e]se (2 vezes)  
 Ár[i]a (2 vezes)  
 Epíst[u]la  
 Catástr[u]fes (2 vezes)

## APÊNDICE F – Transcrição Ortográfica do Teste 1

### A

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras *
Ânc[o]ra *	Ânc[u]ra *	Ânc[o]ra *
? Paráb[u]las *	? Paráb[u]las *	? Paráb[u]las *
Almônd[e]gas	Almônd[e]gas	Almônd[e]gas
Símb[u]lo *	Símb[u]lo	Símb[u]lo
? Prósp[e]ro *	? Prósp[e]ro *	? Prósp[e]ro *
Bróc[o]lis *	Bróc[u]lis	Bróc[o]lis *
? Auré[u]la *	? Auré[u]la *	? Auré[u]la *
Púss[u]la *	? Púss[u]la *	? Púss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra *
Centím[e]tro	Centím[e]tro	Centím[i]tro
Cômbada	Cômbada	Cômbada
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]ga *	Cóc[e]ga *	Cóc[e]ga
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go *	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[e]ro	Fósf[e]ro	Fósf[e]ro
? Frutíf[o]la *	? Frutíf[e]ra *	? Frutíf[o]la
Hipródr[o]mo *	Hipódr[o]mo *	Hipódr[o]mo *
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re *
Helicópt[e]ro *	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro *
Núm[i]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros *
? Póp[e]bras *	? Pálp[e]bras *	? Pólt[e]brás *
? Parênt[e]sis *	Parênt[i]s	Parênt[i]s
Psicól[u]go *	Psicól[i]go	Psicól[i]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
? Taxím[i]tro *	? Velocím[i]tro	? Taxím[e]tro
Út[e]ro *	Út[e]ro	Út[e]ro
? Ternôm[i]tro *	? Tenôm[i]tros	? Ternôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[e]tro
? Vért[e]bra *	? Vért[e]bra *	? Vért[e]bras *
? Adúlt[e]ro *	? Adúlt[e]ro *	? Adúlt[e]ro *
? Autródr[o]mo *	? Autógr[o]mo *	? Autódr[o]mo *
? Catástri *	? Catástri *	? Catáchitre *
? Crisânt[e]mo *	? Crisânt[e]mo *	? Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôn[i]mo	Fenôn[i]mo
? Gând[u]la *	? Gônd[u]la	? Gônd[u]la *
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra

Pólv[o]ra *	Pólv[o]ra *	Pólv[o]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[o]ra *
? Cãoceríg[e]no *	? Cancegeira	? Canceriano
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los *
Mamíf[e]ro *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralepíp[e]dos	Paralepíp[e]do
Semáf[e]ro *	Semáf[e]ros	Semáf[e]ro
? Velocípi (velotrol)	? Velocíp[i]de	? Velocípi
Córr[e]go	Córr[e]go	Córr[e]go
? Indíg[i]na *	? (Indiano) depois Indíg[i]na *	? (Indigeno) depois Indíg[i]na *
Íd[u]lo *	Íd[u]lo *	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no *
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go *	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
? Astrôn[u]mo *	? Astrôn[u]mo *	? Astrôn[u]mo
? Pér[u]las	? Pér[u]la	? Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra *
? Carníf[e]ro	? Carníf[e]ro	? Carníf[e]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la *	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o *
Amênd[u]a *	Amênd[u]a *	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o *	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a *	Litorân[i]a *
Náus[i]a *	Náus[i]a *	Náus[i]a *
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

\* – Informante escutou as opções do ícone de voz.

? – Informante desconhecia a palavra a ser proferida, copiando a opção do ícone de voz e demonstrando, geralmente, grande hesitação.

## B

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[u]ra *	Cóc[u]ra	Cóc[u]ra
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]la *	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[i]ro	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]la *	Auré[u]la	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[e]tro	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[i]gas *	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go *	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ro	Núm[e]ros
Pálp[e]bras	Pálp[e]bras	Pálp[e]brás
Parênt[e]se	Parênt[e]ses	Parênt[e]se
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bras *	Vért[e]bras	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mos *	Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo *
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[o]la *	Gônd[o]la	Gônd[o]la
Horósc[u]po *	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]lo
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro (Sinal) *	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de * (Velotrol)	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[e]na *	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a *	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a *	Náus[i]a *
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## C

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abóbra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóqui	Cóqui	Cóqui
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]la *	Paráb[u]la
Almônd[e]ga *	Almôn[i]gas	Almôn[i]gas
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[i]ro	Prósp[i]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
? Auréla	? Auréla	? Orléla
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro * (Fita Métrica)	Centím[i]tro *	Centím[e]tro
Côm[o]da	Côm[u]da	Cômbada
Cér[i]bro	Cér[i]bro	Cér[e]bro
Cóc[i]ga	Cóc[i]gas	Cóc[i]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
? Frutíf[o]ra	? Frutíf[o]ra	? Frutíf[o]ra
? Hipódr[u]mo *	? Histógr[u]mo	? Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicóp[e]ro	Helicóp[e]ro	Helicóp[i]o
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
? Pálp[e]bra *	? Pálp[o]bra *	? Pálp[e]bra
Parent[i]s *	Parênt[i]s	Parênt[i]s
Psicól[u]go	Pesicól[u]go	Pesicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
? Taxím[e]tro *	? Velocím[i]tro	? Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Ternôm[e]tro *	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Velocím[e]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bras *	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adút[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro *
? Autógr[o]mo *	? Autógr[u]mo *	? Autógr[u]mo *
? Catáfr[u]de *	? Catásfr[u]de	? Catásfr[u]de
? Crisânt[e]mo *	? Risâm[e]tro *	? Crisâm[e]tro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]ni	Fenôm[i]no
? Gônd[o]la *	? Gând[o]la *	? Kônd[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[i]	Hósp[i]	Hósp[i]
Óp[e]ra *	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra

? Canceríg[e]no *	? Cancerismo	? Cancerismo
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[a]ro	Mamíf[a]ro	Mamíf[a]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepipi	Paralelepíp[e]do *
Semáf[e]ro *	Simáf[u]ro	Semáf[i]ro
? Velocíp[i]de * (Velotrol)	? Velocíp[i]de	? Velocíp[i]de
Córg[u]ro *	Córg[u]ro	Córgo
? Indíg[i]na *	? Indígena *	? Indígena *
Íd[u]lo *	Id[u]lo	Íd[u]lo
? Pentág[u]lo *	? Penták[u]lo	? Penták[o]lo
Catál[u]go *	Catál[u]go	Catál[u]go
? Deál[u]go *	? Diál[a]go	? Diál[a]go
? Autôn[u]mo *	? Autôn[u]mo	? Autôn[u]mo
Genése	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pél[u]la	Pél[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro
? Úls[o]la *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## D

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almônd[e]ga *	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis *	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Auré[u]la *	Auré[u]la	Auré[u]la *
Búss[u]la *	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[e]tro *	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go *	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra *	Frutíf[e]ra *	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[i]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Pálp[e]bra *	Pálp[e]bras	Pálp[e]bras
Parênt[e]sis *	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[e]tro *	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
? Autógr[a]mo *	? Autódr[u]mo *	? Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
? Gônd[u]la *	? Kông[u]la *	? Gông[u]la
Horósc[u]po *	Horósc[o]po *	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra *	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralepíp[e]dos *	Paralepíp[e]dos	Paralepíp[e]dos
Semáf[u]ro *	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na *	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
? Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no *
Catál[a]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[o]la	Pér[o]la	Pér[o]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra
Carnív[o]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la *	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a *	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a *	Náus[i]a
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## E

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra *	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las	Paráb[u]las	Paráb[u]las
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]las	Auré[u]las	Auré[u]las
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[i]bro	Cér[i]bro	Cér[i]bro
Cóc[e]gas	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go *	Fôl[i]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ros
Pálp[e]bra	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]sis	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro *	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
? Crisânt[e]mo *	? Crisânt[e]mo	? Crisânt[e]mo
Fenôm[e]no *	Fenôm[e]no	Fenôm[e]no
Gônd[o]la *	Gônd[u]la	Gônd[u]la
Horósc[u]po *	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de *	Hósp[e]des	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra *	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los *	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[i]	Velocíp[i]	Velocíp[i]
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[e]na	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[o]go	Catál[o]go	Catál[o]go
Diál[o]go *	Diál[o]go	Diál[o]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[e]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la *	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os *	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a *	Náus[i]a
Pâncr[i]as	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## F

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
? Cóc[u]ras *	? Cóc[u]ras *	? Cóc[u]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
? Paráb[u]las *	? Paráb[u]las *	? Paráb[u]las
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[i]ro *	Prósp[i]ro *	Prósp[i]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
? Auréa *	? Auréa	? Auréa
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[a]ra	Câm[a]ra	Câm[a]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[i]gas *	Cóc[i]gas	Cóc[i]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[o]ra *	Frutíf[e]ra	Frutíf[o]ra
Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[i]ros
Pálp[e]bra *	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]si *	Parênt[e]si	Parênt[e]si
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[i]go	Pêss[i]go	Pêss[i]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra	Vért[e]bra *	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
? Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
? Gônd[u]la *	? Gônd[u]la *	? kông[u]la
Horósc[u]po *	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[u]ra
Canceríg[i]no *	Canceríg[i]no	Canceríg[i]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paparepíp[e]do *	Paralepíp[e]do *	Paralepíp[e]do
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[i]de	Velocíp[i]de	Velocíp[i]de
Córr[i]go *	Córr[i]go	Córr[i]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo *	Íd[u]lo
Pentág[u]no	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Diál[u]go	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Genése	Genése	Genése
Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a *	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[j]as	Pâncr[j]as	Pâncr[j]as

## G

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
? Cóc[u]ras	? Cóc[u]ras	? Cóc[a]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
? Paráb[u]la	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almôn[e]ga	Almôn[e]ga	Almôn[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]la	Auré[u]la	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]gas	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
? Hipódr[u]mo	? Hipódr[u]mo	? Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Pálp[e]bra	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]sis	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
? Crisânt[e]mo	? Crisânt[e]mo	? Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
? Gônd[u]la	? Gônd[u]la	? Gônd[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Víb[u]ra	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]lo	Apóst[u]lo	Apóst[u]lo
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do	Paralelepíp[e]do	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[e]na	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[i]as	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

**Obs.:** Por problemas operacionais, o ícone de voz não foi utilizado durante a realização do teste com esse informante. Seguiu-se uma mecânica semelhante à aplicada no **Teste 2**.

## H

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[o]ra	Abób[o]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]la *	Paráb[u]la *	Paráb[u]la *
Almôn[e]ga	Almôn[e]ga	Almôn[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis *	Bróc[o]lis	Bróc[u]lis
Auréla *	Auréla	Auréla
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[o]da	Côm[o]da	Côm[o]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go *	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bra *	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]si	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro *
Vért[e]bra *	Vért[e]bras	Vért[e]brás
Adút[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[o]la *	Gônd[o]la	Gônd[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]des	Hósp[e]des	Hósp[e]des
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[u]ra *
Canceríg[i]no *	Canceríg[i]no *	Canceríg[i]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los *	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]dos	Paralepíp[e]do
Semáf[u]ro *	Semáf[u]lo	Semáf[u]lo
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[e]na	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go *	Catál[a]go	Catál[a]go
Diál[u]go	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[o]la	Pér[o]las	Pér[o]las
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la *	Varí[u]la *
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]as	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[i]a *	Pâncr[i]a	Pâncr[e]a

## I

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Abób[u]ra	Abób[o]ra	Abób[o]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]las *	Paráb[o]la
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis *	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Auré[u]las *	Auré[u]las	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[o]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[o]da *	Côm[o]da	Côm[o]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re *	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[o]mo *	Hipódr[o]mo *	Hipódr[o]mo
Márm[o]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bras *	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]sis *	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[o]go *	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go *	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro *	Quilôm[i]tro *	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro *	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[e]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[e]tro *	Velocím[e]tro *	Velocím[e]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bras	Vért[e]bras
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
? Autódr[o]mo *	? Aupódr[o]mo *	? Autópr[o]mo
Catástr[o]fe *	Catástr[o]fe *	Catástr[u]fe *
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo	Crisânt[e]mo
Fenôm[e]no *	Fenôm[e]no	Fenôm[e]no
Gônd[o]la *	Gônd[o]la *	Gônd[o]la
Horósc[o]po *	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[u]ra
Víb[o]ra *	Víb[o]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]lo	Apóst[u]los
Mamíf[e]ros *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro *	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[e]na	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo *	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[o]no *	Pentág[u]no
Catál[o]go	Catál[o]go	Catál[u]go
Diál[o]go *	Diál[o]go	Diál[u]go
Autôn[o]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[o]mo *	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[o]la *	Pér[o]la	Pér[o]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[o]ro *	Carnív[u]ro	Carnív[o]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]as *	Náus[i]as *	Náus[i]as
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## J

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almôn[e]gas	Almôn[e]ga	Almôn[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Auré[u]la *	Auré[u]lia	Auré[u]lia
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[a]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas *
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bras	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]sis	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[i]go	Pêss[i]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]no	Crisânt[e]no
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[u]la	Gônd[u]la	Gônd[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]des	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[a]ra	Pólv[a]ra	Pólv[a]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]na *	Canceríg[e]na	Canceríg[e]na

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralepíp[e]do *	Paralepíp[e]dos	Paralepíp[e]dos
Semáf[a]ro	Semáf[a]ro	Semáf[a]ro
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]lo *	Pentág[u]lo	Pentág[u]lo
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a *	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[i]as	Pâncr[j]as	Pâncr[j]as

## L

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ra *	Cóc[o]ra *	Cóc[o]ra
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]la *	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]la	Auré[u]la	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]gas	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[o]ra	Frutíf[o]ra	Frutíf[o]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bra	Pálp[e]bras	Pálp[e]bras
Parênt[e]si	Parênt[e]si *	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tros
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo *
Catástr[u]fe	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
? Trisânt[e]mo *	? Trisântr[e]mo	? Trisântr[e]mo *
Fenôm[i]no *	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gând[u]la *	? Gând[u]la *	? Gông[u]las *
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra

Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
? Paparelepíp[e]do *	Paparelepíp[e]do *	Paralelepíp[ ]do
Semáf[e]ro	Semáf[e]ro	Semáf[e]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de *
Córr[e]go	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go	Diál[u]go	Diál[u]go
? Autôn[u]mo *	? Autôn[u]mo *	? Autôn[u]mo *
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la	Varí[u]la *	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]as	Amênd[u]as	Amênd[u]a
Lênd[i]a	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]as	Náus[i]as *	Náus[i]a
Pâncr[i]as	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

**Obs.:** A informante já havia feito a entrevista uma vez, porém a gravação falhou, por isso algumas palavras já eram conhecidas.

## M

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abóbra *	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[u]ra *	Cóc[u]ra	Cóc[u]ra
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
? Paráb[u]la *	? Paráb[u]la *	? Paráb[u]las *
Almôn[i]ga	Almôn[i]ga	Almôn[i]ga
Símb[u]lo *	Símb[u]lo	Símb[u]lo *
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[i]ro *
Bróc[u]lis *	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
? Aurélia *	? Auréla *	? Áurea *
Búss[u]la *	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro *	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da *	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
? Cóquita *	? Cóquita	? Cósiga
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go *	Fôl[i]go *	Fôl[i]go
Fósf[u]ro *	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
? (enfeitada de fruta) Frutíf[e]ra *	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[o]mo *	Hipódr[e]mo	Hipódr[e]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicóp[e]ro	Helicóp[e]ro	Helicóp[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
? (Pálpebra) Cócrias *	? Cóquita *	? Cóquita *
Parênt[i]s *	Parênt[i]s *	Parênt[i]s
Psicól[i]go *	Psicól[i]go *	Psicól[i]go *
Figo *	Pêss[i]go	Pêss[i]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro
Út[e]ro *	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *
? (Autódromo) * Hipódr[e]mo	? Hipódr[e]mo	? Hipódr[e]mo
? Catástr[u]fe *	? Castrástr[u]fe *	? Catástr[u]fe
(Crisântemo) Rosa *	Rosa	Flores
Fenôm[i]no *	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
? Gând[e]la *	? Gând[e]la	? Gônd[u]la
Horósc[u]po *	Horósc[u]po *	Horósc[u]po *
Hósp[e]di *	Homem *	Hósp[e]de *
Óp[e]ra *	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra

Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[u]ra *
? (Cancerígeno) * Cancerismo	? Cancerisma *	? Cancerisma
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]lo *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ros	Mamíf[o]ro
Paralelepíp[i]do *	Paralepíp[i]do	Paralepíp[e]do
Semáf[u]ro *	Simáf[u]ro	Simáf[u]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]la	Íd[u]la
? Pedág[u]no *	? Pendág[u]no *	? Penták[u]lo
? Catáglu *	? Catál[e]go	? Catál[e]go
Diál[e]go *	Diál[e]go	Diál[e]go
Autôn[i]mo *	Autôn[i]mo	Autôn[i]mo
Genése	Gên[e]se	Gên[e]se
? Astrólegu *	? Astrólegu *	? Astrólegu
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro
? Úc[e]ra *	? Úc[e]ra	? Úc[e]ra
? Carníf[u]ro *	? Carníf[u]ro	? Carníf[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o *	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o *	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náug[i]a *	Náug[i]a	Náug[i]a
Pâncr[i]a *	Pâncr[i]a	Pâncr[i]a

## N

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
? Cóc[u]ras	? Córc[u]ra	? Córc[u]ra
Ânc[u]ra *	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]la *	Paráb[u]la	Paráb[u]lãs
Almônd[e]gas	Almônd[e]ga	Almônd[e]gas
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[i]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis *	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Aurélas	Aurélas	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[e]tro *	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[i]ga	Cóc[i]gas	Cóc[i]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros
? Pálp[e]dra *	? Pálp[e]dra	? Pálp[e]dra
Parênt[e]sis *	Parênt[i]s	Parênt[i]s
Psicól[u]go *	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go *	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros *	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[e]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
? Ternôm[i]tro *	? Termôm[i]tro	? Ternôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
? Vért[e]bra *	? Vért[e]bras	? Vért[e]bras
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
? Austródr[o]mo *	? Autógr[a]mo *	? Autód[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mos *	Crisânt[e]mo	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no *	Fenôm[i]no	Fenôn[i]mo
? Gônd[u]la *	? Gând[u]la	? Kând[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra *	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do	Paralelepíp[e]dos *
Semáf[a]ro	Semáf[a]ro	Semáf[a]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
? Pentág[u]no *	? Pendág[u]no	? Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carníf[o]ro	Carníf[o]ro	Carnív[o]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]as
Pâncr[i]as	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## O

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abóbra	Abóbra	Abóbra
? Cóc[u]ra *	? Cóc[u]ra *	? Cóc[u]ra *
Ânc[u]ra *	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
? Paráb[u]las *	? Parabós *	? Paráb[u]la *
Almôn[i]ga	Almôn[i]ga	Almôn[i]ga
Símb[u]lo *	Símb[u]lo *	Símb[u]lo *
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *
? Bróc[o]lis *	? Bróc[u]	? Bróc[u]
? Aureon *	? Azé[u]la *	? Aureon *
Búss[u]la *	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[a]ra	Câm[a]ra
Centím[e]tro *	Centím[i]tro *	Centím[i]tro
Côm[a]da *	Côm[a]da	Côm[e]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[i]ga *	Cóc[i]ga *	Cóc[i]ga
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[i]go *	Fôl[i]go	Fôl[i]go
Fósf[u]ro *	Fósf[u]ro	Fósf[e]ro
Frutíf[i]ra *	Frutív[e]ra	Frutíf[i]ra
? Hipódr[e]mo *	? Hipódr[u]mo *	? Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Aricóp[i]tro	Aricóp[i]tro	Aricóp[i]tro
Núm[e]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros
? Póp[e]ras *	? Páp[e]bra	? Páp[e]bra
? Parênt[e]sis *	? Parênt[e]s *	? Parênt[e]sis *
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go *	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
? Taxím[i]tro *	? Taxím[i]tro *	? Taxím[i]tro *
Út[e]ro *	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro *
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro
? Vért[e]bras *	? Vért[e]bra *	? Vért[u]la
? Adúlt[e]ro *	? Adúlt[e]ro *	? Adúlt[e]ro *
? (Autódromo) *	? Hipódr[u]mo *	? Hipódr[u]mo *
Hipódr[u]mo		
? Cadástr[u]fe *	? Cadásdr[u]fe *	? Cadásdr[u]fe
? Crisânt[e]mo *	? Crisâm[e]tro	? Crisâm[e]tro
Fenôn[i]mo *	Fenôn[i]mo	Fenôn[i]mo
Gônd[u]la *	Gônd[o]la *	Gônd[o]la *
Horósc[u]po *	Horósc[u]po *	Horósc[u]po
Hósp[e]des *	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra *	Óp[e]ra *	Óp[e]ra
Pólv[e]ra *	Pólv[e]ra *	Pólv[e]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[u]ra

? Caiteiríg[i]no *	? Caiteiríg[i]mo *	? Cancer[i]na
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]lo	Apóst[u]lo
? Maníf[e]ro *	? Maníf[a]ro *	? Maníf[a]ro
? Paralepíp[e]do *	? Paparelepíp[e]do	? Paralepíp[e]do
? Senák[u]lo *	? Senák[u]lo *	? Senák[u]lo *
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go *	Córgo
? Indíg[e]na *	? Indíg[i]na	? Indig[i]no
Id[u]lo *	Íd[u]lo *	Íd[u]lo *
? Pentág[u]no *	? Tentág[u]no *	? Tentág[u]no *
Catál[i]go	Catál[i]go	Catál[i]go
Diál[u]go *	Diál[u]go *	Diál[i]go *
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo *
Genése	Genése	Genése
(Astrônomo) Astról[u]go *	Astról[u]go *	Astról[u]go
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra
? Carníf[a]ro *	? Carníf[a]ro *	? Carníf[a]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
? Terrá[si]o *	? Terrá[si]o *	? Terráqu[i]o *
Amênd[u]as *	Amênd[u]as *	Amênd[u]as
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o *	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o *	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a *	Litorân[i]a
Náus[i]as *	Náus[i]as *	Náug[i]as
Pâncr[i]a *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## P

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abóbra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[o]ra *	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
? Paráb[u]las *	? Paráb[u]la *	? Paráb[u]la
Almônd[e]gas	Almôn[e]ga	Almôn[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro
Bróc[o]lis *	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis *
? Auré[u]la	? Auré[u]la	? Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[e]tro *	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[o]da *	Côm[u]da	Côm[u]da
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]gas	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[o]mo *	Hipódr[o]mo	Hipódr[o]mo
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bra	Pálp[e]bras	Pálp[e]brás
Parênt[e]sis *	Parênt[e]si	Parênt[e]si
Psicól[u]go *	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go *	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro *	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro *	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro *	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bra	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *
Autódr[o]mo *	Autódr[o]mo *	Autódr[o]mo *
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe *
Crisânt[e]mos *	Crisânt[e]mos	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[u]la *	Gând[u]la	Gând[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]des	Hósp[e]de	Hósp[e]des
Óp[e]ra *	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro *	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralepip[e]do *	Paralepíp[e]do	Paralepíp[e]dos
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de *	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[e]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[o]go *	Diál[u]go *	Diál[u]go
Autôn[o]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo *	Astrôn[u]mo *
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro *	Carnív[u]ro	Carnív[o]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]as *	Amênd[u]as *	Amênd[u]as
Lênd[i]as	Lênd[i]as	Lênd[i]as
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]as *	Náus[i]as	Náus[i]as
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## Q

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]las	Paráb[u]las
Almônd[e]gas	Almônd[e]gas	Almônd[e]gas
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]las	Auré[u]las	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[a]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[e]gas	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo *
Márm[u]re *	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ro
Pálp[e]bra	Pálp[e]bras	Pálp[e]bras
Parênt[e]sis	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro	Taxím[e]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bras	Vért[e]bras	Vért[e]bra
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[o]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
? Crisând[e]mos *	? Crisânt[e]mo *	? Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no *	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[o]la	Gând[u]la	Gând[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]des	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[e]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra *	Víb[u]ra
Canceríg[i]no *	Canceríg[i]no	Canceríg[i]no

Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Apóst[u]lo	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do *	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[i]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[i]go	Córr[i]go	Córr[i]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo *	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[e]as	Pâncr[e]as	Pâncr[e]as

## R

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ras *	Cóc[o]ras	Cóc[o]ras
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]las *	Paráb[u]las *	Paráb[u]las
Almônd[e]ga *	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro *
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]la *	Auré[u]la	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra *	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[i]tro	Centím[e]tro	Centím[e]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro *	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]ga	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go *	Fôl[e]go	Fôl[e]go
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra *	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[o]mo *	Hipódr[o]mo	Hipódr[o]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros *	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Pálp[e]bras *	Pálp[e]bras	Pálp[e]bras
Parênt[e]sis *	Parênt[e]sis	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go *	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros
Taxím[e]tro *	Taxím[e]tro	Taxím[e]tro *
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[e]tro *	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bras *	Vért[e]bras	Vért[e]bras
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
? Autódr[o]mo *	? Hipódr[o]mo (p/ <i>Autódromo</i> )	? Hipódr[o]mo (p/ <i>Autódromo</i> )
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[o]la *	Gônd[o]la	Gônd[u]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po	Horósc[u]po
Hósp[e]de *	Hósp[e]de	Hósp[e]de
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra

Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Apóst[u]los *	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralélepip[e]do *	Paralélepíp[e]do	Paralelépip[e]do
Semáf[e]ro *	Semáf[a]ro *	Semáf[a]ro
Velocíp[i]de *	Velocíp[i]de	Velocíp[i]de
Córr[e]go *	Córr[e]go *	Córr[e]go
Indíg[i]na *	Indíg[e]na	Indíg[i]na
Íd[u]lo *	Íd[u]lo	Íd[u]lo
? Pentág[u]no *	? Tentág[u]no	? Tentág[u]no
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Diál[a]go *	Diál[a]go	Diál[a]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro *
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra *
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]a *
Pâncr[i]as *	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## S

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Abób[u]ra	Abób[o]ra	Abób[u]ra
Cóc[o]ra	Cóc[o]ra	Cóc[o]ra
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Paráb[u]la *	Paráb[u]la	Paráb[u]la
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Prósp[e]ro *	Prósp[e]ro	Prósp[e]ro
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Auré[u]la	Auré[u]la	Auré[u]la
Búss[u]la	Búss[u]la	Búss[u]la
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Centím[e]tro	Centím[i]tro	Centím[i]tro
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Cóc[e]gas *	Cóc[e]gas	Cóc[e]gas
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Fôl[e]go *	Fôl[e]go *	Fôl[e]go *
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra	Frutíf[e]ra
Hipódr[u]mo *	Hipódr[u]mo	Hipódr[u]mo
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ros
Pálp[e]bra	Pálp[e]bra	Pálp[e]bra
Parênt[e]sis	Parênt[e]si	Parênt[e]sis
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Taxím[i]tro	Taxím[i]tro	Taxím[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Velocím[i]tro	Velocím[i]tro	Velocím[i]tro
Vért[e]bra *	Vért[e]bra	Vért[e]bras
Adúlt[e]ro *	Adúlt[e]ro	Adúlt[e]ro
Autódr[u]mo *	Autódr[u]mo	Autódr[u]mo
Catástr[u]fe *	Catástr[u]fe	Catástr[u]fe
Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo *	Crisânt[e]mo
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Gônd[o]la	Gônd[o]la	Gônd[o]la
Horósc[u]po	Horósc[u]po *	Horósc[u]po
Hósp[e]de	Hósp[e]de	Hósp[e]des
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Víb[u]ra *	Víb[u]ra	Víb[u]ra
Canceríg[e]no *	Canceríg[e]no	Canceríg[e]no

Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]lo
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Paralelepíp[e]do *	Paralepíp[e]do	Paralelepíp[e]do
Semáf[u]ro	Semáf[u]ro	Semáf[u]ro
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Córr[e]go *	Córr[e]go	Córr[e]go
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[e]na
Íd[u]lo	Íd[u]lo	Íd[u]lo
Pentág[u]no *	Pentág[u]no	Pentág[u]no
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Diál[u]go *	Diál[u]go	Diál[u]go
Autôn[u]mo *	Autôn[u]mo	Autôn[u]mo
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Cíc[e]ro *	Cíc[e]ro	Cíc[e]ro
Úlc[e]ra *	Úlc[e]ra	Úlc[e]ra
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Perí[u]do *	Perí[u]do	Perí[u]do
Varí[u]la *	Varí[u]la	Varí[u]la
Pásc[u]a	Pásc[u]a	Pásc[u]a
Terráqu[i]o	Terráqu[i]o	Terráqu[i]o
Amênd[u]a *	Amênd[u]a	Amênd[u]a
Lênd[i]a *	Lênd[i]a	Lênd[i]a
Petról[i]o	Petról[i]o	Petról[i]o
Gêm[i]os	Gêm[i]os	Gêm[i]os
Instantân[i]o	Instantân[i]o	Instantân[i]o
Litorân[i]a *	Litorân[i]a	Litorân[i]a
Náus[i]a *	Náus[i]a	Náus[i]a
Pâncr[i]as	Pâncr[i]as	Pâncr[i]as

## APÊNDICE G – Transcrição Ortográfica do Teste 2

### A

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[e]ro	Fósf[e]ro	Fósf[e]ro
? Ânc[o]la	? Ânc[o]ra	? Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
? Bróc[u]lis	? Bróc[u]lis	? Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Cômbada	Cômbada	Cômbada
Vésp[u]ra	Vésp[u]ra	Vésp[u]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cel[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Psicól[i]go	Psicól[i]go	Psicól[i]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Ut[e]ro
Fenôn[i]mo	Fenôn[i]mo	Fenôn[i]mo
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Op[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
? Apóst[u]los	? Apóst[u]los	? Apóst[u]los
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Velocípi	Velocípi	Velocípi
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
? Indíg[e]ano	? Indíg[e]ano	? Indíg[e]ano
? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
? Carníf[a]ro	? Carníf[a]ro	? Carníf[a]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## B

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[i]go	Pêss[i]go	Pêss[i]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## C

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Cômbada	Cômbada	Cômbada
Véspra	Véspra	Véspra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almôn[i]ga	Almôn[i]ga	Almôn[i]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Hericóp[i]o	Hericóp[i]o	Hericóp[i]o
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Pesicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[a]ro	Mamíf[a]ro	Mamíf[a]ro
Catál[i]go	Catál[i]go	Catál[i]go
? Velocípido	? Velocípedo	? Velocíp[i]di
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gen[e]se	Gen[e]se	Gen[e]se
? Indíg[i]na	? Indíg[i]na	? Indíg[i]na
? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## D

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[o]lis	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[i]de	Velocíp[e]de	Velocíp[i]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo	? Austrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## E

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[o]re	Márm[o]re	Márm[o]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Num[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[o]go	Catál[u]go
Velocípi	Velocípi	Velocípi
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[o]la	Pér[o]la	Pér[o]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]gos

## F

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[a]ra	Câm[a]ra	Câm[a]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[a]ra	Vésp[a]ra	Vésp[a]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Velocípi	Velocípi	Velocípi
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
? Indíg[i]na	? Indíg[i]na	? Indíg[i]na
? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[e]go	Relâmp[e]go	Relâmp[e]go

## G

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[a]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[o]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almôn[e]ga	Almôn[e]ga	Almôn[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Num[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Op[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[i]de	Velocíp[i]de	Velocíp[i]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
? Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]gos	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## H

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[o]da	Côm[o]da	Côm[o]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cer[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Num[e]ros	Num[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Ut[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[i]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gen[e]se	Gen[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## I

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[o]ro	Fósf[o]ro	Fósf[o]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[o]lis	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[o]da	Côm[o]da	Côm[o]da
Vésp[i]ra	Vésp[i]ra	Vésp[i]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[o]re	Árv[o]re	Árv[o]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[o]re	Márm[o]re	Márm[o]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Psicól[o]go	Psicól[o]go	Psicól[o]go
Pêss[i]go	Pêss[i]go	Pêss[i]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Apóst[o]los	Apóst[o]los	Apóst[o]los
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[i]ro	Mamíf[i]ro	Mamíf[i]ro
Catál[o]go	Catál[o]go	Catál[o]go
Velocíp[i]de	Velocíp[i]de	Velocíp[i]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[o]mo	Astrôn[o]mo	Astrôn[o]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[o]la	Pér[o]la	Pér[o]la
Carnív[o]ro	Carnív[o]ro	Carnív[o]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## J

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[o]lis	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[a]ra	Câm[a]ra	Câm[a]ra
Côm[a]da	Côm[a]da	Côm[a]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Aelicópt[e]ro	Aelicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termnôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Ut[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[a]ra	Pólv[a]ra	Pólv[a]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[o]la	Pér[o]la	Pér[o]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## L

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[o]lis	Bróc[o]lis	Bróc[o]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[u]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Num[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[o]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[o]ro	Carnív[o]ro	Carnív[o]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## M

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[e]ro	Fósf[e]ro	Fósf[e]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cel[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almôn[i]ga	Almôn[i]ga	Almôn[i]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicóp[e]ro	Helicóp[e]ro	Helicóp[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Psicól[i]go	Psicól[i]go	Psicól[i]go
Pêss[i]go	Pêss[i]go	Pêss[i]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tros
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]lo	Apóst[u]lo	Apóst[u]lo
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[i]go	Catál[i]go	Catál[i]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
? Indíg[i]na	? Indíg[i]na	? Indíg[i]na
? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo	? Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Per[u]la
Carníf[a]ro	Carníf[a]ro	Carníf[a]ro
Relâmp[i]go	Relâmp[i]gos	Relâmp[i]go

## N

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[a]da	Côm[a]da	Côm[a]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ros	Núm[e]ro
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[a]ra	Pólv[a]ra	Pólv[a]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
? Indíg[e]na	? Indíg[e]na	? Indíg[e]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carníf[u]ro	Carníf[u]ro	Carníf[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## O

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Brócos	Brócolos	Brócolos
Núm[e]ro	Núm[e]ros	Núm[e]ro
Câm[a]ra	Câm[a]ra	Câm[a]ra
Côm[a]da	Côm[a]da	Côm[a]da
Vésp[a]ra	Vésp[a]ra	Vésp[a]ra
Ép[o]ca	Ép[u]ca	Ép[o]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cel[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abóbra	Abóbra	Abóbra
Almôn[i]ga	Almôn[i]ga	Almôn[i]gas
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Aricóp[e]tro	Aricóp[e]tro	Aricóp[e]tro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Pesicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôn[i]mo	? Fenôn[a]mo	? Fenôn[i]mo
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[o]ra	Pólv[o]ra	Pólv[o]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[o]ca	Ép[u]ca
? Mamíf[a]ro	? Maníf[a]ro	Mamíf[a]ro
Catál[i]go	Catál[i]go	Catál[i]go
? Velocíp[i]do	? Velocíp[i]do	? Velocíp[i]do
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Genése	Genése	Genése
? Indíg[i]na	? Indíg[i]na	? Indígino
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]las
Carníf[a]ro	Carníf[a]ro	Carníf[a]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## P

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[o]da	Côm[o]da	Côm[o]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cér[e]bro	Cel[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Num[e]ro	Num[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Ternôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Per[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]gos	Relâmp[a]gos	Relâmp[a]gos

## Q

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ro	Núm[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tros
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]lo	Apóst[u]lo
Ép[u]ca	Ép[u]ca	Ép[u]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]ses	Gên[e]ses	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Pér[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## R

PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[o]ra	Ânc[o]ra	Ânc[o]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]lis	Bróc[u]lis	Bróc[u]lis
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Num[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[u]da	Côm[u]da	Côm[u]da
Vésp[u]ra	Vésp[u]ra	Vésp[u]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cél[e]bro	Cél[e]bro	Cél[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ros	Núm[e]ros	Num[e]ros
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tros	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[u]ra	Pólv[u]ra	Pólv[u]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[u]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[u]go	Catál[u]go	Catál[u]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[u]la	Pét[u]la	Pét[u]la
Pér[u]la	Per[u]la	Pér[u]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## S

<b>PRIMEIRA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERCEIRA</b>
Fósf[u]ro	Fósf[u]ro	Fósf[u]ro
Ânc[u]ra	Ânc[u]ra	Ânc[u]ra
Símb[u]lo	Símb[u]lo	Símb[u]lo
Bróc[u]li	Bróc[u]li	Bróc[u]li
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Câm[e]ra	Câm[e]ra	Câm[e]ra
Côm[a]da	Côm[a]da	Côm[a]da
Vésp[e]ra	Vésp[e]ra	Vésp[e]ra
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Cér[e]bro	Cér[e]bro	Cér[e]bro
Árv[u]re	Árv[u]re	Árv[u]re
Abób[u]ra	Abób[u]ra	Abób[u]ra
Almônd[e]ga	Almônd[e]ga	Almônd[e]ga
Márm[u]re	Márm[u]re	Márm[u]re
Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro	Helicópt[e]ro
Núm[e]ro	Núm[e]ro	Núm[e]ro
Psicól[u]go	Psicól[u]go	Psicól[u]go
Pêss[e]go	Pêss[e]go	Pêss[e]go
Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro	Quilôm[i]tro
Termôm[i]tro	Termôm[i]tro	Termôm[i]tro
Út[e]ro	Út[e]ro	Út[e]ro
Fenôm[i]no	Fenôm[i]no	Fenôm[i]no
Óp[e]ra	Óp[e]ra	Óp[e]ra
Pólv[a]ra	Pólv[a]ra	Pólv[a]ra
Apóst[u]los	Apóst[u]los	Apóst[u]los
Ép[o]ca	Ép[o]ca	Ép[o]ca
Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro	Mamíf[e]ro
Catál[a]go	Catál[a]go	Catál[a]go
Velocíp[e]de	Velocíp[e]de	Velocíp[e]de
Lâmp[a]da	Lâmp[a]da	Lâmp[a]da
Gên[e]se	Gên[e]se	Gên[e]se
Indíg[i]na	Indíg[i]na	Indíg[i]na
Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo	Astrôn[u]mo
Pét[a]la	Pét[a]la	Pét[a]la
Per[o]la	Per[o]la	Per[o]la
Carnív[u]ro	Carnív[u]ro	Carnív[u]ro
Relâmp[a]go	Relâmp[a]go	Relâmp[a]go

## APÊNDICE H

### Proparoxítonas

#### A

Ábaco	Agrícola	Anemômetro
Abóbada	Agrônomo	Anêmona
Abóbora	Agrônomo	Anestésico
Aborígine ou Aborígine	Agrotóxico	Anestésico
Abscôndito	Agrotóxico	Anético
Acadêmico	Aidético	Ânfora
Ácaro	Aistórico	Ângelus
Acéfalo	Álacre	Ângulo
Acérrimo	Álcali	Anímico
Acetilsalisílico	Alcoólatra	Ânimo
Ácido	Alcoólico	Anistórico
Acídulo	Alérgico	Anódino
Acólito	Alfabético	Anônimo
Acréscimo	Alfândega	Anorético
Acrílico	Alfanumérico	Anorético
Acrobático	Álgebra	Ansiolítico
Acrófobo	Álgido	Antagônico
Acromático	Algorit[i]mo	Antártico
Acrônimo	Álibi	Antecâmara
Acrópole	Alienígena	Antepenúltimo
Acróstico	Alíquota	Antevéspera
Acúmulo	Almôndega	Antiácido
Acústica	Alóc[i]tone	Antiaéreo
Acutângulo	Alópata	Antialcoólico
Acutíssimo	Alopático	Antialérgico
Adriático	Alopático	Antibiótico
Adúltero	Altímetro	Antibiótico
Ádvena	Alucinógeno	Antiblenorrágico
Aerícola	Alvéolo	Anticancerígeno
Aeróbica	Âmago	Antidemocrático
Aeróbio	Amálgama	Antidiftérico
Aerodinâmica	Amarílico	Antidogmático
Aerógrafo	Amaríssimo	Antídoto
Aerólito	Amazônico	Antieconômico
Aeronáutica	Amazônida	Antiepidêmico
Aeronáutica	Amebíase	Antiepilépt[i]tico
Aerostática (o)	Amídala	Antiescorbútico
Aerostato	Aminoácido	Antiespasmódico ou
Aético	Amnésico	Antispasmódico
Afásico	Amoníaco	Antiestático
Aférese	Anacrônico	Antiestético
Afônico	Anafilático	Antiético
Afrodisíaco	Anafrodisíaco	Antiflogístico
Ágape	Analgésico	Antífona
Ágata	Análise	Antífrase
Agnóstico	Analítico	Antifúngico
Ágora	Analógico	Antígeno
	Análogo	Antiginástica
	Anástrofe	Anti-helmíntico
	Anátema	Anti-hidrofóbico
	Ancilostomíase	Anti-higiênico
	Ancilóstomo	Anti-hipnótico
	Âncora	Anti-histamínico
	Andrógino	Anti-histérico
	Anêmico	Anti-histórico

Agorafóbico  
 Agorafobo  
 Antiictérico  
 Antijurídico  
 Antilógico  
 Antílope  
 Antimagnético  
 Antimalárico  
 Antimicótico  
 Antimonárquico  
 Antinefrítico  
 Antinevrálgico  
 Antiodác[i]tilo  
 Antiofídico  
 Antipartícula  
 Antipático  
 Antipatriótico  
 Antipedagógico  
 Antipirético  
 Antípoda  
 Antiquíssimo  
 Anti-rábico  
 Anti-raquítico  
 Anti-rép[i]tico  
 Anti-reumático  
 Anti-sifilítico  
 Antispástico  
 Antitérmico  
 Antítese  
 Antitetânica  
 Antitóxico  
 Antitússico  
 Antitussígeno  
 Antivariólico  
 Antônimo  
 Antropocêntrico  
 Antropófago  
 Antropólogo  
 Antropônimo  
 Apático  
 Apátrida  
 Apêndice  
 Ápice  
 Apócope  
 Apócrifo  
 Apode  
 Apófise  
 Apólise  
 Apolítico  
 Apólogo  
 Apoplético  
 Apóstata  
 Apóstolo  
 Apóstrofe  
 Apóstrofo

Apótema  
 Aquariófilo  
 Aquático  
 Aquífero  
 Árabe  
 Árabe  
 Árbitro  
 Arborícola  
 Arcade  
 Aréola  
 Árido  
 Ariete  
 Aristotélico  
 Arit[i]mética  
 Aromático  
 Arqueólogo  
 Arquétipo  
 Arquipélago  
 Arrizotônico  
 Arsênio  
 Ártico  
 Artífice  
 Artístico  
 Artrítico  
 Artrópode  
 Árvore  
 Ascético  
 Ascórbico  
 Asiático  
 Asmático  
 Áspero  
 Aspérrimo  
 Áspide  
 Asséptico  
 Assíncrono  
 Assintomático  
 Astênico  
 Astigmático  
 Astrágalo  
 Astrofísica (o)  
 Astrólogo  
 Astronáutica  
 Astronômico  
 Astrônomo  
 Aterosclerótico  
 Átimo  
 Atípico  
 Atlântico  
 Atlântico  
 Átomo  
 Atônito  
 Átono  
 Atóxico  
 Atrocíssimo  
 Audiólogo

Audiômetro  
 Águre  
 Áulico  
 Auréola  
 Aurícula  
 Aurífero  
 Autêntico  
 Autocrítica (o)  
 Autóctone  
 Autodidática  
 Autódromo  
 Autogênese  
 Autógeno  
 Autógrafo  
 Automático  
 Autômato  
 Autônomo  
 Autóp[i]sia  
 Ávido  
 Azáfama  
 Azêmola  
 Ázimo

## B

Babilônico ou Babilônio  
 Bacteriólogo  
 Bacteriostase ou Bacteriostase  
 Báculo  
 Bafômetro  
 Balística  
 Balsâmico  
 Bálsamo  
 Bárbaro  
 Bárbaro  
 Barbitúrico  
 Barítono  
 Barômetro  
 Báscula  
 Básico  
 Basílica  
 Bâtega  
 Bávaro  
 Bêbado  
 Bêbedo  
 Bélico  
 Beneficentíssimo  
 Benéfico  
 Benemérito  
 Beneplácito  
 Benévolo  
 Bestialógico

Bíblia	Câmara	Centésimo
Bibliófilo	Câmera	Centígrado
Bibliotecônomo	Campânula	Centímetro
Bicôncavo	Canalículo	Cêntimo
Bicúspide	Cancerígeno	Centrífuga (o)
Bifásico	Cândida (o)	Centrípeto
Bifásico	Cânfora	Cêntuplo
Bígamo	Canícula	Cerâmica
Bígamo	Canônico	Cerealífero
Bilionésimo	Cântaro	Cérebro
Binóculo	Cântico	Cerífero
Bioética	Cânula	Ceroplástica
Biogênese	Caótico	Cético ou Cép[i]tico
Biógrafo	Cáp[i]sula	Chácara
Biólogo	Capítulo	Chaníssimo
Biomédico	Caquético	Chávena
Biônico	Característica (o)	Ciática (o)
Bióp[i]sia	Carbonífero	Cibernética
Bioquímica (o)	Cárcere	Cícero
Bior[i]timo	Carcinógeno	Ciclópico
Biotéc[i]nica	Cardíaco	Científico
Biótipo ou biotipo	Cardiograma	Cilíndrico
Bípede	Carismática (o)	Címbalo
Bólido (e)	Carnívoro	Cinemática
Bombástico	Carótida	Cinematográfico
Bórico	Carpófago	Cinematógrafo
Botânico (a)	Cartófilo	Cinética
Brâmane ou brâmine	Cartograma	Cínico
Brasílico	Cáspite	Círculo
Britânico	Catálise	Cítara
Brócolis (os)	Catálogo	Cítrico
Bucólico	Catástrofe	Cívico
Búfalo	Catastrófico	Clássico
Burocrático	Catecúmeno	Cláusula
Bússola	Cátedra	Clavícula
	Catedrático	Clávula
	Categórico	Clérigo
	Catênulla	Clínica (o)
	Cátodo ou catódio	Clorídrico
	Católico	Coágulo
	Caudatário	Cocainômano
	Causídico	Cócegas
	Cáustico	Cócoras
	Cédula	Código
	Cefálico	Colágeno
	Cefalópode	Cólera
	Celeberrimo	Colérico
	Célebre	Cólica
	Célere	Cômico
	Célula	Cômuda (o)
	Cenáculo	Cômputo
	Cênico	Côncavo
	Cenógrafo	Concêntrico
	Cenotéc[i]nica	Condômino
	Centenário	Cônego
<b>C</b>		
Cabalístico		
Cábula		
Cacófato		
Cád[i]mio		
Cadavérico		
Cadidíase		
Cáf[i]tem		
Cáfila		
Cágado		
Calêndula		
Cálice		
Cálido		
Calígrafo		
Calórico		

Calorífero  
 Congênera  
 Congênito  
 Cônico  
 Confêra  
 Cônjuge  
 Contrác[i]til ou contrátíl  
 Cópula  
 Coreógrafo  
 Cornífero ou cornífero  
 Corpúsculo  
 Córego  
 Cosmética (o)  
 Cosmonáutica  
 Cotilédone  
 Crápula  
 Crédito  
 Crédulo  
 Crepúsculo  
 Criogênico  
 Críquete  
 Crisálida  
 Crisântemo  
 Critério  
 Crítica (o)  
 Cromático  
 Crônica (o)  
 Cronômetro  
 Cúbico  
 Cubículo  
 Cúbito  
 Cúmplice  
 Cúmulo  
 Cúpido  
 Cúprico  
 Cúpula  
 Currículo  
 Cutícula

## D

Dádiva  
 Dálmata  
 Daltônico  
 Datilógrafo  
 Debênture  
 Débito  
 Década  
 Decágono  
 Decálogo  
 Decímetro  
 Décimo

Decrépito  
 Decréscimo  
 Decúbito  
 Décuplo  
 Déficit[i]  
 Demérito  
 Democrático  
 Depósito  
 Desânimo  
 Descrédito  
 Desértico  
 Desíg[i]nio  
 Déspota  
 Despropósito  
 Detrítico  
 Diabético  
 Diabólico  
 Diácono  
 Diacrítico  
 Diacrônico  
 Diáfano  
 Diafragmático  
 Diagnóstico ou diagnose  
 Dialética  
 Diálise  
 Dialógico  
 Diálogo  
 Diamantífero  
 Diâmetro  
 Diáspora  
 Diástole  
 Dicotômico  
 Dicromático  
 Didática (o)  
 Diédrico  
 Dielétrico  
 Diencéfalo  
 Diérese  
 Dierético  
 Dietética (o)  
 Diftérico  
 Dígrafo  
 Dilemático  
 Dinâmica (o)  
 Dínamo  
 Dióxido  
 Díp[i]tero  
 Discípulo  
 Disentérico  
 Dispép[i]tico  
 Disrít[i]mico  
 Dissílabo  
 Dístico  
 Distônico  
 Distrófico

Diurético  
 Divertículo  
 Dízima (o)  
 Dodecágono  
 Dog[i]mático  
 Doméstico  
 Dramático  
 Drástico  
 Druídico  
 Dúb[i]nio  
 Dúc[i]til  
 Duc[i]to  
 Duc[i]to  
 Ducentésimo  
 Duelístico  
 Duodécimo  
 Dúplice  
 Dúvida

## E

Ébano  
 Eclâmp[i]tico  
 Eclesiástico  
 Eclético  
 Eclíp[i]tico  
 Écloga ou égloga  
 Ecológico  
 Ecólogo  
 Econômico  
 Ecossistêmico  
 Ectoplasmático  
 Ecumênico  
 Ecúmeno  
 Edemático  
 Edênico  
 Edílico  
 Efeméride  
 Efêmero  
 Égide  
 Egíptológico  
 Egíptólogo  
 Egocêntrico  
 Elástico  
 Elefantíase  
 Elefântico  
 Elegíaco  
 Elétrico  
 Eletroacústica (o)  
 Eletroacústica (o)  
 Eletrocardiográfico  
 Eletrocardiografo

Eléctrodo ou eletrodo	Ergômetro	Eletrodinâmica (o)
Eletrodoméstico	Eritrócito	Estrídulo
Eletoencefalográfico	Erógeno	Estúpido
Eletrólise	Erótico	Ét[i]nico
Eletrolítico	Escâncara	Ética (o)
Eletrólito	Escândalo	Etílico
Eletromagnético	Escápula	Étimo
Eletrônica (o)	Esclerótica	Etimológico
Eletrostática (o)	Escolástica	Etimólogo
Eletrotéc[i]nico	Escorpiônico	Etiológico
Elíptico ou elítico	Escrúpulo	Eufórico
Emblemático	Esdrúxulo	Evangélico
Êmbolo	Esférico	Exânime
Embriológico	Esferográfica	Excêntrico
Embriólogo	Esferômetro	Exegética
Emérito	Esfínc[i]ter	Exército
Emético	Esfíngico ou esfingético	Exigência
Empático	Esofágico	Êxito
Empírico	Esôfago	Êxodo
Empréstimo	Esotérico	Exógeno
Encefálico	Espasmódico	Exotérico
Encéfalo	Espátula	Exótico
Encíclica	Específico	Explícito
Enciclopédico	Espécime	Êxtase
Ênclise	Espectrógrafo	Extático
Enclítico	Espéculo	Extragaláctica (o)
Endócrino	Espeleológico	Extra-sístole
Endógamo	Espeleólogo	Extrínseco
Endógeno	Espermático	
Eneágono	Espetáculo	
Energética	Espírita (o)	
Enérgico	Espirógrafo	<b>F</b>
Energúmeno	Espirômetro	Fábrica
Enésimo ou Eneésimo	Espiroquético	Fábula
Ênfase	Esplêndido	Facínora
Entomológico	Esplênico	Fac-símile
Entomólogo	Esporádico	Famélico
Eólico	Esquálido	Fanático
Epicêntrico	Esquelético	Fantasmagórico
Épico	Esquitossomíase	Fantástico
Epidídimo	Estábulo	Farândola
Epígeno ou Epígino	Estática (o)	Faraônico
Epígono	Estatística (o)	Farmacêutico
Epígrafe	Estenográfico	Fármaco
Epilético	Estenógrafo	Farmacológico
Epílogo	Estereofônico	Farmacólogo
Episódico	Estereótipo	Fascículo
Epístola	Estética (o)	Fatídico
Epíteto	Estilística	Febrífugo
Epítome	Estímulo	Fécula
Época	Estômago	Feérico
Equânime	Estrábico	Fenômeno
Eqüilátero	Estrambótico	Fenótipo
Equívoco	Estratégico	
Eréc[i]til	Estrépito	

Féretro  
 Férvido  
 Fétido  
 Fígado  
 Filarmônica  
 Finalíssima  
 Física (o)  
 Fístula  
 Fitoplânco[i]ton  
 Flácido  
 Flâmula  
 Flóculo  
 Flórido  
 Florífero  
 Flutíssonos  
 Fóbico  
 Folclórico  
 Fôlego  
 Fólico  
 Fólico  
 Folículo  
 Folíolo  
 Fonética (o)  
 Fônico  
 Fonoaudiólogo  
 Fonográfico  
 Fonógrafo  
 Fonológico  
 Fonólogo  
 Fórceps[i]s  
 Fórmica  
 Fórmula  
 Formulário  
 Fosfórico  
 Fósforo  
 Fotoelétrico  
 Fotofóbico  
 Fotófobo  
 Fotogênico  
 Fotográfico  
 Fotógrafo  
 Fotossíntese  
 Fotossintético  
 Fototerápico  
 Fototrópico  
 Freático  
 Frêmito  
 Frenético  
 Frígido  
 Frigorífico  
 Frívolo  
 Frugívoro ou Frutívoro  
 Frutífero  
 Fúc[i]sia  
 Funâmbulo

Fúnebre  
 Furúnculo

## G

Ga.lá.[ki.s]ia  
 Gaélico  
 Galác[i]tico  
 Gamético  
 Gangético  
 Gárgula  
 Gasômetro  
 Gástrico  
 Gastronômico  
 Gastrônomo  
 Gélido  
 Genealógico  
 Generalíssimo  
 Genérico  
 Gênero  
 Gênese  
 Genética (o)  
 Genótipo  
 Genótipo  
 Gentílico  
 Geocêntrico  
 Geoclésico  
 Geodésico  
 Geófago  
 Geofísica (o)  
 Geográfica (o)  
 Geógrafo  
 Geológico  
 Geólogo  
 Geômetra  
 Geométrico  
 Geopolítica (o)  
 Geotrópico  
 Geriátrico  
 Germânico  
 Gerontocrático  
 Gerontológico  
 Ginástica (o)  
 Ginecológico  
 Gíp[i]seo  
 Girândola  
 Glândula  
 Glóbulo  
 Glótico  
 Goma-arábica  
 Goma-elástica  
 Gônada

Gôndola  
 Gongórico  
 Gótico  
 Gotícula  
 Gráfica (o)  
 Grafólogo  
 Gramática (o)  
 Grandíloco ou Grandíloquo  
 Granítico  
 Granívoro  
 Grânulo  
 Gutífero

## H

Hábito  
 Háf[i]nio  
 Hagiográfico  
 Hagiógrafo  
 Hálito  
 Halogênico  
 Hanseníase  
 Harmônica  
 Hegemônica (o)  
 Hégira  
 Helênico  
 Helicóp[i]tero  
 Heliocêntrico  
 Hemácito  
 Hematófago  
 Hemisférico  
 Hemodiálise  
 Hemodinâmica  
 Hemofílico  
 Hemorrágico  
 Hepático  
 Heráldica (o)  
 Herbívoro  
 Hércules  
 Herético  
 Hermenêutica (o)  
 Hermético  
 Herpético  
 Heterófono  
 Heterônimo  
 Heurística  
 Hexágono  
 Híbrido  
 Hidramática (o)  
 Hidráulica (o)  
 Hidroelétrica ou hidrelétrica (o)  
 Hidrófilo

Hidrólise  
 Hidrométrico  
 Hidrômetro  
 Hidropônica  
 Hidroterapêutico ou  
 Hidroterápico  
 Hidróxido  
 Hierárquico  
 Hieróglifo ou hieroglifo  
 Higienico  
 Hiperbárico  
 Hipérbato  
 Hipérbole  
 Hipertrofico  
 Hípico  
 Hipnótico  
 Hipoalergênico  
 Hipoalérgico  
 Hipocalórico  
 Hipocondríaco  
 Hipócrita  
 Hipodérmico  
 Hipódromo  
 Hipófise  
 Hipopótamo  
 Hipotálamo  
 Hipótese  
 Hipotético  
 Hispânico  
 Histérico  
 Histórico  
 Historiógrafo  
 Holística (o)  
 Homeopático  
 Homérico  
 Homófono  
 Homógrafo  
 Homônimo  
 Honorífico  
 Hormônio  
 Horóscopo  
 Hóspede  
 Hulhífero  
 Húngaro

## I

Ibérico  
 Ícone  
 Idêntico  
 Idílico  
 Idiomático  
 Ídolo

Ilegítimo  
 Ilíaco  
 Ilícito  
 Ilógico  
 Ilustríssimo  
 Impatriótico  
 Impávido  
 Ímpeto  
 Implícito  
 Impúbere  
 Incóg[i]nita  
 Incólume  
 Incômodo  
 Incrédulo  
 Indébito  
 Indecência  
 Índice  
 Indígena  
 Índigo  
 Índole  
 Indômito  
 Inédito  
 Inép[i]cia  
 Inequívoco  
 Ínfimo  
 Informática  
 Infrutífero  
 Íngreme  
 Inorgânico  
 Inospito  
 Inquerito  
 Insetívoro  
 Insípido  
 Insólito  
 Íntegro  
 Ínterim  
 Intérprete  
 Íntimo  
 Intrépido  
 Intrínseco  
 Inúmero  
 Inválido  
 Invólucro  
 Iódico  
 Iônico  
 Iônio  
 Irônico  
 Islâmico  
 Isósceles  
 Isótopo  
 Isquêmico  
 Itálico

## J

Japônico  
 Jiu-jít[i]su  
 Jônico  
 Jornalístico  
 Júbilo  
 Júpiter  
 Jurássico  
 Jurídico

## L

Lábaro  
 Labiríntico  
 Lác[i]teo  
 Lacônico  
 Lactífero  
 Lágrima  
 Lâmina  
 Lâmpada  
 Lânguido  
 Lanífero ou lanífero  
 Lap[i]so  
 Lápide  
 Lástima  
 Láte[kis]  
 Látego  
 Láudano  
 Lázaro  
 Legítima (o)  
 Lépidio  
 Lepidóp[i]tero  
 Lésbica  
 Letárgico  
 Leucêmico  
 Leucócito  
 Lêvedo ou levedo  
 Léxico  
 Libélula  
 Líbero  
 Lícito  
 Lídimio  
 Líg[i]neo  
 Limítrofe  
 Linfático  
 Linfócito  
 Lingüística (o)  
 Linotípico  
 Líquido  
 Lírica (o)  
 Lisérgico

Lítico  
Litúrgico  
Lívido  
Lôbrego  
Lóbulo  
Logarít[i]mico  
Logarít[i]mo  
Lógica (o)  
Logística  
Logotípico  
Losângico  
Lotérica (o)  
Lúbrico  
Lúcido  
Lúcifer  
Lúdico  
Lúgubre  
Lumbágico  
Lunático  
Lúpulo  
Lúrido  
Lusíada

## M

Macarrônico  
Macérrimo ou magérrimo  
Maçônico  
Macrobiótica (o)  
Macrocefálico  
Macrocefalo  
Macrocósmico  
Macrocóspico  
Macroeconômico  
Mácula  
Madrepérola  
Mágica (o)  
Magmático  
Magnânimo  
Magnético  
Magnífico  
Maiêutica  
Maiúscula  
Majestático  
Maléfico  
Maléolo  
Malévolo  
Mamífero  
Manápula  
Mandíbula  
Manícula  
Manométrico

Manômetro  
Máquina  
Marítimo  
Mármore  
Máscara  
Másculo  
Mastodôntico  
Matemática  
Matrícula  
Máxima (o,e)  
Mecânica (o)  
Médica (o)  
Medíocre  
Mefistofélico  
Megalítico  
Megálio  
Megalópole  
Mentecap[i]to  
Meretíssimo  
Mérito  
Mesencéfalo  
Mesóclise  
Mesopotâmico  
Metabólico  
Metafísica (o)  
Metáfora  
Metálico  
Metástase  
Metátese  
Metílico  
Metódico  
Método  
Métrica  
Metrônomo  
Metrópole  
Miasmático  
Microcósmico  
Microeletrônica  
Micrômetro  
Microônibus  
Micrótomo  
Milésimo  
Milímetro  
Milionésimo  
Mimeógrafo  
Mímica  
Mínima (o)  
Minúscula (o)  
Miríade (a)  
Miriápode  
Mísero  
Misógamo  
Mística  
Mitológico  
Mitólogo

Mitônimo  
Mnemônica (o)  
Móbile  
Módico  
Módulo  
Molécula  
Molície (a)  
Monástico  
Monocotilédone ou monocotiledônea  
Monocromático  
Monóculo  
Monólito  
Monólogo  
Monossílabo  
Monóxido  
Mórbido  
Mortífero  
Motonáutica  
Múltiplice  
Múltiplo  
Munícipe  
Muriático  
Músculo  
Música (o)  
Mutagênese

## N

Nádega  
Napoleônico  
Narcótico  
Narcotráfico  
Náufrago  
Náutica  
Néc[i]tar  
Necrófago  
Necróp[i]sia  
Necrópole  
Neófito  
Neolítico  
Neolítico  
Nêspira  
Nevrágico  
Nicótico  
Nipônico  
Nítido  
Nítrico  
Noctâmbulo  
Nódulo  
Nômade  
Nonagésimo

Nongentésimo ou  
Noningentésimo  
Nônuplo  
Nórdico  
Notívago  
Número  
Numismática  
Núp[i]cias

## O

Ób[i]vio  
Óbice  
Óbito  
Óbolo  
Obstáculo  
Obstétrico ou obstetrício  
Oceanográfico  
Oceanógrafo  
Octingentésimo  
Octogésimo  
Octógono  
Ótuplo  
Óculo  
Odontólogo  
Odorífero ou odorífico  
Oftálmico  
Oitocentésimo  
Oligárquico  
Oligofrênico  
Olimpíada  
Olímpico  
Ômega  
Oncológico  
Ônibus  
Onírico  
Onívoro  
Onomástico (a)  
Ontológico  
Ópera  
Opiniático ou Opinoso  
Opíparo  
Óptica (o)  
Opúsculo  
Oráculo  
Órbita  
Orégano  
Orgânico  
Ornitólogo  
Ortógrafo  
Ortopédico  
Ósculo

Ótico  
Ótimo  
Ovíparo ou Ovíviparo  
Óvulo  
Óxido  
Oxítone

## P

Pacífico  
Página  
Paisagística (o)  
Paleográfico  
Paleógrafo  
Paleolítico  
Paleólogo  
Paleontológico  
Pálido  
Palmípede  
Pálpebra  
Pancreático  
Pândega (o)  
Pandêmico  
Panegírico  
Panorâmica (o)  
Pantagruélico  
Pântano  
Pantomímico  
Páprica  
Parábola  
Parabólico  
Paradidático  
Paradisíaco  
Paráfrase  
Parágrafo  
Paralelepípedo  
Paralítico  
Paramédico  
Parâmetro  
Páramo  
Paraplégico  
Parapsicológico  
Parapsicólogo  
Parassíntese  
Parêntese (sis)  
Pároco  
Parônimo  
Parótico  
Parótida ou parótide  
Paroxítone  
Parquímetro  
Parricídio

Patológico  
Patriótico  
Patronímico  
Paupérrimo  
Pávido  
Pedagógico  
Pelágico ou pelágio  
Pélago  
Película  
Pênalti  
Pêndulo  
Península  
Pentágono  
Penúltimo  
Pép[i]tico  
Pérfido  
Periférico  
Perífrase  
Perímetro  
Periódico  
Período  
Peripatético  
Périplo  
Perissodác[i]tilo  
Pernóstico  
Pérola  
Pêsame  
Pêssego  
Péssimo  
Pestífero  
Pétala  
Petrolífero  
Petroológico  
Petrólogo  
Petroquímica (o)  
Pianíssimo  
Pianística  
Pícaro  
Pictórico  
Pífaros  
Pilórico  
Pílula  
Pináculo  
Píncaro  
Piogênese  
Pirâmide  
Pirético  
Pírico  
Piróforo  
Piromaníaco  
Pirômetro  
Pirotécnico  
Plácido  
Planisférico  
Plástica (o)

Plátano  
 Platônico  
 Pluviômetro  
 Pneumático  
 Poética  
 Polêmica  
 Policlínica  
 Polígono  
 Polígrafo  
 Polímero  
 Pólipo  
 Polissílabo  
 Politéc[i]nica  
 Política (o)  
 Polivinílico  
 Pólvora  
 Pômulo  
 Pontífice  
 Pórtico  
 Pósterio  
 Póstuma (o)  
 Pragmática (o)  
 Prática (o)  
 Preâmbulo  
 Prédica  
 Presbítero  
 Prestímano  
 Préstimo  
 Préstito  
 Pretérito  
 Primogênito  
 Príncipe  
 Prístino ou prisco  
 Problemático (a)  
 Procedência  
 Próclise  
 Pródigo  
 Pródromo  
 Profilático  
 Profilático  
 Prófugo  
 Próg[i]nato  
 Prognóstico  
 Prolífero  
 Prolífico  
 Prólogo  
 Proparoxítono  
 Propedêutico  
 Própolis (le)  
 Propósito  
 Prosélito  
 Prosódico  
 Próspero  
 Robótica  
 Românico

Partenogênese  
 Partícula  
 Pássaro  
 Patético  
 Patíbulo  
 Pátina  
 Patogênico  
 Próstata  
 Prostíbulo  
 Prótese  
 Protético  
 Protoplasmático ou protoplásmico  
 Protótipo  
 Próvido (providente)  
 Próximo  
 Pseudônimo  
 Psicanálise  
 Psicanalítico  
 Psicoanalép[i]tico  
 Psicodélico  
 Psicógrafo  
 Psicológico  
 Psicólogo  
 Psicossociológico  
 Psicossomático  
 Psicotéc[i]nica  
 Psicótico  
 Psicotrópico  
 Psiquiátrico  
 Psíquico  
 Psoríase  
 Pterodác[i]tilo ou Pterodátilo  
 Púbico ou pubiano  
 Pública (o)  
 Puérpera ou puerpera  
 Púlpito  
 Púnico  
 Púrpura  
 Pusilânime  
 Pústula  
 Pútrido

## Q

Quadrágésimo  
 Quadrícep[i]s  
 Quadrícula (o)  
 Quadrilátero  
 Quadriplégico  
 Quadrúmano  
 Quadrúpede  
 Quádruplo  
 Quart[i]zo  
 Quilômetro

Quimérico  
 Química (o)  
 Quimioterápico  
 Quinquagésimo  
 Quíntuplo  
 Quiróp[i]tero  
 Quiroprática

## R

Rábano  
 Rábico  
 Rábido  
 Rabínico  
 Rábula  
 Radícula  
 Radielétrico ou radioelétrico  
 Radiofônico  
 Radiofotográfico  
 Radiográfico  
 Radiológico  
 Radioscópico  
 Radiotéc[i]nica  
 Radiotelefônico  
 Radiotelegráfico  
 Radioterápico ou  
 Radioterapêutico  
 Ranúnculo  
 Rápido  
 Rapsódico  
 Raquíptico  
 Receptáculo  
 Recíproco  
 Récita  
 Recôncavo  
 Recôndito  
 Rédito  
 Régulo  
 Relâmpago  
 Reóstato ou reostato  
 Rép[i]til  
 Réplica  
 Réprobo  
 República  
 Réquiem  
 Retábulo  
 Retângulo  
 Retícula (o)  
 Retífica  
 Retórica (o)  
 Retrógrado  
 Reumático

Revérbero  
 Reverendíssimo  
 Rícino  
 Ridículo  
 Rígido  
 Ripícola  
 Ríspido  
 Rizófago  
 Rizotônico  
 Rótula (o)  
 Rúcula  
 Rupícola  
 Rurícola  
 Rústico  
 Rútilo

## S

Sábado  
 Sabático  
 Sacrílego  
 Sacroilíaco  
 Sádico  
 Salicílico  
 Sálmico  
 Salomônico  
 Sândalo  
 Sânscrito  
 Santíssimo  
 Sápido  
 Saprófito  
 Sarcástico  
 Sarcófago  
 Sardônico  
 Satânico  
 Satélite  
 Sátira (o)  
 Satírico  
 Século  
 Selênico  
 Selvático  
 Selvícola ou Silvícola  
 Semáforo  
 Semântica (o)  
 Semi-árido  
 Semi-automático  
 Semicírculo  
 Semínima  
 Semiológico  
 Semiótica  
 Semítico  
 Sêmola

Sensitômetro  
 Sép[i]tico  
 Sépala  
 Septicêmico  
 Septuagésimo  
 Séquito ou séquito  
 Seráfico  
 Sétimo  
 Setissílabo  
 Sétuplo  
 Sexagésimo  
 Sexólogo  
 Sêxtuplo  
 Sicômoro  
 Sífilis  
 Sílaba  
 Sílfide  
 Sílica  
 Símbolo  
 Símile  
 Simpático  
 Síncope  
 Sindético  
 Síndico  
 Síndrome  
 Sinédoque  
 Sinódico  
 Sínodo  
 Sinônimo  
 Sintático  
 Síntese  
 Sintético  
 Sismógrafo  
 Sistemático  
 Sistemico  
 Sístole  
 Sitômetro  
 Socioeconômico  
 Socrático  
 Sôfrego  
 Solícito  
 Sólido  
 Somático  
 Somítico  
 Sonâmbulo  
 Sônico  
 Sonífero  
 Sonógrafo  
 Soporífero ou soporífico  
 Sórdido  
 Sorumbático  
 Soviético  
 Suástica  
 Subaquático  
 Subdesértico

Súbito  
 Submúltiplo  
 Subtítulo  
 Súdito  
 Sudorífero  
 Sudoríparo  
 Súmula  
 Supérstite  
 Súplica  
 Súplice  
 Sustentáculo

## T

Tabernáculo  
 Tac[i]til ou tátil  
 Tácito  
 Tacômetro  
 Talássico  
 Talassofóbico  
 Talassóforo  
 Talmúdico  
 Tâmara  
 Tanatológico  
 Tantálico  
 Tântalo  
 Taquicárdíaco  
 Taquicárdico  
 Taquiográfico  
 Taquígrafo  
 Tarântula  
 Tártaro  
 Tática (o)  
 Taumatúrgico  
 Tautológico  
 Taxidérmico  
 Taxímetro  
 Teatrólogo  
 Téc[i]nica (o)  
 Tecnocrático  
 Tecnofóbico  
 Tecnofobo  
 Tecnológico  
 Tecnólogo  
 Tectônica ou tetônica  
 Telediagnóstico  
 Teleférico  
 Telefônico  
 Telegráfico  
 Telégrafo  
 Teleinformática  
 Telepático

Telescópico  
 Telúrico  
 Temática (o)  
 Têmpera  
 Têmpora  
 Teníase  
 Tentáculo  
 Teocrático  
 Teológico  
 Teólogo  
 Teórico  
 Tépidio  
 Terapêutica (o)  
 Térmico  
 Término  
 Terminológico (a)  
 Termodinâmico (a)  
 Termométrico  
 Termômetro  
 Termoplástico  
 Terrífico  
 Testículo  
 Tetânico  
 Tétano  
 Tetraédrico  
 Tetrágono  
 Tetraplégico  
 Tetrassilábico  
 Tetrassílabo  
 Tétrico  
 Teutônico  
 Tífico  
 Tílburi  
 Tímido  
 Timpânico  
 Tímpano  
 Típico  
 Tipográfico  
 Tipógrafo  
 Tíquete  
 Tirânico  
 Tísica (o)  
 Titânico  
 Títtere  
 Título  
 Tocológico  
 Tocólogo  
 Tômbola  
 Tomográfico  
 Tomógrafo  
 Tônica (o)  
 Tópico  
 Topográfico  
 Topógrafo  
 Topológico

Topônimo  
 Tóra[kis]  
 Torácico  
 Tórrido  
 Tóxico  
 Toxicomaníaco  
 Toxicômano  
 Tráfego  
 Tráfico  
 Trágico  
 Tragicômico  
 Trâmite  
 Transatlântico  
 Trânsfuga  
 Transgênico  
 Trânsito  
 Translúcido  
 Transoceânico  
 Trecentésimo ou tricentésimo  
 Trêfego  
 Trêmulo  
 Trépano  
 Tréplica  
 Tríade ou tríada  
 Triádico  
 Triângulo  
 Triásico  
 Tricentenário  
 Trícep[i]s  
 Trifásico  
 Trigésimo  
 Trigonométrico  
 Trilógico  
 Tríp[i]tico  
 Tríplice  
 Trissilábico  
 Trissílabo  
 Triúnviro  
 Troglodítico  
 Trólebus  
 Trombótico  
 Trôpego  
 Trópico  
 Troposférico  
 Tubérculo  
 Túmido  
 Túmulo  
 Túnica  
 Túrbido  
 Túrgido  
 Turíbulo  
 Turmalínico

## U

Úbere ou ubre  
 Úlcera  
 Último  
 Umbrífero  
 Úmero  
 Úmido  
 Unânime  
 Undécimo  
 Ungüífero  
 Único  
 Unigênito  
 Uníparo  
 Unísono  
 Unívoco  
 Urético  
 Úrico  
 Útero  
 Úvula

## V

Válido  
 Válvula  
 Vândalo  
 Variola  
 Veículo  
 Velocímetro  
 Velocípede  
 Velódromo  
 Ventrículo  
 Ventríloquo  
 Verídico  
 Vermífugo  
 Vernáculo  
 Verônica  
 Versículo  
 Vértebra  
 Vértice  
 Vesícula  
 Véspera  
 Vestíbulo  
 Víbora  
 Vigésimo  
 Vínculo  
 Vírgula  
 Virótico  
 Virtuossíssimo  
 Viscera  
 Víspera  
 Vitamínico

Vítima  
Viveres  
Vívido  
Vivíparo  
Vocábulo  
Vocálico  
Voltímetro  
Volumétrico  
Vômico  
Vômito  
Vórtice

## **X**

Xácara  
Xenófilo  
Xenófobo  
Xícara  
Xifópago

## **Z**

Zéfiro  
Zênite  
Zíngaro  
Zodíaco  
Zoófago  
Zoólatra  
Zoólite  
Zoológico  
Zoólogo  
Zooplânc[i]ton

**Proparoxítonas**

(VOGAIS MÉDIAS)

**A**

Abóbora  
 Aborigene  
 Acrófobo  
 Acrópole  
 Adúltero  
 Ádvena  
 Aerícola  
 Aférese  
 Ágora  
 Agorafobo  
 Agrícola  
 Agrônomo  
 Agrônomo  
 Alfândega  
 Álgebra  
 Alienígena  
 Alíquota  
 Almôndega  
 Alóc[i]tone  
 Alímetro  
 Alucinógeno  
 Alvéolo  
 Análogo  
 Anástrofe  
 Anátema  
 Ancilóstomo  
 Âncora  
 Anemômetro  
 Anêmona  
 Ânfora  
 Antevéspera  
 Antiaéreo  
 Anticancerígeno  
 Antídoto  
 Antífona  
 Antígeno  
 Antílope  
 Antípoda  
 Antítese  
 Antitussígeno  
 Antropólogo  
 Apócope  
 Ápode  
 Apólogo  
 Apóstolo  
 Apóstrofe  
 Apóstrofo  
 Apótema

Aqüífero  
 Arborícola  
 Aréola  
 Ariete  
 Arqueólogo  
 Artrópode  
 Árvore  
 Áspero  
 Assíncrono  
 Astrólogo  
 Astrônomo  
 Átomo  
 Átono  
 Audiólogo  
 Audiômetro  
 Auréola  
 Aurífero  
 Autóctone  
 Autódromo  
 Autogênese  
 Autógeno  
 Autônomo  
 Azêmola

**B**

Bacteriólogo  
 Bafômetro  
 Barítono  
 Barômetro  
 Bátega  
 Bêbedo  
 Benévolo  
 Bibliotecônomo  
 Biogênese  
 Biólogo  
 Bípede  
 Brócolis (os)  
 Bússola

**C**

Calorífero  
 Câmera  
 Cancerígeno  
 Cãnfora  
 Carbonífero  
 Cárcere  
 Carcinógeno  
 Carnívoro  
 Catálogo  
 Catástrofe  
 Catecúmeno

Cátedra  
 Cátodo  
 Cefalópode  
 Célebre  
 Célere  
 Centímetro  
 Centrípeto  
 Cerealífero  
 Cérebro  
 Cerífero  
 Chávena  
 Cícero  
 Cócegas  
 Cócoras  
 Colágeno  
 Cólera  
 Cômoda (o)  
 Cônego  
 Congênere  
 Conífera  
 Cornífero ou cornífero  
 Córrego  
 Cotilédone  
 Críquete  
 Crisântemo  
 Cronômetro

**D**

Decágono  
 Decálogo  
 Decímetro  
 Déspota  
 Diácono  
 Diálogo  
 Diamantífero  
 Diâmetro  
 Diáspora  
 Diástole  
 Diérese  
 Díp[i]tero  
 Dodecágono

**E**

Écloga ou égloga  
 Ecólogo  
 Ecúmeno  
 Efêmero  
 Egíptólogo  
 Elétrodo ou eletrodo  
 Êmbolo

Embriólogo  
Endógeno  
Eneágono  
Energúmeno  
Entomólogo  
Epígeno  
Epígono  
Epílogo  
Epístola  
Epíteto  
Epítome  
Época  
Equilátero  
Equívoco  
Ergômetro  
Erógeno  
Esferômetro  
Espeleólogo  
Etimólogo  
Êxodo  
Exógeno  
Extra-sístole  
Extrínseco

## F

Facínora  
Farândola  
Farmacólogo  
Fenômeno  
Féretro  
Florífero  
Flutíssonos  
Fôlego  
Folíolo  
Fonoaudiólogo  
Fonólogo  
Fósforo  
Fotóforo  
Fotossíntese  
Frívolo  
Frugívoro ou Frutívoro  
Frutífero  
Fúnebre

## G

Gasômetro  
Gastrônomo  
Gênero  
Gênese  
Geólogo

Geômetra  
Gíp[i]seo  
Girândola  
Gôndola  
Grafólogo  
Grandíloco ou Grandíloquo  
Granívoro  
Gutífero

## H

Helicóp[i]tero  
Herbívoro  
Heterófono  
Hexágono  
Hidrômetro  
Hipérbole  
Hipódromo  
Hipótese  
Homófono  
Horóscopo  
Hóspede  
Hulhífero

## I

Ícone  
Ídolo  
Ímpeto  
Impúbere  
Incômodo  
Indígena  
Índole  
Inequivoco  
Infrutífero  
Íngreme  
Insetívoro  
Íntegro  
Intérprete  
Intrínseco  
Inúmero  
Isósceles  
Isótopo

## L

Lábaro  
Labiríntico  
Lác[i]teo  
Lacônico  
Lactífero

Lanífero ou lanífero  
Late[kis]  
Látego  
Lepidóp[i]tero  
Lêvedo  
Líbero  
Líg[i]neo  
Limítrofe  
Lôbrego

## M

Madrepérola  
Maléolo  
Malévolo  
Mamífero  
Manômetro  
Mármore  
Medíocre  
Megalópole  
Metáfora  
Metátese  
Método  
Metrônomo  
Metrópole  
Micrômetro  
Micrótomo  
Milímetro  
Miriápode  
Mísero  
Mitólogo  
Monocotiledonea ou monocotiledônea  
Monólogo  
Mortífero  
Mutagênese

## N

Nádega  
Necrópole  
Nêspora  
Número

## O

Óbolo  
Octógono  
Odontólogo  
Odorífero ou odorífico  
Ômega

Onívoro  
Ópera  
Ornitólogo  
Oxítono

## P

Paleólogo  
Palmípede  
Pálpebra  
Pândega (o)  
Pantagruélico  
Parábola  
Paralelepípedo  
Parâmetro  
Parapsicólogo  
Parassíntese  
Parêntese (sis)  
Pároco  
Paroxítono  
Parquímetro  
Partenogênese  
Pentágono  
Perímetro  
Período  
Pérola  
Pêssego  
Pestífero  
Petrolífero  
Petrólogo  
Piogênese  
Piróforo  
Pirômetro  
Pluviômetro  
Polígono  
Polímero  
Pólvora  
Pósteros  
Presbítero  
Pródromo  
Prolífero  
Prólogo  
Proparoxítono  
Própolis (le)  
Próspero  
Prótese  
Psicólogo  
Puérpera

## Q

Quadrilátero  
Quadrúpede  
Quilômetro  
Quiróp[i]tero

## R

Recíproco  
Réprobo  
Revérbero  
Ripícola  
Rupícola  
Rurícola

## S

Sacrílego  
Selvícola ou Silvícola  
Semáforo  
Sêmola  
Sensitômetro  
Sexólogo  
Sicômoro  
Símbolo  
Síncope  
Síndrome  
Sinédoque  
Sínodo  
Síntese  
Sístole  
Sitômetro  
Sôfrego  
Sonífero  
Soporífero ou soporífico  
Sudorífero

## T

Tacômetro  
Talassóforo  
Taxímetro  
Teatrólogo  
Tecnóforo  
Tecnólogo  
Têmpera  
Têmpora  
Teólogo  
Termômetro

Tetrágono  
Tíquete  
Títère  
Tocólogo  
Tômbola  
Tráfego  
Trêfego  
Trícep[i]s  
Trólebus  
Trôpego

## U

Úbere ou ubre  
Úlcera  
Umbrífero  
Úmero  
Ungüífero  
Unísono  
Unívoco  
Útero

## V

Variola  
Velocímetro  
Velocípede  
Velódromo  
Ventriloquo  
Vértebra  
Véspera  
Víbora  
Víspera  
Víspera  
Viveres  
Voltímetro

## X

Xenóforo

## Z

Zoólogo

**Proparoxítonas**<sup>106</sup>  
(PALAVRAS MAIS COMUNS)

**A**

Abóbora  
Aborígene  
Adúltero  
Agrícola  
Agrônomo  
Agrônomo  
Alfândega  
Álgebra  
Alienígena  
Alíquota  
Almôndega  
Alucinógeno  
Alvéolo  
Análogo  
Âncora  
Antiaéreo  
Anticancerígeno  
Antídoto  
Antígeno  
Antropólogo  
Apóstolo  
Apóstrofe  
Apóstrofo  
Arqueólogo  
Árvore  
Áspero  
Astrólogo  
Astrônomo  
Átomo  
Auréola  
Autódromo  
Autônomo

**B**

Bafômetro  
Benévolo  
Biólogo  
Brócolis (os)  
Bússola

**C**

Câmera

Cancerígeno  
Cânfora  
Cárcere  
Carnívoro  
Catálogo  
Catástrofe  
Cátedra  
Célebre  
Centímetro  
Cérebro  
Cícero  
Cócegas  
Cócoras  
Colágeno  
Cólera  
Cômada (o)  
Córrego  
Críquete  
Crisântemo  
Cronômetro

**D**

Decímetro  
Diálogo  
Diâmetro

**E**

Ecólogo  
Efêmero  
Egiptólogo  
Eneágono  
Época  
Equilátero  
Equívoco  
Erógeno  
Êxodo

**F**

Facínora  
Farmacólogo  
Fenômeno  
Florífero  
Fôlego  
Fonoaudiólogo

Fonólogo  
Fósforo  
Fotossíntese  
Frívolo  
Frutífero  
Fúnebre

**G**

Gênero  
Gênese  
Geólogo  
Gôndola

**H**

Helicóp[i]tero  
Hexágono  
Hidrômetro  
Hipérbole  
Hipódromo  
Hipótese  
Horóscopo  
Hóspede

**I**

Ícone  
Ídolo  
Ímpeto  
Incômodo  
Indígena  
Índole  
Inequivoco  
Infrutífero  
Íngreme  
Íntegro  
Intérprete  
Inúmero

**L**

Láte[kis]  
Lêvedo

<sup>106</sup> Esta e a próxima listagem expõem as palavras que possuem alguma possibilidade de aparecerem na fala e, também, aquelas que podem ser representadas por meio de figuras.

**M**

Madrepérola  
 Maléolo  
 Malévolo  
 Mamífero  
 Mármore  
 Mediocre  
 Metáfora  
 Método  
 Metrópole  
 Milímetro  
 Mísero  
 Monólogo  
 Mortífero

**N**

Nádega  
 Nêspira  
 Número

**O**

Odontólogo  
 Ômega  
 Ópera

**P**

Pálpebra  
 Parábola  
 Paralelepípedo  
 Parâmetro  
 Parapsicólogo  
 Parêntese (sis)  
 Parquímetro  
 Pentágono  
 Perímetro  
 Período  
 Pérola  
 Pêssego  
 Pluviômetro  
 Polígono  
 Pólvora  
 Própolis (le)  
 Próspero  
 Prótese  
 Psicólogo

**Q**

Quadrilátero  
 Quadrúpede  
 Quilômetro

**R**

Recíproco

**S**

Semáforo  
 Sêmola  
 Sexólogo  
 Símbolo  
 Síncope  
 Síndrome  
 Síntese  
 Sonífero

**T**

Taxímetro  
 Teatrólogo  
 Tecnólogo  
 Têmpora  
 Teólogo  
 Termômetro  
 Tíquete  
 Tráfego

**U**

Úlcera  
 Útero

**V**

Variola  
 Velocímetro  
 Velocípede  
 Vértebra  
 Véspera  
 Víbora  
 Viscera

## Proparoxítonas Eventuais e Configurações Semelhantes

### A

Abecedário  
Abissínio  
Abstêmio  
Abstinência  
Abundância  
Acácia  
Academia  
Acessório  
Acomodatício  
Acrimônia  
Actínia (o)  
Acúleo  
Adágio  
Adjudicatário  
Admonitório  
Adolescência  
Adultério  
Adventício  
Aéreo  
Aerofólio  
Aeroviário  
Agência  
Ágio  
Agroindústria  
Agropecuária  
Ajutório  
Aleatório  
Alfandegário  
Alfarrábio  
Alheatório  
Alienatório  
Alimária  
Alimentário  
Alimentício  
Alínea  
Alísio  
Alívio  
Alternância  
Alumínio  
Álveo  
Amásio  
Ambiência  
Ambulância  
Ambulatório  
Amêijoa  
Amêndoa  
Amenorréia  
Amerício  
Ameríndio

Amiláceo  
Amnésia  
Âmnio  
Amônia  
Anaeróbio  
Anedotário  
Anelídeo  
Anfíbio  
Angústia  
Aniversário  
Anóxia  
Antecedência  
Anti-horário  
Anti-humanitário  
Antiinflamatório  
Antimatéria  
Antimônio  
Antiovulatório  
Antiparasitário  
Antipólio  
Antiquário  
Antonímia  
Antonomásia  
Antroponímia  
Antúrio  
Anuário  
Anuência  
Anúncio  
Apanágio  
Aparência  
Apartidário  
Apetência  
Apiário  
Apolíneo  
Apotício  
Aquário  
Arábia  
Aracnídeo  
Araucária  
Arbitrário  
Arbítrio  
Arcádia  
Ardósia  
Árduo  
Área  
Argênteo  
Argônio  
Argúcia  
Áries  
Armário  
Armistício

Arquimilionário  
Arrendatário  
Arrogância  
Artifício  
Ascendência  
Aspersório  
Assassínio  
Assédio  
Assembléia  
Assessório  
Assíduo  
Assírio  
Assistência  
Assonância  
Astatínio  
Astrolábio  
Astúcia  
Atentatório  
Atrabiliário  
Átrio  
Atuário  
Audácia  
Audiência  
Áudio  
Auditório  
Augúrio  
Áureo  
Ausência  
Auspício  
Autoritário  
Aviário  
Azálea ou Azaléia

### B

Bactéria  
Balázio  
Balbúrdia  
Balneário  
Bambúrrio  
Bancário  
Barbárie  
Batistério  
Batráquio  
Bazófia  
Begônia  
Beneficência  
Beneficiário  
Benefício  
Benevolência

Beócio  
Berçário  
Berílio  
Berkélio  
Bibliotecário  
Bicentenário  
Biênio  
Biliardário  
Bilionário  
Binário  
Binômio  
Biociência  
Bivalência  
Blandícia ou blandície  
Blasfêmia  
Boêmia (o)  
Bovídeo  
Breviário  
Buganvília  
Bulício  
Búzio

## C

Cactácea  
Cadência  
Calcâneo  
Calcário  
Cálcio  
Caldário  
Calendário  
Calidoscópio ou caleidoscópio  
Califórnia (o)  
Calúnia  
Calvário  
Cambiário  
Câmbio  
Camélia  
Campanário  
Canário  
Canície  
Capadócio  
Capitânia  
Capitólio  
Capricórnio  
Cardápio  
Cárdia  
Cardinalício  
Carência  
Carícia  
Cárie  
Carolíngio ou Carlovíngio  
Cartapácio  
Cartório

Casório  
Catilinária  
Celibatário  
Cemitério  
Cenário  
Cenóbio  
Cenotáfio  
Centúria  
Cerimônia  
Cério  
Cerúleo  
Césio  
Cetáceo  
Chicória  
Ciência  
Cilício  
Cinerária (o)  
Cinéreo  
Circunferência  
Circunstância  
Cizânia  
Clemência  
Climatério  
Clorofórmio  
Coerência  
Coincidência  
Colégio  
Coletânea  
Colírio  
Colônia  
Columbíneo ou columbino  
Comédia  
Comentário  
Comerciário  
Comércio  
Comício  
Comissário  
Compêndio  
Compensatório  
Competência  
Complacência  
Comprobatório  
Compulsória (o)  
Comunitário  
Concílio  
Concórdia  
Concorrência  
Concupiscência  
Condolência  
Condomínio  
Condutância  
Conferência  
Confessionário  
Confluência  
Congratulatório

Congruência  
Convivência  
Consangüíneo  
Consciência  
Cônscio  
Conseqüência  
Conservatório  
Consignatário  
Consistência  
Consonância  
Consórcio  
Conspícuo  
Constância  
Consuetudinário  
Consultório  
Contágio  
Contemporâneo  
Conterrâneo  
Contestatório  
Continência  
Contingência  
Contínuo  
Contraditório  
Contrário  
Controvérsia  
Contumácia  
Convênio  
Convergência  
Convivência  
Convívio  
Copázio  
Coriáceo  
Córnea  
Cornucópia  
Corolário  
Coronária  
Correligionário  
Correspondência  
Corsário  
Crânio  
Crediário  
Crematório  
Cretáceo  
Criatório  
Criptônio  
Cruciferário  
Crustáceo  
Culinária  
Curvilíneo  
Custódia (o)  
Cutânea

**D**

Dábliu ou dáblio  
 Decadência  
 Decência  
 Decênio  
 Decíduo  
 Decisório  
 Declínio  
 Decorrência  
 Dedicatória  
 Deferência  
 Deficiência  
 Deletério  
 Delícia  
 Delírio  
 Demência  
 Demissionário  
 Demônio  
 Dentifrício  
 Denúncia  
 Dependência  
 Depilatório  
 Depositário  
 Deságio  
 Descendência  
 Descontínuo  
 Desídia  
 Desinência  
 Desinteligência  
 Desistência  
 Desobediência  
 Despautério  
 Desperdício  
 Desprestígio  
 Destampatório  
 Destinatório  
 Diária (o)  
 Dicionário  
 Dicotiledônea  
 Dictério  
 Difamatório  
 Dignatário  
 Diligência  
 Dilúvio  
 Diretório  
 Discordância  
 Discórdia  
 Discotecário  
 Discrepância  
 Discricionário  
 Dispêndio  
 Dispensário  
 Displicência

Disprósio  
 Disprósio  
 Dissidência  
 Dissídio  
 Dissonância  
 Distanásia  
 Distância  
 Distúrbio  
 Divergência  
 Divinatório  
 Divisionário  
 Divisória  
 Divórcio  
 Docência  
 Documentário  
 Dolência  
 Domicílio  
 Dominância  
 Donatário  
 Dormência  
 Dormitório  
 Doutrinário  
 Drágea  
 Dromedário  
 Dúbio  
 Duralumínio

**E**

Ébrio  
 Ebúrneo  
 Ecocídio  
 Edifício  
 Educandário  
 Efervescência  
 Eficácia  
 Eficiência  
 Efigie  
 Eflorescência  
 Efluência  
 Eflúvio  
 Egrégio  
 Ejaculatório  
 Elegância  
 Elevatório  
 Eliminatória (o)  
 Eloquência  
 Elucidário  
 Embrionário  
 Ementário  
 Emergência  
 Eminência  
 Emissário

Empáfia  
 Empíreo  
 Empório  
 Empregatício  
 Empresário  
 Encômio  
 Enciclopédia  
 Endívia  
 Endocárdio  
 Endométrio  
 Endoscópio  
 Envoltório  
 Epigástrico  
 Epinício  
 Episódio  
 Epitáfio  
 Epitélio  
 Eqüideo  
 Eqüidistância  
 Equilíbrio  
 Equinócio  
 Equivalência  
 Erário  
 Érbio  
 Eremitério  
 Ervanário ou ervário  
 Esbórnica  
 Escândio  
 Escapulário  
 Escória  
 Escorrência  
 Escrínio  
 Escritório  
 Escriturário  
 Escrutínio  
 Esculápio  
 Espáduo  
 Espécie  
 Espólio  
 Espontâneo  
 Espúrio  
 Essência  
 Estacionário  
 Estádio  
 Estágio  
 Estância  
 Estapafúrdio  
 Estátua  
 Estatuária (o)  
 Estelionatário  
 Estetoscópio  
 Estévia  
 Estíbio  
 Estipêndio  
 Estória

Estratégia  
 Estrênuo  
 Estroboscópio  
 Estrogênio  
 Estrôncio  
 Estropício ou estрупício  
 Estuário  
 Estúdio  
 Etário  
 Etéreo  
 Európio  
 Eutanásia  
 Evidência  
 Evocatório  
 Excelência  
 Excelentíssimo  
 Excêntrico  
 Exclamatório  
 Excrescência  
 Execratório  
 Exemplário  
 Exercício  
 Exílio  
 Exímio  
 Existência  
 Exorbitância  
 Exórdio  
 Expedicionário  
 Experiência  
 Expiatório  
 Expiratório  
 Explanatório  
 Exploratório  
 Extemporâneo  
 Extermínio  
 Extragalác[i]tico  
 Extraordinário  
 Extravagância  
 Exuberância

## F

Fabulário  
 Facúndia  
 Fadário  
 Falácia  
 Falatório  
 Falência  
 Falésia  
 Falsário  
 Família  
 Farináceo  
 Fascínio  
 Fastígio

Fátuo  
 Fazendário  
 Felídeo  
 Fêmea  
 Fenício  
 Féria  
 Férmio  
 Ferormônio ou feromônio  
 Férreo  
 Ferroviário  
 Feudatário  
 Fichário  
 Fictício  
 Fidúcia  
 Filária  
 Finório  
 Flatulência  
 Fluorescência  
 Foguetório  
 Foliáceo  
 Fosforescência  
 Fotocópia  
 Fracionário  
 Fragmentário  
 Fragrância  
 Frascário  
 Fratricídio  
 Fraudatório  
 Frequência  
 Frigidário  
 Frontispício  
 Funcionário  
 Fundiário  
 Funerária (o)  
 Funéreo  
 Fúria

## G

Gadolínio  
 Galináceo  
 Gálio  
 Ganância  
 Gânglio  
 Gardênia  
 Gasogênio  
 Gaticídio  
 Gáudio  
 Gávea  
 Gêmeo  
 Generalício  
 Gênio  
 Genitália

Genocídio  
 Genuflexório  
 Geodésia ou geodesia  
 Gerânio  
 Gerência  
 Germânio  
 Gerúndio  
 Gestatório  
 Ginásio  
 Giratório  
 Giroscópio  
 Glaciário  
 Gládio  
 Glúteo  
 Gramínea (o)  
 Grandiloquência  
 Gregário  
 Grêmio

## H

Halogênio  
 Harmônio  
 Hebdomadário  
 Hélio  
 Hemácia  
 Hemisfério  
 Hemorroidário  
 Herbáceo  
 Herbanário  
 Herbário  
 Hercúleo  
 Hérnia  
 Heterogêneo  
 Heteronímia  
 Hidrogênio  
 Hidroviário  
 Hilário  
 Hiperinflacionário  
 Hipermídia  
 Hipotecário  
 História  
 Hólmio  
 Homicídio  
 Hominídeo  
 Homogêneo  
 Homonímia  
 Honorário  
 Horário  
 Hortênsia  
 Hospício  
 Hóstia  
 Hostiário  
 Humanitário

**I**

Icterícia  
 Idílio  
 Idôneo  
 Ígneo  
 Ignomínia  
 Ignorância  
 Igualitário  
 Ilusório  
 Imaginário  
 Imobiliária (o)  
 Imodéstia  
 Impaciência  
 Impenitência  
 Imperícia  
 Império  
 Impertinência  
 Ímpio  
 Implicância  
 Imponência  
 Importância  
 Impotência  
 Imprevidência  
 Improcedência  
 Improfícuo  
 Impropério  
 Impróprio  
 Improvidência  
 Imprudência  
 Impudência ou impudor  
 Impudicícia ou impudícia  
 Impugnatório ou impugnativo  
 Imundície, imundícia ou  
 imundice  
 Immunodeficiência  
 Inadimplência  
 Inadvertência  
 Inapetência  
 Incandescência  
 Incendiário  
 Incêndio  
 Incensário ou incensório  
 Incidência  
 Incipiência  
 Incisório  
 Inclemência  
 Incoerência  
 Incompetência  
 Inconfidência  
 Incongruência  
 Inconsciência  
 Inconsistência  
 Inconspícuo  
 Inconstância  
 Incontinência  
 Inconveniência  
 Incorpóreo  
 Incumbência  
 Incúria  
 Indagatório  
 Indébito  
 Independência  
 Indício  
 Indigência  
 Índio  
 Indivíduo  
 Indolência  
 Indonésio  
 Indulgência  
 Indultário  
 Indumentária (o)  
 Indústria  
 Industriário  
 Ineficácia  
 Ineficiência  
 Inércia  
 Inexistência  
 Inexperiência  
 Infâmia  
 Infância  
 Infanticídio  
 Inferência  
 Inflorescência  
 Influência  
 Infortúnio  
 Infrutescência  
 Ingênuo  
 Ingerência  
 Inglório  
 Início  
 Inidôneo  
 Injúria  
 Inobservância  
 Inocência  
 Inócuo  
 Insânia ou Insanidade  
 Insatisfatório  
 Insciência  
 Insídia  
 Insígnia  
 Insignificância  
 Insistência  
 Insolência  
 Insônia  
 Instância  
 Instantâneo  
 Insuficiência  
 Insurgência

Inteligência  
 Intempérie  
 Intendência  
 Intercâmbio  
 Intercorrência  
 Interdependência  
 Interferência  
 Interlúdio  
 Intermediário  
 Intermédio  
 Intermitência  
 Interplanetário  
 Interstício  
 Intolerância  
 Intransigência  
 Introdutório  
 Intumescência  
 Inturgescência  
 Inventário  
 Ínvio  
 Involuntário  
 Irídio  
 Irrelevância  
 Irreverência  
 Irrisório  
 Itérbio  
 Itinerário

**J**

Jactância  
 Jaculatória  
 Jordânio ou jordaniano  
 Judiciário  
 Jurisprudência

**L**

Lábia (o)  
 Laboratório  
 Lampadário  
 Lamúria  
 Lanifício  
 Lantânio  
 Lapidária (o)  
 Larápio  
 Larvário  
 Lascívia  
 Láteo  
 Laticínio  
 Latifundiário  
 Latifúndio

Latrocínio  
Laudatório  
Láurea  
Laurêncio  
Lavatório  
Legatário  
Legendário  
Legionário  
Legítima  
Lendário  
Lêndea  
Lenocínio  
Leprosário  
Libertário  
Líneo  
Linifício  
Linóleo  
Lipídio  
Lírio  
Litisconsórcio  
Litorâneo  
Lixívia  
Locatário  
Longilíneo  
Luminária  
Luminescência  
Lunário  
Lutécio  
Lutulência

## M

Macedônio  
Macróbio  
Magnésia (o)  
Magniloqüência  
Magnólia  
Mágoa  
Majoritário  
Malária  
Malásio  
Maledicência  
Malefício  
Malícia  
Mamário  
Mandatário  
Manicômio  
Marsúpio  
Mastozoário  
Matemático  
Matéria  
Matricídio  
Mátrio  
Mecônio

Média  
Média (o)  
Mediterrâneo  
Melanésio  
Memória  
Mendelévio  
Meníngeo  
Mensário  
Mercenário  
Mercúrio  
Merencório  
Meretrício  
Meritório  
Mesário  
Metonímia  
Metozoário  
Metroviário  
Micróbio  
Micronésio  
Microscópio  
Microzoário  
Mictório  
Milênio  
Milícia  
Milionário  
Mimedência  
Minério  
Minifúndio  
Ministério  
Minúcia  
Miocárdio  
Miscelânea  
Miséria  
Misericórdia  
Misógamo  
Missionário  
Mistério  
Mixórdia  
Mobília  
Modéstia  
Moléstia  
Molibdênio  
Momentâneo  
Monastério  
Monetário  
Monitória (o)  
Monocórdio  
Monopólio  
Moratória (o)  
Morticínio  
Mortuário  
Mostruário  
Multifário  
Múmia  
Mundície

Município  
Murmúrio  
Mutuário  
Mútuo

## N

Natalício  
Naufrágio  
Náusea  
Necessário  
Necrológio  
Necrotério  
Negligência  
Negócio  
Nematódeo  
Néscio  
Netúnio  
Neurônio  
Névoa  
Nióbio  
Nitrogênio  
Níveo  
Nobélio  
Nobiliário  
Nódoa  
Nonagenário  
Nosocômio  
Notário  
Notícia  
Noticiário  
Notório  
Novenário  
Novênio  
Novilúnio  
Núcleo  
Numerário  
Núncio

## O

Obediência  
Obituário  
Obrigatório  
Obséquio  
Observância  
Observatório  
Occipício  
Ócio  
Ocorrência  
Octogenário  
Ofertório  
Ofício

Ofidiário  
Ofídio  
Oftálmico  
Oligopólio  
Oliváceo  
Opalescência  
Operário  
Operatório  
Opiáceo  
Opróbrio  
Opulência  
Oratória (o)  
Orbitário  
Orçamentário  
Ordinário  
Orifício  
Originário  
Orquidário  
Orquídea  
Ortoépia ou ortoepia  
Oscilatório  
Osciloscópio  
Ósmio  
Óseo  
Ossuário  
Ostensório  
Otário  
Ovário  
Oxigênio  
Ozônio

## P

Paciência  
Pacóvio  
Pactício ou pactual  
Pactuário  
Palácio  
Paládio  
Palavrório  
Pálio  
Palmatória  
Panarício  
Pâncreas  
Pandemônio  
Panfletário  
Parafernália  
Parasitário  
Parcimônia  
Páreo  
Pária  
Paródia  
Paronímia

Paróquia  
Parricídio  
Particípio  
Partidário  
Páscoa  
Pastifício  
Patrício  
Patrimônio  
Pátrio  
Patrocínio  
Pecuária  
Pecúnia  
Pecuniário  
Pedágio  
Pelúcia  
Pendência  
Penitência  
Penitenciária  
Penúria  
Perdulário  
Peremptório  
Perfunctório  
Pericárdio  
Periélio  
Períneo  
Peripécia  
Periscópio  
Peritônio  
Permanência  
Perônio  
Perpétua (o)  
Persistência  
Perspícuo  
Pertinência  
Pestilência  
Pétreo  
Petróleo  
Petulância  
Petúnia  
Pífio  
Pilhéria  
Pituitária  
Plágio  
Planetária  
Plangência  
Planície  
Planisfério  
Plasmódio  
Plenário  
Plenilúnio  
Plenipotência  
Plúmbeo  
Plutônio  
Pódio  
Polícia

Polinésia (o)  
Polinômio  
Pólio  
Polônio  
Portuário  
Poscênio  
Posfácio  
Potássio  
Potência  
Praseodímio  
Precário  
Precatório  
Precedência  
Preceituário  
Precipício  
Precípua  
Predatório  
Prédio  
Predomínio  
Prefácio  
Preferência  
Prélio  
Prelúdio  
Premência  
Prêmio  
Prenúncio  
Preparatório  
Prepotência  
Prepúcio  
Presbitério  
Presciência  
Presépio  
Presidência  
Presídio  
Presságio  
Prestígio  
Prévia (o)  
Previdência  
Previdenciário  
Primário  
Primícias  
Primórdio  
Princípio  
Prioritário  
Privilégio  
Probatório  
Procedência  
Prodígio  
Proeminência  
Proêmio  
Profícuo  
Progênie ou progenitura  
Proibitório  
Proletário  
Prolóquio

Promécio  
 Promíscuo  
 Promissória (o)  
 Promontório  
 Prontuário  
 Pronúncia  
 Propício  
 Próprio  
 Prosápia  
 Prosódia  
 Protactínio  
 Protozoário  
 Protuberância  
 Proveniência  
 Provérbio  
 Providência  
 Província  
 Provisório  
 Prudência  
 Publicitário  
 Pudicícia  
 Puerícia  
 Puerpério  
 Purgatório

## Q

Quadragenário  
 Quadriênio ou quatriênio  
 Quadrigêmeo  
 Quadrinômio  
 Quaternário  
 Quatriênio  
 Quelônio  
 Quelônio  
 Querência  
 Querência  
 Quinquagenário  
 Quintessência  
 Quizília

## R

Raciocínio  
 Rádio  
 Radônio  
 Ráfia  
 Rapsódia  
 Reacionário  
 Receituário  
 Reclinatório  
 Reconciliatório

Recorrência  
 Recriminatório  
 Rédua  
 Rédea  
 Redundância  
 Reentrância  
 Refeitório  
 Referência  
 Reflorescência  
 Reformatório  
 Refratário  
 Refrigério  
 Refúgio  
 Refutatório  
 Regência  
 Regicídio  
 Régio  
 Reinício  
 Relatório  
 Relevância  
 Relicário  
 Relíquia  
 Relógio  
 Remédio  
 Reminiscência  
 Remuneratório  
 Repertório  
 Reptário  
 Repúdio  
 Repugnância  
 Requisatório  
 Rescisório  
 Reservatório  
 Residência  
 Resíduo  
 Resiliência  
 Resistência  
 Respiratório  
 Resquício  
 Ressonância  
 Réstia  
 Retardatório  
 Reticência  
 Retilíneo  
 Reverência  
 Revolucionário  
 Ródio  
 Rodízio  
 Rodoviária (o)  
 Rosácea  
 Rosário  
 Rotatório  
 Rutênio

## S

Sacerdócio  
 Sacrário  
 Sacrifício  
 Sacrilégio  
 Sagitário  
 Salafrário  
 Salário  
 Saliência  
 Sálvia  
 Samário  
 Sanatório  
 Sandália  
 Sanguinário  
 Sangüíneo  
 Sanguinolência  
 Sânie  
 Sanitário  
 Santuário  
 Sapiência  
 Saponáceo  
 Sartório  
 Satisfatório  
 Sáxeo  
 Saxônio  
 Sebáceo  
 Secretária (o)  
 Sectário  
 Secundário  
 Securitário  
 Sedentário  
 Segmentário  
 Semanário  
 Semicircunferência  
 Semiconsciência  
 Seminário  
 Senatória ou senatoria  
 Sensório  
 Sépia  
 Septuagenário  
 Seqüência  
 Série  
 Sério  
 Serôdio  
 Serpentário  
 Serventuário  
 Sesquicentenário  
 Setenário  
 Setênio  
 Sevícia  
 Sexagenário  
 Sexagésimo  
 Sexênio

Sicário  
 Sidéreo  
 Sigmoidoscópio  
 Signatário  
 Silêncio  
 Silício  
 Simplório  
 Simpósio  
 Simultâneo  
 Sinédrio  
 Sinonímia  
 Sório  
 Sítio  
 Sóbrio  
 Societário  
 Sócio  
 Sódio  
 Solário  
 Solidário  
 Solitária (o)  
 Solstício  
 Somatório  
 Sonolência  
 Sortilégio  
 Sósia  
 Subcutâneo  
 Sublocatário  
 Sub-reptício  
 Subseqüência  
 Subserviência  
 Subsidiária  
 Subsidiário  
 Subsídio  
 Subsistência  
 Substância  
 Subterfúgio  
 Subterrâneo  
 Subúrbio  
 Sucedâneo  
 Súcia  
 Sudário  
 Suficiência  
 Sufrágio  
 Suicídio  
 Sumário  
 Sumério  
 Suntuário  
 Superabundância  
 Superbactéria  
 Supercílio  
 Superexigência  
 Superfície  
 Supérfluo  
 Superintendência  
 Supersônico

Suplício  
 Supositório  
 Suprapartidário  
 Suspensórios  
 Sustância

## T

Tábua  
 Tálho  
 Talonário  
 Tangência  
 Tarifário  
 Tecnécio  
 Tédio  
 Tegumentário  
 Teleconferência  
 Telescópio  
 Telúrico  
 Temário  
 Temerário  
 Temporário  
 Tendência  
 Tenência  
 Tênuo  
 Tepidário  
 Térbio  
 Terciário  
 Ternário  
 Terráqueo  
 Térreo  
 Território  
 Tertúlia  
 Testamentário  
 Tíbia  
 Tilápia  
 Tília  
 Tirocínio  
 Tolerância  
 Topázio  
 Toponímia  
 Tormentório  
 Tragédia  
 Tragicomédia  
 Trajetória  
 Transferência  
 Transgênico  
 Transigência  
 Transitório  
 Transparência  
 Transumância  
 Trapézio  
 Tratório  
 Tribunício

Tributário  
 Tricórnio  
 Tríduo  
 Triênio  
 Trifólio  
 Trigêmeo  
 Triglicerídeo ou triglicerídio  
 Trinitário  
 Trinômio  
 Trivalência  
 Truculência  
 Tubáceo  
 Tubário  
 Tugúrio  
 Tulipáceo  
 Tungstênio

## U

Unicórnio  
 Unitário  
 Universitário  
 Urânio  
 Urgência  
 Uropígio  
 Urticária  
 Usuário  
 Usuário  
 Usufrutuário  
 Utensílio  
 Utilitário

## V

Vacância  
 Vácuo  
 Valência  
 Vanádio  
 Vanglória  
 Vário  
 Várzea  
 Vaticínio  
 Velório  
 Venéreo (a)  
 Vênia  
 Vestiário  
 Vestígio  
 Vestuário  
 Veterinária (o)  
 Viário  
 Vibratório  
 Vicário

Vicênio  
Vício  
Vidência  
Vídeo  
Videoconferência  
Vigário  
Vigência  
Vigilância  
Vilipêndio  
Violáceo  
Violência  
Visionário  
Vitalício  
Vitória  
Vítreo  
Vitupério  
Vivência  
Vocabulário  
Voluntário  
Vomitório ou vomitivo

## **X**

Xenônio  
Xerocópia  
Xifóideo ou Xifóide

## **Z**

Zimbório  
Zircônio

**Proparoxítonas Eventuais e Configurações Semelhantes**  
(VOGAIS MÉDIAS)

**A**

Acúleo  
Aéreo  
Alínea  
Álveo  
Amêijoa  
Amêndoa  
Amiláceo  
Anelídeo  
Apolíneo  
Aracnídeo  
Área  
Argênteo  
Áureo  
Azálea

**B**

Bovídeo

**C**

Cactácea  
Calcâneo  
Cerúleo  
Cetáceo  
Cinéreo  
Coletânea  
Columbíneo  
Consangüíneo  
Contemporâneo  
Conterrâneo  
Coriáceo  
Córnea  
Cretáceo  
Crustáceo  
Curvilíneo  
Cutânea

**D**

Dicotiledônea  
Drágea

**E**

Ebúrneo  
Empíreo  
Eqüídeo  
Espontâneo  
Etéreo  
Extemporâneo

**F**

Farináceo  
Felídeo  
Fêmea  
Férreo  
Foliáceo  
Funéreo

**G**

Galináceo  
Gávea  
Gêmeo  
Glúteo  
Gramínea (o)

**H**

Herbáceo  
Hercúleo  
Heterogêneo  
Hominídeo  
Homogêneo

**I**

Idôneo  
Ígneo  
Incorpóreo  
Inidôneo  
Instantâneo

**L**

Láteo  
Láurea  
Lêndea  
Líneo  
Linóleo  
Litorâneo  
Longilíneo

**M**

Mágoa  
Mediterrâneo  
Meníngeo  
Miscelânea  
Momentâneo

**N**

Náusea  
Nematódeo  
Névoa  
Níveo  
Nódoa  
Núcleo

**O**

Oliváceo  
Opiáceo  
Orquídea  
Ósseo

**P**

Pâncreas  
Páreo  
Páscoa  
Períneo  
Pétreo  
Petróleo  
Plúmbeo

**Q**

Quadrigêmeo

**R**

Rédea  
Retilíneo  
Rosácea

**S**

Sangüíneo  
Saponáceo  
Sáxeo  
Sebáceo  
Sidéreo  
Simultâneo  
Subcutâneo  
Subterrâneo  
Sucedâneo

**T**

Terráqueo  
Térreo  
Trigêmeo  
Triglicerídeo  
Tubáceo  
Tulipáceo

**V**

Várzea  
Venéreo (a)  
Vídeo  
Violáceo  
Vítreo

**X**

Xifóideo

## Proparoxítonas Eventuais e Configurações Semelhantes

(PALAVRAS UM POUCO MAIS COMUNS)

### A

Aéreo  
Alínea  
Amêndoa  
Aracnídeo  
Área  
Áries  
Áureo

### C

Calcâneo  
Coletânea  
Consangüíneo  
Contemporâneo  
Conterrâneo  
Córnea  
Curvilíneo  
Cutânea

### D

Drágea

### E

Espontâneo  
Etéreo

### F

Fêmea  
Férreo

### G

Gêmeo  
Glúteo

### H

Heterogêneo  
Homogêneo

### I

Idôneo  
Instantâneo

### L

Lêndea  
Litorâneo

### M

Mágoa  
Mediterrâneo  
Miscelânea  
Momentâneo

### N

Náusea  
Névoa  
Nódoa  
Núcleo

### O

Orquídea  
Ósseo

### P

Pâncreas  
Páscoa  
Períneo  
Petróleo

### Q

Quadrigêmeo

### R

Rédea

### S

Sangüíneo  
Simultâneo  
Subterrâneo

### T

Terráqueo  
Térreo  
Trigêmeo  
Triglicerídeo

### V

Várzea  
Venéreo (a)  
Vídeo